

19





15142  
THEATRO COMICO  
PORTUGUEZ,  
O U  
COLLECCÃO  
DAS OPERAS  
PORTUGUEZAS,

Que se representárão na Casa do Theatro público do Bairro Alto de Lisboa,

OFFERECIDAS

A' MUITO NOBRE SENHORA  
PECUNIA ARGENTINA

Por \* \* \*

*Quarta Impressão.*

TOMO PRIMEIRO.

Contém { Vida de D. Quixote de la Mancha  
Esopaida, ou Vida de Esopo.  
Os Encantos de Medéa.  
Amfitrião, ou Jupiter, e Alcmena.

L I S B O A:

Na Offic. de SIMÃO THADDEO FERREIRA. 1787.

*Com Licença da Real Meza Censoria.*

---

*Vende-se na mesma Officina.*

Foi taxado este Livro em papel a trezentos e sessenta reis. Meza 7 de Abril de 1788.

*Com tres rubricas.*

# DEDICATORIA

A' MUITO NOBRE SENHORA  
PECUNIA ARGENTINA.

*A* Penas veio ao pensamento estamparem-se estas Obras , quando com o mesmo projecto nasceo gémeo o desejo de dedicallas a Vossa Senhoria , a quem de juro , e herdade lhe compete a gloria de Protectora de semelhantes acções , pois sem a preciosa assistencia de Vossa Senhoria não há descripção , que não seja ignorancia ; basta que Vossa Senhoria occupe os Theatros , para que estes te-

nhão maior estimação, que os Amphitheatros Olympicos, e Cretenses. Se assim como Vossa Senhoria sabe correr, soubera discurrer, penetraria na fisionomia dos semblantes a gloria dos corações; pois quando Vossa Senhoria acompanhada dos seus sequazes se digna de honrar aquelle Theatro, logo tudo são parabens, sussurros, e alvoroços; e para que o prazer excessivo não pareça immodestia, se vai o riso esconder nos cantinhos da boca: he confusa para ver o obsequioso respeito com que todos a recebem! Todos se afastão, todos se encolhem, huns para cima dos outros; e quando já não há assentos, então he que Vossa Senhoria tem o melhor lugar: tudo anda n'um corropio, o porteiro se ataranta, o arrumador se titubêa, o chocolate se derrama, o doce desaparece, as luzes parecem estrellas, as architecturas Doricas, as vozes harmoniosas; os instrumentos mais se apurão, os Cantores mais se affinão,

os Duos mais se ajustão; os bastidores não necessitão de sabão para correr, e finalmente até parece, que a alma do arame no corpo da cortiça lhe infunde verdadeiro espirito, e novo alento.

Se isto tudo causa Vossa Senhoria quando nos faz mercê, como podia eu deixar de offerecer-lhe estas Obras? Seria deslustre do agradecimento buscar outra Protecçõra, quando em Vossa Senhoria trasbordão os meritos para o patrocínio. Espero que Vossa Senhoria desterrando as melancolias do afferrolhado, deixando vastos os cubicularios bolsilhos dos avarentos, e jarretas, continue em fazer-nos mercê; pois a docilidade de sua pessoa he o attraetivo de nossos corações; e assim já posso navegar seguro no mar da fortuna, pois se Vossa Senhoria se declara Patrona, por força ha de franquear os cartuxos. Huma Burra guarde a illustre pessoa de Vossa Senhoria os annos que todos seus criados havemos mister.

# AO LEITOR DESAPAIXONADO.

**C**omtigo fallo , Leitor desapaixonado , que se o não és , não fallo comtigo ; pois nem quero adulação dos amigos , porque o são , nem he justo que os que o não são , queirão ser arbitros para sentenciarem estas Obras no tribunal da sua crítica. Não há melhor ouvinte , que hum desapaixonado , sem affecto ao Author da Obra , sem inclinação ao da Musica , sem conhecimento do Arquitecto da pintura : aquelle que nem a amizade lhe franquea a entrada , nem a visinhança do Theatro lhe facilita o regresso ; aquelle que instigado só da curiosidade a expensas do seu peculio entra com animo livre de paixões , este sim ( não sendo estulto por natureza ) he o verdadeiro ouvinte no Theatro , e Leitor nos papeis : com estes he que eu fallo , pois só a estes se dirigem estas Obras ; porque sendo a sua censura despida de affectos de amor , e odio , saberá desculpar os erros com sinceridade ; saberá discernir a difficuldade da Comica em hum Theatro , donde os representantes se animão de impulso alheio ; donde os affectos , e accidentes estão sepultados nas sombras do inanimado , escurecendo estas muita parte da perfeição que nos Theatros se requer , por cuja causa se faz incomparavel o trabalho de compôr  
pa-

para semelhantes Interlocutores, que como nenhum seja senhor de suas acções, não as podem executar com a perfeição que devia ser: por este motivo surprehendido muitas vezes o discurso de quem compõe estas Obras, deixa de escrever muitos lances, por se não poderem executar.

Saberá o mesmo Leitor desapaixonado não desprezar por menos polida a frase, que no contexto de semelhantes Obras se requer, pois muito bem conhece, que no Comico se precisa hum estilo mediano; que como a representação he huma imitação dos successos, que naturalmente acontecem, tambem a frase deve seguir o mesmo preceito, fazendo differença, que o estilo sublime, e elevado, a que chamarão os Romanos *Cothurno*, só se permite nas Tragedias, em que se trata de cousas graves, e nimiamente sérias, como acções, e obras heróicas de Principes: na Comedia porém ha de ser o estilo domestico, sem affectação de sublime, a que chamão *Socco*, por se representar nella materias de enredos femenis, e acções amorosas: estes preceitos aponta Horacio na sua Arte Poetica.

*Versibus exponi tragicis res comica non vult:  
Indignatur item privatis, ac prope socco  
Dignis carminibus, narrari cœna Thyesta.  
Singula quæque locum teneant sortita decenter.*

E como os émulos por inimigos, os parciaes por affectos, e os ignorantes por nescios não sabem distinguir estas circumstancias, e só

tu Leitor douto , e desapaixonado , judiciosamente reflectindo no que lêres , e ouvires representar , formarás o conceito que merecem estas Obras , que para teu divertimento se offercem ao Público.

\* Bem conheço que nellas acharás muitos defeitos ; porém como não pertendo utilizar-me dos teus applausos , nem singularizar-me nos meus escritos , te peço , que nestas Obras attendas sómente ao desejo que tenho de agradar-te , e vejas não quero outro premio mais , que o que te peço nestas

D E C I M A S.

**A** Migo Leitor , prudente ,  
 Não crítico rigoroso  
 Te desejo , mas piedoso  
 Os meus defeitos consente :  
 Nome não busco excellente  
 Insigne entre os Escriitores ;  
 Os applausos inferiores  
 Julgo a meu pleçtro bastantes ,  
 Os encomios relevantes  
 São para engenhos maiores.

Esta Comica harmonia ,  
 Passatempo he douto , e grave ;  
 Honesta , alegre , e suave ,  
 Divertida a melodia :  
 Apollo , que illustra o dia ,  
 Soberano me reparte  
 Idéas , facundia , e arte ,  
 Leitor , para divertir-te ,  
 Vontade para servir-te  
 Affecto para agradar-te.

# ADVERTENCIA DO COLLECTOR.

**L**Eitor , foi tão grande o applauso , e acceitação com que forão ouvidas as Operas que no Theatro público do Bairro Alto de Lisboa se representáráo desde o anno de 1733. até o de 1738. , que não satisfeitos muitos dos curiosos com as ouvirem quotidianamente repetir , passavão a copiallas , conservando ao depois estas cópias com huma tal avareza , que se fazião invisiveis para aquelles que desejavão na leitura dellas , huns apagar o desejo de as lêrem , pelas não terem ouvido . outros renovar a recreação com que no mesmo Theatro as virão representadas. Por satisfazer ao desejo de huns , e outros , tomei a empreza de as ajuntar , e fazellas imprimir com o titulo de *Theatro Comico Portuguez* , para que com facilidade , e sem o dispendio que as copias manuscritas fazem , podessem todos gozar de humas Obras tão apreciadas por singulares. Estou persuadido , que te não ha de ser desagradavel esta minha Collecção ; porque além de te satisfazer o desejo , sirvo á Patria , publicando humas Obras , que segundo as leis da composição Dramatica , são as primeiras que deste genero se tem escrito no nosso Idioma. Algumas Comedias se lião impressas , como as de Antonio Prestes , Gil Vicente , Antonio Ribeiro , Sebastião Pires , e Simão

mão Machado , compostas em verso. Publicou Jorge Ferreira em prosa a *Eufrosina, a Ulyssippo* , e a *Aulografia*. Sahio á luz Francisco de Sá e Miranda com a intitulada : *Os Estrangeiros, e Vilhalpandos* , e D. Francisco Manoel com as duas, a que deu por titulo: *O Labyrintho da fortuna* , e *Os segredos bem guardados*, sem nos esquecermos tambem das duas do nosso Luiz de Camões , que andão impressas no fim das suas Obras ; porém todas estas , humas pelo diverso genio dos tempos , outras pela sua informe disposição , e dilatada contextura , servião aos curiosos mais de fastio que de recreio. Nestas que agora te offereço por beneficio da Impressão , acharás pelo contrario daquellas humas suave , e natural disposição das partes , o caracter dos sujeitos sustentado sem decadencia , a locução propria a cada hum dos Interlocutores , e o Jocosario tão temperadamente honesto , que não offende com a graça os ouvidos , e tão vivo , que se não encontra semelhante em o nosso Idioma , e não sei tambem se dissera nos das Nações estranhas ; o que confessarião , não sem inveja , se fossem ainda vivos , Moreto entre os Hespanhoes , Moliere entre os Francezes , e Nicoláo Amenta entre os Italianos.

Tinha determinado continuar este Theatro na fórma que te prometti a primeira vez que foi impresso , ao que não pude satisfazer-te por haver Author vivo das Operas que te promettia , e este não consentir que outrem se utilizasse do seu trabalho ; e como destas se imprimirão

dous

dous Tomos ; alterando a ordem que eu tinha ideado , he preciso advertir-te , que para eu continuar o meu Theatro , fiz nova escolha de outras , que certamente gostarás de lêr. Offereço-te novamente estes dous Tomos , e contém o primeiro a *Historia de D. Quixote* , a *Vida de Esopo* , *Os Encantos de Medéa* , e o *Amfitrião*. No segundo o *Libyrrintho de Creta* , *Guerrias do Alecrim* , e *Mangerona* , *As Variedades de Proteo* , e *Precipicio de Faetonte*. No terceiro Tomo que sahirá com brevidade , te darei a lêr *As Firmezas de Proteo* , e *accasos do seu amor* , *Os Triunfos de Cupido contra as vinganças de Venus* , *Jupiter* , e *Danae* , e *Perseo* , e *Andromeda*. No quarto o *Avaro* , e o *Zeloso* , *Memorias de Peralvilho* , *A Destruição de Troia* , e *Endimião* , e *Diana*. Outras muitas conservo em meu poder , humas ainda não executadas , e outras que já o forão em Theatros particulares , com que voluntariamente te poderei lisongear o gosto , sem que possas obligar-me pela promessa.

Vale.

VIDA DO GRANDE  
D. QUIXOTE  
DE LA MANCHA,  
E do Gordo  
SANCHO PANCA,  
OPERA,  
QUE SE REPRESENTOU  
no Theatro do Bairro Alto de  
Lisboa, no mez de Outu-  
bro de 1733.

## SCENAS DA I. PARTE.

- I. *S* Ala de pannos de rás , bofetes , e cadeiras.
- II. *A* casa de Sancho Pança mal composta.
- III. *B*astidores de bosque.
- IV. *B*astidores de selva.
- V. *B*astidores de selva.
- VI. *B*osque , e no meio hum monte.
- VII. *S*ala de columnas , e depois jardim fúnebre.
- VIII. *S*elva.
- IX. *S*elva , e o monte Parnaço.

## SCENAS DA II. PARTE.

- I. *A* Metade selva , e outra ametade mar , e hum moinho no fim.
- II. *M*ontes , e selvas.
- III. *S*ala de colunatas , meza , e cadeiras.
- IV. *S*ala de azulejos.
- V. *O*utra sala , e meza mal composta.
- VI. *C*asas.
- VII. *J*ardim alegre.
- VIII. *B*osque.

---

 APPARATO DO THEATRO,  
e sua fábrica.

*H*Um carro com varias figuras dentro.

*H*uma capoeira sobre hum carro , em que hirá hum Leão , que sabe fóra a seu tempo.

*H*um carro em que vem Dulcinéa , e varias figuras.

*D*ous cavalloos , hum de D. Quixote , e outro de Sansão Carrasco.

*Dous burros , hum para Sancho Pança , e outro para huma Saloia.*

*O Monte Parnaso com as Musas , Apollo , e o Cavallo Pegaso. Hum barco.*

*Hum cavallo que vem pelo ár , e se lhe põe fogo.*

*Huma nuvem. Hum porco.*

## INTERLOCUTORES.

**D** *Om Quixote.*

*Sancho Pança.*

*A Sobrinha de D. Quixote.*

*A Ama do mesmo.*

*Thereza Pança , mulher de Sancho Pança.*

*Huma filha do mesmo.*

*Hum Tabellião vestido como Almocreve.*

*Huma Saloia em hum burro.*

*Sansão Carrasco.*

*Seu Criado.*

*Hum Diabo que vem no carro.*

*Outro Diabo com muitos cascaveis.*

*Hum homem que vem com o Leão.*

*Belerma.*

*Montesinos.*

*Hum que está na cova.*

*Caliope , que vem na nuvem.*

*Apollo , e as Musas.*

*Dous homens que são do moinho.*

*Dous homens do barco.*

*Hum Fidalgo.*

*Huma Fidalga.*

*Hum Meirinho.*

*Hum Escrivão.*

*Dous homens que tocam rebecas.*

*Hum homem que toca rebecão.*

*Hum Medico.*

*Hum Cirurgião.*

*Hum Taverneiro.*

*Huma mulher moça com manto.*

*Huma mulher velha em corpo , sem manto.*

*Hum Escudeiro.*

*A Condeffa das Barbas*

*Dous rebuçados.*

*Dous homens para a audiência.*

PAR-



# PARTE I.

*Depois de se tocar a sinfonia canta o*

C O R O.

Todas as vozes juntas  
 Se oução resonar,  
 E ao nosso festejar  
 Ecco responda.  
 E a tão sonoro assento  
 Pafme a terra, e o vento;  
 Que he bem que a terra, e o ár  
 Já corresponda.

## S C E N A I.

*Descobre-se huma Sala composta com hofetes, e cadeiras, e estará assentado D. Quixote, e junto a elle em pé a Ama, e Sobrinha, e hum Barbeiro fazendo-lhe a barba.*

*D. Quix.* **S**ENHOR Mestre Barbeiro, veja Vossa Mercê como me pega nestas barbas, porque são as mais honradas que tem toda a Hespanha; e pôde gabar-se, que nem quantos Gigantes tem o Mundo se atreveráõ a olhar para ellas, nem com o rabo do olho porque sempre lhe tive a barba teza.

*Barb.* Eila assim o mostra, pois de tão teza que he, dobra o fio á navalha.

*D. Quix.*

*D. Quix.* Ora sô Mestre, vossê bem sabe que he obrigação dos de seu officio, em quanto fazem a barba, dizerem as novidades que ha pela Cidade. Que se falla dos Principes da Italia, e do Governo politico do Orbe? Que como estive doente, e tantos tempos de cama por causa das minhas Cavallarias andantes, não tenho sabido nada.

*Barb.* Senhor D. Quixote, novidades não faltão. Dizem que o Turco vem com huma poderosa Armada assolando os mares, e os Principes todos procurão fazer-lhe guerra offensiva, e defensiva, para o que já em Biscaya se prepara huma grossa Armada.

*D. Quix.* Para que se cansão com tantas máquinas? Eu lhes dera hum bom arbitrio com que em menos de huma hora venção quantas Armadas, e armadilhas o Turco tiver.

*Barb.* Diga Vossa Mercê qual he.

*D. Quix.* Não quero, porque não faltarão mexeriqueiros que lho vão dizer, e ganhem as alviçaras do meu trabalho.

*Barb.* Diga Vossa Mercê, que lhe prometto á fé de Barbeito, que aqui fique sepultado sete varas debaixo do chão como pedra de raio.

*D. Quix.* Debaixo dessa fé, que he mui boa, o direi. Mandem esles Principes buscar alguns Cavalleiros andantes, que não faltão na nossa Hespanha, que só hum delles bastará para destruir com sua espada, e sua lança mil Armadas.

*Ama.* Triste de mim, Senhora! Seu Tio está

outra vez doudo ; ainda crê que há no Mundo Cavalliros andantes ?

*Sobr.* A mim me melleem se por aqui não anda Sancho Pança , que he o que lhe mete estas loucuras na cabeça. *á parte.*

*Ama.* Vamos ter com Sansão Carrasco , a ver se lhe pôde tirar da cabeça estas asneiras , que he homem de manha. *á parte.*

*Sobr.* Vamos. *Vão se.*

*Barb.* Como he possível , Senhor D. Quixote de la Mancha , que hum Cavalleiro andante possa destruir hum Navio , quanto mais huma Armada ?

*D. Quix.* Sô Mestre , trate do seu estojo , e das suas navalhas , e não se meta a querer investigar os reconditos arcanos dos Cavalleiros andantes. Se vossê lêra as antigas Historias de Palmeirim de Oliva , Roldão , Amadis de Gaula , e outros muitos , de que o clarim da fama por cem bocas canta as suas nunca vistas façanhas , foubra então o que val hum Cavalleiro andante : bem sei de hum , que só com hum suspiro he capaz de affundar huma Armada , e cem galéões

*Barb.* Quem ferá esse tal ? Tomara-o conhecer.

*D. Quix.* Sou eu ; eu D. Quixote de la Mancha , por outro nome o Cavalleiro da triste figura. Eu torno a dizer : eu só com a minha espada , e a minha lança , e o meu broquel me atrevo a engolir o Grão Turco , como quem engole huma cereja de sacco.

*Barb.* Quando eu cuidava que Vossa Mercê es-

tava de todo são desta loucura , ainda o ve-  
jo tão enfermo della ! Ora , Senhor , deixe  
essa teima : quem lhe meteo em cabeça , que  
havia no Mundo Cavalleiros andantes ? E quan-  
do isso affirma fora , Vossa Mercê por ventura  
tinha barbas para o ser ?

*D. Quix.* Oh grandissimo magano , por vida de  
minha Senhora Dulcinéa del Toboso , que  
vos farei em pó , e em cinza. Assim perdeis  
o respeito a hum Cavalleiro ardente ?

*Atira D. Quixote com o Barbeiro no chão ,  
e sahirá Sansão Carrasco.*

*Carr.* Que he isto , Senhor D. Quixote ? Que  
obligou a sua grande modestia a sahir em  
tanta desesperação ?

*D. Quix.* Senhor Sansão Carrasco , quem havia  
de ser senão este Barbeirinho , que nega ha-  
ver Cavalleiros andantes no Mundo , e que  
seja eu hum delles ?

*Carr.* Ah fô Mestre , ponha-me logo os quar-  
tos na rua , antes que vá pela janella.

*Barb.* Não sei donde ha de parar D. Quixote  
com tanta loucura ! *Vai-se.*

*Carr.* Este miseravel está louco confirmado ;  
querer despersuadillo he excitallo mais. Eu  
quero ir com o que elle disser , que elle to-  
mará o desengano á sua custa. *á parte.*

*D. Quix.* Meu amigo , eu estou resolutto a sa-  
hir segunda vez ao feliz progreisso de minhas  
andantes cavallarias , ainda que da passada vim  
muito moido , com tudo , desmaiar nos tra-  
balhos não he para corações briosos : queira

Deos

Deos que estes Malandrines , ou encantadores me não perfigão com seus encantos , que invejosos do meu valor querem escurecer com magicas apparentes as minhas claras , e rocinantes cavallarias.

*Carr.* Deixa-me beijar-te os pés , oh flor dos Cavalleiros andantes ! Oh unico Alcides de nossas eras ! Sahe , sahe , não só segunda vez , mas quinhentas e quarenta e duas , a dar alma ao esquecido cadaver da Cavallaria andante para gloria do Mundo , e timbre de tua patria Mancha.

*D. Quix.* Dizei-me por vida vossa , que dizem de mim por esta terra ?

*Carr.* Que hão de dizer ? Que Vossa Mercê he hum louco , mas valente , e que ás vezes passa a ser temerario , emprendendo impossiveis : finalmente todos dizem , que a Senhora Dulcinéa del Toboso , minha Senhora , he cousa fingida , e fantastica , e que tal mulher não há no Mundo.

*D. Quix.* Dizem bem , que o Mundo não he capaz de sustentar aquelle globo esferico da formosura , e assim o ár he a patria daquella estrellá de Venus.

*Haverá dentro muita bulha , e gritos de Sancho , da Ama , e da Sobrinha , e sabem.*

*Ama , e Sobr.* Não has de entrar , Sancho de Barrabás.

*Sanch.* Eu por ventura dei-lhe a vossès palavra de casamento , para me pôrem impedimento ?

*Sobr.* Tu és o que lhç metes na cabeça essas cavallarias andantes.

*Sanch.* Mão agouro venha pelo diabo : essa he bonita ! Com que eu sou accaso loucura para me meter na cabeça de meu Amo ? Coitado de mim , que eu sou o que pago ; pois á conta de suas Cavallarias andantes levo muitos couces.

*D. Quix.* Que he isso , Sancho Pança ? Sempre haveis de vir grunhindo ?

*Sanch.* Que ha de ser ? A Senhora Ama , e a Senhora Sobrinha que Deos gnrarde , não me querião deixar entrar a fallar com Vossa Mercê , Senhor meu Amo , dizendo , que eu era a causa de Vossa Mercê querer ir segunda vez pelo Mundo a buscar a ventura ? Veja Vossa Mercê que maior testemunho , quando eu sou o que digo a Vossa Mercê , que se havemos de ir á manhã , que vamos hoje.

*D. Quix.* Não faças caso de mulheres , que bem parece que ignorão o genio dos Cavalleiros andantes.

*Sanch.* Quanto a isso tem ellas mais que razão.

*Carr.* Amigo Sancho Pança , advirto-lhe , ( o que era escusado ) que faça muito por ser homem de bem ; acompanhe a seu Amo , como bom escudeiro , que se assim o fizer , levará o Ceo brincando.

*Sanch.* Ah Senhor Sansão Carrasco , brincando o não levo eu , sabe Deos o que me custa , e me tem custado aturar as valentias de meu Amo , que sempre a elle lhe dão na cabeça , e a mim no fio do lombo ; mas diz lá o rifaõ : *Muito alenta huma esperança.*  
Pois

Pois que tenho de ser Governador de huma Ilha , que diz meu Amo , que me ha de dar , não quero patuscadas , recolho-me a ella como a sagrado.

*D. Quix.* Sancho , podes viver descansado , que assim appareça essa Ilha , como logo tu has de ser Governador della.

*Sanch.* Ainda o ella apparecer está em contingencias ? Cuidei que já Vossa Mercê a tinha certa.

*D. Quix.* Deixa isso por minha conta , que ou ella queira , ou não queira , ella apparecerá , e tu verás como pago os teus serviços.

*Sanch.* Os meus serviços com quaesquer trinta reis se pagão ; até ahi posso eu ; se Vossa Mercê me não dá para mais , então irei buscar minha vida , e elles meus serviços só na boca de Vossa Mercê não he bem que fiquem ; dê-me alguma clareza , ou obrigação por onde o possa obrigar quando me falte.

*D. Quix.* Toma esse papel , que já nelle tinha escrito o mesmo que te digo de boca.

*Sanch.* Ah Senhor , que he mui certo andarem juntos papeis com serviços , e oxalá que depois de eu os ter feito , não me quebre alguma Preta , que por serem vidrados são quebradiços , ou algum daquelles encantadores que perseguem a Vossa Mercê ; porque tambem as desgraças dos Amos se pegão como farampo ao corpo dos escudeiros ; pois vejo que tendo os meus serviços azas , nem por isso voão , ficando sempre na secretaria dos feitos com huma tampa em cima,

*D. Quix.*

*D. Quix.* Sancho Pança, mãos á obra, coração, espirito valeroso, que juro á fé de Cavalleiro andante, que desta segunda jornada ha de ver o Mundo quem he D. Quixote de la Mancha, que se até aqui foi Cavalleiro da triste figura, daqui em diante será o alegrão do Universo: anda, vai-te a preparar, que á manhã ao romper da Aurora havemos de partir por esse Mundo.

*Sanch.* Eu dera a Vossa Mercê hum conselho.

*D. Quix.* Qual he? Dize, que ás vezes hum louco acerta mais que hum entendido.

*Sanch.* Eu dera a Vossa Mercê de conselho, que não fossemos ao romper da Aurora; porque se a rompemos, ao outro dia não poderemos madrugar, porque a Aurora isso tem, que em se rompendo he peor que olanda podre, que se não aproveita huma tira para huma atadura de fontes.

*D. Quix.* Deixa disparates, e faze o que te digo.

*Sanch.* Pois adeos, que eu me vou a armar Cavalleiro, ( quero dizer, burriqueiro; porque eu monto em burro, e não em cavallo ) e a despedir-me de minha Thereza Pança, *y lo dicho, dicho.* *Vai-se.*

*Carr.* Pois eu te prometto Amo, e mochilla, que brevemente armarei huma, que ambos torneis defenganados de vossas Cavallarias andantes. *á parte.*

*Sobr.* Tio da minha alma, veja o desamparo em que me deixa; lembre-se da minha mocidade, e que se vai o esteio desta casa.

*Ama.*

*Ama.* Pois fui Ama secca de Vossa Mercê muitos annos, lembre-se deste capello sem borla.

*D. Quix.* Não tem remedio : hei de ir, que não he justo que fique sem fim minha memoravel historia ; e juntamente vou a fazer muitas obras pias, pois quantas donzellas estarão em necessidade de que hum Cavalleiro andante lhes defenda o credito, e a honra ? Quantos pupillos estarão sem justiça ? Quantos Cavalheiros honrados estarão encantados por fada de andantes Cavalleiros ? Em fim, não tñho mais que dizer, vou a castigar insolentes, e a endireitar tortos.

*Cantão D. Quix. Carr. Ama, e Sobr. a seguinte*

A R I A.

*Sobr.* Ai, meu Tio, não se ausente.

*D. Quix.* Callai-vos impertinente.

*Ama.* Meu Senhor, isso he loucura.

*Carr.* Ide, ide D. Quixote.

*Sobr.* Mas que hei de fazer sem Tio!

*Ama.* Mas que hei de fazer sem Amo!

*Carr.* Deixai ir esse mamote.

*D. Quix.* Não haja mais choro, Ah tal!

*Ama.* Hum Amo, que tanto amo.

*Sobr.* Ai, Sobrinha sem ventura!

*D. Quix.* Ora aDeos, ó patria amada.

*Carr.* D. Quixote, avante, avante.

*Sobr.* Minha dor matar-me trata.

*Ama.* Minha pena me suffoca.

*D. Quix.* Isto he espada, não he róca.

*Carr.* Tute vás, D. Quixote, por teu mal.

## S C E N A II.

*Apparece a casa de Sancho ridiculamente composta, e nella estarão Thereza Pança, e sua filha, e sabe Sancho.*

*Sanch.* **J**Esus! Mulher dos meus olhos, estrou tão contente, que venho saltando, e quero saltar.

*Ther.* Sancho Pança, achastes alguma mina? Que he isto, Marido?

*Sanch.* Mulher, mina de caroço, desta vez não ha de haver parente pobre: estou tão contente! Ai, Mulher, dai-me hum picaro de agoa, que me desfmaio de gosto.

*Filha.* Paifinho, ai! Diga-nos já, que estamos rebentando pelas ilhargas para o fabr.

*Sanch.* Que hei de ter, filha das mabas entranhas? Que hei de ter, mulher desta alma? Não vêdes que segunda vez dtermino ir por esse Mando com meu Amo o Senhor D. Quixote de la Mancha? E vejã vossês se com esta fortuna poderei estar alere.

*Ther.* Marido, segunda vez vos querei ausertar de meus çujos braços? Ora deixavos ficar.

*Filha.* Valha-me Deos! Senhor, aind Vossa Mercê se mete com esse D. Quixote. Pois ha de tirar bom pão assim como da outra vez.

*Sanch.* Callai-vos lá porquinha; eu se ou he para buscar cabedal para casar-te, e sm dúvida, que desta vez faço hum fortuão de meus

meus peccados , pois diz meu Amo o Senhor D. Quixote , que logo em duas palhetadas me ha de dar huma Ilha para governar ; e veção vossês , seado eu Governador de huma Ilha , se trarei dinheiro como milho , e teremos pão como terra !

*Ther.* Ai , Marido , se isso he affim , já digo que vades logo reboliundo , e já lá haviéis estar.

*Filha.* Diga-me , Senhor pai ; e que tal he a Ilha de que Vossa Mercê ha de ser Governador ?

*Sanch.* He a mais excellente do Mando ; he mui grande , tem sete palmos de comprido , e dous de largo : tem muita arvore de espinhos ; o que me gabão mais he hum passeio que tem de ortigas , que dizem he huma maravilha : sobre tudo tem ao pé dos muros hum canteiro de boninas , que cheirão que tresandão ; tem muito legacachorro , e he tão fadia , que todos os annos tem hum ramo de peste: não , quanto a eu ir bem accommodado , nisso não se falla ; tomara-me eu já nessas limpezas , e então , se Deos quizer , casarei a minha Sanchica com hum fedalgo. Ouves tu , bem podes apparelhar esse rabo , que se ha de assentar em coche , ou eu não hei de ser quem sou.

*Filha.* Visto isso , eu hei de ter Dom ?

*Sanch.* Dom , e redom , como hum alho. Essa seria bonita ! Deixaria de ter Dom a filha de hum Governador ! Parece-me que já estou ven-

vendo , e ouvindo as vizinhas do nosso lugar , quando tu saíres á rua , dizerem todas pela boca pequena : lá vai , lá vai a filha do Governador Sancho Pança.

*Ther.* E eu , Marido , como hei de andar ?

*Sanch.* Has de andar ás costas de hum mario-la , por não pôres o teu pé no chão ; mas isso não he do caso. Vamos ao alforge que hei de levar para tão longa jornada : primeiramente embrulha-me hum canada de vinho em hum guardanapo , dous queijos em hum borracha , hum pouca de alcomonia de sabão molle , hum par de alfarrobas , &c. Na outra perna do alforge quero que vá bem acondicionada a minha roupa , a saber , camisa , e meia , meia filoura , hum meia sem companheira , hum lenço pardo , outro de caneca riscado , dous pescoções de bofetão da India : isto entendo que sobeja para tão larga jornada , fóra o que levo no corpo.

*Ther.* Olhe vossê , se quizer levar duas gayolas de grillos , que estão mui bem criados , não será máo , para os comer nas estalagens.

*Filha.* Tambem poderá Vossa Mercê levar duas caixas de chicharos de conserva para almoçar , que são bons para a enxaqueca.

*Sanch.* Tudo he bom ; quanto mais , melhor , principalmente os chicharos , pois ás vezes tenho humas enxaquecas na barriga , e humas caimbras no nariz , que me matáo ; bom fora tambem levar humas panellinhas de doce de cócaras ; porém , mulher , como eu vou

para tão longe, e com perigo de vida, pois vamos a brigar com todo o Mundo, bom será que faça meu Testamento, que ao menos, quando não tenha o fim que pretendo, não se perde o estar feito.

*Ther.* Parece-me muito bem: agora vejo que em tudo fois prudente.

*Sanch.* Vós ainda não sabeis que marido tendes.

*Ther.* Disso me queixo eu, e ainda mal que tanto o experimento, pois a miseria com que me tratais, me faz ver as estrellas ao meio dia; e sendo casada com vosco á quarenta e dous annos, seis mezes, tres semanas, doze horas, oito minutos, e vinte instantes, nunca em vosso poder me vi com a barriga cheia.

*Sanch.* Quando eu for Governador, tomareis a vossa barrigada. Hede chamar o Tabellião.

*Ther.* Aqui não há Tabellião, sómente quem serve de Tabellião he o Almocreve Antonio Fagundes.

*Sanch.* Venha quem ser, que o Testamento he pequeno, e qualquer Tabellião basta.

*Ther.* Mas elle aqui vem, Deos o trouxe a bom tempo.

*Sabe o Tabellião vestido de Arrieiro.*

*Tabel.* Guarde Deos a Vossa Mercê, Senhor Sancho Pança: como está Vossa Mercê?

*Sanch.* Para servir a Vossa Mercê.

*Tabel.* Para servir a Nosso Senhor, que lhe dará bom pago: que quer Vossa Mercê?

*Sanch.* Sente-se Vossa Mercê muito a seu gosto na ponta desse espeto.

*Tabel.*

*Tabel.* Eu aqui me accommódo , estou bem ; aos pés de Vossa Mercê he o meu lugar.

*Sanch.* Saberá Vossa Mercê , que eu quero fazer o meu Testamento por escrito , que me dizem , que o nuncuchupativo não he tão bom : sabe Vossa Mercê fazer Testamentos !

*Tabel.* Supposto que eu nunca fizesse Testamento , com tudo , já fiz hum escrito de casamento a huma negra ; e quem faz huma cousa , tambem faz outra.

*Sanch.* Isso basta , e sobeja. Ora sente-se , ahi tem papel sellado , que já me servio em varias necessidades : he bom papel ; tudo o que se escreve de huma banda , se póde lêr da outra com muita facilidade. Ora ponha huma perna sobre a outra , escreva á sua vontade.

*Tabel.* De qualquer forte estou bem , para servir a Vossa Mercê.

*Sanch.* Para servir a Deos. Olhe , meu amigo , não faça ceremonias , desaperte-se , tire fóra os calções , ponha-se em fralda de camisa , esteja a seu gosto , e em quanto escreve , se quizer tanger bandurra , ahi a tenho muito boa , que me veio de Berberia.

*Tabel.* Vamos ao Testamento , que tenho que ir dar de beber ás minhas bestas.

*Sanch.* Ora vá lá fazendo a cabeça do Testamento , que isso pertence aos Tabelliães.

*Tabel.* Está feita.

*Sanch.* Vejamos. Homem , esta cabeça não presta ; vossê não lhe põe cabelleira ? Ui , Senhor ,

ponha-lha em todo o caso , que este Testamento ha de apparecer em público , e não he bem que vá hum a cabeça sem compostura.

*Tabel.* Ahi lhe ponho a cabelleira : que mais ?

*Sanch.* Espere , espere , já lhe pôz a cabelleira ?

*Tabel.* Já , fim Senhor.

*Sanch.* Valha-me Deos : não sei se lhe puzeramos antes hum a carapuça preta , que he côr de quem morre. Veja se lhe pôde tirar a cabelleira por vida sua.

*Tabel.* Eu a bórro , e lhe ponho a carapuça.

*Sanch.* Homem , vossê não pôde tirar hum a cabelleira a hum a pessoa da cabeça , sem a borrar ? Ora vá como for , eu cá ao depois lhe farei isso : digo primeiramente. . .

*Tabel.* Mente.

*Sanch.* Mente elle , grandeffimo magano ; a mim me desmente na minha cara ?

*Tabel.* Este mente he cá do Testamento , que não offende a ninguem.

*Sanch.* Isso he outra cousa. Declaro por descargo de minha consciencia , que me chamo Sancho Pança , natural do bom genio ; declaro mais , que fui casado desanove vezes , todas contra minha vontade : Item , que desta ultima mulher tenho. . . .

*Ther.* Criada de Vossa Mercê.

*Tabel.* Callai-vos lá tolla , não embaracéis o pavio da historia. Tenho tres filhos , cujos nomes me não lembrão por ora : Item , que sou senhor , e possuidor de muitos bens movitos , e de raiz , e outros sem raiz ; os mo-  
vi-

ritos vem a ser, duas bassouras do Algarve, dous esfolinhadores da chaminé, e huma rótula já furada. Item, trinta e tres cadeiras, que já derão com o couro á sóla. Item, mais hum bofete de pão, que veio de bordo, tres paineis já em muito bom uso, a saber, hum do Mundo ás aveffas, outro de hum Navio, que pintou o meu pequeno, e outro que já se não sabe que pintura tem; porém supponho que seria boa. Item, hum espelho de despir sem aço, hum Mafamede da India com seu tapete de Arrayolos, cuberto por fima. Item, huma excellente manta de retalhos, que me veio do Japão, e outra que me ha de vir do Jaquejo. Item, huma formosa têa de aranhas, duas colheres de tartaruga bastarda, hum bispote, e o mais trem da cosinha. Ora vamos agora aos bens de raiz. Declaro, que tenho humas casas na minha vestia. Item, hum parreiral de uvas de cão no meu telhado. Item, dous vasos, hum de enfaião, e outro que teve arruda, que ainda se conhece pelo cheiro. Item, mais huma arvore de geração. Passemos agora ao meu gado. Em primeiro lugar tenho hum burro, que lhe chamão o ruço por alcunha; tenho mais duas cadellas paridas. Declaro, que me não devem nada, e que eu devo os cabellos da cabeça. Deixo á minha mulher tudo quanto puder furtar no inventario. Deixo á minha filha Sanchica o meu bom coração, e aos meus dous filhos lhes não deixo nada, porque se o quizerem, que

que o furtem como eu fiz. Instituo por meu universal herdeiro forçado a hum Mouro da galé , a quem peço , que faça pela minha alma o mesino que eu fizera pela sua. Tal parte , em lugar do cú de Judas , tantos do mez passado , &c.

*Tabel.* Ora affine-se Vossa Mercê aqui atrás.

*Sanch.* Atrás só me affinarei , se for penna a sua lingua : dou por affinado , que eu em tal não affino.

*Tabel.* He preciso , que sem isso não val nada o Testamento.

*Sanch.* E que tem ninguem que elle valha , ou não valha ? Olhem que está galante ! De quem he o Testamento ? Não he meu ? Pois posso fazer delle o que quizer. Mulher , guardai bem este papel , vêde que não o percais , que póde servir para méchas. Ora a Deos , mulher , dai-me hum abraço.

*Ther.* Ai , marido , lembrai-vos da vossa casa ; não andeis de noite , não me deis mais penas.

*Sanch.* O' filha , não tenho que encommendarte a tua honra , que he o melhor camafeo que tens. Se alguém , quando estiveres na jannella , te fizer hum bicho , corresponde-lhe com outro , que a cortezia nunca se perde. Ouves , nunca dêes o fim a tudo o que te pedirem ; porque desta sorte serás bem reputada.

*Ther.* Pois já que te ausentas , ó meu amado Sanchinho , despeçamo-nos cantando.

*Sanch.* Ora vá , que eu começo.

*Cantão Sancho , e a mulher a seguinte*

A R I A A D U O.

- Sancho.* A Deos , Thereza amada.  
*Ther.* Não posso dar hum passo.  
*Sancho.* A Deos , que não he nada.  
*Ther.* Oh triste desgraçada!  
*Sancho.* Dá cá , dá cá hum abraço.  
*Ther.* Ai , que eu quero desfaiar!  
*Ther.* Mas ai de mim , que vejo  
*Sancho.* Amado Caranguejo.  
*Ther.* Teu vil rigor não chora ?  
*Sancho.* Chora tu , bella Aurora ,  
 Que eu nunca em despedidas quiz chorar.

S C E N A III.

*Mutação de bosque. Aparece D. Quixote a cavallo com lança , e Sancho em hum burro.*

*D. Quix.* **A** Inda não creio , amigo Sancho Pança , que me vejo montado em rocinante , para profeguir minhas aventuras.

*Sancho.* Digo-lhe a Vossa Mercê , Senhor meu Amo , que tenho o rabo nesta albarda ; e me parece que o tenho na palha da estrebaria. Oxalá que tenhamos melhor ventura que da vez passada !

*D. Quix.* Para que tenhamos bom successo nesta empreza , e por cumprir com as leis da Cavallaria andante , e com os dictames do meu amor , quero , Sancho , que vás ao Castello , em que vive aquella sem igual Dulcinça del

Tobofo , minha muito Senhora , e que lhe digas da minha parte , que já me acho em campo razo , para batalhar com quantos gigantes tem o Mundo por seu respeito , e que tudo servirá de despojo para collocar no Templo de sua formosura.

*Sanch.* Senhor , que Dulcinéa he esta ? Aonde mora ? Que tal mulher entendo não há no Mundo. Logo como quer Vossa Mercê que eu a busque , se ella não he coufa viva ?

*D. Quix.* Vai , não repliques , senão com esta lança te abrirei essa barriga ; vai , que eu te espero aqui debaixo deste tronco.

*Sanch.* Ora o caso está galante , por vida minha ! Donde hei de achar a tal Dulcinéa dos demonios ? A? força quer D. Quixote , que haja tal mulher no Mundo. Mas de quem me queixo , se eu tenho a culpa de me meter com hum louco de pedras ? Porém lá vem huma Saloya ; bom remedio , vou-lhe dizer que esta he Dulcinéa , pois a elle tudo se lhe mere na cabeça. Ah Senhor meu Amo ? Venha cá depressa : eis-aqui a Senhora Dulcinéa , que vem ver a Vossa Mercê.

*D. Quix.* Sancho , como pôde ser esta Dulcinéa . quando ella he huma Senhora tão galharda ? Como pôde vir em hum burro , quando a carroça de Apollo ainda he pequena carruagem para sua soberania ? Não vês huma Saloya feia , e trapalhona ?

*Sanch.* Senhor , Vossa Mercê não se lembra , que os encantadores mudão as fórmas das pessoas ,

foas , só para que Vossa Mercê não logre a fortuna de ver a Senhora Dulcinéa ?

*D. Quix.* Dizes bem , Sancho amigo ; oh mal hajais malditos encantadores , pois mudais a fórma de Dulcinéa filis , e galharda , em huma Saloya choquenta !

*Saloya.* Senhores , Vossas Mercês que me querem ? Largue-me o freio da burra , deixem-me ir vender as minhas cebollas.

*D. Quix.* Espera , ó luz de meus olhos , recebe , antes que te ausentes , este fino amante no regaço de teus agrados , pois só a ti te dedico os suores frios de meus trabalhos ; aqui me tens , ó bella Ninfa , posto a teus pés idolatra da tua belleza.

*Sanch.* Oh Princeza da formosura ! Oh Duqueza do melindre ! Oh Archiduqueza dos dengues ! Não desprezes hum andante Cavalleiro , que a carqueja do seu amor arde na chaminé dos teus olhos a repetidos assopros da sua mágoa. Ponha Vossa Mercê os olhos naquelle peito , e o verá cheio de cabellos , mais claros c'á agoa , e outros mais ruivos c'á canella.

*Saloya.* Estes homens estão doudos , vão-se c'os diabos ; vossês vem zombar de mim ? Arrelá , xó. *Vai se.*

*D. Quix.* O' animada exhalação , não te desfagas em scintilantes repudios ; tanto estes encantadores me perseguem , que até fazem com que caias ; porém , ó vil canalha , lá virá tempo em que eu me vingue de vós.

*Sanch.* Digo que Vossa Mercê tem muito bom  
gof-

gosto em amar a Senhora Dulcinéa. Não vi cousa mais peregrina ! Deixou-me atoclo , vendo aquelle brio !

*D. Quix.* Oh afortunado Sancho , que foste tão feliz , que chegaste a ver sem encantos , e transformações aquella deidade humana ! Dize-me , he formosa ?

*Sanch.* De formosa passa ella. Se Vossa Mercê víra aquelles olhos , que parecião olhos de couve murciana ! O nariz , isso era cahir hum homem de cú sobre elle ; tinha humas mãos de rabo ; o corpo parecia corpo de delicto , pelo que , matava a todos , os cabellos não vi eu , só o que eu vi forão dous piolhos de rabo , que lhe sahião pelos buracos da coiffa : o que mais me regalava era ver humas rosquinhas doces , que fazia junto ao pescoço : em fim , Senhor , os pés erão dous pés de cantiga. Eu confesso , que se não fora caçado , que a tal Senhora Dulcinéa não me escapava.

*D. Quix.* O' Sancho , espera , não vês que lá vem hum Castello movediço com muita gente dentro ? Grande dia se nos espera ! Deos seja conosco.

*Sabirá hum carro tirado de huma mulla , sobre a qual virá hum Diabo ; dentro do carro virá a Morte , Cupido , hum Anjo , hum Emperador , e outra figura muito bem vestida.*

*Sanch.* Ai , miseravel Sancho , aonde estás metido ! Melhor me fora estar na minha Aldêa ,

que não vir agora ver estes gigantes engolias.

*D. Quix.* De que temes, cobarde? Olha, não vês estes gigantes vivos? Pois logo os verás mortos: O' vós, quem quer que sejais, dizai-me quem sois, e aonde ides?

*Diabo.* Senhor, nós somos huns pobres representantes de Comedias, que himos já vestidos para fazer hum Auto Sacramental aqui a huma quinta: eu faço papel de Diabo, este de Anjo, este de Morte, este de Emperador, e os mais fazem varios papeis.

*D. Quix.* Ora sempre as cousas se devem, primeiro especular antes que se fação; se não vos declarais, hoje aqui todos ficaríeis mortos, cuidando que eríeis gigantes, ou encantadores.

*Sancho.* Boas novas te dê Deos, que eu já estava sem pinga de sangue no corpo.

*Sabe hum Cruz-diabo com cascaveis, e espantasse o cavallo de D. Quixote, e cabe este no chão, e o Cruz-diabo monta no burro de Sancho.*

*Sancho.* Jesus, Nome de Jesus! Lá vai meu Amo ao chão! Ah, Senhor, não caia, espere, que eu já lhe vou acodir.

*D. Quix.* Ai de mim! Acode-me Sancho, que quebrei o estribo.

*Sancho.* Ai, Senhor, que o Cruzdiabo lá me leva o meu ruço! O' ruço dos meus olhos, ó prenda de minhas nadegas, ó centro de minhas bebas, que será de mim sem os teus sonoros zurros! Senhor, para aqui são as

lgrimas : ah Senhor , que o Diabo levou o meu burro.

D. Quix. Que Diabo ?

Sanch. O Diabo das bexigas , Jesus Sagrado . Ah sô Diabo , largue o meu burro por vida de Ferrabrás.

D. Quix. Por vida de Dulcinéa , que os do carro me hão de pagar : esperai , turba alegre , e folgazona , que eu vos ensinarei o como se tratão os burros dos escudeiros dos Cavalleiros andantes.

*Sabe o Burro.*

Sanch. Senhor , não pelejemos , que o burro já ahi está , escusemos tantas mortes.

D. Quix. Bem está : a prudencia ás vezes he melhor que o valor ; ide-vos em paz.

Sanch. Ouvis lá ? Bom padrinho tivestes no meu burro , que se não apparece , tudo vai á espada.

#### SCENA IV.

*Mutação de selva , e a hum lado estará hum Cavalleiro reclinado , e hum Moço , e sahirá D. Quixote , e Sancho Pança.*

D. Quix. **S**Ancho , ata este cavallo a esse tronco , que já o Sol se escondeo no Vestuario de Thetis , depois de fazer primeiro Galan dos Astros na Comedia do dia.

Sanch. Boa metáfora ; mas eu tenho a barriga vasia , e não estou para ouvir conceitos ; olhe Vossa Mercê , Senhor , alli estão dous homens

homens reclinados sobre a relva, e dous cavallos atados naquelle salgueiro, que fazem quatro.

**D. Quix.** Algum Cavalleiro andante deve ser, que anda buscando aventuras.

*Canta o Cavalleiro o seguinte*

M I N U E T E.

Sem ter melhora  
Meu peito ardente,  
A chamma sente  
Do Deos Rapaz.

Que amor parece,  
Ninguem duvida;  
Porque a ferida  
Bem clara está.

Suspende a fêcha,  
Deos fementido,  
Ouve o gemido,  
Que o pranto faz.

**Sanch.** Elle canta com bom estilo, e á moda.

**D. Quix.** Segundo a letra, e o affecto, mostra estar namorado. Valha-te Deos, amor, que até nos peitos de bronze introduzes corações de cêra! Senhor Cavalleiro, como a sociedade dos homens he significativo do racional, por isso não estranhe Vossa Mercê o meu atrevimento em interromper as sonoras clausulas do seu sentimento; porém como as penas communicadas são menos sensiveis, diga-me Vossa Mercê o que sente, que se o alívio de suas mágoas consistir na ponta desta lança, e fio desta espada, tenha por certo, que o hei de fazer.

*Carr.*

*Carr.* Honrado Cavalleiro , bem parece que tendes generoso animo , e assim vos agradeço essa offerta ; mas sabereis , que a mim por ora me não offendem inimigos , senão huma inimiga , cujo rigor me tem morto , e me faz andar renovando a Cavallaria andante , só por ver se posso applicar o seu desdém , offerecendo-lhe a cabeça de hum gigante.

*D. Quix.* Com que , Vossa Mercê he Cavalleiro andante ? Ora ajunte-se comigo , e fallemos na materia , que como Professor della estimo muito estas práticas.

*Criad.* Em quanto nossos Amos lá praticão sobre os seus amores , e valentias , vamos dando á taramela , e fazendo pela vida.

*Sanch.* Meu amigo , agora fico mais consolado nos meus infortunios ; pois mal de muitos consolo he : atéqui cuidava que só eu era desgraçado em ser escudeiro de Cavallaria andante , mas já vejo que Vossa Mercê nasceo debaixo da minha estrella.

*Criad.* Como se chama este seu Amò ?

*Sanch.* D. Quixote de la Mancha , para servir a Vossa Mercê , que nunca tal homem nascêra no Mundo ; pois por elle tenho padecido o que Deos sabe : basta deixar a minha casa com tudo quanto tinha nella.

*Criad.* Tendes filhos ?

*Sanch.* Boa está essa ! Com que , destes annos ainda não havia de ter filhos ? Tenho huma rapariga , meu amigo , que dá com a cabeça no recto da casa , e he mui valente , e de-  
sem-

sembaraçada. Quando come não usa de cere-  
monias , despeja huma casa com a maior  
limpeza do Mundo ; e sobre tudo tem o máo  
cheiro da boca , que he mal de que fogem  
todos. Quero-lhe , como aos meus olhos ,  
que fóra da sua vista os vejo cheios de la-  
grimas.

*Criad.* E os meus estão mui cheios de somno :  
durmamos ?

*Sanch.* Durmamos.

*Carr.* Como lhe vou contando a Vossa Mercê , a  
Senhora a quem amo he huma Calcidéa de  
Vandalia , nome supposto com que a appelli-  
do nas minhas Obras poeticas : esta em fim  
me disse , que se a quisesse receber por espo-  
sa , fosse pelo Mundo , e fizesse confessar , que  
ella era a mais bella , e formosa Dama que  
havia no Orbe ; tenho feito confessallo a mui-  
tos , e ultimamente ao grande D. Quixote de  
la Mancha , o qual disse , que minha Senho-  
ra Calcidéa de Vandalia era mais formosa que  
a sua Dulcinéa del Toboso ; com que , ven-  
cendo eu a D. Quixote , que venceo a todos  
os Cavalleiros do Mundo , venho a vencer a  
todos , vencendo a quem a elles os venceo.

*D. Quix.* Sem dúvida , Senhor Cavalleiro , en-  
tendo que estais enganado , por ser impossí-  
vel que vençais a hum D. Quixote ; e basta  
que eu vos diga , que nenhum Cavalleiro do  
Mundo o póde vencer ; e por vos não des-  
mentir , digo que algum encantador inimigo  
de sua gloria tomaria a sua fórmula , para que  
fi-

ficando vencido , não se coroasse a fama de seu valor com eterno diadema ; e tanto assim , que não há dous dias que estes mesmos encantadores transformarão a Senhora Dulcinéa del Toboso , sendo a mais gentil deidade , que calçou Cothurno em humia Saloya çuja , hedionda , e terrivel , com que , Senhor , entendi que não vencestes a D. Quixote verdadeiro.

*Carr.* Tão verdadeiro , e tão o mesmo , que mais não podia ser.

*D. Quix.* Digo que tal não há ; pois D. Quixote he este que vêdes presente ; vêde como o podiéis vencer. *Levanta-se.*

*Carr.* Pois verdadeiro , ou fingido , sempre o venci , tenho dito.

*D. Quix.* Pois Cavalleiro , bom remedio ; em campo razo , e em singular desafio veremos qual he mais valente.

*Carr.* E o que ficar vencido ficará ao arbitrio do vencedor.

*D. Quix.* Não duvido. Sancho , Sancho , acorda , que já a Aurora rasgando o manto da noite , veste o Pólo de rubicundos adornos : Sancho , acorda.

*Sanch.* Senhor , Senhor , eu vos arrenego canalha : não deixareis dormir a hum pobre escudeiro andante ?

*D. Quix.* Sancho amigo , acorda , que já o Sol te dá de rosto com as suas luzes.

*Sanch.* E que tenho eu com isso ? Senhor , Vossa Mercê cuida que eu também sou doudo

como Vossa Mercê, para não dormir? Apenas tinha pegado no somno com as pontinhas dos dedos, quando logo mo fez largar: que quer que diga? Valha-o mil diabos.

*D. Quix.* Vai sellar o rocicante, que temos que brigar esta manhã com aquelle Cavalleiro do bosque: anda Sancho, vai depressa.

*Sanch.* Estou dormindo, que he o mesmo que estar ninando. Ora salve Deos a Vossa Mercê: ah Senhor, eu devo de ter muita cólera na barriga.

*D. Quix.* Porque, Sancho?

*Sanch.* Porque me sabe a boca a ferro velho.

*D. Quix.* He porque logo havemos de brigar com este Cavalleiro do bosque, que o desfiei; elle deve de ser pessoa particular, porque traz mascatilha.

*Sanch.* Ora Senhor, cuide Vossa Mercê n'outra coufa, brigar logo de manhã he asneira.

*D. Quix.* Faze o que te digo, e não me repliques.

*Traz Sancho Cavallo.*

*D. Quix.* Cavalleiro, quem quer que sois, já estamos em campo razo; vereis se sou eu o mesmo D. Quixote a quem vencestes.

*Carr.* Quem vos venceo transformado, melhor vos vencerá verdadeiro.

*Sanch.* Senhor D. Quixote, por vida da Senhora Dulcinéa lhe peço, que me ajude a subir naquelle zambujeiro, que quero ver touros de palanque.

*D. Quix.* Avançai, bom Cavalleiro.

*Investem os Cavalleiros, e cabe Carrasco.*

*D. Quix.* Sancho, acode, que vencemos.

*Sanch.* Agora sim. Corte-lhe Vossa Mercê logo a cabeça, pelo que *potest succedere.*

*D. Quix.* Tira-lhe a mascara:

*Sanch.* Ah Senhor, que elle bolle; suba-me outra vez ao zambujeiro.

*Carr.* Ai de mim! Venceste, D. Quixote: negar não posso, que sois o mais valente Cavalleiro do Universo.

*D. Quix.* Haveis de confessar, que minha Senhora Dulcinéa del Toboso he mais formosa que a vossa Calcidéa de Vandalia, tirando para isso a mascara. Mas que vejo! Não sois vós Sansão Carrasco?

*Tira-se-lhe a mascara.*

*Sanch.* He boa historia! Veja Vossa Mercê se não falla, como o leva o diabo de meio a meio.

*Carr.* Eu sou vosso amigo Sansão Carrasco, que quiz vir disfarçado a ver se vos vencia, para que assim tornasseis para casa sem essa loucura; mas já vejo que sois verdadeiro Cavalleiro andante, e negallo não posso.

*D. Quix.* Ide em paz, e dizei a esse Barbeiro incredulo, que vos cheguei a vencer, para que fique defenganado, que sou Cavalleiro andante.

*Sanch.* Ide em paz, e dizei a esse Barbeirinho, que quem vence a hum Carrasco he o mesmo que vencer a Morte.

## S C E N A V.

*Mutação de selva, e sabirá hum homem com hum carro, e dentro hum Leão em huma capoeira.*

*Hom.* Grande trabalho me tem dado a condução deste Leão pela fragosidade dos caminhos; e queira Deos que seja bem pago do meu trabalho.

*Sabem D. Quixote, e Sancho.*

*D. Quix.* Sancho Pança, não vês aquelle vulto? Pois não he menos que huma rara aventura que nos espera.

*Sanch.* Senhor, não ande cuidando nisso, porque tudo quanto vir lhe ha de parecer aventura; pois *da imaginação nascem as causas.*

*D. Quix.* O' Sancho, tu sabes Filosofia? Quem te ensinou isso?

*Sanch.* Eu mesmo: Vossa Mercê cuida que eu sou algum leigarrão? Sabe Vossa Mercê que mais? que dentro daquella gayola vem hum formoso Leão.

*D. Quix.* Hum Leão! Oh homem do Leão? Da parte de Deos te requieiro que soltes esse Leão que quero brigar com elle, para o que já o espero á boca da capoeira.

*Apea se D. Quixote.*

*Sanch.* A Deos, pobre Sancho Pança! Bem aviados estamos: quer agora tambem brigar com Leões!

*á parte.*

*Hom.* Senhor passageiro, requieiro a Vossa Mercê

cê que este Leão he Africano , feroz , e terrivel , e que vai de presente a hum Fidalgo que o manda o Grão Turco.

*D. Quix.* Que tenho eu com o Grão Turco , nem com o Fidalgo ? De duas huma , ou tu has de soltar o Leão , ou te hei de matar ; porque me diz o coração , que nelle vem transformado algum gigante.

*Sanch.* O' homem , tem mão , não soltes esse Leão que he mui Faraó.

*Hom.* Pois Vossa Mercê quer que o solte ? Veja lá o que diz , ao depois não se queixe.

*D. Quix.* Solta-o , não ouves ?

*Sanch.* Tem mão , homem , não o soltes : ah Senhor Leão não me faça mal , lembre-se que já comemos , e bebemos ambos muitas vezes. Vossa Mercê não he o Leão do Carmo ? Desgraçado Sancho Pança ! Quanto melhor me fora estar antes enterrado em hum carneiro , que na barriga de hum Leão ! Ah fô Leão , Vossa Mercê vem enganado , eu não fui o que o desafiei ; alli está meu Amo que o chama , vá para lá , e já que eu hei de morrer , quero morrer cantando , como fez D. Cysne das Alagoas , e talvez que este Leão seja amigo de Arias.

*Canta Sancho a seguinte*

A R I A .

Ai , que estou tremendo !

Ai , que já me agarra !

Oh como estende a garra !

Ai , ai ! Tomara-me esconder.

Vai-

Vai-te , monstro horrendo ,  
 Tem dó do pobre Sancho ,  
 Recolhe o duro gancho ,  
 Que já me faz Tremer.

*Accommette o Leão a D. Quixote , e este o mata.*

*D. Quix.* Bruto Rei das montanhas , porque foges de hum Cavalleiro andante ? Vem a accommetter-me , e verás o meu valor.

*Sanch.* O' cão Leão , a elle , espere , que eu vou : victor D. Quixote.

*D. Quix.* Daqui em diante não quero que me chamem o Cavalleiro da triste figura , senão o Cavalleiro dos Leões , em memoria deste caso.

*Hom.* Não vi mais valente homem no Mundo ! Vou pasmado.

## S C E N A VI.

*Mutação de bosque , e no meio haverá hum monte , e hum homem , e pelo monte descerá D. Quixote , e Sancho Pança.*

*Sanch.* **M**Ui fragosa , e escorregadia he esta terra ! Muito tropeça o meu burro !

*D. Quix.* O' villão , dizei-me , que fazeis ahi , e que monte he este ?

*Villão.* Este monte , Senhor , he aonde está aquella célebre cova encantada , que chamão a cova de Montefinos.

*D. Quix.* Oh quem tivera hum thesouro que dera em alviçaras ! Vês aqui , Sancho , quando dizem , vem as fortunas sem ser esperadas

das ; ha quantos annos que eu andava buscando cova donde está encantado aquelle célebre Cavalleiro andante chamado Montefinos ? Pois a occasião se nos meteo nas mãos , não tenho mais remedio que descer por ella a desencantar este bom Cavalleiro.

*Sanch.* Tire Vossa Mercê dahi o sentido ; só esta me faltava para soffrer ! Que tenho eu com Montefinos , nem elle comigo ? Vá Vossa Mercê c'os diabos se quizer , que eu não quero enterrar-me em vida. Ainda me lembra o Leão. *á parte.*

*D. Quix.* Anda , Sancho , que se agora não achamos a Ilha para seres Governador , nunca a acharemos ; vem que serás bem premiado , pois aqui nesta cova há muito ouro , e isto são minas encantadas.

*Sanch.* Huma vez que são minas eu vou , que mais val huma hora rico , que toda a vida pobre.

*D. Quix.* Amigo , ficai guardando estes animaes , e vêde se tendes ahi algumas cordas com que nos ateis pelas cinturas para que não caiamos , e demos lá no profundo.

*Villão.* Aqui estão , pois eu sou o guarda desta cova , e já estou aparelhado para este ministerio.

*D. Quix.* Pois ata-nos bem ; quando disser , larga mais a corda , vai largando.

*Sanch.* Tanto que tiveres deitado quatro palmos puxa logo para fóra.

*D. Quix.* Sancho , faze hum Acto de Contrição , e fecha os olhos. *Sanch.*

*Sanch.* Ora graças a Deos que vou a enterrar em vida ; bem fiz eu em fazer o meu Testamento. Ai, Senhor , que ahi vem huma legião de gigantes ! Misericordia meu Deos ! Xô diabo. A que d'ElRei ; que estou com as gralhas na alma.

*D. Quix.* De que te assustas ? São huns passarinhos que vem a applaudir a nossa entrada.

*Sanch.* São passarinhos ! Oh quem me dera ter aqui a minha espingarda.

*D. Quix.* Amada Dulcinéa , a ti me encomendo neste perigoso trance , ajudai-me a levar com paciencia estes rigores. Sancho , ou morrer , ou viver.

*Sanch.* Essa razão me encova.

## S C E N A VII.

*Mutação de colunata , que depois se mudará em jardim de figuras tristes , e sabirá Montesmos com burbas grandes , fortuna , e gorra ; e virão descendo D. Quixote , e Sancho.*

*Sanch.* **A**H Senhor , he hum regalo voar hum homem como se fora parda!

*D. Quix.* Graças a Deos que chegámos ! Vês Sancho , que admiravel palacio ? Vês estas columnas Doricas , e Corinthias ? Olha estes jaspes : Que te parece ?

*Sanch.* Parece-me que tudo isto he pintado em taboa de pinho , mas ainda assim eu quizera antes andar voando que me regala.

*Há dentro terremoto, e escurece tudo; ouvindo-se muitos ais, lamentos, raios, e trovões.*

*Sanch.* E que diz Vossa Merce agora destas columnas, e destes jaspes Corinthios? Senhor, nós estamos no Inferno a bom livrar, os cabellos se me arrepião. Ai, Senhor, não fei que suor frio me vai dando? Eu me miço por mim.

*D. Quix.* Agora verás, ó nobre escudeiro Sancho Pança, as prerogativas de hum Cavalleiro andante: dize-me, ouviste contar algum dia a teus avós façanha como esta? Viste algum dia em letra redonda, ou grifa dizer que algum Cavalleiro o mais intrepido fizesse acção tão sobrenaturalmente heroica, como a que com os teus olhos estás vendo? Viste como valeroso Campião me arrojai a esta cova?

*Sanch.* Isso mesmo faz qualquer defunto.

*D. Quix.* Viste como depois de encovado penetrei as duras entranhas dessa penha, abrindo caminho com a espada na mão, derrubando montes, ou para melhor dizer, gigantes amontoados, até que chegámos a este abyssmo?

*Sanch.* Meu Amo he hum abyssmo. *á parte.*

Mas diga-me, Senhor, aonde estamos nós?

*D. Quix.* Estamos no Inferno.

*Sanch.* Em Purgatorio está quem lida com vossa Merce; he boa graça? Com que parece-lhe a Vossa Merce, que isto he Inferno? Ora o certo he, que está pouco visto em materias de Inferno.

*D. Quix.* De que te espantas , animal ?

*Sanch.* Porque sou animal , por isso me espanto. Ora venha cá : quem se não ha de espantar de ouvir dizer a Vossa Merce , que está no Inferno assim á chucha callada , e eu tambem , sem me doer pé , nem mão , graças a Deos ?

*D. Quix.* Sancho , eu não tenho culpa , que sejas hum simples escudeiro , sem noticias , nem literatura ; se tu lêras a Virgilio no sexto livro das Eneydas , lá verias , que tambem Eneas foi ao Inferno , e lá vio a seu pai Anchises , e a Rainha Dido.

*Sanch.* Essa Rainha Dido era macho , ou femea ?

*D. Quix.* Não se sabe de certo ; o que se diz he , que era mulher varonil.

*Sanch.* Visto isso era macha-femea : com que Senhor , huma vez que Eneas foi ao Inferno , vá Vossa Mercê tambem ; mas não consta , que Eneas tivesse escudeiro , como Vossa Merce tem.

*D. Quix.* Ora Sancho amigo , tem valor , que agora quero tratar do desencanto do Senhor Montefinos , que para esse fim fui aqui trazido.

*Canta D. Quixote a seguinte*

A R I A.

O' Magia barbara  
De furia indomita ,  
Humilha timida  
O fero encanto  
Do teu furor.

Que o braço rigido  
Com furia rispida  
Vence colerico  
A ira ingente  
De teu rigor.

*Tor-*

*Torna a haver terremoto.*

*Sanch.* Ai Senhor ! Que diabo de Ilha , ou de cova he esta ? Eu nella não quero enterrar-me : vamos Senhor.

*D. Quix.* Sombras vãs , encantadores malevolos , a pezar de vossos encantos hei de ver a Montefinos. O' Montefinos ? Montefinos ?

*Sabe Montefinos.*

*Mont.* Sejas mil vezes bem vindo , ó sempre valeroso D. Quixote de la Mancha , flor , nata , e escuma dos Cavalleiros andantes ; só tu tiveste valor , para me desencantares , resuscitando a antiga andante Cavallaria : chega a meus braços.

*D. Quix.* Valoroso Montefinos , não tens que me agradecer esta acção ; pois o que faço por ti , faria por outro qualquer , que assim mo infinúão as leis da Cavallaria.

*Mont.* Chega a meus braços , tu célebre escudeiro Sancho Pança ; pois tambem participas hum esgalho deste laurel.

*Sanch.* Sou criado de Vossa Mercê : eu já estou desmamado , graças a Deos ; eu não quero , que Vossa Mercê me desmame ; assim sou eu asno , que me chegue áquellas barbas ! Peça de baeta animada , e escova vivente me parece o tal Montefinos. *á parte.*

*Mont.* Já que aqui viestes , illustre D. Quixote , a desencantar me , peço-vos , que desencanteis tambem a Senhora Belerma , que foi Dama do valente Cavalleiro Durorante , que por causa delle vive aqui encantada.

*D. Quix.* Por mulher, e por ser Dama de hum tão valente Cavalleiro, me toca desencantalla; aonde está?

*Mont.* Agora o vereis.

*Mudão-se os bastidores, e apparece hum jardim com figuras de pedra, e sabirá Belerma.*

*Belerm.* Prostrada a vossos pés, valeroso *D. Quixote*, vos rendo as graças de tão generoso capricho: escutai com melhor accento o meu agradecimento.

*Canta Belerma o seguinte*

M I N U E T E.

Belerma misera	Agora em canticos
Suspira, e sente	Louvar procura
A morte dura	O braço ingente
De seu valente,	De hum glorioso,
Galhardo amor.	Feliz, ditoso, libertador.

*D. Quix.* Formosa Belerma, enxugai esses aljofares; não tomeis o officio da Aurora, sendo vós hum Sol.

*Sanch.* Ah Senhora Belermina, de-me Vossa Mercê esses aljofares, para levar á minha Thezeza Pança; não os deite fóra.

*Torna a cantar Belerma.*

M I N U E T E.

Quixote inclyto,	Porque se exalte
Em cujo peito	Já com effeito,
Cupido, e Marte	Em males tantos,
Fazem perfeito	Enxugue o pranto,
Laço de amor.	Que amor causou.

*D. Quix.* Que te parece, Sancho, o que se encerrava nesta cova?

*Sanch.*

*Sanch.* Senhor , *palabras* , y *plumas* el viento las lleva. Vamo-nos , que não sei o que me adevinha o coração.

*Na ultima clausula muda-se a apparencia , e ha terremoto , e levão pelos ares a D. Quixote , e Sancho.*

*D. Quix.* Belerma , Montefinos , vêde que os encantadores me levão , para vos não desencantar ; bem vistes a minha vontade.

*Sanch.* Ai que rica cousa ! Agora sim , voemos Senhor até cahir de huma bala.

*Apparece o monte em cima.*

*D. Quix.* Oh mal hãjas , infame homem , que nos tiraste da maior suavidade , e consonancia , que se pôde imaginar ! Por tua culpa não desencantei a Montefinos , e Belerma.

*Sanch.* Por tua culpa , bebado , não desencantei as minas , e a Ilha encantada : ai que estou mui cansado de voar ! Diga-me , Senhor , aonde está a mina , que achamos ? Tudo forão voos , por isso agora tudo são penas ! Diga-me Vossa Merce , que me meta eu n'outra cova ! Para aqui.

*D. Quix.* Sancho , bem viste , que da minha parte fiz o que devia , pois destemido , e valoroso , cheguei a penetrar as entranhas desse abyssmo ; com que , se nesta occasião não consegui , o que desejava , em outra o conseguirei , e tu alcançaras essa tão desejada , e alta Ilha.

*Sanch.* Antes creio , que nunca a alcançarei.

*D. Quix.* Porque ?

*Sanch.*

*Sanch.* Porque como sou curto dos nós , não poderei alcançalla pela altura dos grãos.

*D. Quix.* Ora anda comigo , não te agastes , que sem dúvida serás bem premiado.

## S C E N A VIII.

### *Mutação de selva.*

*D. Quix.* **H**A dias , que trago no pensamen-  
to huma cousa , que me tem  
causado grande cuidado : dar-se-ha caso , que  
os meus inimigos encantadores tragão transfor-  
mada a belleza da Senhora Dulcinéa em a  
figura de Sancho Pança ! E os motivos , que  
tenho para isso , he ver a paciencia , com  
que este escudeiro me atura as minhas imper-  
tinencias sem salario algum ; e ver , que já  
mais foi possível ver eu a Dulcinéa no seu  
original , e nativo resplendor. Tudo pôde ser  
que seja ; pois se lém nos antigos livros da  
Cavallaria andante outras transformações de  
Nynfas , ainda em mais ruins figuras , qual  
a de Sancho Pança , e porque este pensamen-  
to não he fóra de conta , bom será averi-  
guallo , que a diligencia he mái da boa ven-  
tura.

### *Sabe Sancho.*

*Sanch.* Senhor , o rocicante está esperando que  
Vossa Mercê o cavalgue , e tem dado taes re-  
linchos , pullos , e ventosidades , que suppo-  
nho nos prognostica alguma boa ventura.

*D. Quix.* E se bem reparo agora nas feições  
des-

deste Sancho , lá tem alguns laivos de Dulcinéa ; porque sem dúvida Sancho ás vezes o vejo com o rosto mais afeminado , que quasi me persuado está Dulcinéa transformada nelle.

*Sanch.* Meu Amo está no espaço imaginario ! *á parte.*

Ah Senhor , toca a cavalgar , que o rocinate está sellado , e o burro albardado : Senhor , Vossa Mercê ouve ?

*D. Quix.* Sim ouço ; que seja possível , prodigioso enigma de amor , galharda Dulcinéa del Toboso , que os magicos antagonistas de meu valor se transformassem em Sancho Pança !

*Sanch.* Ainda esta me faltava para ouvir , e que autar ! *á parte.* Que diz , Senhor ? Está louco ? Com quem falla Vossa Mercê ?

*D. Quix.* Fallo contigo , Sancho fingido , e com Dulcinéa transformada.

*Sanh.* Se Vossa Mercê algum dia tivesse juizo , díspera , que o tinha perdido : que Sancho fingido , ou que Dulcinéa transformada he esta ?

*D. Quix.* Não sei como agora falle , se como a Sancho , se como a Dulcinéa ? Vá como quer que for : Saberás que os encantadores tem transformado em rua vil , e fardida pessoa a sem igual Dulcinéa ; vê tu Sancho amigo , se há maior defaforo , se há maior inscencia destes feiticeiros , que em mascarar o semblante puro , e rubicundo de Dulcinéa , com a mascara horrenda de tua torpe cara ?

*Sanh.* Diga-me , Senhor , por onde sabe Vossa Mercê , que a Senhora Dulcinéa está transformada em mim ?

*D. Quix.*

*D. Quix.* Isso he o que tu não alcanças, simples Sancho; pois sabe, que nós os Cavalheiros andantes temos cá hum tal instincto, que nos he permittido conhecêr, aonde está o engano, e transformação pelos effluvios, que exhala o corpo, e pela fysionomia do rosto.

*Sancho.* Basta que conheceo Vossa Mercê pela simonetria do rosto! Pois, Senhor, que parentesco carnal tem a minha cara com a da Senhora Dulcinéa? Ora eu até aqui não cuidei que Vossa Mercê era tão louco! Cuido, que nem na vida de Vossa Mercê se conta semelhante desaventura.

*D. Quix.* Quanto mais te desconjuras, mas te inculcas, que és Dulcinéa; deixa-me beijar-te os atomos animados desses pés, já que me não permittes tocar com os meus labios o jasmim dessa mão. Dulcíssima Dulcinéa?

*Chega-se D. Quixote para abraçar a Sancho.*

*Sancho.* A'que d'ElRei, Senhor, que não sou Dulcinéa; tire-se lá, olhe que lhe dou huma canellada.

*D. Quix.* Ora meu Sancho, dize-me aqu em segredo se és Dulcinéa, que eu te pronetto hum premio?

*Sancho.* Como, Senhor, lho hei de dizer? Sou tão macho como Vossa Mercê.

*D. Quix.* Sancho, nesse mesmo dengue gora confirmo mais que és Dulcinéa.

*Sancho.* Ora leve o diabo o dengue! Quequeira Vossa Mercê que á força seja eu Dulcinéa  
en-

enfanchada , ou Sancho endulcinado ! Ora pois , já que quer que eu seja Dulcinéa , chegue-se para cá , que lhe quero dar dous couces.

*D. Quix.* Tu me queres dar couces ? Agora vejo que não és Dulcinéa , pois Dulcinéa tão formosa , e tão discreta , nunca podia ser besta , nem ainda transformada , para dar o que me offereces com a tua grosseria.

*Dentro instrumentos.*

*D. Quix.* Não ouves , Sancho , huma suave harmonia ?

*Sanch.* He verdade ! Espere Vossa Merce , que lá vem voando o que quer que he.

*Desce a Musa Caliope em huma nuvem , e D. Quixote , e Sancho se lhe põem de joelhos.*

*D. Quix.* Soberana Nympha.

*Sanch.* Nympha Soberana.

*D. Quix.* Iris deste Horifonte.

*Sanch.* Arco da velha deste Horifonte.

*D. Quix.* Que rasgando diafanos vapores.

*Sanch.* Que rasgando nuvens de papellão.

*D. Quix.* Te ostentas Deidade.

*Sanch.* Te ostentas já de idade.

*D. Quix.* Que queres de hum Cavalleiro andante ?

*Sanch.* Que queres de hum escudeiro tolhido de pés , e mãos ?

*Caliope.* Valente *D. Quixote de la Mancha* , Cavalleiro dos Leões , eu sou a Musa Caliope , a primeira , e principal das nove , que assistem no Monte Parnaso , aqui venho a teus pés enviada por meu Amo o Senhor Apollo , o qual como sabe que tens professado a estrei-

treita Religião da Cavallaria andante, e tens de obrigação o desfazer aggravos, soccorrer afflictos, e restaurar honras perdidas, por essa causa te manda pedir encarecidamente, queiras ir ao Parnaso, aonde se elle acha, cercado de hums Poetas maledicos, que o querem despojar do Throno; e juntamente para reformares a Poesia, que se acha quasi arruinada, para o que eu da minha parte, como tão interessada neste desempenho, te supplico com o suave de minhas vozes, pois he certo, que a Musica tem virtude para atrahir os corações mais duros.

*Sanch.* Aqui nos encaixa humia Aria á quecima roupa.

*Canta Caliope a seguinte*

A R I A.

Se hum gigante inficionado

Morre infame desmaiado

Entre as mãos de teu valor:

Quem havará, que te resista,

Quando o teu braço conquista

A hum gigante distarçado

Entre as garras de hum Leão?

*D. Quix.* A difficuldade está no modo com que hei de ir ao Parnaso; pois sei, que o meu rocinante não tem azas, como o Pégaso.

*Sanch.* E o meu burro só tem azas nos pés, para fugir.

*Caliop.* O modo com que haveis de ir ao Parnaso, he desta sorte.

*Voão na nuvem Caliope, D. Quixote, e Sancho, e apparece o Parnaso, e canta o*

C O R O.

Atenção, silencio,  
Que neste de Arcadia famoso jardim,  
Se ostenta galhardo o Delfico Apollo  
Em musicas gratas, em metros subtis.

Atenção, silencio,  
As fontes não rião,  
As aves não cantem;  
Porque não perturbem do verde bicorneo  
O cantico grave de Musas gentis.

S C E N A IX.

*Mutação de selva, e o Monte Parnaso, e Poetas.*

*Apol.* **E** Sperai, bastardos filhos de Apollo,  
que cedo virá quem me vingue de  
vossas injúrias.

*Poet.* Já não te reconhecemos, ó Apollo, por  
Deos da Poesia; pois qualquer de nós he  
hum Apollo, e cada idéa nossa huma Musa.

*Apol.* Assim vos atreveis a profanar o decóro,  
que se deve aos meus Apollineos raios?

*Sabe D. Quixote, Sancho, e Caliope.*

*Poet.* Toca a investir ao Parnaso.

*Apol.* Em boa hora venhas, valente D. Quixo-  
te, que só a tua espada me póde segurar o  
Throno, e o laurel: vem, vem a vingar-me  
destes Poetasinhos, que sem mais atmas,  
que a sua presumpção, querem, não só com-  
petir com o meu plestro, mas ainda intentão  
des-

despojar-me do Parnaſo ; e como as armas , e as letras ſão tão fiéis companheiras , quero-me valer das tuas armas , para a reſtauracão de minha ſciencia ; e como eſta violencia , que ſe me faz , não deſmerece os empregos da tua Cavallaria , peço-te , que me ſoccorras.

*D. Quix.* Senhor Apollo , eu tomo ſobre mim o ſeu deſaggravo , e já deſde agora ſe pôde aſſentar bem neſſe Throno , que delle ninguem o ha de arrancar.

*Sanch.* Senhor meu Amo , eu cuido , que eſtjou ſonhando. Que Voſſa Mercê entre no Parnaſo , não he muito , porque he louco ; porém eu , que ſendo hum ignorante , tambem cá eſteja , he o que mais me admira ; e daqui venho agora a concluir , que não há tollo , que não entre hoje no Parnaſo.

*D. Quix.* Diga-me , Senhor Apollo ; e como ſe chamão os Poetas , que tanto o perſeguem ?

*Apol.* Eſta he a deſgraça , D. Quixote ; que os Poetas , que me perſeguem , não ſão de nome ; e com tudo cada hum cuida que he mais do que eu meſmo.

*D. Quix.* Dizei-me , Poetas de agoa doce ; dizei-me , raás que graſnais no charco da Cabalina ; dizei-me Cyſnes contrateitos , que vos banhais nos lodos da Hippocrene ; com que motivo quereis competir com o Deos da Poefia ?

*Poet.* Porque eſſe Apollo , como não inspira , não merçete o nome de Apollo ; e aſſim que-

remos tomar-lhe o Parnaço , e repartillo entre nós.

*Sanch.* Senhor , não se meta a brigar com os Poetas , que são peiores que gigantes ; veja Vossa Mercê que elles trazem hum exercito de dez mil Romances , quatro mil Sonetos , duzentas Decimas , oitenta Madrigaes , e hum esquadrão de Sátyras volantes em silva , que arranha ; veja bem em que se mete.

*D. Quix.* Nada me assombra ; porque eu só com esta espada hei de vencer a quantos Poetas há no Mundo : Serra Hespanha , viva Apollo , e morráo traidores.

*Bulhas , e gritos entre D. Quixote , Sancho , e Poetas.*

*Apol.* A elles , meu D. Quixote , que a vitoria he nossa.

*Sanch.* A'que d'ElRei que estou passado de parte a parte com hum Soneto em agudos !

*D. Quix.* Já fugirão como mosquitos.

*Sanch.* Avança , que com esta gente sou eu gente.

*D. Quix.* Já , glorioso Apollo , pódes cantar a vitoria.

*Apol.* Cantem as Musas , Euterpe , e Terpsichore o meu triumpho.

*Canta a Musa Euterpe a seguinte*

A R I A

De Quixote o braço forte  
Se ouvirá no meu concentro ;  
Pois que canta o vencimento  
Dessas furias de hum traidor.  
Se animoso deu a morte ,

A quem morte dava a tantos ,  
 Viva , viva em doces cantos ,  
 Pois que vence ao vil Piton.

*Canta Terpsichore a seguinte*

A R T I A .

Pois vence Apollo	E assim as flores
O monstro altivo ,	Lhe dem grinaldas
Repita Eólo	De varias côres ,
Já successivo ,	Já consagradas
Que brilha vivo	A seu valor.
Seu resplendor :	

*Apol.* Vivas mil annos , D. Quixote ; e como fei que não militas por premio , por essa causa te não premeio ; mas na mesma acção que obraste tens o maior premio , como tambem agradeço a ajuda de teu criado Sancho Pança.

*Sanch.* Valeo de muito a minha ajuda na retaguarda ; assim em premio de meus serviços peço a Vossa Paternidade , Senhor Apollo , que me conceda hum lugar , o primeiro que vagar no Parnaso , para hum filho meu que he mui inclinado á Poesia ; de forte , que tem roido quantas unhas há em minha casa , que todos as tinhamos grandes.

*Apol.* Pois que officio quereis ?

*Sanch.* Cascavel do Parnaso.

*Apol.* Eu volo dou por tres vidas.

*Sanch.* Em tres vidas , Senhor ? Ora não há prazo que não chegue ! É para melhor agradecimento , e em applauso desta vitoria , já que sou Poeta , pois estou no Parnaso , quero cantar o triunfo ; toquem as Senhoras Musas , e o Pégaso faça o compasso.

Canta Sancho a seguinte

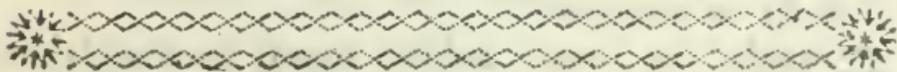
A R I A

Se hoje o meu cantar  
Hum zurro ha de fer,  
Quero começar:  
An, an, an, an, an.

E se dos Poetas  
Gallo posso fer,  
Cantarei aqui,  
Qui quiri qui,

E logo acolá  
Cá cará cá;  
Porque canto só  
Có coró có:  
Mas melhor será,  
Tornar a dizer,  
O que cantei já:  
An, an, an, an.

*Canta o Coro, e dá fim a primeira parte.*



## PARTE II.

### SCENA I.

*Mutação, ametade de selva, e outra ametade de mar, e junto á praia hum barco, e hum azenha, e no dito barco se embarcará D. Quixote, e Sancho, e ficarão atados o cavallo, e o burro, e a seu tempo sahirão da azenha dous homens com páos nas mãos.*

D. Quix. **J**A' estamos em terra de Aragão; este he o famoso Rio Ebro: na verdade, Sancho, que este Paiz he mui delectavel, e ameno: que te parece Sancho? Não respondes? Estás mudo?

Sancho. Digo que não quero responder palavra,

e tenho dito; meta-se lá com a sua vida, e deixe-me.

*D. Quix.* Sem dúvida estás arrependido de me servires?

*Sanch.* Como que estou? Mais me valêra a mim ser Sombreiro, que he o peor officio que há no Mundo, do que servir a Vossa Mercê.

*D. Quix.* Pois tão mal te tem ido comigo?

*Sanch.* Não he nada, vir eu daquella guerra do Parnaço moido, e remoido á conta de Vossa Mercê, e não achar esta maldita Ilha, e só achar hum formoso arrocho que me arrombasse as alcaúras?

*D. Quix.* Tu tens a culpa; quem te manda feres fraco? Ora tem paciencia, soffre, que a Ilha algum dia apparecerá; mas espera, não vêes nas margens do Rio hum barco atado sem vélas, nem remos?

*Sanch.* E por final que he Cassilheiro.

*D. Quix.* Sabes aonde estamos?

*Sanch.* Sei muito bem.

*D. Quix.* Aonde?

*Sanch.* Estamos no Theatro do Bairro Alto.

*D. Quix.* Pois sabe que estamos metidos na maior empreza do Mundo.

*Sanch.* Bem aviados estamos: não digo eu que Vossa Mercê he doudo confirmado?

*D. Quix.* Sancho, aquelle barco que vêes atado áquelle álamo não está alli sem grande mysterio.

*Sanch.* He porque Vossa Mercê de tudo faz mysterio, e sabida a conta não he nada.

*D. Quix.* Alguma pessoa está em grande perigo de honra , ou vida ; pois costumão muitas vezes os Astros arrebatarem os Cavalleiros andantes dentro em alguma nuvem , ou pôr-lhe hum barco á vista para que se embarquem , e indo pelo rio abaixo por si mesmo o barco , lá vai dar aonde há o perigo : com que , Sancho , ata os cavallos a esse tronco , e metamo-nos no barco , e vamos a acudir a essa grande necessidade.

*Sanch.* Deixe-me Vossa Mercê fazer primeiro as minhas , que he razão que acuda primeiro ás minhas necessidades do que ás alheias.

*D. Quix.* Vamos , Sancho , que aqui a dilação he perigosa.

*Sanch.* Deixe-me Vossa Mercê primeiro urinar para irmos na maré do mijo.

*D. Quix.* Deixa , Sancho , as chançonetas , ata os cavallos , e embarquemo-nos.

*Sanch.* Senhor , considere Vossa Mercê o que faz , olhe que andar pelo mar não he o mesmo que andar pela terra ; tome exemplo na discretissima Raposa que nunca se quiz embarcar , donde ficou impresso na memoria dos homens o ditado : *Por onde anda a Raposa ;* com que , Senhor , montemos , e fujaamos deste barco á véla , e a remo.

*D. Quix.* Olha , Sancho , as Ilhas não se achão por terra , senão no mar , e talvez que para teu bem esteja aqui este barco como quem diz : Embarca-te , Sancho , que has de achar huma Ilha.

*Sanch.* Com que os barcos também fallão ?

*D. Quix.* Isso he figura que tu não alcanças ; segue-me , que eu me embarco já.

*Sanch.* Senhor , eu já estou resolutto a morrer afogado ; vamos com Deos , mas parece mui grande tyrannia deixar o meu burro , fiel companheiro de tantos annos , a quem devo mais do que a meu pai , e a minha mãe.

*D. Quix.* Bem podes estar seguro , que a mesma pessoa que pôz aqui este barco terá cuidado de nos guardar os animaes , que assim o contão as Historias impressas.

*Sanch.* Huma vez que está em letra redonda , sem dúvida que se ha de cumprir á risca : Deos seja comigo.

*Ata Sancho o cavallo , e o burro , embarcãose , e logo irá o barco pelo Rio abaixo até chegar á azenha , e zurra o burro.*

*Sanch.* Ah burro do meu coração ! Bem te entendendo o que queres dizer nesse zurro , mas não te posso fer bom ; tem paciencia , que bem sei que em deixar-te dei c'os burros na agoa.

*D. Quix.* Vê , Sancho , a serenidade com que anda este barco !

*Sanch.* Senhor , eu já estou enjoado , apare lá que quero vomitar. *Vomita.*

*D. Quix.* Quando nada , Sancho , estamos junto á linha , e temos andado quatrocentas legoas Turquescas , que fazem das nossas novecentas e meia.

*Sanch.* Como pôde ser isso , se não temos andada-

dado duas braças , e tanto , que ainda alli se está vendo o meu burro , e o seu rocinante ?

*D. Quix.* Calla-te , que tu não entendes da Nautica ; se tu souberas o que são coluros , trópos , linhas , zodiacos , e balestillas , tu víras claramente o quante temos andado.

*Sanch.* Ora com termos andado tanto ainda não encontrámos nenhuma Ilha para eu governar ?

*D. Quix.* Calla-te , que até o fim ninguem se pôde chamar desgraçado.

*Sanch.* Sim , Senhor , pela regra geral , que diz que sempre atrás há sorvas.

*D. Quix.* Lá se descobre , Sancho , hum Castello encantado ; alli sem dúvida está a affligida pessoa que buscamos : que felicidade !

*Sanch.* He verdade , mas eu cuido que he a Ilha ; vamos a ella.

*Chegão ao pé da azenha , e abrindo-se a porta sahirão huns homens com varas na mão empurrando o barco.*

*Hom.* Vofsês vem doudos , homens do diabo ? Aonde querem meter este barco ? Não vem que isto he huma azenha donde a agoa corre tão furiosa , que despenhará , e despedaçará este barco nas pedras da mó ? Atreda para lá.

*D. Quix.* Olha os gigantes encantadores : ó canalha , largai a quem tendes prezo nessa torre , senão com esta espada reduzirei a cinza a todos.

*Sanch.* Senhor , que nos perdemos sem remedio , o barco com a corrença da agoa vai

levado para dentro das pedras. Ai ! Ai , que se vira !

*Com muita gritaria de todos se vira o barco , e D. Quixote , e Sancho vem nadando até chegar á praia donde estão os cavallos , e o barco dará na praia , e nella fica virado.*

*Sanch.* Ai , que me afogo , Senhor ! Briguemos agora com as ondas.

*D. Quix.* De boa escapámos , Sancho , beijar quero a terra , que me livrou da morte.

*Sanch.* Senhor , beije-me aqui que tudo he terra : ai , ainda não creio ! Diga-me por vida sua : ainda estamos no rio , ou já estamos em terra firme ?

*D. Quix.* Graças a Dulcinéa , que estamos livres do perigo. Oh malevolos encantadores , que me perseguis por mar , e terra , só por não livrar aos miseraveis afflictos !

*Sanch.* O que eu sentia não era o morrer , era morrer afogado em agoa , podendo morrer afogado em vinho ; e tu , burro dos meus olhos , dá-me mil abraços , e dous beijos , que já cuidava que te não via mais em minha vida.

*Sabem dous homens com páos nas mãos.*

*Hom.* Quem fez aquillo no meu barco ?

*Sanch.* Ninguem fez aquillo por vida minha , e cheire-o Vossa Mercê , e verá.

*Hom.* Hão de pagar-me o meu barco , senão com este varapão lho tirei do corpo , mag. nos vádios.

*D. Quix.* O' canalha rude , ó vil profapia de Acheronte , assim se falla com os Cavalleiros andantes ? Tomai.

*Sanch.*

*Sanch.* Ai, que estou varado ! Confissão, que me alombáráo.

S C E N A II.

*Mutação de montaria de caça com caçadores ; hum Fidalgo, e huma Fidalga, &c.*

*Fidalgo.* **S** Em dúvida, Senhora, que estima-  
rei que neste dia todos os brutos  
se prostrem rendidos, para que tenhais o di-  
vertimento que pertendeis.

*Fidalga.* Bem conheço, Senhor, que o vosso  
intento não he outro mais que o buscares oc-  
casões com que me divirta da cruel melan-  
colia que me persegue.

*Fidalgo.* Se bem que escusadas erão as armas,  
pois á vista dessa belleza quem não cabirá  
morto ? E a terem os brutos noticia da vossa  
vinda a este monte, elles mesmos buscarião  
o encontro para terem a fortuna de serem  
despojos do vosso braço.

*Fidalga.* Senhor, deixemos por ora lisonjas,  
pois bem reconheço o que tenho em mim,  
e o que me fazeis he nascido mais do vosso  
capricho que do meu merecimento ; mas se  
me não engano lá vejo vir dous Cavalleiros.

*Fidalgo.* Muito estimo, pois elles nos ajuda-  
ráo a passar a tarde na caça para que os con-  
vidaremos.

*Sabem D. Quixote, e Sancho a cavallo.*

*Sanch.* Ora graças a Deos, que estamos entre  
animaes : diga Vossa Mercê agora que isto  
tam-

tambem he encanto , e que aquella mocetona que alli está , e mais aquelle rufião , que são gigantes.

*D. Quix.* Sancho , eu não fou tão tollo como me fazes , bem sei o que he caçada , e o que são gigantes ; aquella deve ser alguma grande Senhora que anda caçando ; he torçoso que a vamos comprimentar : pega no estribo que eu me apeio.

*Sanch.* Vá descendo , que eu lhe vou pegar na espórra.

*Ao aprear-se D. Quixote , cabe do cavallo , e Sancho tambem ao aprear-se fica debaixo do burro , e acode o Fidalgo , e a Fidalga.*

*D. Quix.* Sancho de todos os diabos , escudeiro infernal , acode-me , que fiquei descomposto.

*Sanch.* Pois eu fiquei composto , que fiquei cuberto com a albarda do burro.

*Fidalgo.* Senhores , tenham mão , levantem-se.

*Fidalga.* Honrado Cavalleiro , dai-me cá a mão , levantai-vos.

*D. Quix.* Diana destes bosques , por caçadora , e por Planeta , se a medicina da quéda havia de ser tão soberana , não me arrependo de haver cahido , e mais quando o cahir aos pés de vossa grandeza , he levantar-me ao auge da maior felicidade.

*Fidalga.* Sois discreto.

*Sanch.* Só eu cahi no que era caça ; digo , Senhora , que o cahir aos pés de vossa magnífica , e excellencial Altura , foi porque cahi do meu burro com a pressa de ir pegar no es-

tribo a meu Amo ; mas vejo agora que se hum burro me derruba , huma jumenta me levanta.

*Fidalgo.* Como vos chamais ; honrado Cavalleiro ?

*D. Quix.* D. Quixote de la Mancha.

*Fidalgo.* Que dizeis ? Não sabeis o quanto estimo ver-vos ; pois ha muito tempo que a fama do vosso nome tem grangeado a attenção de toda Hespanha.

*Fidalga.* Marido , este he o célebre D. Quixote ? Temos muito que rir , e nós o faremos mais doudo. Vós não sois por outro nome o Cavalleiro da triste figura ?

*D. Quix.* Algum dia tive esse appellido , mas agora depois que matei hum Leão me chamo o Cavalleiro dos Leões.

*Fidalga.* E vós não sois Sancho Pança ?

*Sanch.* Por meus negros peccados : Oxalá que nunca o fora.

*Fidalga.* Sancho , não vos agastéis , que daqui em diante achareis em mim o amor de mãe , e vos quero para meu perrexil.

*Sanch.* Para perrexil ! Isso não ; se Vossa Altura me quer para alcaparra , com muito boa vontade.

*Haverá muita gritaria , e sabirá hum porco que dá com Sancho no chão , e D. Quixote o mata.*

*D. Quix.* Espera , cerdoso bruto , que te farei humilhar aos pés desta deidade.

*Sanch.* O' minha Senhora , diga áquelle javali que esteja quieto , e que não entenda comigo.

Ai , Jesus ! ( *Cabe.* ) Ah Senhora ? Ah Senhor

nhor D. Quixote ? Ai , que me desmaio !

*D. Quix.* Senhora , já morreo o bruto ; sinto não ser hum gigante para o pôr aos pés de Vossa Grandeza.

*Fidalga.* Sancho , Sancho , bem podes tornar em ti que o javali já está morto.

*Sanch.* Huma vez que está morto mande-o guisar que o comerei a bocados.

*Fidalga.* Sancho , não cuidei que creis tão fraco.

*Sanch.* Senhora , isto não he fraqueza he medo. Tomára que Vossa Altura me tirára o quebranto , que não posso acabar comigo ser valente huma vez sequer ; digo que o tenho , porque me vejo quebrantado.

*Fidalgo.* Senhor D. Quixote , Vossa Mercê ha de se servir de vir para meu Palacio descansar hum par de dias.

*D. Quix.* Mercês de Senhores não se rejeitão , hirei para criado dessa nobre casa.

*Fidalga.* Sancho , vós haveis de fazer hoje penitencia comnosco.

*Sanch.* Isso não ; penitencia faça-a quem quiser , que eu ainda me não acho com a idade precisa. Vamos comer alguma cousa.

SCENA III.

*Mutação de Sala, onde estará huma meza com cadeiras.*

*Fidalgo.* **S**enhor D. Quixote, sente-se na cabeceira da meza.

*D. Quix.* Isso não; Vossa Grandeza ha de assentar-se que em tudo tem o primeiro lugar.

*Fidalgo.* Vossa Mercê he que tem o primeiro lugar nesta casa, sente-se.

*Sanch.* A'cerca disso contarei huma historia que succedeo não há vinte annos. Convidou hum Fidalgo do meu lugar, mui rico, e principal, porque descendia do Neptuno do Rocio, que casou com D. Rigueira das Fontainhas, que foi filha de D. Chafariz de Arroyos, homem sobretrancão, e secco, o qual se afogou em pouca agoa, por causa de hum furto que lhe fizerão, de que se originou aquella célebre pendencia das enxurradas, na qual se achou presente o Senhor D. Quixote que veio ferido em huma unha; não he verdade, Senhor?

*D. Quix.* Acaba já com essa historia antes que te faça callar.

*Fidalga.* Deixe Vossa Mercê fallar a Sancho que gôsto muito de ouvilho, que he mui discreto.

*Sanch.* Discretos annos viva Vossa Altura: como von contando, vai senão quando.... Aonde hia eu, que já me esquece?

*Fidalga.*

*Fidalga.* Na pendencia das enxurradas.

*Sanch.* Ah, sim, lembre-me Deos em bem; este Fidalgo que eu conheço como as minhas mãos, porque da sua á minha casa não se metia mais que huma estrebaria, convidou, como vou dizendo, este Fidalgo a hum Lavrador pobre, porém honrado, porque nunca pario.

*D. Quix.* Acaba já com essa historia.

*Sanch.* Já vou acabando: chegando o tal Lavrador a casa do Fidalgo convidador que Deos tenha a sua alma na Gloria, que já morreo, e por final dizem que tivera a morte de hum Anjo, mas eu me achei presente, que tinha ido não sei donde.

*D. Quix.* Por minha vida que acabes, senão te moerei os ossos.

*Sanch.* Foi o caso, que estando os dous para sentar-se á meza, o Lavrador porfiava com o Fidalgo, que tomasse a cabeceira da meza, o Fidalgo porfiava tambem que a tomasse o Lavrador, tem daqui, tem dalli, até que enfadado o Fidalgo disse ao Lavrador: assentai-vos, villão-ruim, aonde vos digo; porque onde quer que eu me assentar, essa he a cabeceira da meza. Entrei por humia porta, sahi por outra, manda ElRei que me contem outra.

*D. Quix.* Tu mo pagarás, Sancho, por estas; bem te entendi a historia.

*Sanch.* Mate-me Deos com quem me entende. Senhor, faço saber a Vossa Altura que o Senhor D. Quixote meu Amo, me tem prome-

metido huma Ilha para eu ser Governador della, e até aqui vivo em esperanças; mande Vossa Altura que ma faça boa, senão não o quero mais servir.

*Fidalga.* Eu vos prometto dar huma Ilha; por tão pouco não vos vades do serviço de vosso Amo.

*Sancho.* Senhora, se tal Ilha alcanço não se me dá de quantos Reinos tem o Mundo.

*Fidalga.* Fazei hum memorial, e nelle vos despacharei.

*D. Quix.* Que importa que Vossa Grandeza faça a Sancho a mercê da Ilha para governalla, se elle nega haver amor?

*Sancho.* E que tem cá o amor com a Ilha?

*D. Quix.* Homem, se não tiveres amor como has de governar bem aos moradores della?

*Sancho.* Venha a Ilha, que eu terei amor aos meus subditos, e lhe farei muito bem a caridade.

*D. Quix.* Isso sim; mas tu negas que ha Dulcinéa, e assim negas que ha amor.

*Sancho.* Eu não nego que há Deidades a quem se deve render tributo no templo da formosura, mas que haja Dulcinéas *ex parte objecti* concedo, *à parte rei* nego; e mais de que, para mostrar o que he amor, melhor me explicarei cantando.

*Canta Sancho a seguinte*

A R I A.

Virão já vossês hum gato,  
Que miando pela casa,

Tu-

Tudo arranha , tudo arraza ;  
 E caçando o pobre rato ,  
 Este gincha , que o não rape ;  
 Dalli diz-lhe a moça çape ,  
 E o gato responde *mian* ,  
 E a Senhora grita *xó* ?

Dessa sorte , amor tyranno  
 Faz das unhas duras flechas ,  
 Que atrependo da alma ás bréchas  
 Corações , frossuras , bofes ,  
 Come , engole , e faz em pó.

*Haverá dentro terremoto , e sahirá hum Diabo a cavallo em hum burro.*

*Diabo.* Qual de vós he D. Quixote de la Mancha ?

*D. Quix.* Sou eu , que me quereis ?

*Diabo.* Qual he Sancho Pança ?

*Sanch.* Não fou eu ; que me quereis ?

*Diabo.* Diga sob pena de morte.

*Sanch.* He este criadinho de Vossa Mercê.

*Diabo.* Pois esperai aqui ambos , que vem Merlim tirar do defencanto a Senhora Dulcinéa del Toboso. *Vai-se.*

*Sanch.* Eu não vi Diabo mais cortêz ! Este Diabo devia ser bem criado , e filho de bons pais , porque trata a Dulcinéa por Senhora.

*D. Quix.* Oh quem se víra já na tua vista , amada Dulcinéa !

*Fidalga.* A logração vai sahindo boa ; mui tolo he o tal D. Quixote , e o criado ! *á parte.*

*Sabirá hum carro donde virá Merlim com barbas, e Dulcinéa, e outras figuras, trazendo vélas acézas nas mãos.*

*D. Quix.* O' Sancho, tal estou de contente, e alegre, que tenho este dia pelo mais feliz de quantos tem havido.

*Sanch.* Senhor meu Amo, Vossa Mercê não vê lá em cima do cocuruto do carro huma coufa como espantalho de figueira?

*D. Quix.* Sim, que será aquillo?

*Sanch.* Que será? He a Senhora Dulcinéa del Toboso; não diga nada a ninguem.

*D. Quix.* Ai, Sancho amigo, he possível que os meus olhos tiverão tal fortuna, que chegarão a ver aquella bellissima, formosissima, altissima, e sapientissima Dulcinéa del Toboso, inveja de Venus, e ardor de Cupido?

*Sanch.* Tomára ter dous ovos para frigir em meu Amo, que se está derretando como manteiga.

*Dulc.* D. Quixote, Atlante do valor, columna do templo de Marte, non plus ultra das valentias, braço direito de Aquiles, coração de Pirrho, tu, que sabes entrefachar as delicias de Venus com os rigores de Marte, he chegada a occasião de me desencantares, e livrares do poder destes magos encantadores, que por tua causa, e por emulação do teu valor me tem encantado.

*Sanch.* He lástima! Senhor, acudamos, que a pobre Senhora está posta na espinha. Coitadinha! Coitadinha!

*Dulc.* Estás mudo ? Não me respondes , D. Quixote ? Ora já que o teu amor te não move , movão-te as minhas lagrimas misturadas com o terno de minhas vozes.

*Canta Dulcinéa a seguinte*

A R I A .

Que importa , que a huma féra  
( Ai , infeliz ! ) Tu venças ,  
Se as iras immensas  
De hum monstro cruel , irado ,  
Não podes superar ?

Porque o valor galhardo ,  
Que adorna tanta esféra  
He injúria ao teu ser ,  
Se a mim , que sou mulher ,  
Não sabes libertar .

*D. Quix.* Senhora , atéqui estive arrebatado á esféra de tua formosura , por cuja causa não te respondi ; não quero dizer por palavras o meu offerecimento , e só por obras quero significar o quanto devo fazer por ti , que és o espirito que me animas no corpo de minha alma : dize o que queres que eu faça para livrar te desse encantamento ?

*Sanch.* São mãos perdidas ; agora sim , que se Vossa Mercê brigar com trezentos gigantes , digo que fará muito bem , porque a occasião veio a pedir de boca , e a Senhora Dulcinéa he comezinha .

*Dulc.* D. Quixote , já me vai entrando o accidente encantado , que me impede o fallar ; pois só tenho licença para isso hum quarto de  
ho-

hora , e assim o Senhor Merlim te dirá quem ha de ser o instrumento do meu defencanto , o como , e o quando.

*D. Quix.* Oh que dor ! Agora lhe den o encantado accidente na boca para não fallar.

*Sanch.* Se foi na boca o accidente , seria de gotta coral , porque ella a tem bem vermelha.

*Merl.* *D.* Quixote valente , esta que vês he a tua amada Dulcinéa , que por teu respeito a quero defencantar ; mas ha de ser levando Sancho Pança trezentos açoutes bem puxados.

*Sanch.* Diga-me , Senhor Merlim , que tem o meu cú com o defencanto da Senhora Dulcinéa ?

*Merl.* Assim o dispõe os Astros , e os fados o determinão.

*Sanch.* Pois entenda que ficará encantada para secula seculorum , que livre está que eu me açoute por ninguem.

*D. Quix.* Sancho , coração de pedra , alma de cantaro , entranhas de pedernal , não te movem aquellas lagrimas ? Leva os açoutes por tua vida , tem lastima daquella flor , que apenas nasceo no jardim da belleza logo encontrou desmaios nos encantos.

*Sanch.* A'que d'ElRei , digo que me não quero açoutar ; açoute-se Vossa Mercè já que he penitente de amor.

*D. Quix.* Meu Sancho , meu fiel amigo , deixa-te açoutar ; illo que vem a ser ? Não negues huma cousa que está na tua mão.

*Sanch.* Na minha mão nego , no meu cú não me depressa.

*Fidalga.* Quem não he para aturar trezentos açoutes , menes aturará o pezo do governo de huma Ilha ; ide , que fois para pouco , villão-ruim : que fazeis vós em fazer o que vos pede huma Dama afilieta ?

*Sancho.* Senhora , não tem remdio ? Se nasci para ser desgraçado venhão estes açoutes c'os diabos : ai , desgraçada Ilha , que tanto me custa ! Ah Senhor Diabo , haja-se com compaixão comigo , que eu lhe prometto se me escape desta hum cá de servas com molduras de paparraz. Ai ! hum , dous , vinte ; ai cá da minha alma ! *Leva Sancho os açoutes.*

*D. Quix.* Calla-te , Sancho , calla-te , que já lá vai ; és fiel companheiro.

*Sancho.* Sou hum dardo para elle , valha-o não fei que diga. Olhe , Senhora Dulcinéa , que taes tenho as bebas para mor de Vossa Mercê.

*Merl.* Já Dulcinéa está desencantada , graças a Sancho Pança.

*Fidalgo.* Para bem vos seja , Senhor D. Quixote , o desencanto da Senhora Dulcinéa.

*D. Quix.* Será para que Vossa Grandeza tenha mais huma criada para o servir.

*Fidalga.* Ora Sancho Pança , na verdade que fizestes huma acção a mais louvavel que se pôde considerar , digna de se estampar em cortiça com letras de alvaiade : logo logo , vos mando ser Governador dessa Ilha ; ide , que espero de vós me façais bons serviços , pois fois homem de esperanças.

*Sancho.* Serviços de esperanças são verdes , entendendo a Ilha ferá nas Caldas. *D.*

*D. Quix.* Sancho , vê que vás a governar ; olha que deves ter diante dos olhos a Justiça.

*Sanch.* Sim Senhor , eu logo a mando pintar , e a porei diante dos olhos.

*D. Quix.* Não te corrompas com dadivas.

*Sanch.* Eu me salgarei para me não corromper.

*D. Quix.* Sancho , em duas palavras : Amar a Deos , e ao teu proximo como a ti mesmo.

*Sanch.* Amen.

S C E N A IV.

*Mutação de Sala de azulejos. Sabem varias danças , hum Meirinho , hum Escrivão , e dizem: Viva o nosso Governador Sancho Pança.*

*Sanch.* **E**M fim , não há cousa nesta vida que se não vença com trabalho. He possível que me veja eu feito Governador ! De verdade parece-me que estou sonhando. Ora o certo he que não ha cousa como ser escudeiro de hum Cavalleiro andante ! Ah sô Meirinho , endireite essa vara , e não ma troça á justiça ; saiba Dees , e todo o Mundo que me quero pôr recto com a sua espada.

*Meir.* Ora já que Vossa Mercê fallou em espada , e Justiça , diga-me , porque pintarão a Justiça com os olhos tapados , espada na mão , e balança na outra , pois ando com esta dúvida , e ninguem ma pôde dissolver , e só Vossa Mercê ma ha d'explicar como sabio em tudo ?

*Sanch.* Que me faça bom proveito ; dai-me at-

renção , Meirinho. Sabei primeiramente que isto de Justiça he cousa pintada , e que tal mulher não ha no Mundo , nem tem carne , nem fangue , como v. gr. a Senhora Dulcinéa del Toboso , nem mais , nem menos ; porém como era necessario haver esta figura no Mundo para meter medo á gente grande , como o papão ás crianças , pintarão huma mulher vestida á tragica , porque toda a Justiça acaba em tragedia , taparão-lhe os olhos , porque dizem que era vesga , e que metia hum olho por outro ; e como a Justiça havia de sahir direita , para não se lhe enxergar esta falta lhe cobrirão depresso os olhos. A espada na mão significa que tudo ha de levar á espada , que he o mesmo que a torto , e a direito. Os Doutores que fallão nesta materia não declarão se era espada colobrina , loba , ou de foliga ; mas eu de mim para mim entendo que desta espada a folha era de papel , os terços de Infantaria , os côpos de vidro , a maçã de craveiro , e o punho secco ; na outra mão tinha huma balança de dous fundos de melancia como a dos rapazes ; não tem fiel , nem fiador , mas com tudo dá boa conta de si , porque esta moça se não tem quem a defencaminhe he mui fizuda. Algum dia podia eu ler de ponto nesta materia , porque vos posso dizer que criei a Justiça a meus peitos ; mas as Cavallarias do Senhor D. Quixote fizeram-me com que fechasse os livros , e desembainhasse as folhas.

*Meir.* Já entendo o enigma ; posso agora mandar vir os feitos para a Audiencia ?

*Sanch.* Oh magano ! Feitos na Audiencia ! Aqui he Secreta ? Como se chama esta Ilha ?

*Escr.* A Ilha dos Lagartos.

*Sanch.* Pois quando a crismarem mudem-lhe o nome , e chame-se a Ilha dos Panças em memoria da minha barriga. Pergunto mais : a quanto está a canada de vinho ?

*Meir.* A seis vinteis.

*Sanch.* Logo , logo com pena de morte se põha a dez reis ; não quero que por falta de vinho deixe de haver bêbados na minha Ilha ; mandai vir as partes para a Audiencia.

*Sabe hum homem.*

*Hom.* Senhor Governador ?

*Sanch.* Que quereis ao Senhor Governador ?

*Hom.* Senhor Governador peço Justiça.

*Sanch.* Pois de que quereis que vos faça Justiça ?

*Hom.* Quero Justiça.

*Sanch.* He boa teima ! Homem do diabo , que Justiça quereis ? Não sabeis que ha muitas castas de Justiça ? Porque ha Justiça direita ha Justiça torta , ha Justiça vesga , ha Justiça cega , e finalmente ha justiça com velidas , e cataratas nos olhos ?

*Hom.* Senhor , seja qual for , eu quero Justiça , Senhor Governador.

*Sanch.* Humia vez que quereis Justiça : O' lá ; ide-me justificar esse homem em tres páos.

*Hom.* Tenha mão , Senhor Governador , que eu não peço Justiça contra mim.

*Sanch.* Pois contra quem pedis Justiça ?

*Hom.* Peço Justiça contra a mesma Justiça.

*Sanch.* Pois que vos fez a Justiça ?

*Hom.* Não me fez Justiça.

*Sanch.* Atéqui ao que parece , o vosso requerimento he de Justiça ; ora andai , dizei de vossa Justiça em tres dias.

*Hom.* Isso he muito summario.

*Escr.* Senhor , não saberemos o que pede este homem ?

*Sanch.* Homem , que he o que pedis ?

*Hom.* Peço recebimento , e cumprimento de Justiça.

*Sanch.* E de que cumprimento quereis a Justiça ?

*Hom.* Seja do cumprimento que for , que eu com tudo me contento.

*Sanch.* O' Meirinho , ide á gaveta da minha papeleira de chorão da India , e entre varias bugiarias que lá tenho tirai huma Justiça pintada que lá está , e dai-a a este homem , e que se vá embora.

*Hom.* Senhor , eu não quero Justiça pintada.

*Sanch.* Pois beberrão , não sabeis que não ha nesta Ilha outra Justiça senão pintada ? O' Meirinho , lançai-me este bebado pela porta fóra , que nenhuma justiça tem no que pede.

*Hom.* Vio-se maior injustiça ! *Vai-se.*

*Sabe o Meirinho trazendo prezo hum homem.*

*Meir.* Senhor , este Taverneiro foi agora apanhado neste instante deitando agoa em huma pipa de vinho ; que se lhe ha de fazer ?

*Sanch.* Agoa em vinho ! Ha maior insolencia !

O' homem do diabo , e não te cahio hum raio nessa mão ? Logo seja enforcado sem appellação , nem agravo , tenho dito.

*Tav.* Senhor , este Meirinho mente.

*Sanch.* Isso he outra cousa ; huma vez que o Meirinho mente , ide-vos embora ; mas ouvís ? Mandai-me hum almude desse vinho , que quero ver se tem agoa.

*Tav.* Viva Vossa Mercê muitos annos. *Vai-se.*  
*Sabe huma Mulher.*

*Mulh.* Senhor Governador , venho queixar-me a Vossa Mercê de huma insolencia.

*Sanch.* Como pede , ide-vos embora.

*Mulh.* Se Vossa Mercê ainda me não ouviu como já me despacha ?

*Sanch.* Pois eu não posso deferir sem ouvir-vos ?

*Mulh.* Senhor , foi o caso : Eu sou huma moça donzella , e solteira , fui peccadora , cahiu na tentação do diabo ; hum magano . . . já Vossa Mercê me entende , e agora diz que não quer casar comigo.

*Sanch.* Pois não caseis vós com elle , que esse he o maior despique que ha nesta vida.

*Mulh.* Senhor , eu quero casar , mas elle não apparece , supponho que fugio.

*Sanch.* O' lá , merão essa Mulher na cadeia com huma corrente ao pescoço , e grilhões aos pés , bem carregada de ferros até apparecer o homem com quem ella quer casar.

*Mulh.* Senhor , isso he contra a Justiça , veja Vossa Mercê que eu sou huma mulher que nunca fui preza.

*Sanch.*

*Sanch.* Por isso mesmo ; andáte.

*Mulh.* Que isto se permita no Mundo !

*Meir.* Ainda cá não entrou Governador mais recto , nem mais sabio.

*Sanch.* He para ver ! Não , comigo ninguem ha de brincar.

*Sabe outro homem gritando.*

*Hom.* A'que d'ElRei que me mataráo ; não ha Justiça nesta Ilha ?

*Sanch.* Que tens , homem ? De quem te queixas ?

*Hom.* Senhor Governador , eu estou passado de meio a meio ; não posso fallar , porque estou morto.

*Sanch.* Não podeis fallar , porque estais morto ? O' lá , tragão a alma deste homem aqui em corpo , e alma , e metão-lha á força para que falle , que não he razão que fique a República offendida na impugnação do delicto.

*Hom.* Senhor Governador , ouça Vossa Mercê o caso mais atróz que tem succedido nesta Ilha , prepare os pasmos , tenha prompta a admiração , e defenrole as attenções para me ouvir.

*Sanch.* O' lá , Meirinho , mandai preparar os pasmos , tende prompta a admiração , e defenrolai as attenções , para se ouvirem neste Tribunal as queixas deste Author de seu delicto , que assim como a ninguem se pôde negar a vista , como dispõe o *text. in l. Cæcus §. Tortus ff. de his , qui metit hum olho por outro* , e com muitos o prova Páo Molle

no *Cap. das Codeas*; tambem da mesma forte o ouvido se não deve fechar para ouvir os queixosos, como dispõe o l. *das doze taboas de Pinho na segunda estancia de Madeira, Cod. de Barrotis.*

*Escr.* Este homem he hum burro de textos.

*Sanch.* Homem, dizei a vossa queréla, que eu tiro a cêra dos ouvidos para vos ouvir.

*Hom.* Senhor, foi o caso. . . . .

*Sanch.* Basta, não me conteis mais, basta que esse foi o caso. Ha maior insolencia! Que assim se perca o respeito á Justiça! O' lá, ó lá.

*Hom.* Senhor, escute Vossa Mercê, que ainda isto não he nada; ouça-me Vossa Mercê até o fim.

*Sanch.* Quem ouvio esse caso não tem mais que ouvir senão logo fazer Justiça a torto, e a direito. O' Meirinho, mandai logo levantar huma forza no meu gabinete para que mais publicamente seja castigado o delinquente.

*Meir.* Senhor, que delinquente, se Vossa Mercê ainda não ouvio quem era?

*Sanch.* He tal a vontade que tenho de fazer Justiça, que logo me sóbe a cólera huma mão travessa pelo espinhaço affima, de sorte que se não me advertis que ainda se não tinha dito quem era o delinquente, era eu capaz de mandar enforcar a vós Meirinho, que era a pessoa mais prompta que aqui tinha mais á mão de semear.

*Hom.* Senhor Governador, faça Vossa Mercê de conta.

*Sanch.* Tenho feito de conta ; que mais ?

*Hom.* Que indo eu andando , andando , andando.

*Sanch.* Ainda não acabastes de andar ? Arre lá com tal andar ! Sois mui bom para andarilho.

*Hom.* Indo pois andando.

*Sanch.* Andai , homem , isso já está dito , não me façais criar apostemas , que os instantes que tardo em dar execução á Justiça , são eternidades de penas que me encaixais nas ilhargas.

*Hom.* Quando eu , eis que hia andando manso , e pacífico sem fazer mal a ninguém , estava hum burro atado a huma porta , quiz passar , pedi-lhe licença , não me respondeo ; tornei-lhe a pedir com palavras cortezes , e levantando os pés do chão pespegou-me com duas pelotas de ferro bem na boca do estomago , de sorte que me fez deitar a bósta pela boca. Este he , Senhor , o caso ; supplico a Vossa Mercê que não fique sem castigo este insulto.

*Sanch.* Não ficará por certo , e juro á fé de escudeiro andante , e pelas ramélas de minha muito desprezada Mulher a Senhora D. The-reza Pança , que ha de ver o Mundo o exemplar castigo de tanta culpa.

*Hom.* Ai , Senhor Governador , aqui , aqui bem na boca do estomago he todo o meu mal.

*Sanch.* Vêde lá não seja isso fome ? A graça he que se assim como o estomago tem boca , tivera dentes , que o tal burro lhe deitava os dentes fóra. Dizci-me , homem ; esse jumen-

to que vos deu os couces de que tamanho será?

*Hom.* Eu não tenho aqui com quem o comparar.

*Sanch.* Olhai bem para mim; será da minha estatura?

*Hom.* He o que póde ser.

*Sanch.* Bem está; pois vá o Meirinho com vósco, e chéguem-se ao burro de mansinho, e digão-lhe: prezo da parte do Senhor Governador; e bem atarracado o tragão aqui perante mim.

*Vão-se o Meirinho, e o Homem, e trazem o burro.*

*Meir.* Eis-aqui o delinquente prezo, que me custou bem a agarrallo.

*Hom.* Senhor Governador, este he o agressor; e este he o que me ferio, ponha-lhe a lei ás costas.

*Sanch.* Veirão Vossas Mercês quem anda perturbando a República! Dize, burro de Satanás: que mal te fez este homem para o maltratares desta sorte? O diabo do burro não responde, certos são os touros! Elle que se calla commetteo o delicto, assim como nós aqui estamos. Como te chamas, burro? De quem és? Donde moras? Quem he teu pai? Que dizes? A nada o burro se move; deve ser burro velho, pois se cerra á banda, e não quer fallar. O' Meirinho, vós conheceis acaso este burro, que fois mais veterano neste Paiz?

*Meir.* Com que Vossa Mercè se está fazendo  
de

de novas? Vossa Mercê não conhece que este he o seu burro, ou o ruço por alcunha? Isto he mal permittido, que talvez o burro fiado em Vossa Mercê ande fazendo estes insultos. Agora veremos a sua Justiça. *á parte.*

*Sancho.* Ha maior desgraça! Ai, burro da minha alma, quem te dissera a ti que eu havia de ser o mesmo que te sentenciasse? Por isso ao entrar me deitou huns olhos como quem me dizia que me houvesse com elle com compaixão. Não tem remedio, hei de sentenciar-te; o que poderei fazer he não dar execução á sentença. O' lá, ninguem ouça isto. *á p.*

*Hom.* Senhor, despache-me Vossa Mercê, quando não farei hum desatino.

*Sancho.* Para que saiba o Mundo a minha inteireza, e incorruptibilidade, oução todos, que ainda com ser o burro meu lhe dou a sentença seguinte.

*Vai dictando Sancho a sentença.*

Visto este burro, accusação do Author, provas dadas por huma, e outra parte, mostra-se, que hindo o Author roçando-se pelo pé d'elle Réo burro, que por nome não perca, alçando o pé esquerdo despedio hum couce, que pregando na barriga d'elle Author, salvo tal lugar, o estendeo como hum cação; e porque consta da fé do Meirinho que presente está, e não me deixará mentir, que o dito Réo burro trazia escondido no pé huma ferradura de ferro, e como semelhantes armas sejam prohibidas, e defezas, por serem armas

curtas , mando que elle dito Réo burro seja desferrado , e vá passear sem albarda pela feira das bestas , exposto á vergonha dos mais burros seus camaradas , para que se lhe faça a face vermelha , por me constar que he burro de vergonha. Item , que não possa ser pai de burrinhos , nem que se deite a lançamento. Item , que seja lançado á margem na Cotovia , onde não comerá senão relva , ou cascas de melão , e melancia , como burro de Agoadeiro , e pagará as custas , e todas as perdas , e damnos em que o condemno , &c. Ilha dos Panças alargados , &c.

*Todos.* Viva o nosso Governador Sancho Pança , viva para exemplo dos Ministros , e honra das Ilhas.

*Sanch.* Bem folgo que vejais a minha inteireza , pois com ser o burro meu , e tendo-lhe tanto amor , não foi este bastante para deixar de fazer Justiça. Agora quero escrever huma carta a minha Mulher. O' Escrivão , escrevei lá ; ponde em cima a Cruz dos quatro caminhos , e huma alampada accêza.

*Escr.* Senhor , para que he a alampada ?

*Sanch.* Sois asno ? Donde vistes vós Cruz sem alampada ?

*Escr.* Está posta.

*Carta que vai dictando ao Escrivão.*

*Sanch.* Minha Thereza , já sabereis que vos diria o diabo que estou feito Governador em corpo , e alma ; mas com me ver levantado do chão hum covado não he razão que o meu  
amor

amor conjugal vos falte com o débito de minhas letras, ( tres pontos, e quatro vingulas ) porque vós bem sabeis que quando no taboleiro do gosto escolho o trigo do vosso carinho, lanço fóra a esvilhaca da ingratição; pois joeirando as finezas fica crivado o peito da correspondencia; porém indo meu amor á atafona dos extremos, alli se desfazem em pó as caricias do coração; e furtando-me o atafoneiro da distancia as maquinas da vossa vista, peneirão os meus olhos lagrimas, e com ellas amassando a farinha da mágoa no alguidar da saudade, levão em crescimento o suspiro, até que tendendo-se na taboa dos rigores vai para o forno das penas, e alli se coze com o fogo do desejo; e dando ao moço a merendeira do pezar, guardo o pão azedo de vossa lembrança no armario de minhas memorias. ( ponto de interrogação. ) Em fim, Mulher, tenho determinado que andeis em coche vós, e minha filha, a quem peço se lembre que tem hum pai Governador. Ahi vos mando esses caramujos, e esse sacco de arêa, que he o que há nesta Ilha; graças a Deos, que ainda nos dá mais do que merecemos. O burro fica bom, e se recommenda com muitas lembranças, e diz, que hajais esta por vossa, que não vos escreve por ter huns cravos em huma mão, que lhes fez hum ferrador em humas bulhas que tiverão. Vêde se presto para alguma cousa, que vo-la hei de fazer. Ilha dos Lagartos. Vosso Ma-

rido , se quizeres. Sancho Pança , Governador.

Esta Carta será logo entregue.

*Meir.* Sim Senhor. Ora basta já de despacho ; não queremos que Vossa Mercê se esfalte ; nem tudo se ha de levar ao cabo ; venha Vossa Mercê jantar , que o Conselho desta Ilha tem preparado hum magnífico banquete para Vossa Mercê nas casas da Camera.

*Sanch.* Meirinho , jantar de Camera será de coufa que já foi jantada , e assim vêde lá o que dizeis.

*Meir.* Se Vossa Mercê o não quer na Camera será aqui mesmo , e vamos , que depois havemos hir rondar a Ilha.

*Sanch.* Vamos nós reconhecer os pratos , e dai-me de jantar , seja aonde for , porque o ventre *non patitur moras*.

*Meir.* Vamos.

*Vão-se.*

## S C E N A V.

*Mutação de Sala.* Estará huma meza mal ordenada com huma garrafa em cima ; estarão hum Medico , e hum Cirurgião , dous Rebecas , e hum Rebecão , e sabem Sancho , Meirinho , e o Escrivão.

*Sanch.* **Q**uem te dissera a ti , pobre Sancho Pança , que da rustica choupana de tua Aldea havias de chegar a tanta honra ! Sem dúvida , que o apparatus desta meza he digno de jantar nella hum absoluto Principe ?

Se

Se isto he no preparatorio , que será na co-dea ! Ai , esfaimado Sancho Pança , desta vez tirarás o ventre de miseria ; quem me dera ter nesta occasião sete bocas , dez gorgomillos , quatro ordens de dentes , e oito bandulhos para devorar , e engolir tanta comezana !

*Meir.* Senhor Governador , sente-se Vossa Mercê.

*Sanch.* O' meu rico Meirinho do meu coração , dizei-me quem são estes dous bigorrilhas ?

*Meir.* Este he o Medico , e este he o Cirurgião , que ambos costumão assistir nos banquetes que se dão aos Governadores por grandeza , e estado.

*Sanch.* Eu lhe perdoára o estado , com tanto que a grandeza só fora no comer. E quem são estes de cabelleira loura muito bulliçosos ?

*Meir.* Estes são os que tangem varios instrumentos em quanto se come para excitar o appetite.

*Sanch.* Eu escuso accepipes para comer , pois o tenho para seis bois.

*Tocão os instrumentos muito desafinados.*

*Meir.* Que tal tangem ?

*Sanch.* Essa tocata he de rigor , parece feita por folta.

*Med.* Senhor Governador , ora por vida sua que nos faça a honra de comer ; faça-nos este gosto por quem he.

*Sanch.* Não he necessario tanto rogo ; este Medico rem feição.

*á parte.*

*Med.* Primeiramente , Senhor Governador , ha de Vossa Mercê comer com parcimonia.

*Sanch.*

*Sanch.* Parcimonia he cousa de comer ?

*Med.* Parcimonia he comer com temperança.

*Sanch.* Isso de temperos pertence ao cozinheiro.

*Med.* Temperança por outro nome he o mesmo que comer pouco, e com regra; pois conforme a melhor opinião dos modernos, o muito comer estraga a natureza.

*Sanch.* Ainda esta he peor ! Ora digo-vos que sois hum asno. O comer muito he proveitoso para a barriga, porque se enche; pois conforme a melhor Filosofia *non datur vacuum in rerum natura*, e assim hei de comer.

*Cirurg.* Senhor Governador, com licença de Vossa Mercê, antes que coma he preciso fazer huma diligencia do meu officio da Cirurgia.

*Sanch.* Entendo que este banqueiro tem algum apóstema que o Cirurgião quer tambem metter a tenta; vamos lá, que he isso?

*Cirurg.* Quero endireitar-lhe o pescoço, tenha-o sempre direito, não o troça quando comer, porque facilmente póde quebrar alguma veia.

*Sanch.* Não me deixareis comer como eu quizer? Que tendes que eu coma torto, ou direito? Vós cuidais que esta he a primeira vez que eu como na minha vida?

*Med.* Senhor, huma cousa he comer como escudeiro, e outra como Governador; e como tal queremos que Vossa Mercê coma como manda a arte Medica, e Cirurgica; pois a conservação da sua vida nos importa em muito, como unico refugio em que se estriba a nossa esperança.

*Sanch.*

*Sanch.* Seja o que vós quizerdes , e deixai-me comer ; venha a sopa.

*Med.* Isso he sopa ? Nada , fóra ! Não coma Vossa Mercê sopa , que he muito nutritiva , geradora , damnosa , fanguinaria , e lhe póde resultar hum estupor.

*Sanch.* Com que a sopa faz estupor ? Vós he que sois o estupor da sopa. Hei de comella , mas que me dem duzentos estupores.

*Med.* Requeiro a Vossa Mercê da parte da faude , que não coma sopa , que nesta Ilha a sopa prova muito mal.

*Sanch.* Isso he porque vossês não sabem provar bem a sopa.

*Med.* Ora Senhor Governador , deixe Vossa Mercê isso , pois não falta comer em que Vossa Mercê se possa fartar ; coma esse prato de assado.

*Cirurg.* Não , com licença de Vossa Mercê , Senhor Doutor , tambem agora não he lícito que o Senhor Governador coma assado , que lhe póde ferir a garganta , pelo torrado do forno , e pela acrimonia do molho.

*Med.* Pois não coma assado se a Cirurgia assim o manda.

*Sanch.* Com que vossê , Senhor Doutor , he Juiz da consciencia da minha barriga ? Está galante historia dizer lá o bigodes do Cirurgião , que o assado faz mal á garganta !

*Meir.* Senhor Governador , o que os Senhores dizem tudo he para seu bem , e elles que o dizem bem o entendem.

*Sanch.*

*Sanch.* Meirinho, eu sempre ouvi dizer que quem te dá o osso não te deseja ver morto, e estes Fyficos não só me não dão a carne, mas rambem me não dão o osso, e senão dizei-me, para que me convidarão estes Senhores se me não deixão comer?

*Med.* Essa he boa! Nós lhe prohibimos o que he nocivo; ahí não faltão manjares para Vossa Mercê comer.

*Sanch.* Ora está bem, vamos comendo estas perdizes.

*Med.* Tá tá; perdizes por nenhum caso, são perniciosas á vida do homem.

*Sanch.* A'que d'ElRei, Senhores: há quem tal diga da perdiz, que se come com a mão no nariz, por ser tão excellente, que he necessario apertar-se o nariz para que não entre por elle?

*Med.* Senhor Governador, dê-me attenção. A perdiz, como diz Averróes, he muito indigesta: *Omnis saturatio mala, perdix autem pessima.*

*Sanch.* Ora Senhores, deixem-me já por caridade comer aquelle prato de vaca, para consolação desta pobre pança; pois sempre ouvi dizer a meu Amo, que *vacare culpa, magnum est solatium.*

*Med.* Olhe Vossa Mercê, Senhor Governador, não duvidamos que a vaca he generoso alimento, porém como Vossa Mercê ainda não comeo cousa alguma, não he licito que coma vaca estando em jejum, porque a vaca he

alimento mui forte ; e como o estomago está fraco , peleja o forte com o fraco , e he forçoso que fique o fraco vencido , e do vencimento póde resultar a morte mui facilmente.

*Sanch.* Visto isso tambem estou inhabilitado para comer vaca ?

*Med.* Por ora sim.

*Sanch.* Que por ora , se eu por instantes me estou desfaiando com fraqueza ? Deixem-me comer aqualle prato que alli está , que morro com fome.

*Med.* Senhor , está louco ? Quer comer pratos ? Não vê que he de estanho , e que lhe póde fazer huma grande obstrucção na barriga ?

*Cirurg.* Ui , Senhor , estanho não he bom para o estomago , nem derretido quanto mais cru.

*Sanch.* Ora isto he já pouca vergonha ; hei de comer o que eu quizer , pois sou Governador em chefe com mero mixto imperio nesta Ilha , e seus arredóres.

*Med.* Senhor , tenha mão.

*Sanch.* Sim , tenho mão para vos dar muita bofetada a vós , Medico de ourinas , e a vós , Cirurgião de trampa.

*Meir.* Senhor , não coma , que lhe póde fazer mal , que o dizem os Senhores.

*Sanch.* Se o comer faz mal , tambem o não comer o faz , e se hei de morrer de não comer , quero morrer comendo : Morra Martha , morra farta.

*Haverá grande bulha sobre o comer , ou não comer.*

*Med.* Acudão todos , que o Senhor Governador se quer matar por suas mãos.

*Rebecas.* Senhor, pague-nos Vossa Mercê, que aqui estivemos para tanger rebecas.

*Sanch.* Isso era pagar os açoutes ao verdugo.

*Todos.* A'que d'ElRei sobre o Governador, que nos não quer pagar.

*Cirurg.* A'que d'ElRei sobre o Governador, que se quer matar pelas suas mãos.

*Sanch.* A'que d'ElRei, que me querem matar á fome.

*Meir.* Vamos rondar a Ilha, que he já noite.

*Sanch.* Não quero rondar, levê o diabo a Ilha; há aqui perto alguma taverna?

*Escr.* Ora vamos, que ao depois sem que o Medico, nem o Cirurgião saibão, lhe daremos bem que comer.

*Sanch.* Vêde lá o que dizeis.

*Escr.* Tenho dito, e fie-se em mim.

*Sanch.* Ora vamos rondar; mas esperai, e se acharmos alguns Marujos que nos quebrem os narizes, que conta havemos dar de nós?

*Meir.* Por isso mesmo, para os prender.

*Sanch.* Isso he o mesmo que quebrar hum olho a mim para tirar dous a meu contrario; não Senhor, deixe Vossa Mercê patuscar a quem patusca; já que o não podem fazer de dia deixemo-los patuscar de noite que he sua, e ninguem lha pôde tirar por força.

*Meir.* Vamos, Senhor, senão daremos com Vossa Mercê fóra daqui.

*Sanch.* Vamos, mas olhe que lhe digo, que eu vou como quem vai para a força.

## S C E N A VI.

*Mutação de casas. Estarão alguns rebuçados, e se canta o oitavado, e sabem Sancho, e os Meirinhos rondando.*

*Sanch.* **A** Gora me lembra o meu tempo, quando eu namorava a minha The-reza, isso erão canas! Dei-lhe huma vez hum descante que fazia bailhar as tripecinhas: o demo da rapariga era esquiva como não fei que; huma vez pedi-lhe que me deixasse beijar-lhe a mão, e virou-me o rabo com tanta galantaria, e gentileza, que lho beijei cuidando que era a mão; cantava-lhe o meu oitavado do Inferno, que era como estar hum homem com as vozes do meu canto a dar c'o corpo á fola.

*Meir.* Vamos prender esses maganos.

*Sanch.* Deixai-os, Meirinho.

*Meir.* Senhor, isto he hum desaforo, andar desinquieterando as moças honradas que estão em casa de seus pais.

*Sanch.* Dizeis bem: O' lá, ó Senhores esquina-dos, vossês bem podem namorar sem desinquietar as raparigas.

*Escr.* Vossês não tem respeito á Justiça? Vão-se logo embora.

*Sanch.* O' filhos, não deis escandalo á visinhança, nem deis motivo a disturbios com vossos divertimentos, quando não farei Justiça.

*Hom.* Vamos dar outro descante pela parte do quintal.

*Meir.*

*Meir.* Alli está hum vulto naquella esquina ; reconheça Vossa Mercê quem he.

*Sanch.* Como o hei de reconhecer , se elle está embuçado ?

*Meir.* Por isso mesmo.

*Sanch.* Ah Senhor , desembuce-se lá , olhe que o quero reconhecer ; ai , que já o reconheci !

*Meir.* Quem he ?

*Sanch.* He hum homem que está embuçado.

*Meir.* Pergunte-lhe quem hê , da parte do Senhor Governador.

*Sanch.* Quem he , da parte do Senhor Governador ?

*Hom.* Que lhe importa ?

*Sanch.* Não disse eu que se haviá de agastar ? Vossês não querem tomar o meu conselho.

*Meir.* Torne-lhe a perguntar.

*Sanch.* Quem he , da parte d'ElRei ?

*Hom.* He a perra que o pario.

*Sanch.* Ai , que he minha Mãi ! Mas ella já morreo ; será a sua alma que me vem ver. Diga por vida sua , quem he ?

*Hom.* Sou sua avó torta.

*Sanch.* Mente , magano , que minha avó não era torta , nem na minha geração houverão tortos ; torto será vossê.

*Meir.* Venha prezo da parte d'ElRei.

*Hom.* Digo que não quero ir prezo.

*Sanch.* Vossê não quer ir prezo ? Oihe bem o que diz.

*Hom.* Não quero , tenho dito.

*Sanch.* Pois vá-se embora.

*Meir.*

*Meir.* Que quer dizer não quero ir prezo? Venha logo.

*Sanch.* Meirinho, vós sois terrível; se o homem não quer ser prezo, para que o temos levar contra sua vontade? Não vêdes que pôde dar huma força de nós.

*Meir.* Ora isso he já pouca vergonha! Ha de vir desta forte.

*Hom.* Venha para cá, que eu o enfiarei.

*Puxão pelas espadas, e foge Sancho.*

*Sanch.* Pés para que te quero! Lá vai o Meirinho c'os diabos: de boa escapei eu! *Vai-se.*

*Meir.* Ah Senhor Governador?

*Sanch.* Não deixarão a este pobre Governador lograr o seu governo descançado na cama com as pernas para o ar.

*Meir.* Senhor Governador?

*Sanch.* Mudos sejais vós todos os dias da vossa vida; arre lá com o salvaginha! Bate que parece que piza esparto.

*Escr.* Vossa Mercê não ouve, Senhor Governador?

*Sanch.* Isso he tollice, pois se eu ouvira não houvera responder?

*Meir.* Ora ouça, que estou batendo.

*Sanch.* Com a motinada do bater não ouço nada.

*Meir.* Pois já não bato, ouça Vossa Mercê.

*Sanch.* Huma vez que não bateis entendo que não quereis entrar.

*Escr.* Vossa Mercê parece que não ouve?

*Sanch.* Não poderei ser surdo se quizer? Olhem que está boa.

*Meir.* Senhor, que está a Ilha cercada de inimigos, acuda Vossa Mercê.

*Sanch.*

*Sanch.* A Deos , minhas encommendas ; lá vai o pobre Sancho Pança desta bolada.

*Escr.* Senhor , venha defender a Praça , saiamos a governar como bom Capitão.

*Sanch.* Mandai cantar a Ladainha de todos os Santos , e vereis como se vão.

*Meir.* Ora isto he já pouca vergonha , lá vai a porta dentro.

*Sabe Sancho.*

*Sanch.* Esperem , que eu lá vou para fóra. Vossês estão aqui há muito tempo ?

*Meir.* Ha mais de duas horas.

*Sanch.* Porque não fallavão ? Eu adevinho ? Pois que temos ?

*Escr.* Estamos perdidos.

*Sanch.* Alguem nos achará.

*Meir.* Inimigos na Ilha ; acudamos a defendella.

*Sanch.* Pois façamo-nos seus amigos , e dizelhe que entrem.

*Escr.* Pelejemos , Senhor.

*Sanch.* Isto he mais ; eu sou cá espadachim ? Não basta que elles briguem ?

*Meir.* Senhor , que já elles ahi vem , vamos sahir-lhe ao encontro.

*Sanch.* Tomara-me não encontrar com semelhante gente ; vão vossês brigar se quizerem , que eu fico governando a Ilha.

*Escr.* Senhor , que vem passando tudo a cuté-lo , defendamo-nos.

*Sanch.* Isto he outra cousa. O' lá , todos os nossos Soldados se ponhão em ala com as mãos atadas para trás , para que logo sejam de-

degollados , e quando os inimigos vierem ninguém lhes faça mal ; deixem-lhe tomar a Ilha , que mais val tomada que perdida.

*Meir.* Vamos , Senhor.

*Sabem alguns homens.*

*Todos.* Morra Sancho Pança. Vitoria.

*Sanch.* Morra muito embora , com tanto que me não matem.

*Todos.* Este he o Governador , venha prezo.

*Cabe Sancho no chão.*

*Sanch.* Eu quero morrer antes que me matem.

*Todos.* Elle está morto , enterre-mo-lo.

*Sanch.* Peior está esta ; quem lhe disse a elles que eu queria que me enterrassem ?

*Todos.* Levemo-lo a enterrar.

*Sanch.* Não , eu não sou morto de ceremonias , eu hirei mesmo por meu pé.

*Todos.* Peguem nelle.

## S C E N A VII.

*Mutação de jardim aonde estarão o Fidalgo , a Fidalga , e D. Quixote.*

*D. Quix.* **S**enhora Excellentissima , Fidalguissimo Senhor , não sei aonde pretendem chegar vossas grandezas com tantas liberalidades , quantas são as com que tratão a hum Cavalleiro andante ! Algum dia saberei pagar tantos beneficios , pois tambem os Senhores não se livrão de estarem encantados.

*Fidalga.* Senhor D. Quixote , ainda fazemos pouco , segundo o que merece hum Cavalleiro andante como Vossa Mercê.

*Fi.*

*Fidalgo.* Se a minha casa não estivera tão empenhada, Vossa Mercê víra o nosso primor.

*Sabe Sancho.*

*Sanch.* O diabo leve a ilha, e mais quem me mandou para ella.

*Fidalgo.* Que he isso, Sancho Pança? Que conta me dais da minha Ilha?

*Sanch.* Aonde está a galantaria de me mandar Vossa Reverencia a ser Governador de huma Ilha atreita a inimigos? Elles lá ficão a paz, e a salvo, e eu vim fugindo a unha de burro.

*Fidalgo.* Pois não a soubeste defender.

*Sanch.* Defendi-a até a ultima gotta de sangue, e até me fiz morto a ver se elles fugião, mas os malditos não tem medo de defuntos.

*D. Quix.* Vai-te, cobarde gallinhola; isso he o que aprendeste do meu valor ha tantos annos na escola da minha milicia? Não te hei de ver mais a cara. Que se ha de dizer de mim se tu dás má fama do meu valor?

*Fidalga.* Senhor, os accidentes da fortuna não são deslustres do valor; isto podia acontecer ao mais valente.

*Sanch.* Isso estava eu para o dizer agora, e tirou-me da boca o que eu já tinha entre os dentes.

*Sabe hum Escudeiro.*

*Escud.* Senhor D. Quixote de la Mancha, a Senhora Condessa Trifalde pede licença para falar a Vossa Mercê.

*D. Quix.* Dizei-lhe que entre, com licença dos Senhores.

*Cond.*

*Cond.* Senhor , aos pés de Vossa Mercê busca remedio huma desgraçada Condeffa , a qual vive encantada ha vinte annos com tal extravagancia dos encantadores ; que tendo eu o melhor carão me fizerão crescer na cara as maiores barbas que nunca se virão em homem algum , e affim só o voffo valor me pôde desencantar.

*Sanch.* Esta he mulher de bigode.

*D. Quix.* Senhora , menos rogo , que esse bastava para vos desencantar.

*Cond.* Pois eu chamo hum cavallo no qual subireis á região etherea a desencantar-me , e voffo criado Sancho Pança ha de ir nas ancas.

*Sanch.* Senhora Condeffa Trifraldas , eu sempre ouvi dizer que o dar vinha nas ancas do prometer ; eu já estou defenganado do que dão de si estes desencantos ; com que , sem que me paguem não vou , mais que me frijão.

*Cond.* Dou-te huma joia , que val mil moedas , que tambem está encantada.

*Sanch.* Pois eu vou desencantar a joia , e meu Amo a voffa barbaridade.

*Canta a Condeffa Trifalde a seguinte*

A R I A.

As nuvens com ventos	Tambem Sancho Pança
Soberbos, violentos,	Chegue a montallo ;
Me tragão voando	Porque desta sorte
Hum bello cavallo,	Se veja a mudança
E nelle montado	Do resto , que he morte ,
Dom Quixote vá.	Se barbas se dá.

*Nas ultimas clausulas da Aria desce o cavallo, e montão D. Quixote, e Sancho Pança.*

*Sanch.* Não lhe aperte muito o freio, que he doce da boca.

*D. Quix.* Já passámos a região aerea.

*Sanch.* Aereo está Vossa Mercê. Este cavallo anda, que parece que voa. Para a carga! Este cavallo como vai pelo ar tem muita ventosidade.

*D. Quix.* Esta he a região do fogo, já estamos perto.

*Cabe o cavallo com D. Quixote, e Sancho.*

*Sanch.* Esta he a região da terra; ai, que quebrei as costellas! Ai, Senhora Condessa, ou Senhora alcota, aonde estão as moedas?

*Cond.* Senhor D. Quixote, já estou desencantada, vivais muitos annos; Sancho Pança, as moedas hão de vir para o tempo dellas; a Deos.

*Sanch.* Há maior insolencia! Tu és asno, Sancho? Pois leva, leva. Senhor, eu me resolvo a ir para a minha Aldêa sangrar-me, e purgar-me; pois tenho levado tantas quedas de desgraça, sem que pudesse ter quéda com a fortuna.

*D. Quix.* Senhores, Vossas Grandezas me hão de dar licença, que não he razão esteja aqui tanto tempo sem ir desencantar outras pessoas, visto ter já desencantado esta Condessa.

*Fidalga.* Não posso estorvar a Vossa Mercê este louvavel exercicio das suas Cavallarias.

*Fidalgo.* Viva mil annos o Senhor D. Quixote por tantos desencantos.

*D. Quix.*

*D. Quix.* Senhores , isto em mim sempre foi obrigação. Sancho , vai sellar os cavallos.

*Sanch.* Vamo-nos já desta casa encantada.

S C E N A VIII.

*Matação de bosque. Sabem Sansão Carrasco , D. Quixote , e Sancho , os dous primeiros a cavallo.*

*Carr.* **A** Gora veremos se deste segundo desafio tenho a fortuna da minha parte , e darei quanto possuo se chegar a vencer agora a este D. Quixote , para ver se lhe posso tirar da cabeça a este louco a loucura que tem emprendido. Eu te prometto que tu fiques desenganado , e por estes par de annos não montarás a cavallo. Oh se quizera a ventura que agora o encontrasse ! Mas se me não engana a vista , lá vejo vir hum Cavalleiro ; elle he sem dávida , apressar-me quero. (*Sabe D. Quixote.*) Se fois Cavalleiro andante brigai comigo.

*D. Quix.* Como , se o sou ? Não só com vosco brigarei , mas com mil de vós.

*Sanch.* Mão , isto he caso pensado , e rixa velha.

*Carr.* Investi , Cavalleiro. .

*D. Quix* Investo.

*Cabe D. Quixote:*

*Sanch.* Oh desgraçado , aqui vierão ter fim as tuas Cavallarias andantes ! Ah Senhor , não o mate por vida sua , deixe-o para tronco dos Cavalleiros andantes.

*D. Quix.* Estou vencido ; nem sempre a fortuna me havia de ser favoravel.

*Carr.*

*Carr.* Pois estais vencido , mando-vos que não tomeis armas por espaço de dez annos , e vos recolhais a vossa casa.

*Sanch.* Oh nunca ta mão doa ! Bem hajas.

*D. Quix.* Como bom Cavalleiro devo obedecer ; dizei-me quem fois ?

*Carr.* Eu sou Sansão Carrasco a quem vencestes já huma vez ; agora quizerão os Astros que eu vos venceste , para que vos recolhais em paz para a vossa casa , que assim mo pedio vossa Sobrinha.

*Sanch.* Ora , Senhores , acabou-se a valentia de D. Quixote , graças a Deos ! Tirei bom fructo delle ; bem me disse a minha filha ao despedir-me. Com que agora dando fim a esta verdadeira Historia hirei cantando.

Tão alegres que viemos ,  
E tão tristes que tornámos :

*Canta o Coro como no principio.*

F I M.



ESOPAIDA,  
 O U  
 VIDA DE ESOPPO,  
 OPERA,  
 QUE SE REPRESENTOU  
 no Theatro do Bairro Alto de  
 Lisboa no mez de Abril  
 de 1734.

ARGUMENTO.

**E** Sopo Filosofo, sendo cativo, ou escravo de Zeno, foi vendido a Xanto, Filosofo Atheniense, o qual estimou muito a Esopo por ser gracioso, e sabio. Este servindo a seu Senhor Xanto em a Cidade de Athenas, veio sobre a mesma Cidade El Rei Cresso de Lidia com hum grande exercito. Foi insinuado pelo Oraculo de Jupiter, que Esopo como sabio fosse o Director da defenza dos Athenienses, e com seus ardis os livrou, dando o Povo a Esopo a liberdade em beneficio da Patria. Casa Perizandro com Filena, filha de Xanto. El Rei Cresso pre-

premeia os grandes merecimentos de Esopo , fazendo-o Governador da Cidade , e levanta o cerco. O mais se verá em o contexto da Historia.

## INTERLOCUTORES.

<i>Cresso ,</i>	<i>Rei de Lidia.</i>
<i>Zeno ,</i>	<i>Filosofo , Senhor de Esopo.</i>
<i>Xanto ,</i>	<i>Filosofo.</i>
<i>Periandro ,</i>	<i>Discipulo de Xanto , amante de Filena.</i>
<i>Ennio ,</i>	<i>Discipulo de Xanto.</i>
<i>Temistocles ,</i>	<i>Senador.</i>
<i>Filena ,</i>	<i>Filha de Xanto.</i>
<i>Euripedes ,</i>	<i>Mulher de Xanto.</i>
<i>Geringonça ,</i>	<i>Criada de Euripedes.</i>
<i>Esopo ,</i>	<i>Filosofo.</i>
<i>Soldados , e Coro.</i>	

---

## SCENAS DA I. PARTE.

- I. *M*utação de Praça com casas , e huma feira com gente.
- II. *M*utação de Camera.
- III. *M*utação de Sala.
- IV. *M*utação de Camera.
- V. *M*utação de Mar.
- VI. *P*raça. *M*utação de noite.
- VII. *M*utação de Exercito.
- VIII. *M*utação de Templo.

## SCENAS DA II. PARTE.

- I. *M*utação de Selva.
- II. *M*utação de Arraial.
- III. *M*utação de Selva.
- IV. *M*utação de Camera.
- V. *M*utação de Arraial.
- VI. *M*utação de Pateo escuro.
- VII. *M*utação de Camera.
- VIII. *M*utação de Arraial.
- IX. *M*utação de jardim.
- X. *M*utação de Sala.



## PARTE II.

### SCENA I.

*Depois de cantar o Coro descobre se a Praça com fonte , e haverá como huma feira com grande concurso de homens , e mulheres , e hirão sabindo Zeno com os dous Escravos , e Esopo mais atrás.*

Zen. **N**OTAVEL dia de feira para hum homem ganhar com estes tres escravos sequer duzentos por cento , que não he usura ! Oh queira Jupiter que não chova ! Não me dirás , Esopo , já que és tão prezado de respondão , porque quasi sempre em todas as feiras chove ?

*Esop.* Isso tem pouco que saber , porque como quasi sempre as feiras se fazem nos Rocios , por força se hão de molhar , ou rociar as feiras.

Zen. Que depositasse a Providencia em vaso tão toloco huma alma tão perfeita como a deste Esopo !

1. *Esop.* Para que nos trará nosso Patrão hoje á feira ? Isto he novidade.

2. *Esop.* E o que mais me faz desconfiar he o vestir-nos com roupas novas , e trazer-nos mui Franças. Que dizes , Esopo , que terá isto ?

*Esop.* De sorte , meus amigos , que segundo a

perspectiva em que estamos cheira-me isto a que nollo Patrão nos traz aqui para que alguem se namore de nós para casar , porque elle he muito amigo de fazer geração na bolsa.

1. *Esop.* Não , isto he mais alguma cousa.

2. *Esop.* Isto he o que quer que he.

*Esop.* Seja o que for ; nunca cuidei no que está para vir. Não ha cousa como hum criado ser bem procedido de unhas em fóra que logo não tem que temer , nem que cuidar ; e para que vejais o quam pouco se me dá disso vamos vendo esta feira.

*Zen.* Donde Esopo vás ? Tu não ouves ? Com quem fallo eu ?

*Esop.* He comigo ?

*Zen.* Sim.

*Esop.* Eu não me chamo Esopo Vaz , sou Esopo só , nú , e espurto como minha mãi me pario.

*Zen.* Aonde hias , entremetido ?

*Esop.* Se eu fora entremetido perguntára a Vossa Mercê para que nos traz hoje a esta grande feira.

*Zen.* Para vender-vos a todos tres , pois todos tres sois intoleraveis pelas vossas manhas , porque tu és hum bebado , e tu hum ladrão.

*Esop.* Visto isso , quem comprar a este sendo ladrão , compra-o com fiza , e tudo. E eu , Senhor , quaes são as minhas habilidades , ou virtudes ?

*Zen.* São boas ; primeiramente mexiriqueiro , e bacharel.

*Esop.* Se eu fora Bacharel soubera Direito ; se  
cu

eu soubera Direito eu me endireitára , e não fora corcovado ; não he por ahí que vai o gato ás filhozes , tem mais de que se accuse ?

*Zen.* Mais tenho , e o ser alcoviteiro não presta ?

*Esop.* Eu digo que não presta ; mas olhe o que lhe digo he que se Vossa Mercê me vende por isso , que não faltará quem por isso me compre. Ora o certo he que estamos em hum tempo que se não sabem estimar os homens de prendas , ou as prendas dos homens ! Se Vossa Mercê bem soubera o que eu sou talvez que me não vendêra. Porém fallando com a mais cativa reverencia , não he o mel para a boca do asno.

*Zen.* Qual he o mel , e qual he o asno ?

*Esop.* O asno , fallando por entre os dentes , he Vossa Mercê , e o mel he o que sahe , e o que levo do tinteiro.

*Zen.* Acaba com isso , que se começa com arengas nunca acabarás. Mas em quanto vem chegando os feirantes vamos passeando por esta praça. Que te parece ? Não he boa ?

*Esop.* De boa tem pouco.

*Zen.* Pois achas que esta praça não he boa ? Que achaques lhe pões ?

*Esop.* Senhor , não pôde deixar de ser achacada huma praça com fontes , e a meu ver tem dor de pedra , porque ourina devagar.

*Hom.* Ah sô amigo , que procura ? Se quer huma boa espada aqui a tem.

*Esop.* Sou tentado com espadas ; este homem he bruxo , adivinhou-me o genio ; vejamos lá , que tal he ?

*Hom.* He huma folha velha.

*Esop.* Folhinha velha, isso he do anno passado, não me serve para este; quero huma folhinha para este anno que vem, com hum eclipse de estocadas.

*Hom.* Não me entendê? Digo que tem aqui huma espada velha.

*Esop.* Peior; eu não quero senão huma espada nova, e vem cá o Senhor á feira com huma espada velha!

*Hom.* Vá-se dahi, que não entende de espadas, ahí tem rócás, vá comprallas.

*Esop.* O homem não tem fizo. *á parte.* Pois fia vossê de mim, que não entendo de espadas? Pois saibá que meu pai foi hum ferro velho, e quando me gerou na bainha de minha mãe nasci eu tão espadaúdo, que cuidou a Comadre que era eu hum peixe espada, e por final, que com poucos dias de nascido me punhão á cabeceira huma espada núa por amor das bruxas.

*Hom.* Passa fóra, carcunda; onde levas a merenda ás costas?

*Esop.* A das costas he minha, e a que está mais abaixo he para vossê.

*Outr.* Fóra Poeta.

*Esop.* Olha tu, não te faça huma finalefa na cara, e hum Poema de pés quebrados.

*Zen.* Valha-te o diabo maldito, não te callarás, que és aqui a fabula do povo?

*Esop.* Pois se eu sou a fabula do povo tambem o povo he a fabula de Esopo.

*Mulh.* Aqui tem boas couves , menino , merque comigo.

*Esop.* Deveras , que a menina das couves não he mão repolho para a panella do amor.

*Mulh.* Olhai quem falla em amor ! Tira-te lá , espantalho , não me enguices a venda.

*Esop.* Eu nunca vi Venus com venda. Vem. vossês , esta couveira me ha de enterrar no cemiterio dos seus olhos , que são dous valentes carneiros.

*1. Escr.* Dize-lhe dessas.

*Esop.* Xiton , que ahi vem nosso Patrão direito como hum fuso ; esperem , esperem , que elle lá vai para a feira das bestas. Ah Senhor , aonde vai ? Tambem Vossa Mercê se quer vender ?

*Zen.* Que dizes , bruto ?

*Esop.* Que ? Arre para cá , não se troque Vossa Mercê , ao depois não o poderemos conhecer , e quando não ponha hum final na orelha , e vá-se.

*Zen.* Como te tenho por bobo , tens licença para tudo

*Sabem Xanto , Periandro , e Ennio com vestidos talares.*

*Xant.* Nesta mesma variedade confusa se alimenta a potencia visiva.

*Periand.* Senhor Mestre Xanto , sobre isso da potencia visiva tinha eu hum argumento , e muito forte.

*Xant.* Periandro , fique-vos de advertencia , que nem todo o lugar he para todas as cousas ;

nas praças vende-se , e nas Aulas argumênta-se.

*Ennio.* Diz bem o nosso Mestre ; vós , *Periandro* , sois terrível.

*Periand.* E vós , *Ennio* , também me quereis reprehender ? He o que me falta ?

*Zen.* Senhor Filosofo , Vossa Mercê por ventura quererá comprar algum destes escravos ?

*Xant.* Eu só venho comprar hum jumento para a nora da minha quinta.

*Esop.* Eu nunca vi Filosofo com quinta. *á p.*

*Xant.* Porém se com tudo mo accomodar no preço , não se me dá de comprar hum escravo. Anda tu cá ; que sabes fazer ?

1. *Esop.* Tudo.

*Xant.* E tu ?

2. *Esop.* Eu tudo sei fazer.

*Periand.* Quem tudo sabe , nada sabe.

*Xant.* E tu , monstro , que sabes fazer ?

*Esop.* Nada , graças a Deos.

*Xant.* Homem , ( se he que o és ) he possível que não saibas fazer cousa alguma ?

*Esop.* Senhor , não se admire Vossa Mercê , que como estes meus companheiros tomárão por sua conta o fazer tudo , não ficou para mim nada.

*Periand.* Que diz Vossa Mercê da resposta , Senhor *Xanto* ?

*Xant.* Está com subtileza : Ora dize-me ; como te chamão ?

*Esop.* A mim chamão-me como me querem chamar ; não ha meia hora que huns me chamárão Poeta , e outros carcunda.

*Xant.*

- Xant.* Pergunto o teu nome.
- Esop.* Eu, Senhor, com perdão de Vossa Mercê chamo-me Esopo.
- Xant.* Donde nasceste?
- Esop.* Do ventre de minha mãe.
- Xant.* Não me entendes? Em que lugar nasceste?
- Esop.* Também não me disse minha mãe se me pario em lugar alto, ou baixo; mas cuido que fo. ahí a algures ao pé de alguma cousa.
- Periand.* Ennio, o escravo tem atacado ao Filosofo nosso Mestre.
- Xant.* Ou és mui simples, ou mui velhaco; perguntate, de donde és natural?
- Esop.* A'que d'ElRei, Senhor, eu sou legitimo, não sou natural.
- Xant.* Valh-te Deos; aonde he a tua patria?
- Esop.* Isto he outra cousa; sou de donde me vai bem que ahí he a minha terra.
- Xant.* Na verdade, que me tem admirado as repostas deste escravo! Hei de comprallo por todo o daheiro, ainda que minha mulher se enfade. Quanto quer por Esopo?
- Zen.* Pois ião quer estes dous que são perfectos, e só lhe agradou este bruto? Mas como Vossa Mercê vinha comprar hum jumento, levando a Esopo tudo vem a ser o mesmo.
- Xant.* Eu, senhor, não compro as perfeições do corpo mas sim as da alma.
- Zen.* Humavez que Vossa Mercê assim o quer, todas as vzes que me der dez meedas leve-o.
- Xant.* Aqui s tem.
- Esop.* Que dibo estarão fallando huns com os

outros, apontando para mim? Eu estou vendido aqui. á parte.

*Xant.* Esopo, anda comigo, que te comprei.

*Zen.* Esopo, vai com o Senhor Xanto, que a elle te vendi.

*Esop.* Não disse eu que estava vendido? Vamos, Senhor Xanto Filosofo; mas saiba que ambos vamos vendidos.

*Xant.* De que sorte?

*Esop.* Eu, porque Vossa Mercê me comprou, e Vossa Mercê porque não sabe o que leva em mim.

*Xant.* O que eu levo em ti bem o sei.

*Ennio.* Vamos, vamos para casa, que he tarde.

*Esop.* A Deos, a Deos, meus amados companheiros, despeçamo-nos depressa antes que as lagrimas tenham noticia da nossa despedida, que se ellas o sabem logo virão os cardumes. A Deos; olhai, se vossês fugirem não seja para Braga, que he má terra para cativos.

*Amb. Escr.* A Deos, amigo.

*Zen.* Esopo, não te despedes de mim?

*Esop.* Como Vossa Mercê me despeio de si para sempre, não queira outra vez despedir-se. Vamos, Senhores.

S C E N A II.

*Mutação de Camera. Sabem Filena, e Geringonça.*

*Filen.* **F** Allaste a Periandro?

*Ger.* **F** Por mais que andei daqui para alli não o pude ver.

*Filen.* Valha-te o demo, maldita, que não tens prestimo para nada; como hei de passar daqui até á noite sem saber de ti, meu Periandro? Tu, mofina, tens a culpa de minhas ancias.

*Ger.* Se são da madre, case-se, e deixe-me já com taes amores; porque Vossa Mercê me tem aqui para terceira da sua correspondencia.

*Filen.* Perdoa-me, Geringonça, que o amor me tem quasi louca. Oh quem me dera saber escrever, para todos os dias ter novas tuas, meu querido Periandro!

*Sabe Euripedes.*

*Eurip.* Como he isso de meu querido Periandro?

*Ger.* Temos o caldo entornado.

*Filen.* Mofina de mim, que minha mái me ouviu!

*Eurip.* Com que vossê já tem queridos? Está muito bem, teu pai o saberá, desavergonhada.

*Filen.* Eu não sei o que Vossa Mercê diz.

*Eurip.* Não sabes o que eu digo? Pois eu sei o que tu fazes; por isso vós, minha filha, andais sempre contando os buracos ás rotulas, porque todo o fogo tendes no peito: Ah

velhaca , fonça , solapada ! Com que o Senhor Perianthro he o voffo amante ? Por isso elle tomou por Mestre a teu pai , para ter pé de vir aqui todos os dias .

*Filen.* Olhe , minha mái . . . . porque eu . . . . quando . . . . fim . . . .

*Eurip.* Que diabo dizes ? Que fallas , que nem atas , nem desatas ? Resta-me agora , que te queiras desculpar .

*Filen.* Pois eu que fiz ? Olhe que está boa !

*Ger.* Eu vou-me çurrando , que esta trovoada ha de parar em agoa . *Vai se.*

*Eurip.* Isto me faz desesperar ; tu podes negar o que eu vejo , e o que agora te ouvi ?

*Cantão Euripedes , e Filena a seguinte*

A R I A A D U O .

*Eurip.* Ingrata filha !

*Filen.* Brava máisinha !

*Eurip.* Sempre doudinha  
Te hei de encontrar !

*Filen.* Sempre doudinha  
Me ha de chamar ?

*Eurip.* Tu com amores !

*Filen.* Eu ! Não ha tal .

*Eurip.* Para que negas ?

*Filen.* Eu ! Não ha tal .

*Eurip.* Eu bem ouvia ,  
Que lhe dizias ,  
Que lhe querias ,  
E que morrias ;  
Tudo sei já .

*Filen.* Basta máisinha

De consumir-me.

Ai, ouça cá.

*Eurip.* Ai, guarda lá.

*Amb.* Não quer ouvir-me?

*Filen.* Ai; ouça cá.

*Eurip.* Ai, guarda lá.

*Sabem Xanto, Periandro, e Esopo, que ficará como escondido.*

*Xant.* Esopo, espera aqui detrás desta cortina.

*Esop.* He mui boa sala vaga!

*Xant.* Amada Euripedes, tardei muito?

*Eurip.* Isso he do costume antigo; donde v:ms a estas horas, amanhã?

*Esop.* Ella he desta casta? Boas novas para o pai da criança. *á pare.*

*Xant.* Ora não te agastes, que se tardei, arrecadei.

*Eurip.* Que arrecadei? Que he o que me razes da feira?

*Filen.* He para mim, paisinho?

*Eurip.* Sim, tudo ha de ser para ella, não ha de ser senão para mim.

*Xant.* Pois saibamos, para quem ha de ser

*Amb.* Para mim.

*Xant.* Pois lá se avenhão com elle, ahi o tm.  
*Sabe Esopo.*

*Eurip.* Que horrivel fantasma!

*Filen.* Que enorme espectáculo! Fugamos, minha mái.

*Eurip.* Ai, Senhores, que estou para me lesmaiar; ai, que elle se vem chegando! Aque d'ElRei!

*Esope.* Ora eu não cuidava que era tão feio ;  
que metia medo !

*Sabe Geringonça.*

*Ger.* Que gritos são estes , Senhora ? Mas ai ;  
coitada de mim , que demonio tão feio !

*Periand.* Boa a veio Vossa Mercê fazer , ella  
lhe dará o recado.

*Eurip.* Deite-me esse monturo pela porta fóra ,  
não o quero em casa , nem hum instante.

*Xant.* Maldito de todos os diabos , agora estás  
mudo ? Dize-lhe alguma cousa com que se  
defenfade , e se alegre.

*Esope.* Supponha Vossa Mercê que se me secou  
a proza , e que estou na hora do burro.

*Xant.* Dize-lhe alguma cousa sequer.

*Esope.* Já que me puxa pela lingua deixe-a ago-  
ra comigo. Parece muito mal , Senhora Eurip-  
pedes , que Vossa Mercê se agaste com o Se-  
nhor seu marido , por lhe comprar hum es-  
cravo feio ; pois que queria ? Queria hum  
fervo gentil-homem para ficar cativa delle ?  
Queria hum rapagão roliço , alvo , e louro ,  
olhos azues com corpo á Ingleza , e pernas  
á Franceza , para que logo meu Senhor com  
tal fervo ficasse veado ? Ora cuide em si , e  
saiba estimar-me , que eu lho saberei merecer.

*Eurip.* Ai , só isto me fizera agora rir ; és en-  
graçado , já te vou perdendo o medo.

*Xant.* Tu não sabes as prendas de Esope ; eu  
e prometo que gostes delle.

*Eurip.* Vem cá Esope , chega-te para mim.

*Esope.* Agora tambem não quero , que tenho  
me.

medo de Vossa Mercê. A'que d'ElRei, que tarasca! Quem me acode, que me desmaio?

*Eurip.* Ora anda cá, façamos as pazes, olha bem para mim; és mui feio!

*Esop.* Isto he mercê que Vossa Mercê me faz.

*Filen.* A cara parece hum mono.

*Esop.* Ora não me lifongee.

*Ger.* Ai, Senhora, cá lhe vi huma corcova atrás.

*Esop.* Valha-te o demo a lingua, que me descobriste huma falta, que ninguem a havia ver se tu o não disseras.

*Eurip.* Ainda mais essa temos, he corcovado!

*Esop.* Bem podem montar em mim, que ainda que sou corcovado não faço corcovas.

*Xant.* Deixem ao pobre Esopo, que assim como he tem muito prestimo.

*Eurip.* Que habilidades tens, Esopo? Sabes cantar?

*Esop.* Qual he o cativo que não sabe cantar al fon del remo, y de la cadena?

*Eurip.* Sabes tanger?

*Esop.* Sei tanger bois muito bem.

*Eurip.* Sabes lêr?

*Esop.* Não Senhora, escrever sim.

*Filen.* Meu pai, eu quero que Esopo seja meu Mestre, e que me ensine a lêr, e a escrever.

*Xant.* Sim, Esopo, tu has de ensinar a esta rapariga a lêr, e a escrever, ahi ta entrego.

*Esop.* Testemunhas me sejam todos, que o Senhor Xanto me entrega a sua filha, ao depois não se queixe, e ella não tem mãos bigodes!

*Periand.*

*Periand.* Ora Esopo , conta-nos alguma cousa da tua vida , que ha de ser célebre.

*Esop.* Senhor , a minha vida he mais larga que comprida.

*Eurip.* Dize , Esopo , dize alguma cousa.

*Esop.* Ora vá de historia , gerou-me meu pai , e foi cousa para ver , que tanto que meu pai me gerou , logo minha mãe se sentio prenhe , e ficou tão soberba , que tudo lhe enjoava , engordou tanto , que em nove mezes se fez como huma bola ; em fim , se não pare arrebenta ; derão-lhe as dores , e ao primeiro puxo sahio este criado de Vossa Mercê , e logo fui tão cortez , que cahi prostrado aos pés de minha mãe ; pois só a esta devia pagar as parias , porque não falta quem diga que minha mãe me pario de hum só parto , podendo-me parir de dous , que eu tinha corpo para tudo ; e he de advertir , que naquelle tempo as mulheres erão as que parião , e não como agora , que pare quem quer : notou-se no meu nascimento , que eu nascêra nú , e em pelle , e como nascia para ser escravo , logo se me vio o ferrado. Tanto que eu nasci , como minha mãe era muito amaute dos filhos , logo me mandou engeitar ; em fim , fui crescendo aos palmos , e apenas tinha sete annos logo comecei a fallar tão perfeitamente , que não se me entendia palavra ; toda a minha vida foi sempre prodigiosa , de sorte , que já anda em livros por todo o Mundo , e agora me dizem , que se está representando no Bairro Alto.

*Periand.*

*Periand.* Notavel he a tua vida !

*Xant.* Esopo, aqui te entrego esta casa, e te faço meu mordomo.

*Eurip.* Vamos, Filena.

*Filen.* Periandro, logo fallaremos, não te ausentes. *Vão se.*

*Periand.* Aqui ficarei esperando por esse Sol, que me anima. Ai, amor, quando has de favorecer a hum amante das tuas aras, que nos suspiros que exhala accende as chammias nos sacrificios que vota ?

*Sabe Filena.*

*Filen.* Periandro, seguramente podemos fallar, pois todos lá ficão dentro rindo-se com Esopo, que sem dúvida amor o trouxe aqui para que seja o terceiro de nossos amores.

*Periand.* Essa fortuna a devo estimar para o melhor acerto da nossa correspondencia ; e porque agora fallámos de amor, escuta, Filena, a fraze das melhores expressões.

S O N E T O.

**M**inha amada Filena, doce emprego,  
De amorosos enleios labyriatho,  
São taes as ancias que amoroso sinto,  
Que sem morrer mil vezes não socêgo.  
Em mar de pranto mísero navego  
Quando amante naufrago ; porém minto,  
Porque eu mesmo o martyrio já confinto,  
Pois busco as penas morto, as luzes cêgo.

Oh morra já minha alma' enternecida!

Oh viva alegre nessa luz ferena!

Contente aspiro tão ditosa lida;

Pois confegue esta dor, que me condemna;

Hum triunfo a teus olhos cada vida,

Cada morte humna gloria á minha pena.

*Filen.* Periandro, as tuas finezas por encarecidas, me parecem mais lisonjas que realidades, e assim appello para o tempo, que só este ferá o fiador da tua constancia; porque sendo tu firme eu não deixarei de ser leal.

*Periand.* Formosa Filena, ainda duvidas da minha lealdade? Não tens lido nos caracteres de meus suspiros as firmezas do meu amor? Não vês no espelho das minhas lagrimas a imagem dos meus extremos? Pois seguro-te, meu bem, que a pezar de tudo hei de ser sempre firme, constante, e leal.

*Canta Periandro a seguinte*

A R I A

Primeiro verás, Filena,

Enregelar-se o fogo,

Mover-se o duro monte,

Cahir esse horizonte,

Que em meu amante rogo

Se encontre o variar.

Se pois amor ordena,

Que adore essa belleza,

Será minha firmeza

Eterna em te adorar.

*Vai-se.*

*Filen.* Escuta, Periandro; meu bem, aonde vás?

*Sa-*

*Sabe Esopo.*

*Esop.* Que hei de escutar? Que he o que diz?

*Filen.* Ai! Estu, Esopo? A bom tempo vieste.

*Esop.* Sim vim a bom tempo, mas eu lhe empatei o cofimento.

*Filen.* Meu Esopo, tenho hum favor que te pedir; se o fazes, terás de mim quanto quizeres.

*Esop.* Diga, diga, não gaste tempo, que póde vir seu pai: Eu assim tolamente lhe vou querendo bem. *á parte.*

*Filen.* Bem sabes, Esopo, que não há peito tão isento, que não sinta as violências do amor.

*Esop.* Que mais?

*Filen.* Isto supposto, saberás que quero bem... não sei como to diga.

*Esop.* Eu estou vendo que ella se namorou de mim, e tem pejo de mo dizer. *á parte.*

*Filen.* Porque bem sabes, Esopo, que o amor he cego, e em nada repará.

*Esop.* Que mais claro mo ha de dizer? A pobresinha não sabe como se explique; ora eu a ajudarei a dizer: Senhora, bem sei que o amor he cego, e he monstro, e que para capturar as almas, como cego, não repara em qualidades, e como monstro não se lhe dá de perfeições; quer Vossa Mercê dizer, que apenas me vio logo se rendeo, e que estala de amor por mim, se he isso esteja descansada, que lhe quero tambem muito, muito.

*Filen.* Sempre estás com gracinhas; pois logo em ti havia empregar o meu amor?

*Esop.* Olhe Vossa Mercê , pois achava eu que não era nenhum despropósito , porque me tinha logo aqui á mão dentro de casa sem o ir buscar á rua.

*Filen.* Eu quero bem a Periandro , e como lhe não posso fallar as vezes que quero , tu has de ser o medianeiro da nossa correspondencia.

*Esop.* Isso por outra fraze vem a ser alcoviteiro. Não he nada !

*Filen.* Pois que dizes ?

*Esop.* Senhora , em mim está mal o officio de camaleão ; isso não se acha em mim.

*Filen.* Meu Esopo , olha que to hei de agradecer , e Periandro tambem.

*Esop.* Senhora , tudo se póde fazer sem que perigue o meu credito , e o seu amor , e poderemos ambos ficar bem.

*Filen.* De que sorte ?

*Esop.* Desta sorte : eu o que poderei fazer he levar-lhe algum recado ao Senhor Periandro , ou escrever-lhe alguma carta em seu nome , e fazer tudo o que Vossa Mercê me mandar ; mas ser alcoviteiro , isso por nenhum modo.

*Filen.* Aceito o favor que me fazes.

*Esop.* Ah tyranna , não basta comer-me o amor , mas ainda me esfregas com zelos ? Pois por vida de Esopo , que . . .

*Filen.* Quero pois , Esopo , que digas a Periandro , que ao pôr do Sol . . . .

*Sabe Xanto.*

*Xant.* Que fazes ahí , Esopo ?

*Esop.* Estava para dar lição á menina , e ella não queria.

*Filen.*

*Filen.* Bem remediou. *á parte.*

*Xant.* Isso tem tempo ; Filena , vai para dentro.

*Filen.* Que não podesse dizer a Esopo o recado para Periandro ! Ao depois lho direi. *á p. vai-se.*

*Xant.* Esopo , és capaz de guardar hum segredo ?

*Esop.* Conforme a parte aonde eu o puzer.

*Xant.* Bem sabes que sou teu Senhor , e que se me fores leal terás a liberdade , e assim faberás que eu sou fragil.

*Esop.* Isso sei eu , diga o mais.

*Xant.* E que em materias de amor todos são loucos ; porque amor tem duas vendas , huma nos olhos , outra no entendimento.

*Esop.* Rico amor , será esse com duas vendas.

*Xant.* Com que , não sei que diabo de feitiços me fez esta criada , para eu lhe querer bem.

*Esop.* Ora tenha vergonha ; hum Filosofo namorado de huma trapalhona , e mondongueira ? Em que consiste a sua Filosofia ? visto isso todos somos huns ?

*Xant.* Olha tu , tambem o amor he Filosofia das almas , aonde com argumentos de finezas se prova o systema da constancia.

*Esop.* Visto isso eu tambem sou Filosofo ; pois quando quero bem , logo he a concluir.

*Xant.* Quem duvida que se tens amor , que tambem és Filosofo ?

*Esop.* Ora acabe com isso , que eu de mim para mim me tinha por Filosofo , mas não o queria dizer com vergonha.

*Xant.* Com que , Esopo , eu morro por Gerin-gonça.

*Esop.* Quem he Geringonça ?

*Xant.* He esta criada de casa.

*Esop.* Olhe Vossa Mercê , agora fei que tem bom gosto , pois só o nome de Geringonça lhe basta para se querer ; o certo he , que todo o amor he geringonça.

*Xant.* Dizes bem ; porém como minha mulher Euripedes tem terrivel condição , e não fei fe já presume alguma cousa , he-me preciso tratar isto com mais cautéla , e assim tu has de ser o meu remedio.

*Esop.* Purgativo , ou vomitorio ?

*Xant.* Purgativo não , ha de ser vomitorio ; porque lhe has de dizer , que á noite me falle no jardim , e em tanto tu ficarás divertindo a tua Senhora.

*Esop.* Senhor , isso ninguem tal faz , sevandijar Vossa Mercê hum jardim com huma criada ; e então aonde havia Vossa Mercê fallar a huma Senhora ?

*Xant.* Não vês tu que a necessidade não tem lei por amor , e o jardim por mais retirado he o melhor lugar ?

*Esop.* Pois se a necessidade não tem lei , por amor dessa necessidade falle-se á criada em huma secreta que he parte privada.

*Xant.* Ora deixa disparates , isto te encommendo lhe digas ; olha não o saiba viva alma.

*Esop.* Eu lhe prometo que ninguem o saiba.

*Xant.* Mas ella ahi vem , eu me retiro , por me não achar aqui minha mulher , e dize-lhe tu o que te disse ; Esopo , segredo , que importa. *Vão-se.*

*Sabe Geringonça.*

*Ger.* He possível, Esopo, que ainda não tivesse huma hora para me fallares?

*Esop.* He possível, Geringonça, que ainda não tiveste huma hora para me fallares?

*Ger.* Esopo, ouve-nos alguém, que te quero communicar hum segredo?

*Esop.* Ui, Senhores! Eu cuido que estou prezoz nesta casa, pois sempre estou em segredo. *á p.*

*Ger.* Dize, posso fallar?

*Esop.* Se não tens estupor na lingua bem podes fallar.

*Ger.* Pois sabe, que apenas te vi, quando logo me furtaste o coração, me roubaste as potencias, e me ganhaste a liberdade.

*Esop.* Daqui a pôr-me na forca não vai nada; mulher, eu furtei-te alguma cousa?

*Ger.* Ah ladrão das almas!

*Esop.* Ladrão das almas? Eu nunca andei com a bacía.

*Xant.* Não he nada, a moça namorou-se de Esopo! *á parte.*

*Ger.* Esopo, eu perdida por ti de amor! Como ha de ser isto?

*Esop.* Se estás perdida de amor perde tambem as esperanças; mas dize-me, mulher do diabo, que achaste em mim para me queres bem? Namorou-te este feitio?

*Ger.* O meu amor tem mais de pezo que de feitio.

*Esop.* Namorou-te esta calva?

*Ger.* Não vês que a occasião he calva, e tu foste a occasião do meu amor? *Esop.*

*Efop.* E estas pernas zaimbras são também occasião de tu me quererem bem?

*Ger.* Forão os arcos por onde o amor despedio as settas.

*Efop.* Tudo está muito bem; mas parece-te bem esta corcova?

*Ger.* Essa corcova foi o monte de Venus aonde achei a minha buena-dicha; mas para que te cansas, se para o meu gosto és hum Adonis, e hum Narciso?

*Efop.* Ora tomem-se lá com este Adonis, e com este Narciso!

*Ger.* Ora Efopo, para que te cansas, quem o feio ama, formoso lhe parece.

*Canta Geringonça a seguinte*

A R I A.

Tens tal dengue, tens tal graça,  
Que assim mesmo corcovado,  
Escalvado,  
Arreganhado,  
Me namora esse rigor.

Ai, amor, que linda traça  
Para me render, achaste,  
Se em Efopo cabeçudo,  
Narigudo,  
Barrigudo,  
Tenho posto o meu amor.

*Efop.* Mulher, requeiro-te da parte de Deos, que em me quererem bem não sabes o que fazes; vai-te dahi, que quem se namora de mim he capaz de se namorar de hum burro.

*Ger.* Tu me desprezas? Olhem a que chegarão

os meus peccados ! Vejão quem ! Hum calvo !

*Esop.* Qual calvo ; não vês que esta calva foi a occasião do teu amor ?

*Ger.* Tu me desdenhas , zaimbro ?

*Esop.* A'gora zaimbro , são os arcos por onde amor despedio as settas.

*Ger.* Tu mo pagarás , corcovado.

*Esop.* Isto não he corcova , he o monte de Venus.

*Ger.* Vai-te dahi , cão com trambolho. *Vai-se.*

*Esop.* Vaite , cadella com almorreimas.

*Sabe Xanto.*

*Xant.* Escravo desaventurado , porque não disseste o que mandei dizer a Geringonça ?

*Esop.* Como o havia de dizer , se Vossa Mercê me disse que o não soubesse viva alma ?

*Xant.* Isso não se entendia com Geringonça.

*Esop.* Tenha mão , agora o colho. Vossa Mercê me disse que o não soubesse alma viva ; *atqui* que Geringonça he alma viva ; *ergo* Geringonça por ser viva alma o não havia saber.

*Xant.* Não te quizera tão Filosofo agora.

*Esop.* Como Vossa Mercê me disse que amor era Fiosofia , quiz tomar bem a lição.

*Xant.* Til estou de raiva , que te matara agora , não te aconteça outra ; quando te mandar fazer alguma cousa faze-a como te mando.

*Esop.* Eu o farei.

*Xant.* Andar , não tem remedio : ouves tu , á manhã tenho de dar hum banquete aos meus discipulis , e te encommendo me ponhas na meza a melhor cousa do Mundo.

*Esop.*

*Esop.* Encommende-me cousas de comer , que disso darei eu melhor conta. *Vai-se.*

## S C E N A III.

*Mutação de Sala , e sabiráo Periandro , e Ennio.*

*Periand.* **E**Nnio , vós também sois convidado para o banquete de Xanto nosso Mestre ?

*Ennio.* Os favores particulares , Periandro , serão só para vós ; porém os públicos serão para todos.

*Periand.* Eu não vos entendo.

*Ennio.* Homem , vós quereis tapar o Ceo com huma joeira ? Pois bem público he que vós andais namorado de Filena , e sendo eu vosso amigo , e condiscipulo , recateis de mim cousa que he tanto do vosso gosto ?

*Periand.* Não me crimineis de não vos ter revelado este negocio , pois bem sabes que o segredo he alma do amor ; e tanto o desejo recatar , que tomára de mim mesmo encobri-lo ; he verdade que eu amo a Filena , porque a sua formosura pôde cativar o mais livre alvedrio ; mas com amor tão lídto , que não passa os limites da modestia.

*Ennio.* Como lhe podeis fallar , terdo huma mái de tão terrivel condição ?

*Periand.* Quiz a fortuna trazer para isto a Esopo , que he o mais fino alcoviteiro lo Mundo.

*Ennio.* Ui ! Tem mais essa habilidade ?

*Periand.*

*Periand.* He Juiz do officio , e Padre Mestre na materia.

*Sabe Esopo.*

*Esop.* Vossas Mercês vierão a conversar , ou a comer ? Ora vamos , que a sopa está esperando.

*Ennio.* Vamos ver os teus cosinhados. *Vai-se.*

*Periand.* Esopo , que novas me dás de meu bem ?

*Esop.* A boas horas me pergunta pelo seu bem , ao mesmo tempo que me está a boca do estomago gritando , que quer comer.

*Periand.* Pois falla-me ao depois. *Vai se.*

*Descobre-se hum meza , e se hirão assentando a ella Xanto , Ennio , e Periandro , e os mais que puderem.*

*Xant.* Vamo-nos assentando sem cerimonia , que nos banquetes não há Mestre , nem discipulos. Mandei a Esopo que me puzesse nesta meza a melhor cousa do Mundo , veremos com que elle se desempenha.

*Periand.* Com alguma parvoice ; se Vossa Mercê se fiou da sua eleição ficaremos em jejum.

*Ennio.* Vamos nós comendo o que está na meza pelo sim pelo não , que elle já tarda.

*Sabe Esopo com hum prato.*

*Esop.* Eis-aqui a melhor cousa do Mundo.

*Xant.* Descobre , e veremos.

*Esop.* He hum prato de linguas.

*Xant.* Hum prato de linguas ? Como ? Pois isso he a melhor cousa do Mundo ?

*Esop.* Qual he a dúvida que a melhor cousa do Mundo he a lingua ? Que cousa mais necessaria no homem , que a lingua ! Sem lingua

ninguém pôde fallar , sem fallar ninguém se entende. A lingua he alma dos conceitos , he o corrector dos commercios , he a taramella das portas da boca , he a prancha dos comeres , he o esgaravatador das gengives , he a zaragatoa dos beiços , o planeta do ceo da boca , e o badallo da campainha. Com a lingua se lambe hum prato , com a lingua faz o Arrieiro a célebre cantiga , &c. em fim , a lingua do cão he o melhor remedio das chagas , e o linguado o melhor peixe dos mares. Não sei que mais queria dizer , que o tinha debaixo da lingua.

*Xant.* Nada nos dizes de novo , que bem sabemos que a lingua he oraculo do homem ; porém havemos só comer linguas ?

*Esop.* Senhor , muitos comem do que fallão.

*Periand.* Esopo fez o que lhe mandarão , como bom servo.

*Xant.* Huma vez que a melhor cousa do Mundo são as linguas , traze-me agora aqui a peor cousa do Mundo.

*Esop.* Com muito gosto ; eu venho já. *Vai-se.*

*Periand.* He lástima que seja cativo quem tem tão livre o juizo para discorrer.

*Ennio.* Não he esta a primeira semrazão da natureza.

*Xant.* Que diabo fazes , Esopo ?

*Esop.* Eis aqui a peor cousa do Mundo. *Sabe.*

*Xant.* Que he isto , que trazes ?

*Esop.* Outro prato de linguas.

*Xant.* Pois como ? Se a melhor cousa do Mundo

do são as linguas , como agora as linguas são a peor cousa do Mundo ?

*Esop.* He Filosofo , e não sabe que sendo huma lingua boa a melhor cousa do Mundo , a peor he huma lingua má ? Huma lingua má he o estrago da honra , ella he a mãe dos mexericos , o pai dos enredos , a irmã das discordias , a perturbadora da paz , o clarim da guerra , a sarna do socego , a carepa das consciencias , o despertador das vinganças , e o instrumento da alcovitice ; não he assim , Senhor Xanto ?

*Xant.* Dizes bem , eu te perdoo a peça ; e pois não ha outro remedio , vamos comendo estas linguas , e bebendo duas pingas : ora lá vai á faude de Vossas Mercês. *Bebe.*

*Esop.* Isso me parece bem ; accendão-se no templo da barriga as alampadas de Baco.

*Periand.* Lá vai á faude da Senhora Euripedes. *Bebe.*

*Esop.* Tem razão , vá a virar.

*Ennio.* Periandro , lá vai , já me entendeis. *Bebe.*

*Periand.* Vá , eu correspondo. *Bebe.*

*Esop.* Eu com esta garrafa hirci fazendo as razões : lá vai , ou cá vem á faude dos meus achaques.

*Xant.* Que achaques tens ?

*Esop.* Agora tenho gotta. *Bebe.*

*Periand.* Ennio , nosso Mestre não está todo trigo.

*Xant.* Mui valente foi Hercules Thebano ! Esopo , vamos queimar estes cães.

*Esop.* Ai , ai , que está puxado !

*Periand.*

*Periand.* Apostemos nós . que Vossa Mercê não ha de beber hum tonel de vinho.

*Xant.* Sou capaz de beber o mar , tenho dito.

*Esop.* Não zombem com elle , que não só beberá o mar , mas tudo quanto se lança na praia.

*Periand.* Ora quanto aposta Vossa Mercê que não bebe o mar ?

*Xant.* Aposto tudo quanto possuo.

*Periand.* Está apostado , venha final.

*Xant.* Este annel.

*Periand.* Está feito , quando ha de ser isso ?

*Xant.* Quando quizeres.

*Esop.* Vão fallando , que eu vou bebendo.

*Xant.* Esopo , leva essa lingua a Geringonça , que com ella lhe explico o meu amor.

*Esop.* Assim o farei : Esopo , hoje pódes beber francamente.

*Xant.* Viva Baco , e morra o Mundo. *Levantão-se.*

*Esop.* Morra o Mundo , e abraze-se Troya.

*Periand.* Ambos estão mui bebados.

*Ennio.* Estou envergonhado de ver esta lástima !  
Nisto parão os banquetes !

*Esop.* Estou tão alegre que o corpo me pede folia.

*Xant.* E a mim cóleras , e iras , e parece-me que ouço instrumentos bellicos.

*Esop.* Eu cuido que são bandurras ; ellas são , não são ? Sim são , escute , escute , são , são , ellas são , pois cantemos.

*Canta Esopo o seguinte*

R E C I T A D O.

Lá vai á faude dos Senhores ,  
E em suaves licores  
Matarei a cruel melancolia ,  
Em doce hydropesia:  
A pezar do pezar , e do cuidado  
Vestir quero a minha alma de encarnado.

A R I A.

Nas guerras de Baco  
Sem chuço , ou bauneta  
Com esta trombeta  
Toco a degolar , tan , taran , tan , tan ,  
E ao som deste som , torom tom , tom ,  
Tudo terá fim , tirim , tim , tim ,  
Prostrando as cavernas  
De tantas tavernas ,  
Porque dellas possa  
Baco triunfar.

S C E N A IV.

*Mutação de Camera. Sabem Euripedes , e  
Geringonça.*

*Eurip.* **G** Eringonça , que fizeste até agora ?

*Ger.* Estive na cosinha dando ordem ao  
banquete , e o negro Esopo me deu tanta pres-  
fa , que andei atarantada.

*Eurip.* Odiabo levára os banquetes. Que ha de  
ser , se o tonto de meu marido deu-lhe hoje  
na birra fazer brodios , e nisso tem consumi-  
do o dote que me deu meu pai.

*Ger.*

*Ger.* Ai, Senhora, tambem Vossa Mercê agora não tem razão; elle que gasta, nem que brodios faz? Eu, ha hum anno que aqui estou, não vejo entrar nesta casa mais que chicharos, e nabos.

*Eurip.* Oh desavergonhada, essa he a fama que deitas da minha casa? Viste casa mais farta? Ainda a semana passada comprei dez reis de pepinos, e já não ha nenhum.

*Ger.* A minha barriga o fente.

*Eurip.* Bem sei que o teu mal não he outro, velhaca!

*Sabe Esopo com hum prato na mão.*

*Esop.* Aqui tens, Geringonça, este prato de linguas, que te manda meu Senhor, e mais que não póde comer sem ti.

*Eurip.* Que dizes? A Geringonça, ou a mim? Estás bebado?

*Esop.* Como lho hei de dizer? Soletreando? A Geringonça em Geringonça.

*Ger.* Senhora, elle cheira muito a vinho, não sabe o que diz.

*Eurip.* Assim o crecio, mostra que he para mim.

*Esop.* He huma balla, he para Geringonça, que meu Senhor lho manda mesmo a ella, e por final me disse lhe disseste que com esta lingua explicava o seu amor.

*Ger.* Não te calarás, infame?

*Esop.* Tira-me tu a lingua, que eu me calarei.

*Eurip.* Pois que tem teu Senhor com Geringonça para lhe mandar presentinhos?

*Esop.* Eu, Senhora, não sei, mas o que sei he que

que dizem as más linguas, que meu Senhor he barregão, ou barregana, não sendo senão camelão.

*Eurip.* Não te entendo.

*Esop.* Senhora, mais claro; meu Senhor quer-se fazer moço com a moça.

*Eurip.* Já te entendo.

*Esop.* Ora graças a Deos, que já me entendeo.

*Ger.* Eu estou tonta!

*Eurip.* He bem feito isto, atrevida? Tu desinquietando-me o meu homem! Ha maior desaforo!

*Ger.* Eu, Senhora? Não ha tal. Esopo mente.

*Esop.* Lá se avenhão, que eu me vou escafe-dendo.

*Vai-se.*

*Eurip.* Oh perra, tu me dás zelos? Anda cá, que te hei de moer.

*Dá-lhe.*

*Ger.* A'que d'ElRei, que me mordeo no nariz.

*Eurip.* Aqui te hei de fazer em picado com os dentes.

*Ger.* Ai que me matão!

*Há huma bulha, e sabe Xanto.*

*Xant.* Valha-te Deos, mulher! Sempre has de guerrear com esta coitadinha!

*Eurip.* Ainda acode por ella, magano, atrevido, sem honra, nem vergonha? Vossê namorando-me a moça! Vossê mandando-lhe pratinhos da meza?

*Xant.* Quem tal disse, mulher?

*Eurip.* Quem o disse? Ainda ha de negar que o mandou por Esopo? Ora chame-o, e verá.

*Xant.* O' Esopo? Esopo?

*Dentro Esop.* Estou na tinta ; assim sou eu a não que apareça agora.

*Xant.* Não me ouves , Esopo ? O' Esopo ?

*Esop.* Estou zingando.

*Xant.* Ora eu te hirci buscar , mais que estejas no Inferno. Donde estás maldito ?

*Esop.* Se eu quizera dizello então não me escondêra.

*Xant.* Anda para cá , insolente , que fazias ahi escondido ?

*Esop.* Estava jogando as escondidas ; tambem a gente ha de brincar. *Sabe.*

*Xant.* Ei-lo aqui. Ora dize : eu mandei a Geringonça algumas linguas ?

*Eurip.* Tu não disseste ?

*Esop.* Senhor , eu não quero meter a mão entre duas pedras ; olhem , por isso eu sou inimigo de enredos.

*Eurip.* Tu não mo disseste ?

*Esop.* Senhora , eu que tenho com isso ? Está galante ! Vossas Mercês lá brigão , lá tem seus ciumes , e eu então he que hei de pagallo ?

*Eurip.* Como he isso ? Tu o não negues ; basta , fique-se com a sua mocinha , Senhor Xanto , que eu me vou para casa de meu pai. Estou ardendo ! *á parte.*

*Xant.* Senhora , não se vá de casa por vida sua.

*Esop.* Deixe-a ir , que he huma boca menos em casa.

*Eurip.* Por estas , bribantão , que eu me vere vingada.

*Xant.* Falle bem , aliàs. . . .

*Eurip.*

*Eurip.* Ainda me indignas mais? Hei de arrancar-te ellas barbas.

*Cantão Euripedes, e Xanto a seguinte*

A R I A A D U O.

*Eurip.* Velho caduco,

*Xant.* Brava insolente,

*Eurip.* Tu com desvélos  
Com huma michélla?

*Xant.* Calte, serpente,  
Não grites mais.

*Eurip.* Hei de gritar.

*Xant.* Ques-te callar?

*Eurip.* A'que d'ElRei,  
Que meu marido  
Com torpes zelos  
Me quer matar.

*Xant.* Calte, serpente,  
Não cuide a gente,  
Que faço tal.

*Eurip.* Por estas, velhaquete,  
Que me hei de ver vingada.

*Xant.* O' louca arrebatada,  
Que me haz de tu fazer?

*Eurip.* Hei de me ir para casa de meu pai.

*Xant.* Para casa te irás de Satanás. *Fai se Eur.*

*Esop.* E foi-se como hum foguete de rabo; porém eu hei de levar os estouros.

*Xant.* E agora, Esopo, que mereces tu que te eu faça?

*Esop.* Mereço hum bom premio.

*Xant.* O premio ha de ser este; toma, velha-  
co.

*Dá-lhe.*

*Tom. I.*

K

*Esop.*

*Esop.* Não aceito , tire-se para lá.

*Xant.* Vês , infame , que por amor de ti se foi minha mulher de casa ?

*Esop.* Senhor , cuidava eu que Vossa Mercê me havia de agradecer o afugentar-lhe de casa hum dragão , huma vibora , e hum basilisco , que era aqui o veneno desta casa , e sobre fazer-lhe este bem , ainda Vossa Mercê se agafata , e senão veja : he certo que Vossa Mercê queria fallar a Geringonça no jardim esta noite ; e que melhor occasião podia Vossa Mercê têr do que indo-se de casa a Senhora sua mulher , pois agora sem sustos , nem sobressaltos pôde fallar com ella , não so no jardim , porém em cima do telhado. Com que , Senhor , por bem fazer mal haver.

*Xant.* Bem sei tudo isso ; mas que dirão os parentes de minha mulher ?

*Esop.* Peior será quando Vossa Mercê perder tudo quanto possue.

*Xant.* De que sorte ?

*Esop.* De que sorte ? Não se lembra que prometeo no banquete beber o mar , e se o não fizesse , que perderia toda a sua fazenda ?

*Xant.* Eu disse tal cousa ?

*Esop.* E por final que deu o seu annel ; com que Vossa Mercê ha de beber o mar , ou livrar toda a sua fazenda.

*Xant.* Mal haja o banquete , e mal haja o vinho , e mal haja eu que me embebedei.

*Esop.* Vossa Mercê cuida que todos sabem embebedar-se ? Ora aqui estou eu , que tambem

me embolquei , mas com tanta prudencia , que não me meti a apostar , nem a não apostar.

*Xant.* Já não tem remedio , o ponto está , como me hei de eu haver ; porque confessar que estava bebado , he injúria , e grande ignominia ; beber o mar he impossivel , perder os meus beus impraticavel ; que farei neste caso , Esopo ?

*Esop.* Matar-se com hum pouco de veneno , e com isto se acaba tudo.

*Xant.* O' Jupiter , para quando guardais os raios ?

*Esop.* Ha de dizer isso a Baco , e não a Jupiter

*Xant.* Meu Esopo , agora he que eu quero ver as tuas habilidades ; se tu me livras deste empenho , eu te dou a liberdade.

*Esop.* Pois , Senhor , para quando são as suas Filosofias ? Assentemos nós , que a Filosofia não serve senão para argumentar , e quebrar a cabeça.

*Xant.* Pois homem , para esta occasião he que eu quero que me valhas , tens a liberdade , já to disse.

*Esop.* Promete-me a liberdade ? Veja lá o que diz.

*Xant.* Prometto.

*Esop.* Levante o dedo para o ár.

*Xant.* Não só o dedo , mas toda a mão.

*Esop.* Ora pois , ande comigo , que o tirarei desse mar , e o porei em porto salvo.

*Xant.* Vê lá o que dizes.

*Esop.* Ande , ande , que mal sabe com quem vai.

*Vão-se.*

SCE-

## S C E N A V.

*Mutação de mar. Depois de se dizer dentro o que se segue , sabiráõ Periandro , Ennio , e os mais que poderem.*

*Dentr.* **V** Amos ver a Xanto beber o mar.

*Outr.* **V** Vamos para a praia , andem depressa , para tomarmos lugar.

*Sabem Periandro , e Ennio.*

*Periand.* Confesso-vos , Ennio , que já estou arrependido da aposta ; porque bem sei que Xanto não ha de beber o mar.

*Ennio.* Deixai , que isso he bom para se dar hum alegrão ao povo.

*Periand.* A gente vem concorrendo cada vez mais.

*Sabem Filena , e Geringonça com os rostos cubertos.*

*Ger.* Senhora , ahi o que está de gente para ver as habilidades do Senhor seu pai !

*Filen.* O caso he , Geringonça , que meu pai está mui caduco , e Esopo ainda o faz mais tonto do que he. Vês tu a asneira de dizer que ha de beber o mar ?

*Ger.* Lá está Periandro , e Ennio.

*Filen.* Já os vi , tem sentido , e não os percas de vista.

*Ger.* E se nos conhecerem aqui ?

*Filen.* He impossivel entre tanta multidão de gente , e mais vindo nós disfarçadas.

*Periand.* Muito tarda este bebedor dos mares.

*Sa-*

*Sabem Xanto, e Esopo, e todos darão muitos gritos, e rizadas.*

*Tod. Victor, lá vem o bebedor dos mares.*

*Esop. De que se riem? De que fazem algazarras? Pois saibão que o Senhor Xanto não só he capaz de beber o mar, mas tudo quanto lhe mandarem beber.*

*Xant. Esopo, que he o que determinas fazer? Não vês este povo alvoroçado, e o meu credito em balanças?*

*Esop. Eu farei o fiel dessas balanças, e verá quanto péza o meu talento.*

*Periand. Senhor Xanto, por Vossa Mercê se esperava, vamos a isto.*

*Xant. Esopo, e agora que hei de dizer.*

*Esop. Valha-o mil diabos, não tema, tenha valor. Moradores de Athenas, o Senhor Xanto, meu Senhor, aqui vem para beber os mares, como apostou, e assim primeiro que o faça quer delencarregar a sua consciencia; pois bebendo o mar, como com o favor de Deos o ha de fazer, porque tem barriga para tudo; eisque bebido o mar, por força o ha de urinar; e urinando-o ha de alagar toda esta terra, e morrerão todos afogados.*

*Periand. Para tudo ha remedio, depois que Xanto beber o mar, torne a ourinallo na mesma praia, e hirá o mar para o seu mesmo lugar.*

*Xant. Está bem; e se os peixes me entrarem pela goela, como ha de ser isso?*

*Esop. Não diga asneiras; pois para não engolir os peixes podia beber o mar per hum funil:*

nil : essa não he a dúvida , o caso he , que prometeo beber o Senhor Xanto ?

*Periand.* Prometeo beber o mar.

*Esop.* Pois bem , como a aposta foi de beber o mar lómente , mandem fechar todos os rios que vão dar ao mar ; porque de outra forte beberá , não ló a agoa do mar , mas tambem a dos rios , o que não he da aposta.

*Periand.* Como he possivel fechar quantos rios vão dar ao mar ?

*Esop.* Se Vossas Mercês não podem fazer hum impossivel , tambem meu Senhor não póde fazer outro impossivel.

*Ennio.* Tem razão Esopo.

*Xant.* Fechem os rios , e eu beberei o mar , para que estou prompto.

*Periand.* Isso he impossivel , desfaçamos a aposta.

*Xant.* Desfaçamos.

*Todos.* Victor Xanto.

*Outr.* Victor Esopo.

*Esop.* Victor eu , e victor amigos.

*Xant.* Anda , que te quero dar a liberdade , pois me livraste deste empenho. *Vai-se.*

*Esop.* Vamos a casa de hum Tabellião para passar-me a carta de alforria ; vou tão contente ! *Vai-se.*

*Filen.* O' Geringonça , não te descubras , que ahi vem Periandro chegando-se para nós.

*Ger.* Diz bem , vejamos o que faz.

*Periand.* Senhoras , querem hum criado para as acompanhar ? Não lhe merece reposta o meu rendimento ? Só com acenos me dizem que não.

Valha-me Deos , eu estou perdido pelo trio desta moça ! Hei de seguilla. Não te vás , formosa Venus , que sem dúvida nasceste agora das escumas desse mar , para abraçar os corações ; se como a Deidade te adoro , não desprezes as victimas de hum coração ; descobre esse rostinho , que como Sol se quer nublar nessa importuna nuvem ; não importa que me cégues com raios , se amor já me cegou com delicias.

*Filen.* Huma vez que queres que me descubra , aqui me tens.

*Ger.* E a mim tambem. *Descobrem-se.*

*Periand.* Que he o que vejo ? Estou corrido ! Cuidavas , Filena , que te havias de ir sem que me fallasses ?

*Filen.* Queres agora dizer , que sabias que era eu falso , ingrato , inconstante ? Esses são os teus extremos ? Essas astuas finezas ? Tão depressa te mudaste ?

*Periand.* Filena , não tens razão ; eu bem sabia que eras tu ; mas como estavas galanteando comigo , eu tambem quiz fingir que não te conhecia , sómente para te ouvir ; e quando isto não fora , zhi verás que quando cheguei a amar , sempre foi a ti , e não a outrem ; pois ainda que te não conhecesse , não sei que simpatico influxo me arrebatava o coração , que te estava querendo.

*Filen.* Sempre me offendeste na imaginação , de que eu era outra.

*Periand.* Meu bem , meu amor , nem por pen-  
fa-

famento te offendi, e se acaso me não crês, deixa-me sepultar nesse mar, que só assim verás que mais quero a morte, que viver nos defagrados de teus olhos.

*Filen.* Tem mão, que eu não quero finezas mortas; deixa-me, Periandro, deixa-me lamentar as tuas falsidades ao som da minha mágoa.

*Canta Filena a seguinte*

A R I A.

Nesse líquido elemento,  
A pezar de meu tormento,  
Vejo, ó falso, o teu retrato;  
Pois que tanto se parece  
Na inconstancia a esse mar.

Donde está; tyranno ingrato,  
A constancia que dizias?  
Donde a fé que prometias?  
Pois não sabes ser amante,  
Por mudavel, inconstante,  
Leve o mar o teu amor.

*Vai-se.*

*Periand.* Espera, Filena, não te vás com tanta celeridade; porém hei de seguir-te a pezar da tua ligeireza, que se amor te formou das pennas azas, tambem saberei fazer dessas azas pennas. Geringonça, detém a Filena.

*Ger.* Fez muito bem; vossês são falsos, e se querem dourar, pois soffrão estes desprezos.

*Vai-se.*

S C E N A VI.

*Praça. Mutaçõ de noite, e sabe Esopo.*

*Esop.* **C**Om a turba multa da gente me perdi de meu Senhor Xanto, e isto he já noite; aonde acharei a este maldito? Estará em alguma taverna? Pois aqui mora hum Tabellião, e de nota, que sabe fazer bem as cartas de alforria; elle aqui ha de vir, que este he o Tabellião da casa: Ora graças a Deos que já não serei fingelo, senão torro, e eu forrado poderei com mais liberdade dizer a Filena o meu amor; pois tenho o demo da bogia preza no cepo de meu coração, e eu lhe farei taes monarias, que ella saiba onde a bugia tem o rabo; porém lá vem quem quer que he.

*Sabem Messenio, e Guardas.*

*Mess.* Quem vem ahi?

*Esop.* Eu, Senhor, não vou, venho.

*Mess.* De donde vem?

*Esop.* Eu venho da geração de meu pai por ascendencia.

*Mess.* Que armas traz?

*Esop.* Ainda o Rei de Armas me não abriu as minhas.

*Mess.* Vossê faz-se tollo? Busquem-no ahi, a ver se leva alguma faca.

*Esop.* Senhores, se eu venho a pé, como hei de trazer faca?

*Mess.* Busquem-no bem.

1. *Hom.* Aqui têm humia coufa na algibeira.

*Mess.* O que he?

*Esop.* Isto he hum corno que trago aqui por amor do quebranto: Ui, Senhores, Vossas Mercês querem buscar lá por detrás.

2. *Hom.* Sim, para ver se traz algum ferro lá escondido.

*Esop.* A'que d'ElRei, Senhores, as minhas nadegas não são de contrabando; busquem embora, que ahi não ha ferro, ferrado sim.

*Mess.* Que trouxa he essa que traz ahi nas costas? Tirem-lha fóra, e vejamos.

*Esop.* Se Vossas Mercês ma tirarem, digo que são valentes.

1. *Hom.* Ella está atada de forte, que a não posso tirar.

*Mess.* Que he isto que levas ahi?

*Esop.* Não he nada, he huma corcova para servir a Vossas Mercês.

*Mess.* Apostemos que és Esopo?

*Esop.* Com que só Esopo he corcovado?

*Mess.* Dize, para onde vás?

*Esop.* Eu não sei para onde vou.

*Mess.* Assim responde á Justiça? Levem-no prezo.

*Esop.* Veirão Vossas Mercês se disse eu bem que não sabia para onde hia; pois na verdade que eu não sabia que hia para a cadeia.

*Sabe Xanto.*

*Xant.* Donde se esconderia este Esopo, que tenho andado quebrando os narizes sem poder topar com elle? Alli está a Justiça, vou-me retirando.

*Mess.*

*Mess.* Quem vem lá?

*Xant.* Amigos.

*Mess.* Que amigos?

*Xant.* Sou Xanto Filosofo.

*Mess.* Senhor Xanto , veio Vossa Mercê a boas horas.

*Esop.* A boas horas veio Vossa Mercê , ás aveffas.

*Xant.* Senhor Meffenio , que fez Esopo , pois o tem prezo ?

*Mess.* Por não fallar com cortezia á Justiça.

*Xant.* Vossa Mercê , Senhor Meffenio , por quem he , ha de soltar a Esopo ; pois bem sabe que he bobo , e chacorreiro , e le alguma coufa respondeo teria por graça.

*Mess.* Bastava ser coufa de Vossa Mercê para o soltar. Soltem a Esopo.

*Esop.* Pó diabo , como fede ! Os esbirros devião soltar algum prezo.

*Xant.* Vossa Mercê viva mil annos , Senhor Meffenio , pela galantaria que me fez de soltar a Esopo.

*Esop.* Vossa Mercê viva mil annos pela galantaria que fez em prender-me.

*Mess.* Vamos correndo o bairro. *Vão-se.*

*Esop.* Ora Senhor , aqui mora hum Tabellião ; vamos , para me fazer a carta de alforria.

*Xant.* Qual alforria ?

*Esop.* Essa agora he boneca ! Vossa Mercê não me disse , que se o livrava de beber o mar , ficando com credito , e honra , que me havia de dar a liberdade ?

*Xant.* Assim o disse , não o nego ; mas eu já te dei a liberdade. *Esop.*

*Esop.* De que fórma?

*Xant.* Quando eu aqui cheguei estavas prezo , e por amor de mim te soltarão ; logo já te dei a liberdade , e tenho cumprido a minha palavra.

*Esop.* Esta não sabia eu ; assim se pagão os benefícios ? Mas eu tive a culpa. Deixára-o eu beber o mar , que quando nada podia ficar hydropico com muita facilidade ; e não fora eu taralhão , que o livrara desta entaladura ; porém eu me vingarei.

*Xant.* Olha , Esopo , se me trouxeres minha mulher para casa com alguma industria , eu te darei a liberdade.

*Esop.* Meta-me aqui o dedo na boca , para ver se o morde : *nó es la burla para dos vezes.*

*Xant.* Anda para casa , não te agastes. *Vai-se.*

*Esop.* Vou feito hum vinagre. *Vai-se.*

## S C E N A VII.

*Mutação de Exercito. Tocão tambores , e clarins , e sábirão Cresso Rei de Lidia , e Temistocles a cavallo.*

*Tem.* **I**Nviçto Cresso Rei da Lidia , aonde intentas passar com os triunfos ? Sem dúvida queres escurecer o nome , e valor do mesmo Marte.

*Rei.* Temistocles , quando os homens , como eu , chegão a desembainhar a espada , ha de ser para conquistar o Mundo : Já toda a Asia me obedece , e a maior parte da Europa , agora me falta avassalar esta pequena parte da

Gre-

Grecia , e seja de todas esta a primeira que finta o raio da guerra , pois degollada a cabeça , o corpo logo se prostra.

*Tem.* Os Athenientes , Senhor , são tão déstros nas armas , como nas letras , e bastava haver nella tantos sabios para ser difficil render-se ; que o bom conselho he o que dá as victorias , maiormente tendo lá hum homem a que chamão Esopo , que dizem que he astucioso , e de grandes ardís.

*Rei.* Quem faz caso de hum homem á vista de hum Exercito ? Que gente temos ?

*Tem.* Sincoenta mil homens de Infantaria , e vinte e quatro de Cavallaria , fóra os vivandeiros , e gastadores.

*Rei.* Toca a passar mostra , que quero reclutar as tropas , e batalhões , e delles escolher poucos , e bons , para ir sobre Athenas , e a mais gente fique para se empregar em outras Praças com os Cábos que eu nomear.

*Tem.* Toca a passar mostra.

*Hirão sabindo os Soldados ao som da caixa.*

*Rei.* Temistocles , vinde tomar as ordens , e chamar os Cábos a conselho.

## S C E N A VIII.

*Descobre-se hum Templo , e no fim delle estirá huma estatua de Jupiter , ao pé da qual ha de haver huma Águia com tres raios nas unhas , a qual se ha de mover a seu tempo , e cantará o Coro , e ao mesmo compasso hirão sabindo Messenio , Xanto , Periandro , e Esopo , o qual dançará , e depois que se cantar tocarão tambores.*

*Esop.* **A** Qui nos correm a caixa.

*Mess.* Que novidade he esta ?

*Xant.* Isto he caso nunca visto !

*Sabe Ennio.*

*Ennio.* Senhores , toda a Cidade está alvorotada á vista de hum poderoso Exercito com que ElRei Cresso de Lidia vem destruindo os campos , e já á vista das nossas muralhas ; e tu , Messenio , como General das Armas sahe a defender nos.

*Mess.* Eu vou , e verá ElRei Cresso o meu valor.

*Esop.* Sempre tive agouro com este Jupiter. Valha o diabo a ElRei Cresso , que no melhor que eu estava fazendo hum contratempo , nos veio fazer hum passapié daqui fóra.

*Mess.* Vamos , Senhores.

*Xant.* Esperai , pois já que estamos aqui no templo de Jupiter , consultemos o seu Oraculo , e o que elle nos disser obremos.

*Periand.* Aconselhou como sabio.

*Mess.*

*Mess.* Pois Xanto , pergunta tu , que como douto o farás melhor.

*Esop.* Meu Senhor falla aos Joves como ninguem.

*Xant.* Grande Oraculo de Jupiter , como resistiremos a ElRei Cresso de Lidia ?

*Esop.* Pois aquillo tinha muito que dizer ? Tudo he opinião neste Mundo.

*Haverá como terremoto , e estrondo.*

*Esop.* Irra , que terremoto ! O Templo pareceo que se vem abaixo ! Este Jupiter será gago , que tanto lhe custa a fallar ?

*Canta-se o Recitado seguinte , como em resposta do Oraculo de Jupiter.*

R E C I T A D O .

Ao mais livre de vós , e ao mais escravo  
Consultai , que he hum Oraculo vivente ,  
E vereis claramente ,

Do que saber quereis o desengano.

Elle será o remedio deste damno ;

E para que o saibais com mais clareza ,

Desta Aguia reparai na ligeireza.

*Voaa a Aguia assima dita , e se põe sobre a cabeça de Esopo , que cabirá por terra , e depois se hirá pôr como estava.*

*Esop.* Vossês não vem a passara que anda voando de verdade ?

*Xant.* A Aguia de Jupiter voando ! Isto he novidade ! E vai direita para Esopo.

*Tod.* Que portento !

*Esop.* Xô diabo. Passa fóra.

*Xant.* Deixa , não enxotes , tollo , olha que he sacrilegio.

*Esop.*

*Esop.* Com que por ser de Jupiter deixarei que me tire hum olho; e mais de que, eu sei por ventura se he Aguia, ou corvo? E isto com tres raios nas unhas, que me chamusque o cabello.

*Xant.* Quem será o venturoso sobre quem se ponha esta Aguia.

*Esop.* Eu sou o venturoso desgraçado; xó, a'que d'ElRei!

*Voa outra vez a Aguia, e torna para o mesmo lugar, e levanta-se Esopo.*

*Periand.* Sem dúvida, que Jupiter quer que Esopo seja o Oraculo.

*Mess.* Pois responde Esopo.

*Xant.* Que ha de dizer hum escravo?

*Esop.* Eu não tenho dúvida em descifrar este enigma da Aguia; mas ha de ser com condição, que me hão de dar a liberdade.

*Tod.* Dê-se a liberdade a Esopo.

*Mess.* Xanto, dá a liberdade a Esopo, quando não lha dará o povo; e ficará livre.

*Xant.* O que hei de fazer por força, quero fazer por vontade. Esopo, estás liberto.

*Esop.* Agora sim. Nobres Athentenses, dai-me attenção, que fallo serio. Bem vistes que a Aguia de Jupiter se pôz sobre a minha cabeça; a Aguia he o symbolo dos Imperios, e eu era escravo, e isso quer dizer, que o Imperio d'ElRei Cresso nos quer avassallar, mas como depois disso o escravo conseguiu liberdade, tambem Athenas terá a mesma fortuna se seguir os meus conselhos.

*Xant.*

*Xant.* Bem descifrado enigma!

*Tod.* Viva Esopo, e elle seja o director desta guerra.

*Xant.* Esopo, aquella casa he tua, ainda que liberto estás não te apartes de mim.

*Esop.* Algum diabo, que eu me vá de casa estando nella a Senhora Filena, a quem entro agora a servir, e a mostrar-me seu amante ás escancaras. Xanto, vamos, que hoje vos faço a honra de ser vosso hospede.

*Tod.* Viva Esopo nosso libertador.

*Esop.* Não gabem a porca antes de passar o mar-rão.

*Tod.* Vamos a pelejar.

*Canta o Coro, e se dá fim á primeira Parte.*





## P A R T E II.

### S C E N A I.

*Mutação de Selva , e no fim haverá hum Pa-  
lacio donde estará a mulher de Xanto ,  
e sabe Esopo.*

*Esop.* **V**enho deitando o bofe pela boca fó-  
ra, bofe, que ainda depois de liber-  
to não tenho huma hora de socego; pois meu  
patrão está ateimado a que lhe leve para ca-  
sa a mulher que lhe fugio; a isto venho eu  
com tanto perigo, porque os inimigos não  
tardaráo muito em vir; se me agarrão, lá  
vai Esopo c'os diabos: como trarei eu esta  
maldita mulher para casa, que huma mulher  
teimosa he peor que hum cancro, que não  
tem cura? Mas alli vejo huma quinta, e se  
me não engano lá está huma mulher, e pe-  
lo fattum da cólera he a Senhora Euripedes,  
pois agora a ella lhe arderá o rabo. Há por  
aqui quem venda alguns perús, patos, galli-  
nhas, coelhos, e outras cousas comestiveis?

*Eurip.* Esopo, que he isso, que buscas? Anda  
cá. He possível que me não viesse ver até  
agora?

*Esop.* Ai, Senhora, confesso-lhe que não tenho  
tido huma hora de meu com o casamento de  
meu Amo, o Senhor Xanto.

*Eurip.*

*Eurip.* Como he isso? Xanto casa? Pois eu já morri?

*Esop.* Provera Deos. á parte. Sim Senhora, casa o Senhor Xanto com a mais linda rapariga que ha nesta terra. Apenas Vossa Mercê se foi de casa escumando como huma cadella de fila, quando logo forão tantos os casamentos que sahirão a meu Amo, que isso foi huma cousa nunca vista; ajuntárão-se na porta tantas mulheres todas a gritar: a mim, a mim; outras dizião: eu, eu. Então acabei de ver quanto valia hum Filosofo. Meu Amo vendo que chovião nelle mulheres como na rua, mandou que subissem todas, e que o levassem por opposição, visto estar vago o estrado de Vossa Mercê; foi cousa para ver, o como ellas se oppunhão humas ás outras! Qualquer dellas sabia bem da Arte de amar, porém Geringonça, (que tambem entrava no concurso) levou a palma em vida; e como meu Amo estava afeiçoado de Geringonça, ella foi a que triunfou, e com effeito está teúda, e manteúda em casa; á manhã se faz o casamento, para o que venho a apennar todas as aves de penna; a deos, Senhora. Há por aqui quem venda alguns perús, patos, ou gallinhas?

*Eurip.* Espera, Esopo, olha cá o que te digo.

*Esop.* Se tem alguns perús para vender venhão, que os quero comprar.

*Eurip.* Elle pagará o pato. Ha maior desaforo! Que este magano de meu marido não basta

namorar-se da criada, mas também casar com ella? Estou huma vibora.

*Esop.* Eu o creio.

*Eurip.* Xanto casar-se com outra mulher! Isto he crível?

*Esop.* Pois se elle está vivo não se fora Vossa Mercê de casa.

*Eurip.* Espera, Esopo, que eu vou contigo perguntar a esse insolente se ha de casar com outrem estando eu viva?

*Esop.* E tão viva que tem o espirito no corpo.

*Eurip.* Se apanhára agora aquelle velhaco lhe havia dar muito couce; estou ardendo com zelos! Montanhas, como não cahis sobre mim para sepultar-me?

*Esop.* Espere, se quer que caia hum tronco sobre o seu corpo isso farei eu.

*Eurip.* Deixa-me, Esopo, que estou zelosa.

*Esop.* Parece que lhe ardeo o rabo.

*Canta Euripedes a seguinte*

A R I A.

A vibora insana  
 Dos zelos com ira  
 Penetra tyranna  
 O peito, que espira  
 Nas ancias da dor.  
 Frenetica morro,  
 Aflicta suspiro,  
 Languente respiro  
 Nos zelos de amor.

*Vaise.*

*Esop.* A' fé que ella vem para casa; ora já logrei o meu intento; mas que ouço? Tamborres?

res? O inimigo já vem chegando, vamos a defender a Praça.

*Toca o Tambor.*

S C E N A II.

*Mutação de Arraial, e no fim estará hum Castello com gente de guerra, e sabem ElRei Cresso, Temistocles, e mais Soldados.*

*Tem.* **S**oberbos, e arrogantes são os muros de Athenas! Parecem inconquistaveis!

*Rei.* Por isso mesmo será Athenas o alvo de minhas iras militares: Se vos parecem soberbos, e arrogantes estes muros, logo os vereis reduzidos a lamentavel estrago. O' Athenas, ou tu te has de render, ou eu hei de ficar sepultado debaixo de tuas muralhas.

*Tem.* Senhor, o bom Capitão deve ser prudente, e não temerario.

*Rei.* A prudencia he capa dos medrosos; o emprender impossiveis he principio de triunfar: vá Volantim á Praça, e diga aos Athenienfes, que quem se acha nesta campanha he ElRei Cresso de Lidia, a cujo valor se tem fugeitado todo o Peloponesso, que me acho com a flor de minhas tropas, que se se quizerem fugeitar com capitulações honrosas, pagando-me hum leve tributo escuzarão de experimentarem os rigores da guerra, e hum assalto rigoroso, e quando não, não ficará pedra sobre pedra.

*Hirá hum Volantim ao muro , e dará o mesmo recado , ao que respondem da muralha.*

*Mess.* Dizei a ElRei Creillo de Lidia , que Athenas , como Soberana , nunca reconheceo Superior , e que o seu exercito não nos affombra ; pois os de Athenas brigamos com dobradas armas , que são as do entendimento , e as da guerra , e assim , que nós resistiremos até morrer.

*Rei.* Notavel resolução ?

*Canta o Rei a seguinte Aria , e Recitado , e depois dá se o assalto.*

### R E C I T A D O .

Animo pois , Soldados valorosos ,  
Castiguemos a barbara ousadia  
De Athenas temeraria ,  
Sentindo o insensível  
De Mavorte feroz a furia horrível.

### A R I A .

A fábrica altiva	O fogo que accende
De tanto edificio	Bellona no peito ,
Cruel sacrificio	O muro desfeito
De Marte será.	Em cinzas fará.

*Rei.* Valorosos Soldados , neste primeiro assalto consiste a honra , e o valor. Toca a investir. *Toca-se , e se dá o assalto , arrimando duas escadas , por onde subirão alguns Soldados a brigar com os da Praça , e se lançará ao*  
mes-

*mesmo tempo algum fogo. Depois de alguma resistencia, entre as vozes dos Soldados, dirá o Rei.*

*Rei.* Toca a recolher, suspenda-se o assalto, que morreo muita gente.

S C E N A III.

*Mutação de Sala, onde estarão Xanto, Ennio, e Periandro, e haverá como huma grande cadeira no fim.*

*Xant.* **N**ão he razão que pelo exercicio das  
Armas se suspenda o das letras, e assim em quanto pelejão os Soldados no muro, não quero esteja ocioso o discurso nas Aulas; sentemo-nos, e vá de argumentos.

*Sabe Esopo.*

*Esop.* Ai, quem me acode, que morro?

*Xant.* Que tens? Que te succedeo?

*Esop.* Venho esfalfado de brigar com os inimigos, que derão hum assalto na Praça.

*Periand.* Pois vencemos?

*Esop.* Eu, supposto lá me achasse, não vi couza alguma.

*Periand.* Como? Isso implica.

*Esop.* Não implica; de sorte, que eu hia para ver o assalto, quando me disse hum Soldado, que era todo huma nata, e estava de sentinella: se quer ver ha de pagar á porta, e quiz a minha desgraça, que não levava dinheiro; e como me virão sem laia derão-me logo huma baixa redonda.

*Periand.*

*Periand.* Bom director temos para esta guerra ! Entendo , Esopo , que se tu fazes das tuas , que todos ficaremos cativos d'ElRei Cresso.

*Esop.* Se isso assim for pegue Vossa Mercê no Senhor Jupiter , e dê-lhe muito açoute ; pois elle foi o que me alcovitou para ser General desta guerra.

*Xant.* E que novas me dás de minha mulher ?

*Esop.* Ainda essa he peor guerra , porque he huma guerra porca ; pois quando se encoleriza , tocando com as vaquetas das pernas no tambor da sua paciencia , cada palavra he huma balla , e cada saliva hum perdigoto.

*Xant.* Pois homem , vem para casa , ou não ?

*Esop.* Esteja descansado , que ella logo vem ; porém ( ainda que mal pergunto ) hoje há aqui Conclusões ?

*Xant.* Há huma conferenciuzinha ; e tu , Esopo , tambem has de argumentar.

*Esop.* Quem defende ?

*Periand.* Eu defendo tres pontos.

*Esop.* Quaes são , que eu tambem quero meter o meu bedelho ?

*Periand.* As questões são curiosas.

*Esop.* Diga , que tambem sou curioso.

*Periand.* O primeiro ponto he : Que o maior indicio do amor he o andar hum amante triste. O segundo ponto he : Que o amor para ser perfeito ha de ser cêgo. E o terceiro definir que cousa he o amor.

*Xant.* Eu presido ; argumente Ennio , e Periandro.

*Esop.* Na terra dos cêgos quem tem hum olho he

he Rei. Argumente o Senhor Ennio, que eu estou já pullando para esgrimir a espada da eloquencia.

*Ennio.* Ora contra o primeito ponto, em que se affirma, que o maior indicio do amor he andar triste hum amante, argumento assim: A tristeza he indicio do desgosto, o amor he o maior gosto; logo não pôde ser a tristeza indicio de hum gosto, qual he o amor.

*Xant.* Repita.

*Periand.* Nego, que o amor seja o maior gosto.

*Ennio.* Provo: Se o amor não fora gosto todos o aborrecerão, e como todos procurão o amor, logo o amor he gosto.

*Periand.* Todos appetecem o amor com vontade constangida, concedo, com vontade livre, nego.

*Xant.* Admiravelmente; porque a vontade forçada não he vontade.

*Esop.* Isso se acaba com a experiencia; vamos ás Galés, e faça-se anatomia em hum forçado, para ver se tem a vontade livre.

*Ennio.* Contra.

*Esop.* Ora calle-se, que não ha de levar a melhor de seu Mestre, pois ainda que diga huma asneira sempre ha de vencer. Deixe-o agora comigo, que hei de baqueallo: *Faciat mihi dicendi veniam, Pater Magister barbatus, & enamoratus cum Mixela sua, contra punctum corridum sic argumentor: Se o indicio maior do amor fosse a tristeza, non tangeretur violam Barbeirus visinbum meum, ad namorandum*

*dam cachopam; sed sic est, que a viola he significativo da alegria: ergo Barbeiro ad namorandam fregonam non usaretur de coufa alegre. Periand.* Nego a menor, que seja a viola significativo da alegria, pois ás vezes nella se tangem fons tristes.

*Esop. Non potest esse: argumentor ita: Não haverá Barbeiro, que ad namorandam, vel bi-chancreandam fregonam non tangat oitavado; atqui que o oitavado he som folgazão; ergo amor inginbatur com coufa alegre.*

*Xant. Distingo: o oitavado he som folgazão, ut vulgò o arrepia, concedo, porém se he o oitavado molle, nego.*

*Esop. Tudo o que he molle se arrepia; o cabello se arrepia, porque he molle, ergo o oitavado molle, e o arrepia se não podem separar, por serem ejusdem furfuris. Este argumento não tem resposta, assim o diz Galeño: Omne molle arripiatur, ou surripiatur, como diz a Glossa.*

*Xant. Ora calte, que não dizes nada.*

*Esop. Olhem Vossas Mercês, sempre huñ exemplo aclara muito hum calcanhar; vá fóra da tórma: Se a tristeza fora significativo do amor, seguir-se-hia que o burro era a mais amante creatura; pois he certo, que não há animal mais triste, melancolico, e forumbatico, do que o burro, e assim, ou Vossa Mercê me ha de conceder que o burro he amante, ou ha de negar que a tristeza não he sinal de quem tem amor. Quid dicis ad hæc?*

*Xant.*

*Xant.* Digo que tens razão.

*Ennio.* Victor Esopo ; boa paridade ?

*Esop.* Pois eu não o disse por paridade ; o certo he que eu sou hum grande talento.

*Ennio.* Contra o segundo ponto das Conclusões , que diz , que o amor para ser perfeito ha de ser cego ; o amor reside na vontade , o entendimento he o faról que guia a vontade ; logo se a luz do entendimento allumiára a vontade , nunca o amor seria cego.

*Periand.* Respondo , que nesse caso tambem o entendimento está cego. Se o entendimento está sem luz , como pôde guiar a vontade ?

*Esop.* Espere , espere , que agora lhe falto nas ancas : *totus amor est albarda : atqui que albarda est enxerga ; ergo o amor ha de enxergar.*

*Xant.* Quem te disse a ti que o amor era albarda ?

*Esop.* Ui , Senhor , desde que me entendo , ou antes de me entender , sempre no berço me embaláráo com aquella cantiga :

O amor he huma albarda ,  
Que se põem em quem quer bem ;  
Eu por não ser albardado ,  
Não quero bem a ninguem.

*Xant.* Isso he questáo de nome , vamos ao terceiro ponto , que he definir o amor.

*Periand.* Agora defina Esopo o que he amor , que nós lhe argumentaremos.

*Xant.* Dizes bem , ouçamos o que diz , e vejamos o seu juizo.

*Ennio.*

*Ennio.* Bem está , que elle tem grande juizo ;  
assim o tivera eu.

*Esope.* O meu juizo já andou demandado em  
juizo ; mas eu por lhe faltar a vontade me  
subo á magistral , e definirei o amor.

*Tod.* Ora ouçamos a Esope , chiton.

*Sobe Esope á cadeira , e assentando-se nella diz :*

*Esope.* Vulcano , aquelle célebre Ferreiro , a quem  
a Gentilidade hypotecou o dominio do fogo ,  
foi marido de Venus , ( ainda que outros di-  
zem que Venus he que foi sua mulher ) va-  
lha a verdade , que eu com isso me não me-  
to ; o que eu sei he , que estando Venus ao  
pé de huma bigorna em que Vulcano estava  
batendo hum ferro em braza , e sobre este des-  
carregando o martello , eis-que salta huma  
faísca , préga-se na barriga de Venus , e co-  
mo á queima roupa atea-se o incêndio na ca-  
misa ; mas quiz não sei quem , que como  
Venus era filha do mar alto , o fogo a não  
pudesse abraçar , fazendo-lhe huma empolla na  
barriga. Cuidado , Senhores , com o fogo ,  
principalmente junto da formosura ; porque  
a belleza he isca , que com qualquer fogo se  
atea , he nécha , que com qualquer isca pe-  
ga , he polvora , que com qualquer faísca es-  
toura ; bem se vio no presente caso , mas não  
parou ahi o estrago , porque a tal empolla-  
sinha , ainda que dizião os Medicos , não he  
nada , não he nada , ella em nove mezes  
cresceo de tal sorte , que parecia hum tambor.  
Vendo-se a formosa Venus em tanto perigo ,  
man-

mandou chamar tres velhas suas conhecidas ; e insignes mefinheiras. (Erão ellas mulheres muito honradas no seu corpo , e nos seus adornos mui Parcas.) Cada huma conforme a sua antiguidade foi lhe apalpando a barriga ; a primeira velha disse : Senhora , a barriga de Vossa Mercê tem tal quentura , que me persuado que tem nella hum incendio. Disse a segunda : Pois eu se me não engana o tacto , acho a barriga de Vossa Mercê tão dura , que cuido tem dentro della hum calhão. Respondeo a terceira velha : Com licença das Senhoras Comadres , cuido que o que Venus minha Senhora traz na barriga he hum bicho , pois pelos saltos que dá nella assim me atrevo a afirmar. Palavras não erão ditas , quando estoura Venus pelas ilhargas , e sahio como huma pelota hum rapaz cêgo de ambos os olhos , com aljava ao hombro , e na mão hum arco , e pondo-se logo em pé disse a criança : Não quebrem a cabeça , que o que minha mãi tinha na barriga era o Amor , que sou eu. Vendo as velhas este prodigio , disse a primeira : Não cuides , Cupido , (que o rapaz logo trouxe o nome consigo ) não cuides que me dêste quináo , pois tanto montava dizer que Venus tua mãi tinha na barriga hum incendio , que o ter amor ; porque amor , e incendio tudo he o mesmo. A quantos amantes na tyrannia de hum deſdem faz o amor seu foguete , e de rabo , quando dá as costas aos carinhos , por mais que busca pé para dis-

disparar nãs meninas dos olhos o foguete de lagrimas que chora? Todas as arvores de geração são esgalhos da arvore do fogo do amor , donde cada bomba he hum pomo , e cada folha hum traque , porque todo o amor acaba de estouro. Para as Damas he o amor brazeiro , para as criadas chaminé , para os velhos borralho , para os moços esquentador , para os afnos fogo salvagem , para os lacayos fogo lento , para os tafuis fogo viste lingoiça , para os pretos tição , para os rapazes fogueira , e para todos Inferno. Disse a boa da minha primeira velha ; quando a segunda , inchando o gorgomillo , e encrespando as cordoveas disse : Pois na verdade , que me não enganci em dizer que Venus tinha hum calhão na barriga ; pois nenhuma outra cousa he o amor senão huma pedra , e senão vejão : A cabeça do amor he pedra de porco espinho , pois pica os pensamentos amorosos , a testa he marmore de que se lavráo as estatuas da ausencia com o buril da memória , os olhos são esmeraldas , cõr da esperança com que engana , a boca rubim pelo sanguinolento , a garganta pedra hume pelo que aperta , o peito diamante , porque hum amor só com outro amor se lava , os braços por victoriosos , pedras victorinas , as mãos pedra lipis pelo que cauterizáo , e finalmente o rabo pedra bazar. He o amor pelo forte rocha viva , quando proftra , pedra de raio , quando engoda , pedra de assucar , quando attrahe , pedra iman ,

iman, quando experimenta finezas, pedra de tocar, quando vence impossiveis, a melhor pedreira, e quando douira aggravos, pedra filosofal. Para as mulheres pedras de estancar sangue, para os homens pedra de funda, para quem foge, ou as amolla reboillo, para os Barbeiros pedra de affiar, para as cofinheiras pedra de ferir lume, para os mochilas pedra da rua, para os marujos lancho da praia, para os merinos confeito seixinho, para os golosos pedra de cevar, para alguns pedra cordeal, e para todos pedra de escandalo. Ainda não tinha bem acabado de dizer a ultima syllaba, quando a outra velha abrindo a caixa da boca tirou o caxundé da eloquencia, e já quasi enfurecida disse: Supposto, Senhores, que eu seja mulher, não hei de ficar vencida, porque se affirmei que Venus tinha na barriga hum bicho, não disse mal; pois que cousa he o amor, senão hum bicho, hum animal, e hum lagarto? E senão pergunto: que he o amor, senão huma hydra de sete cabeças, que nem o mais valente Hercules pôde vencer? He camaleão, que se sustenta com o vento das lisonjas, he tarantula, que com os descantes cura o seu veneno; quando diligente, he santopea, quando se atea, aranha, quando com vista mata, lince, quando cega, toupeira, quando desdenhoso, ouriço, quando timido, lebre, quando valente, tigre, quando fiel, cachorro, quando menino, lesma, quando arrastado, cobra, quando trombu-

budo, elefante, quando nescio, camello, quando furioso leão, e quando pára, cendeiro. He o amor para as Damas arminho que regala, para as Freiras cãosinho que affaga, para as velhas dragão que mete medo, para os mancebos cavallinho da alegria, para os velhos cavallo cansado, para as cosinheiras gata borrarheira, para as fêas cão de arame, para os valentes anta, para os Granadeiros lontra, para os çapateiros bezerro, para os casados touro, para os pacientes cabrão, para os asnos burro, que dá couces na alma, e finalmente bogio, porque a todos préga o mono. Para prova desta verdade perguntai a esses amantes o que fazem, para explicar o seu amor? Sabeis o que fazem? Fazem hum bicho; porque o mesmo he fazerem hum bicho, que dizerem que tem amor, pois o amor he bicho. He o amor bicho de concha, que no mar de Venus se gerou; he bicho de feda, que transformando-se em borboleta se parece com o amor nas azas; he bicho de cosinha, que tempera os genios mais asperos, he sabichão, porque a todos engana. Quando nos embebada, bixaninha gata, quando nos mete medo, bicharoco, quando nos chupa o sangue da bolça he bicha, e finalmente he bicho carpinteiro, que não póde estar quieto com os seus bicharocos. E concluo a velha toda esta arenga, fazendo hum horrendo, e espantoso bicho, dizendo: quem, Vossa Mercê, Senhor Cupido? Essa he boa! Esta he a de-  
fi-

finição do amor que lhe derão as tres velhas , vindo a concluir que o amor he féra , raio , e pedra ; féra nos estragos , raio nos incendios , e pedra na dureza ; e quem quizer mais vá á sua casa.

*Xant.* Por certo , que definiste bem o amor , e em premio da tua sabedoria terás o gráo de Doutor em Filosofia.

*Periand.* Justo he que laureemos a Esopo.

*Ennio.* Esopo merece todas as honras de Sabio.

*Xant.* Has de ser Mestre do Curso que se ha de abrir para o anno.

*Esop.* Isso he pulha ; Mestre do Curso ! Muito hei de gastar em alfazema , e alecrim para perfumar a Aula , que cheirárá , que será hum desamparo.

*Xant.* Porém antes de tomares o gráo has de responder a huma pergunta solta , que he costume Academico.

*Esop.* Quem pergunta saber quer ; ora vá.

*Xant.* Dize , Esopo , porque razão chamáo aos corcovados Poetas ?

*Esop.* *Sic querit , & respondeo* : chamáo aos carcundas Poetas , porque os Versistas deste tempo são Poetas , mas he cá para trás das costas.

*Periand.* Boa resposta !

*Ennio.* Boa agudeza !

*Esop.* Ahi está ella muito á ordem de Vossa Mercè.

*Xant.* Ora eu te constituo Doutor , Esopo , pela authority que tenho da República.

*Periand.* Muito bem , Senhor Doutor.

*Ennio.* Senhor Doutor ? Seja-lhe muito parabem.

*Efop.* Com que só basta dizer o Senhor Xanto que sou Doutor para logo o ser ?

*Xant.* Quem o duvida ?

*Efop.* Ora eu cuidava que para ser Doutor era necessario andar hum homem em Salamanca sete annos , e no cabo só huma palavra basta para resuscitar a hum nescio do sepulchro da ignorancia.

*Sabe Euripedes gritando muito , e dará com a cadeira no chão , e ficará Efopo de baixo della.*

*Eurip.* Donde está este patife , e este velhaco de meu marido ? Donde está , que lhe quero perguntar se ha de casar com outra mulher estando eu viva ? Tudo ha de ir razo nesta casa , não ha de ficar pedra sobre pedra.

*Efop.* A'que d'ElRei , que morro , que me estalou a corcova ! Antes queria ser burro vivo , que Doutor morto.

*Xant.* Senhora , que terremoto he esse que vem fazendo ? Que tem ?

*Eurip.* Ainda me pergunta que tenho ? Vossê casado com Geringonça estando eu viva !

*Xant.* Eu , Senhora ? Isso he testemunho.

*Eurip.* Efopo , não mo disseste ?

*Efop.* He verdade , mas como Vossa Mercê não queria vir para casa a fazer vida marital com meu patrão , foi-me preciso fingir que elle se casava ; porque Vossa Mercê então acoffada dos zelos viria para a sua companhia.

*Xant.*

*Xant.* Eu te perdoo a pessa pela industria com que a trouxeste para casa.

*Eurip.* Elopo, desavergonhado, tu me foste enganar? Pois em ti vingarei a minha raiva.

*Dá-lhe.*

*Esop.* Tá, tá, tenha mão para lá, que já não sou seu cativo, que me libertou o Povo, e além d'isso sou Doutor em Filosofia, que he o mesmo que Mestre em alhos, e já agora tão bom, como tão bom.

*Eurip.* Está bem, tu mo pagarás; anda Xantoto.

*Vai-se.*

*Xant.* Vamos, Senhora; vou tremendo! Esopo, vem comigo, que apartarás a pendencia.

*Esop.* A Senhora Mestre, e o diabo tudo he hum; hoje temos touros de capa, e eu farei muito por lhe mostrar a manta. *Vai se.*

*Ennio.* Vinde, Periandro, que já não posso aturar o diabo da mulher.

*Periand.* Ide Ennio, que quero ver se posso fallar com Filena, que ha dias que a não vejo.

*Ennio.* Pois ficai-vos embora.

*Vai-se.*

*Periand.* Se estará ainda Filena mal comigo, pois desde o dia que o pai foi para beber o mar, me não quiz fallar? Bem disse Esopo que o amor era pedra, fogo, e fera, pois tudo tenho, e tudo acho em meu amor; féra na condição de Filena, fogo no incendio de meu peito, e pedra no immovel com que me detenho nesta casa, que parece que sou o mesmo edificio aonde habita Filena. Oh quem nunca soubera o que era amor!

*Filen.* Quem está aqui?

*Periand.* Quem ha de ser, senão quem adora ;  
não só o idolo de tua formosura , mas até as  
paredes do templo , onde te elevas Deidade ?

*Filen.* Se soubera que estavas aqui não passara  
por esta sala.

*Periand.* A tanto chega o teu odio , que nem  
ver-me deſijas ?

*Filen.* Não posso responder , porque minha mái  
já veio para casa , e lhe vou fallar.

*Periand.* Espera , que te não has de ir sem pri-  
m-iro fazermos aspazes , pois sem razão ve-  
jo que estás contra mim.

*Filen.* Não quero admittir desculpas , que hão  
de ser tão falsas como tu , que as pertendes dar ;  
deixa-me , Periandro , que vou ver minha mái.

*Periand.* Escuta sequer hum breve instante , Fi-  
lena , as queixas de hum amante afflicto ; não  
queiras que de todo acabe desesperado aos  
golpês de huma mágoa.

*Filen.* Por me não deteres mais dize o que que-  
res dizer.

*Periand.* Pois escuta.

*Canta Periandro a seguinte*

A R I A .

Ingrata , não fei porque  
Podendo eu ser feliz ,  
Fazes com teu rigor ,  
Que chegue a enlouquecer.

Cruel Deidade , vê  
Que ainda que infeliz ,

Em mim se acha amor ,  
Que puro sabe arder.

*Filen.* Compadecida da tua mágoa buscarei hora  
em que com mais vagar te desculpes , e eu  
me satisfaça. *Vai-se.*

## S C E N A IV.

*Mutação de Camera , e sabe Esopo com hum  
papel na mão.*

*Esop.* **G**Rande pezo tenho sobre as minhas  
costas ! Não bastava esta corcova ,  
mas sobre ella ainda hum amor como hum  
inchaço ? Eu confesso que sim tinha amor á  
menina , porém depois que a vi hontem ca-  
hindo-lhe a baba pelos cantos da boca , ainda  
fiquei mais abrazado ; vejão agora a asneira  
deste meu amor , em que havia achar motivo  
para se atear ! Eu tomára declarar-me com  
ella ; se pegar muito bem , quando não pou-  
co se perde , mas eu acho de mim para mim ,  
que ella não ha de ter dúvida a ser minha  
amanta , pois já agora sou Doutor ; e ella que  
mal lhe estará levar em capello a minha con-  
tubernia amorosa ?

*Sabe Filena.*

*Filen.* Esopo , ha dous dias que me não dá li-  
ção ; ora vamos a isso.

*Esop.* Ora digão agora Vossas Mercês sem pai-  
xão , quem se não ha de namorar daquella ca-  
ra , que parece pintada a oleo de linhaça ?

*Filen.* Vamos á lição , se queres , tenão vou-me.

*Esop.*

*Esop.* Quero, quero, antes porque quero por isso não quero. Olhe, menina, ninguém corre atrás de nós, tempo tem a lição, conversemos hum pouco primeiro.

*Filen.* Ora conversemos, que eu gosto muito das tuas graças.

*Esop.* Mais entendo eu, que gosta das minhas desgraças.

*Filen.* Das tuas desgraças? Como?

*Esop.* Bem, já estou metido na tramoia; eu começo a explicar-me: como está o Senhor seu pai dos flatos?

*Filen.* Que tem cá as tuas desgraças com os flatos de meu pai?

*Esop.* Isto foi hum entreparente; mas o caso he que as minhas desgraças Vossa Mercê.... quando.... hoje.... á manhã.... eu estou fóra de mim! Não digo cousa com cousa!

*Filen.* Que dizes, que te não entendo?

*Esop.* Agora, agora, eu me explico: De sorte, que eu... não... não... de maneira.. que Vossa Mercê... não... fim... não... espere.... faça Vossa Mercê de conta.....

*Filen.* Que hei de fazer de conta? Tu estás bebado?

*Esop.* Não estou bebado por vida minha; ora espere, que eu me explico neste

S O N E T O.

Ora aspiro, ora temo, ora duvido;

Ora grave, ora meigo, ora fevero;

Ora engeito, ora peço, ora não quero;

Ora páro, ora tenho, e ora envido:

Ora

Óra inculto, ora monstro, ora Cupido ;  
Ora prompto, ora tímido, ora féro ;  
Ora livre, ora escravo, e ora impéro ;  
Ora amante, ora ingrato, ora sentido ;  
Ora morro, ora vivo, ora me afogo ,  
Ora rio, ora choro, ora me affanho ;  
Ora já, ora não, e ora logo.  
Ora envido, ora perco, e ora ganho ;  
Ora incendio, ora neve, e ora fogo ;  
Estranho variar de amor estranho !

*Filen.* Tens dado mais horas que hum relógio,  
e em tantas não te pudeste explicar.

*Esop.* Pois Senhora, nas horas desse relógio  
apontava o mostrador do meu enleio, quan-  
do a formosura de Vossa Mercê me tem feito  
em quartos, e por instantes morrendo na re-  
petição dos golpes.

*Filen.* Sim ? Pois que he ?

*Esop.* He o coração que está a bater.

*Filen.* Pois isso que tem ? A todos faz o mes-  
me.

*Esop.* Será, mas eu acho que o meu coração  
não cabe na pelle, porque tem dentro....

*Filen.* O que tem ?

*Esop.* Tem â, â, â....

*Filen.* Se não passas do A, pouco sabes ; que  
he o que tens, que estás gago ?

*Esop.* Quero dizer amor, e não me chega a  
língua. Ora escute, que cantando me expli-  
caei ; pois já que o amor he Tarantula, co-  
mo disse hum discreto, que fui eu, com a  
música curarei o veneno do coração.

*Can.*

Sabes tu quem me atormenta?  
De mansinho, aqui em segredo:  
He... mas ai, qué tenho medo!  
Ora eu digo resolutto,  
Es tu mesma, ingrata, tu.

Tu fabricas este enredo  
Aos meus olhos, que lamentão  
O rigor daquelle monstro,  
Que anda cego, nú, e crú.

*Filen.* Com que te namoraste de mim? Vivas  
muitos annos, que eu disso não me offenco.

*Esop.* Sim, mas eu queria....

*Filen.* Que querias?

*Esop.* Eu sei! Queria que me correspondesse  
tambem, que nos escrevessemos de parte a  
parte, ainda que sempre fallamos; queria que  
me desse mais hum coração de azeviche com  
huma fitta da sua anagoa, e a fitta havia ser  
verde para eu lhe fazer huns versos, onde  
havia fallar em esperança. E indo nós assim  
andando, ao depois o tempo daria de si algu-  
ma cousa; pois que diz? Sim?

*Filen.* Valha-te o diabo, mofoño, que sempre  
has de estar de pachorra! Vamos á lição, an-  
da, que ao depois quero me notes huma at-  
ta para Periandro, que hei de escrevella pela  
minha propria mão, e da minha letra, al,  
e qual.

*Esop.* Com que não há que deferir ao meu re-  
querimento, e sobre não ser admittido, como  
amun-

amante , hei de ser alcoviteiro ? Isso não ha lei que o mande ; e se Cupido tal souber he capaz de deixar cahir hum raio sobre mim ; porém nem tudo se leva de hum jacto : eu hirei colhendo favores ás furtadellas ; ora ande , menina , escreva lá.

*Filen.* Dize de vagar , e que á manhã me fale ; escolhe tu o lugar que for mais seguro.

*Vai dictando Esopo , e escreve Filena.*

*Esop.* Meu bem Esopo , de quem só fio os segredos do meu coração , diga o quanto este se abraça nas chammas do amor ; não lhe posso dizer mais , nem menos , que aos bons entendedores pouco lhe basta : á manhã á noite espero vello no pateo escuro para o enxergar melhor , o qual cahê para a estrebaria do cavallo de meu pai. Deos te guarde , que te não quero dar quebranto. Muito sua pelo so-vaco. Ponha hum F. com hum E. atrás.

*Filen.* Ha de ser P. e não E. E não vêes tu que se chama Periandro ?

*Esop.* He o que me faltava , querer a Discipula ensinar ao Mestre ! Diga lá o A , B , C.

*Filen.* A , B , C , D , E , F.

*Esop.* Basta , páre ahi ; não vê , tollinha , que o E. está atrás do F , e não o P ? Ponha , ponha como lhe digo.

*Filen.* Tens razão , eu ponho.

*Esop.* Ao menos a carta he toda para mim lida nesta fórma.

*Lê Esopo , virgulando como assima.*

*Esop.* Meu bem Esopo , de quem só fio os segredos do meu coração.

*Filen.*

*Filen.* Não quero, has de lèr assim: Meu bem, virgula, Esopo de quem só fio, &c.

*Esop.* Não faço caso de pontos, e virgulas, que já se não usão. Ai, que ahi vem seu pai!

*Filen.* Pois dá a carta a Periandro. *Vai-se.*

*Esop.* Não a darei senão a mim, que eu daqui em diante hei de ser o teu Periandro. *á p.*

*Sabe Xanto.*

*Xant.* Esopo, que escrito he esse que ahi tens?

*Esop.* He a carta da menina.

*Xant.* Como vai ella com o lèr?

*Esop.* Admiravelmente; já dá escritos com a maior facilidade do Mundo.

*Xant.* Sendo tu seu Mestre, não duvido que esteja tão adiantada.

*Esop.* Ah Senhor, que se ella tomára bem as minhas lições, talvez que estivera hoje n'outro estado.

*Xant.* São raparigas, querem brincar. Ora Esopo do meu coração, depois que veio este tigre de minha mulher para casa ainda não pude mais fallar a Geringonça, e importa fallar com ella cousa de grande empenho; estimára que á manhã á noite nos vissemos no pateo da estrebaria; Esopo, peço-te isto como amigo, a Deos, que me não posso deter. *Vai-se.*

*Esop.* Este pateo da estrebaria que diabo terá para os amantes? Porém só na estrebaria merece estar quem he amante.

*Sabe Geringonça.*

*Ger.* Ora, Esopo, tu fazes zombaria de mim?  
*Esop.*

*Esop.* Doutor de quando em quando.

*Ger.* Que ande eu morrendo de amores por ti , e que tu tão secco , tão despegado , e desdenhoso me faças desprezos ?

*Esop.* Mulher , ou tição do Inferno , não me deixarás ? Como queres que te queira bem se não acho por onde te pegue ! Não vês que és huma cosinheira , e eu sou hum Doutor ?

*Ger.* Tu és Doutor ?

*Esop.* Quando nada ; porque ? Não me vistes logo na cara o resplendor doutoral ? Vê tu agora se está bem a hum Doutor casar com huma cosinheira ? Já se tu foras Doutora , trancas ; porém huma criada chirle , fedendo a adubos , *non susretur in rerum natura.*

*Ger.* Ai , tu sabes latim ?

*Esop.* *In totum , ite , ite ad temperandas panellas.*

*Ger.* Agora te quero mais ; olha , que importa que tu sejas Doutor ? Não vês que o cavallo alimpa a egoa ?

*Esop.* *Ergo cavalus sum ego ?*

*Ger.* Não entendo o que dizes , falla-me como d'antes.

*Esop.* *Non possum , quia in hac hora venit mihi flatum filosofandi.*

*Ger.* Donde aprendeste isso tão depressa ?

*Esop.* *Venit ab alto , & non te importat.*

*Ger.* Que o achaste na porta ?

*Esop.* Não ha maior desesperação ! Queres tu tambem agora aprender Latim ? Mulher , como to hei de dizer ? Não te posso querer bem.

Dei-

Deixa-me ; quanto mais me segues , mais me persegues. Arre com a farna !

*Ger.* Que soffra eu estes desprezos !

*Canta Geringonça a seguinte*

A R I A .

Vou-me embora , Esopo ingrato ;  
Já te deixo , pois não quero  
Teus repudios aturar.

Tu desprezas o meu trato ,  
Sem olhar , que te venero ?  
Pois amor me ha de vingar.

*Vai-se.*

*Sabe Messenio.*

*Mess.* Esopo , estamos perdidos.

*Esop.* Porque , alguém nos busca ?

*Mess.* Sahio do Exercito d'ElRei Crêssó hum Soldado a desafiar hum dos nossos , e que á manhã o esperava no campo só por só , e com armas iguaes ; e quando não , que incorreriamos em pena de cobardes ; e o peor he , que não há quem queira aceitar o desafio , porque os melhores Cábos , e Soldados estão doentes das feridas das settas , e assim pois Jupiter te escolheo para Director desta guerra , dize o que faremos.

*Esop.* O caso ainda assim he de barbas ; mas por vida de Esopo , que eu mesmo hei de sahir em pessoa ao desafio.

*Mess.* Tu , como ? Se não sabes jogar as armas , e os inimigos são déstros nellas ?

*Esop.* Vossa Mercê , Senhor Messenio , está enganado ; quem lhe disse que eu não sabia jogar as armas ? Ainda não ha muitas horas que

jo-

joguei a minha espada com hum Tambor ao jogo das chapas.

*Mess.* Não te ponhas com graças , dá remedio a cousa de tanto empenho.

*Esop.* Pois Senhor , tenho dito , eu mesmo fahirei , eu posso fazer mais , que dar o conselho , e executallo ? Ora ande , que na guerra val mais a industria que o valor.

*Mess.* De ti tudo se espera. *Vão se!*

S C E N A V.

*Mutação de Arraial , e apparecerá a Praça , e a hum lado ElRei Cresso com alguns Soldados , e no meio do Theatro Temistocles com espada , e rodéla.*

*Rei.* **J**A' que fizeste o desafio vê lá como te sahes delle , não nos desacredites.

*Tem.* Tão poucas experiencias tenho dado do meu valor em tantas campanhas , para que agora Vossa Magestade desconfie de mim ?

*Rei.* Bem sei que és bom Soldado , e valoroso , mas nem sempre a fortuna pôde ser favoravel ; queira Jupiter que triunfes , que a tua gloria será a minha.

*Tem.* Venha quem vier , venha o mais valente Soldado dos Athenienses , que do primeiro revés o hei de descabeçar. O' lá da Praça , não vem esse valente ?

*Haverá huma porta na muralha da Praça por onde sahirá Esopo com capacete , espada , e rodéla , e dirá dentro o que se segue.*

*Dentr. Esop.* Já vou , espere , que me estou apolvilhando. Cuidado não me fechem a porta do muro , que importa.

*Sabe Esopo.*

*Esop.* Ora salve Deos a Vossa Mercê.

*Tem.* Vossê he o do desafio ?

*Esop.* Cuido que sou eu , se me não engano ; arre lapas ! Que será isto , que me não posso ter nas pernas ! Estava eu manso , e pacifico , quem me meteu em desafios ? Ah D. Quixote , aonde estás , que aqui eras tu gente !

*Tem.* Ora pois , vamos a isto depressa.

*Esop.* Ui , Senhor , que pressa tem Vossa Mercê ? Morra eu de cutiladas , mas não quero morrer de afogadilho. Com licença de Vossa Mercê , já venho.

*Faz que se vai , e torna a voltar.*

*Tem.* Aonde vás ?

*Esop.* Vou mudar de camisa , que entendo que estou mijado com alguma cousa mais.

*Tem.* Bom contrario tenho eu ! Desta vez logro o triunfo , meçamos as armas ; estão iguaes.

*Medem as espadas.*

*Esop.* Estão iguaes ? Não há tal.

*Tem.* Como não ?

*Esop.* A sua espada tem punho de prata , e a minha de cabello. Não , Senhor , hão de ser armas iguaes , ou eu não hei de brigar.

*Tem.*

*Tem.* Iguaes se entende do mesmo comprimento ; bem parece que isto não he terra de Soldados, mas sim de Filósofos.

*Esop.* Tu o amargarás na conclusão. *á parte.*

*Tem.* Pois estão as armas iguaes , agora partamos o Sol.

*Esop.* Que parta o Sol ? Quer-me vossê partir o sol da India com os dentes ? Quem parte o Sol melhor me partirá a cabeça.

*Tem.* Bem estamos , toquem os clarins a investir.

*Esop.* Mande antes dobrar os finios , porque eu desta vez aqui fico enterrado.

*Tocão huma marcha com as trompas.*

*Rei.* Que farão os dous , que tanto tardão a investir ?

*Tem.* Ora vamos.

*Esop.* Pois vamos ? A Deos até á manhã.

*Tem.* Briguemos , quando não vou dando.

*Esop.* Dê , dê , que eu farei queixa a sua Mãi. E que fará agora Geringonça ? *á parte.*

*Tem.* Ora já te não posso aguardar , que nas dilacões periga o meu crediro. *Investe.*

*Esop.* Espere , espere , tenha mão , que já não póde brigar.

*Tem.* Porque ?

*Esop.* Porque o ajuste foi ser com armas iguaes ; quanto a isso não se me dá.

*Tem.* Não se te dá das armas ? Pois em que te fias ?

*Esop.* Fio-me na coura.

*Tem.* Pois se as armas estão iguaes , que mais falta aqui para a lei do duelo ?

*Esop.*

*Esop.* O desafio foi, que havia ser só por só.

*Tem.* Sós estamos.

*Esop.* De burro; isso he não ser valente, vossê com gente de escolta atrás? Aonde está ahi a graça? Não sabe, que *nec Hercules contra duo*, quanto mais quem não he para ser criado de Hercules?

*Tem.* Eu venho só, e não trago nenhum comigo. *Volta-se.*

*Esop.* Quer agora negar o que eu estou vendo? Olhe para trás, e verá com os seus olhos: ahi! hum, dous, tres, dezanove, sincoenta. *Ao voltar Temistocles a cara dá-lhe Esopo huma cutilada, e deitará a fugir para a Praça, e cabe Temistocles.*

*Esop.* Agora que se vira reviro eu. Zumba.

*Vai se.*

*Tem.* Ah traidor, que me mataste! Traição, traição.

*Rei.* Que foi isso, Temistocles? Tu ferido dessa sorte?

*Tem.* Que ha de ser? Hum traidor, que dizendo-me que eu trazia gente de escolta, hindo a virar a cara me deu huma cutilada.

*Dentro.* Viva Esopo, Esopo viva. Victoria.

*Rei.* Com que Esopo foi o que veio ao desafio? Ainda estou mais picado!

*Tem.* Veja Vossa Magestade se disse eu bem, que Esopo nos havia de fazer a guerra.

*Rei.* Pois juro que daqui em diante apertarei mais o cerco, só para apanhar ás mãos este velhaco de Esopo; anda curar-te na minha tenda. *Vão-se.*

SCE-

S C E N A VI.

*Mutação de columnas, ou pateo escuro azulejado, e no fim estará huma porta, e sabe Euripedes.*

*Eurip.* **V**Enho como tonta! Isto he o que quer que he; estando eu no melhor do somno não acho na cama o meu marido, vou á cama de Filena tambem o não acho, nem Esopo apparece; tenho corrido toda a casa de alto abaixo sem ver a nenhum, até me obriga a vir por este pateo; entrei na estrebaria, nada encontro! Que diabo será isto! Mas eu cuido que sinto pizadas, eu me retirei para este canto, que hoje haverá ferra Hespanha. *Retira-se.*

*Sabe Filena.*

*Filen.* Aqui mandei que esperasse Periandro, e Esopo me disse que elle já aqui estava; mas eu não sei por onde ponho os pés, e tenho dado mil quedas; pois com o escuro da noite não sei por onde venho, nem por onde pizo; ai, amor, a quanto obrigas!

*Sabe Xanto.*

*Xant.* Agora acabo de ver que he cego o amor, pois como cego venho ás apalpadellas por tantos corredores até chegar a este pateo, que ha de ser esta noite a campanha do amor em que quero fallar a Geringonça.

*Filen.* Mas eu cuido que alli vem gente; quem ha de ser, senão Periandro?

*Xant.* Sinto pizadas, e o vulto, se me não engano, para mim se vem chegando; sem dúvida he Geringonça; que espero, que lhe não fallo? Vem embora, pois tu és a luz que me traz cégo a fallar-te: tanto tardaste?

*Filen.* A voz he de meu pai, eu estou perdida! Ora quando os velhos tem amor, que farão os moços! Eu vou-me retirando; há maior desgraça, que quando busco a Periandro encontro meu pai! *Vai-se.*

*Xant.* Com o escuro não atino aonde ella está. *Vai Xanto chegando para onde está Euripedes, e sabe Efopo.*

*Xant.* Oh cá estás tu? Pois agora já poderemos fallar.

*Eurip.* Ai, he o Senhor Xanto? Pois eu me callo até que elle se declare bem, que quero ver a quem busca.

*Efop.* Esta casa parece-me encantada, pois desde a meia noite que sahi de sima, até agora estive sem atinar com o pateo. Valha-te o diabo pateo, que a tantos fazes patear! Ora aqui estou eu no meio do campo; venha agora Filena a desafiar-me, e veremos como se porta comigo. E o velho fica logrado, que eu não dei o recado a Geringonça.

*Xant.* Minha Geringonça, não sabes que morro por ti? Pois como me desprezas?

*Eurip.* Meu dito, meu feito! Ora quero fingir-me Geringonça.

*Xant.* Não respondes, amores?

*Eurip.*

*Eurip.* Como quer que o queira se Vossa Mercê quer tanto á Senhora Euripedes?

*Xant.* Valha o diabo Euripedes, que por sua causa não me declaro teu amante! Tomáta que já morrêra, para casar contigo.

*Eurip.* Há quem isto ouça? Eu quero disfarçar ainda.

*Esop.* Muito tarda Filena! Donde estará esta bogia? Mas parece-me que já a estou vendo vir tique tique, com a sua anagão de franjas, çapatinho de tessão, o cabello desgrenhado, cuberta com a sua capona. Mas ai, que agora me lembrou huma cousa, que se ella me abraçar poderá topar com a minha corcova, e por ella conhecer-me pelo tacto! Pois bom remedio, em tal caso direi que me abraçe pelas gambeas, que he hoje o rigor da França; mas se me não engano ahi vem gente, e o pizar he de mulher.

*Sabe o burro, que vai para Esopo.*

Ella he sem dúvida, que a conhece o nariz pelos aromas que exhala; e como vem serena! Ora fingir-me quero, Periandro: Vem cá, Planeta da quarta estera, vem, formosa Venus, a mitigar o febricitante ardor de meu peito com o assucar queimado dos teus carinhos; não me dizes nada? Estás muda? Sem dúvida que o teu pudor te embarga as vozes na Chancellaria do peito. *Zurra o burro.* Calte; calte, não te suffoques; coitadinha da minha menina, como estás rouca! Estou tão contente! Desta vez hei de dar duas figas ao amor.

*Xant.* Muito te resistes, ingrata Geringonça!

*Eurip.* Quero apurar bem a paciência.

*Esop.* Ora agora, meus amorinhos, meu feiti-  
cinho, dá-me essa mão de jasmim, ou esse  
pé de cravo, para pôr, e dispôr no canteiro  
de meu coração. *Zurra.* Falla de manhã,  
não ouça teu pai; sempre me vás a fugir?  
Olha cá, queres tu casar comigo? *Zurra.*  
Sim? Pois havemos sahir a furto, deixa es-  
tar; mas tua mãe não o saiba.

*Xant.* Ora isto he já desesperação.

*Faz que pega nella.*

*Eurip.* Retire-se lá; quem he?

*Esop.* Menina, não gastemos mais tempo, ajus-  
temos o nosso amor; ora dá-me hum abra-  
ço, anda, não sejas burra.

*Ao ir Esopo abraçar o burro dá-lhe este dous  
couces, e aos gritos de Esopo sahirá Ge-  
ringonça com hum candeiá accêza.*

*Esop.* A'que d'ElRei que me matas! Ingrata,  
com isso pagas o meu amor?

*Ger.* A'que d'ElRei, ladrões no pateo? *Sabe.*

*Eurip.* Guarde Deos a Vossa Mercê, Senhor  
Xanto, pois que vai?

*Xant.* Isto he encanto; mofoño homem, que  
ha de ser de mim!

*Esop.* Ui, Filena converteo-se em burro! An-  
dou discreta para a não conhecerem. O' Fi-  
lena, torna-te outra vez em gente, que com  
a batalhada que aqui vai ninguem repara.

*Ger.* Eu estou pasmada! Que diabo he isto,  
que vejo!

*Eurip.*

*Eurip.* Que diz agora , velhaco , magano ? Pois quer que eu morra para casar com Gerin-gonça ? A'que d'ElRei sobre este magano !

*Esop.* E o velho como está réo !

*Xant.* Não te posso responder ; vou matar-me antes que me mates. *Vai-se*

*Eurip.* Peguem-me nesse magano.

*Ger.* Ai , Senhora , deixe o triste velho , bem lhe bastão os seus achaques.

*Eurip.* Ainda acodes por elle , velhaca ? *Vai-se.*

*Ger.* Não sou amiga de ouvir pendencias. Esopo , que fazes aqui ao pé do burro ?

*Esop.* Calte , que não he burro , he Filena , que está disfarçada para a não conhecerem. Não me dirás ; para que trouxeste agora essa candeia , pois com ella fizeste tantos defarranjos ?

*Ger.* Com que ella he Filena ?

*Esop.* De que te espantas ? Nunca ouviste dizer , que Venus se converteo em gata ? Pois que muito que Filena se converta em burro ? Pois por certo que não he Venus melhor do que ella.

*Ger.* Pois dá-lhe hum abraço.

*Sabe Filena gritando.*

*Filen.* Venhão acodir a meu pai , que está para se enforcar na grade do leito , por não aturar as guerras de minha mãe.

*Ger.* Esopo , fica-te com o teu burro. *Vai-se.*

*Esop.* Ora só esta a mim me succede ! Que effivelhe eu esfalfando-me em dizer finezas a hum burro ! Sem dúvida levei dous couces , cuidando que levava dous pescoções.

*Filen.*

*Filen.* Andem acodir a' meu pai , que se enforca.

*Esop.* Deixe-o enforcar , que eu tambem vou fazer o mesmo. Arre com a cancaburrada da noitesinha ! Olhem , não ha coufa mais fiel que o nariz , por isso lhe fedia o baso a cevada ; mas como tinha o nariz cego de amor , cuidei que me cheirava a beijoiim.

*Filen.* Anda , não te detenhas , que meu pai estará já enforcado a estas horas.

*Esop.* Isto não são horas de se enforcar ninguem , e senão vamos , e verá. Ah ingrata , não te perdoo o susto desta noite , que toda foi huma burrada.

*Cantão Euripedes , Esopo , e Geringonça a seguinte*

A R R I A A 3.

*Eurip.* Calte , calte , marafona ,  
Calte , infame bribantona ,  
Senão vou saltando em ti.

*Ger.* Que fiz eu , Senhora , que ?  
Porque assim sem mais , nem mais ,  
Tão cruel me trate assi ?

*Esop.* Deixe a moça ; ouves tu ?  
Não lhe digas chus , nem bus ;  
Té passar-lhe o frenesi.

*Eurip.* Hoje aqui te hei de matar.

*Ger.* Hoje aqui não hei de estar.

*Esop.* E eu aqui hei de ficar.

*Eurip.* Pois que os zelos ,

*Ger.* Pois que a dor ,

*Esop.* Pois que amor ,

- Tod.* Já me faz desesperar.  
*Eurip.* Não te quero mais em casa,  
Vai-te, vai-te para fóra.  
*Ger.* Saiba Deos, e todo o Mundo  
A innocencia em que me fundo.  
*Esop.* Calte filha, alimpa o ranho,  
Toma o manto, e vai-te embora,  
*Tod.* Que os enredos deste pateo  
Não se podem aturar.

S C E N A VII.

*Mutação de Camera. Sabem Xanto, e Esopo.*

- Xant.* **E** Sopo, ouve-me por tua vida.  
*Esop.* **E** Senhor, eu confesso-lhe que já estou  
arrepellido, e arrenegado, nem quero ou-  
villo, nem quero nada desta casa; vou-me  
embora.

*Xant.* Pois porque?

- Esop.* Ui, Senhor, he zombaria andar aqui em  
huma roda viva, Esopo de dia, Esopo de  
noite, como se eu fora algum bonecro de cor-  
tiça! Humma casa de enredos, e hum enredo  
sem fim! Vossa Mercê libidinoso, e sua filha  
rude, sem tomar as minhas lições, e sobre  
tudo humma mulher brava; haverá resistencia,  
que tal possa soffrer? Pois . . . .

A R R I A.

Ver o tigre de minha Ama,  
Quando em cólera se inflamma,  
Dizer ao marido amante:  
Venha cá, velho bribante,  
E o velho paciente

Com

Com voz baixa, e tremebunda  
 Lhe diz: calte lá, serpente;  
 Quando diz de lá Filena:  
 Mãi, não seja impertinente,  
 Tenha modo, e tenha fizo;  
 Mas confesso, que com rizo  
 Me faz isto escangalhar.

E que o misero carcunda,  
 Vendo tanta barafunda,  
 Tal se atreva a tolerar!

*Sabe Messenio.*

*Mess.* Que seja possível que estejas a cantar,  
 Esopo, quando estamos na maior afflicção!

*Esop.* Pois que? Temos outro desafio?

*Mess.* Não vês o miseravel estrago em que está esta Praça, com hum cerco ha tantos tempos, sem nos vir soccorro de parte alguma, e já não ha comer para os Soldados? Nestes termos dize, o que havemos de fazer?

*Xant.* Senhor, eu sou de parecer, que nos entreguemos, que não ha resistencia a hum poder tão grande.

*Esop.* Calle-se lá, não se meta aonde o não chamão. Ah Senhor Messenio, Jupiter, que me nomeou para General bem sabe o que fez, que elle não se engana comigo; mande Vossa Mercê escolher hum par de Soldados, os que lhe parecerem mais valentes, e a cada hum dê huma saia, e huma mantilha, e que se preparem com armas curtas, e esperem por mim á boca da noite no postigo da muralha, que eu lá citarei, e que fação o que eu disser.

*Mess.*

*Mess.* Que intentas fazer?

*Esop.* Logo o saberá; andem comigo, que são huns fonas.

*Xant.* Queira Deos, Esopo, que acertes.

S C E N A VIII.

*Mutação de Arraial. Descobre-se a Praça com o cerco dos Soldados, ElRei, e Temistocles.*

*Rei.* **N**Otavel constancia tem mostrado os Athenienses neste sitio; pois a pezar de todo o meu poder se resistem valentes!

*Tem.* Eu entendo, Senhor, que cedo capitularão; pois segundo as informações que deu hum Soldado que fugio da Praça, está já sem mantimentos, com que cedo lograremos a victoria.

*Rei.* Tomára haver ás mãos este Esopo, que fô por elle aperto o cerco da Praça; mas não vês abrir-se o postigo da muralha?

*Sabe do postigo Esopo vestido de mulher, e da mesma sorte alguns Soldados com alguns cutélos, que ao depois puxarão por elles, e diz dentro Esopo o seguinte.*

*Dent. Esop.* Não me fechem a porta, que aliás perderemos o pezo, e o feitio.

*Mess.* Vai descansado, Esopo, que aqui fico eu, e Jupiter permitta que te não succeda alguma.

*Esop.* Quando eu der hum assobio fazer o que tenho dito, e fingir falla de mulher. *Sabem.*  
*Tem.*

*Tem.* Quem vem lá?

*Esop.* Senhor Soldado , que já foi quebrado , fomos humas afflictas mulheres , que queremos fallar a ElRei Cresso , ou da Lidia.

*Rei.* Aqui me tendes , que he o que quereis ?

*Esop.* Vossa Magestade faiba que eu sou huma donzella , ( salvo tal lugar ) que com estas companheiras sabimos da Praça , ou para melhor dizer nos lançarão á margem.

*Rei.* E porque vos expulsarão ?

*Esop.* Eu sei ? Senhor , Vossa Magestade , se algum dia foi mulher bem saberá das nossas mazéllas ; mas pelo que me disse hum Tio meu Tambor , que se lançava a gente inutil para a guerra , porque comiamos o comer dos Soldados.

*Rei.* Pois tanta falta ha de mantimentos !

*Esop.* Ai , Senhor , isso não se falla ; eu hontem comi huma frigideira de lendeas , por não ter outra cousa ; esta minha companheira , parindo hontem hum filho huma visinha sua , o comeo , e ainda lhe lambeo os beiços ; pois agoa ! Só dos olhos bebemos as lagrimas. Em fim , Senhor , nós estimamos muito que nos deitassem fóra para enchermos a barriga ; pelo que vos pedimos , Senhor , que nos mandeis dar de cear , e agasalhar , e adverti , que a clemencia nos Príncipes he a melhor pedra que adorna a sua Coroa.

*Rei.* Temistocles , agasalhai estas mulheres , que eu me vou recolher.

*se.*

*Vai-*

*Tem.*

*Tem.* Supposto que o escuro da noite mal me deixa perceber as feições desta moça, pelo metal da voz, e pelo modo me tem cativado.  
*á parte.*

*Esop.* Pois havemos dormir no campo, Senhor Soldado?

*Tem.* No campo não, mas na minha barraca sim, pois me compadeço de vós, e na vossa companhia suavizarei as asperezas de Marte, assim o permita o amor.

*Esop.* Amor! Ai que graça! He nome esse, que nunca ouvi. Estou bem aviado se o Soldado me namora.  
*á parte.*

*Tem.* Ora dizei-me; que faz lá esse magano de Esopo? Ainda he vivo?

*Esop.* Coitado de Esopo! Anda bem achacado, e já está quasi louco com huma teima notavel, dizendo que he mulher, e não homem.

*Tem.* Tão grande juizo havia de dar volta; pois sinto que supposto me enganasse no desafio, com tudo fei que he homem de prendas.

*Esop.* Com que Vossa Mercê he o do desafio? Ora console-se com as disposições do Ceo.

*Tem.* Ora, meu amor, eu mando accommodar as tuas companheiras, e tu vem para a minha barraca.

*Esop.* Para a sua barraca? Isso não.

*Tem.* Ora anda.

*Esop.* E a minha reputação?

*Tem.* Vem segura, que os cavalheiros tem honra, e piedade.

*Esop.*

*Esop.* Pois olhe , nessa certeza me fio ; porém também me ha de fazer o favor de mandar retirar todos os Soldados para as suas tendas.

*Tem.* Dizes bem , espera aqui , que eu mando aquartellar a gente , que supponho que os da Praça não se atreverão a sahir. *Vai-se.*

*Esop.* Isso he certo ; tomárão elles bem páo. Ó lá , companheiros fiéis , cuidado , accommetter com valor , e ir dando a troxe moxe , que os apanhamos na cama.

*Sabe Temistocles.*

*Tem.* Todos já se recolhêrão , anda comigo.

*Esop.* Eu não vou sem as minhas companheiras ; ó lá , agora. *Affobia.*

*Investem as mulheres a Temistocles , e mais Soldados , entre os quaes haverá pendencia , e se recolhem pelo postigo do muro , e quando Esopo for achará a porta fechada.*

*Tem.* Acudão todos , traição , traição , que são homens , e não mulheres.

*Esop.* Dar a matar , morráo estes cães.

*Tod.* Morráo os traidores.

*Esop.* Vamos , que já vem muitos.

*Sold.* Vamos para a Praça. *Vão-se.*

*Esop.* Não fechem a porta , que ainda falta eu para entrar.

*Dentr.* Não póde ser , que já os inimigos vem de envolta com os nossos.

*Esop.* Se vem de envolta não ha que temer , que são crianças , abra depressa.

*Dentr.*

*Dentr.* Não ha ordem.

*Tem.* Dá-te á prizão , senão mato-te.

*Esop.* Ai , meu bem , não me leves preza , que eu vou por vontade.

*Tem.* Ainda te finges mulher , velhaco ?

*Tod.* Morra este traidor.

*Sabe o Rei.*

*Rei.* Que alvorofo foi este ?

*Tem.* Senhor , ás mulheres erão homens disfarçados , que vierão com armas , e apenas nos apanhárão recólhidos fizerão logo algum estrago nos nossos , que pudera ser mais , e todos fugirão , e só apanhámos este.

*Rei.* Dize quem és ?

*Esop.* Eu sou ninguem.

*Tem.* Agora conheço que és Esopo.

*Rei.* Confessa a verdade.

*Esop.* Senhor , eu sou Esopo , que peço perdão a Vossa Magestade da minha descortezia.

*Rei.* Velhaco , insolente , tantas me tens feito , que agora te mandarei enforçar.

*Esop.* Olhe , Senhor , que eu sou nobre , e não posso morrer enforcado.

*Rei.* Ou possas , ou não possas , heide-te matar , e só o deixarei de fazer se me fabricares huma torre no ár.

*Esop.* Aceito , dê-me a sua palavra , e juntamente me ha de dar os materiaes.

*Rei.* Prometto tudo , pois vejo que tu não has de fazer a torre no ár , e assim sempre te venho a matar ; vamo-nos , e levem-no prezo para que não fuja.

*Esop.*

*Esop.* Ai , amada Athenas , que não sei se te verei mais ! A Deos , Filena , a Deos. *Vai-se.*

## S C E N A IX.

*Mutação de jardim com estatuas , e cantará o Coro huma Copla , e sabe Filena.*

*Filen.* **S**O' a musica me diverte neste amoroso tormento em que vivo ; pois sobre não poder fallar a Periandro , que supponho Esopo lhe não deu o recado , agora sei que Periandro vai tambem a pelear pela falta que ha de Soldados. Oh que batalha sente o meu coração ! E por ver se acaso podia divertir a minha mágoa , vim a este Jardim , cujas estatuas estão feitas com tal artificio , que repetem fielmente o écco que huma pessoa articula ; divertamo-nos cantando.

*Canta Filena a seguinte Copla em éccos.*

Em tanta pena prepara	para	ara ,
O peito , quando se inflamma	flamma	ama ,
Huma fineza amorosa	morosa	rosa ,
Que amor em prantos derrama	rama	ama.

*Sabe Periandro.*

*Periand.* Mudas estatuas , que vivamente pronuncias o que articula hum amante peito ; já que pela minha boca me não atrevo a dizer o que sinto , por me não soffocar a pena ,izei pela vossa , o que sem remedio choro.

*Canta Periandro a seguinte Copla.*

Nesta frondosa floresta	resta	esta ,
Quero , pois que o mal conspira	pira	ira ,
		Di-

Dizer-te, que por amar-te                   marre     arte,  
 Este prado me convida                   vida     ida,

*Filen.* Amado Periandro, bem fei que vens a despedir-te, ou a dobrar-me os tormentos; com que he certo que partes para a guerra?

*Periand.* Bem sabes, Filena, que nunca me de-sejei apartar de teus olhos hum instante; porém os soberanos preceitos se devem obedecer, maiormente por não caber em mim a nota de covarde.

*Filen.* Dizes bem; melhor he parecer valente, que pouco amante.

*Periand.* Não deixa de amar-te quem busca a Marte, assim, minha Filena, as vozes desta despedida sejam as eloquencias do pranto.

*Cantão Periandro, e Filena a seguinte*

A R I A A D U O.

*Periand.* Filena idolatrada,

*Filen.* Querido bem desta alma,

*Periand.* A Deos, que já me ausento,

*Filen.* A Deos, oh que tormento!

*Periand.* Que eu vou a pelear.

*Filen.* Que eu fico a suspirar.

*Periand.* Mas ai, Filena amada,

*Filen.* Ai, Periandro amante,

*Periand.* Que temo na partida,

*Filen.* Que temo nesta ida,

*Amb.* No pranto a vida dar.

Vão-se.

SCE-

## S C E N A X.

*Mutação de Arraial, e Castello, e haverá huma taboa com quatro balaustres, e em cada hum hum Corvo, e Esopo dentro da dita taboa irá voando, e sabem El Rei, Esopo, e outros.*

*Dentr.* **V** Amos ver a torre no ár, que faz Esopo.

*Rei.* Esopo, vê que nisso está a tua vida, ou a tua morte.

*Esop.* Faremos muito por não morrer desta vez.

*Rei.* Que significáo estes Corvos?

*Esop.* São os meus Officiaes; ora pois, attenção, iça arriba; os Corvos não podem chegar aos espetos de carne, parecem Tantalos.

*Rei.* Notavel idéa! Já está bem alto.

*Esop.* Ora, Senhor, eu aqui estou prompto como disse, para fazer a torre no ár, mande-me os materiaes, cal, pedra, tijolo, madeira, e o mais que for preciso para fabricar a torre.

*Rei.* Quem to ha de lá levar nessa altura em que estás?

*Esop.* Pois como me faltáo com os materiaes que prometuêrão, não está da minha parte o deixar de fazer no ár a torre, como affirmei.

*Rei.* Assim he, desce para baixo, que eu te perdoo a morte, pois da tua parte não faltaste ao promettido.

*Esop.* Eu não sou tão tollo, que estando no ár, que agora mais que nunca, he livre, e estando á vista de Athenas, desça para bai-

xo , aonde me podes estirar em tres páos ; eu tomarei a liberdade por mim mesmo.

*Com a tramoia vai Esopo voando , e mete-se dentro na Praça.*

*Dentr.* Aqui vem Esopo pelo ár , isto he novidade , e parece cousa de encanto ! Viva Esopo.

*Rei.* Voou para dentro da Praça ; grande astucia !

*Tem.* Senhor , se não matarmos a Esopo nunca conquistaremos esta Cidade ; bem vê já Vossa Magestade como he ardiloso.

*Rei.* Estou tão picado da peste , que agora mesmo a mando accommetter , e até me não entregarem a Esopo não ha de cessar o combate ; ó lá , toca a investir , e dar hum assalto geral na Praça.

*Toca , e se dá o assalto.*

*Dentr.* Estamos perdidos ! Entreguemo-nos.

*Rei.* Entreguem a Esopo só , que não quero mais , quando não a todos mandarei passar á espada , sem excepção de pessoas.

*Dentr.* Entregue-se a Esopo , que não he razão que por hum se percaó todos ; entregue-se Esopo.

*Esop.* Ah tyrannos ! Ah ingratos ! Com isso me pagais o bem que vos tenho feito ?

*Deitão a Esopo do myro abaixo por huma corda.*

*Rei.* Anda cá , Esopo , que mereces que te faça ? Assim se engana aos Principes ? Hoje has de ficar sem vida.

*Esop.* Pois , Senhor , antes que me mates ouve-me duas palavras ao menos.

*Rei.* Dize ; mas sem esperanza de perdão.

*Tom . 1.*

O

*Esop.*

*Esop.* Era huma vez hum villão , que vendo-se perseguido de gafanhotos , pois toda a sua lavoura destruição , começou hum dia a matallos , e como visse huma cigarra , tambem lhe quiz tirar a vida , ao que respondeo a cigarra : tenha mão Vossa Mercê , que sem razão me mata ; pois eu não offendo as plantas da terra , antes com a minha voz alegro aos caminhanes ; perdoou-lhe o villão , ouvindo taes razões. Assim da mesma sorte , ó Rei , eu não sou figura para te fazer opposição , nem que destrua o teu Reino , sou sim huma cigarra , que não tenho mais do que esta voz , ou esta industria com que tenho defendido ( mais violentado , que por vontade ) esta Praça ; e se hum villão perdoou a morte á cigarra , tu , que és hum Rei , porque me não perdoarás tambem ?

*Rei.* Valha-te Deos por Esopo ! Já estás perdoado , quero ser teu amigo daqui em diante , que os homens das tuas prendas são para estimar ; pede o que quizeres , que tudo te hei de fazer.

*Esop.* Peço , Senhor , que ajusteis as pazes com os Athenienses , e que cessem já estas guerras.

*Rei.* Assim o farei ; ó lá da Praça ? Abrão as portas , que pelos rogos de Esopo tenho feito as pazes , e levanto o cerco.

*Dentr.* Viva ElRei Cresso de Lidia ; abráo-se as portas.

*Entrão.*

S C E N A XI.

*Depois de entrarem haverá mutação de Sala, e  
birão sabindo todas as figuras.*

*Tod.* Viva ElRei Cresso de Lidia. Viva.

*Rei.* **V** Nóbres Athenienses, a Esopo dai os  
vivas, pois elle foi o que me pedio a paz.  
E assim porque não fique sem premio hum  
homem de tanto juizo, e que deu tanto em  
que cuidar aos meus Soldados, mando que  
Esopo seja emquanto viver, Governador des-  
ta Praça em quanto ao político, e como a  
Rei lhe obedeção.

*Esop.* Beijo as mãos a Vossa Magestade pela  
honra que me faz.

*Tod.* Viva Esopo, e viva ElRei.

*Esop.* Viva até que morra. Agora com licença  
do Senhor Rei, quero casar, para que seja  
meu padrinho; venha cá Filena.

*Periand.* Se Esopo casa com Filena estou per-  
dido!

*Filen.* A isto só podião chegar as minhas des-  
grças!

*Xant.* Que se visse Esopo em tantas alturas!  
Cousas são da fortuna!

*Esop.* Filena, pois sempre amou a Periandro,  
casem, que eu ferei o padrinho, já que fui  
o medianeiro.

*Periand.* Beijo-te os pés, Esopo, pelo favor.

*Filen.* Ora concluiu-se o nosso amor.

*Esop.* E pois Geringonça sempre me quiz bem;

212 *Esopaida, ou Vida de Esopo.*

ha de ser minha mulher : Geringonça , dá cá  
essa mão de almofariz , para com ella pizar  
a pimenta do meu affecto.

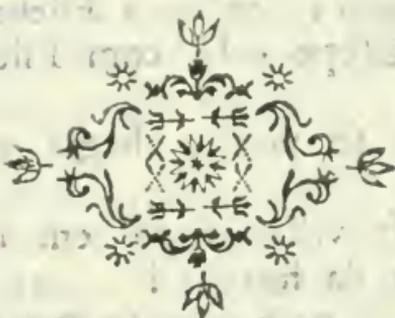
*Ger.* Lembrou-se Deos da minha pobreza , e  
honestidade.

*Eurip.* Já agora não andará Xanto com Gerin-  
gonça com amorinhos.

*Esop.* Senhores , isto está concluido , e com vo-  
das se dá fim á vida de Esopo , pedindo a  
este Auditorio perdão dos erros , repetindo o  
Coro os vivas desta vitoria.

*Canta o Coro.*

F I M.



## OS ENCANTOS

DE

M E D É A ,  
O P E R A ,

QUE SE REPRESENTOU NO THEA-  
tro do Bairro Alto de Lisboa , no  
mez de Maio de 1735.

## A R G U M E N T O .

**E** mbarca se Jason em Thessalia na não Argos , e parte para a Ilha de Colchos , empenhado na empreza , e conquista do Velocino de ouro ; e chegando perto de Colchos desembarca com Theseo , e Soldados. Mandá El Rei de Colchos saber a razão do desembarque. He enganado El Rei. Recbe a Jason na sua Corte. A Princeza Medéa , filha d' El Rei , e Creusa Sobrinha do mesmo , se namorão de Jason. Concorre Medéa para o furto do Velocino com seus encantos , e com elles se livra do castigo de seu pai. Repudiada Medéa por Jason , este levando o Velocino , e juntamente a Creusa , indo já embarcados para Thessalia , Medéa zelosa faz mover contra elles hum grande tempestade , e com ella retroceder a não Argos outra vez a Colchos , onde o Rei offendido de Medéa casa a Jason com Creusa , dando-lhe o seu proprio Reino. Medéa ultimamente desesperada , por não ver a sua offensa , desaparece pela região do ár. O mais se verá no contexto da Historia.

## INTERLOCUTORES.

Jason ,	Sobrinho d'ElRei de Thessalia, successor do mesmo Reino.
Theseo ,	Companheiro de Jason.
Etas ,	Rei de Colchos.
Telemon ,	General , e Ministro d'ElRei de Colchos.
Medea ,	Princeza de Colchos.
Crensa ,	Sobrinha d'ElRei de Colchos.
Arpia ,	Criada de Medea.
Sacatrapo ,	Criado de Jason.
	Guarda de Archeiros. Soldados. Coro.

## SCENAS DA I. PARTE.

- I. *M*utação de Mar , e nelle a não Argos , e montes ao outro lado.
- II. *M*utação de Sala Real com Throno.
- III. *M*utação de Camera com bofete.
- IV. *M*utação de Sala Real.
- V. *M*utação de Jardim com o Velocino.

## SCENAS DA II. PARTE.

- I. *M*utação de Camera.
- II. *M*utação de Camera.
- III. *M*utação de Jardim , e hum monte mo-vedigo.
- IV. *M*utação de Montes.
- V. *M*utação de Sala.
- VI. *M*utação de Mar , e Montes.



# PARTE I.

## SCENA I.

*Mar, e Montes, a náó Argos, e della hirão  
desembarcando Jason, Theseo, Sacatrapo,  
e Soldados ao som de huma marcha, e dizem  
o seguinte antes de desembarcarem.*

*Huns.* **A** Maina, amaina.

*Outros.* Terra, terra.

*Outros.* Terra, á escota.

*Theseo.* Toca a desembarcar a Soldadesca.

*Vão desembarcando, e canta Jason a seguinte  
Aria, e*

### R E C I T A D O.

Felices Argonautas valorosos,  
Que rompendo o crystal do falso argento,  
A pezar das violencias de Neptuno,  
Indignado, e soberbo,  
Apottamos em fim com fausto auspicio,  
Nesta inclyta Colchos soberana,  
Onde se guarda o célebre thesouro  
Do aureo Velocino, a cuja empreza  
De nossa amada Patria nos partimos;  
E se quizera a sorte,  
Que com feliz progresso conquistasse  
Este rico despojo  
Para gloria immortal da Grega prole!

E assim, Soldados meus, em cujos peitos  
 Seu furor deposita o mesmo Marte;  
 E tu, valente impávido Theseo,  
 De quem tantas proezas canta a fama,  
 Agora, mais que nunca valorosos,  
 Mostrai o brio desse heroico braço;  
 Porque veja o Universo em tanta gloria  
 Alcançar-se a mais inçlyta victoria.

## A R I A.

Não vos mova nesta empreza,  
 Nem o aureo Velocino,  
 Nem de Colchos a riqueza,  
 Seja só vosso destino  
 A cubiça do valor.

Que n'um peito, que se inflamma,  
 Por ganhar eterna fama,  
 O vencer he o bem maior.

*Ao querer ir-se Jason sabe Telemon.*

*Telem.* Suspende, galhardo mancebo, o passo,  
 pois te trago hum recado da parte de meu Rei.

*Jason.* Dizei, que já vos attendo.

*Telem.* Etas, inçlyto Rei deste Reino de Colchos, tendo aviso de haver aportado ás suas praias esta armada, e desembarcado em terra tantos Soldados sem sua licença, vos manda perguntar, se vindes de paz, ou se vindes de guerra, não porque tema as vossas armas, mas sim para prevenir, e dar o castigo á vossa temeridade.

*Jason.* Valoroso Soldado, dizei ao vosso Rei, que a minha vinda a este porto foi casual por impulso de huma grande tormenta, e tempestade-

tade, e assim lhe segurai, que venho de paz, e que pessoalmente irei á sua presença offerecer-me ao seu serviço.

*Telem.* Pois já que vindes de paz dai-me estes braços, e não vos dilateis; vinde ver ao meu Rei, que nisso terá a maior fortuna.

*Abração-se, e vai-se Telemon.*

*Theseo.* Sempre, Senhor, fizestes bem em encobrir-lhe o motivo da nossa vinda.

*Jason.* Theseo, em quanto descanção as armas he preciso que peleje com astucias o entendimento.

*Sacatr.* Senhor Jason, eu era de voto, (sem ser beato) que vossa Principeza mandasse que nenhum marujo salrasse em terra, porque esta gente, como vive no mar, he inimiga da terra, e assim he bem que não venhão de bordo *propter scandalum.*

*Jason.* Eu me admirava, Sacatrapo, que tu estivesses callado muito tempo.

*Sacatr.* Ao menos, Senhor, não me he necessario sacatrapo para me tirar a minha falla do bucho.

*Jason.* Theseo, dai ordem a mandar fazer quartéis, e levantar barracas, para accommodar os Soldados, deixando nos navios a guarnição necessaria, e fio da vossa militar experiencia disponhais tudo com acerto. *Vai-se.*

*Thes.* Já vou pôr em execução os teus preceitos.

*Sacatr.* Ah Senhor Theseo, antes que se vá diga-me por vida sua aqui, que ninguem nos

ouve , que diabo he isto do Velocino de ouro , que tanto traz embelezado a meu Amo , que por esse respeito deixou a sua casa , fez tantos navios , alistou tanta gente ; que será isto do Velocino ?

*Thef.* A ti que te importa fabello ?

*Sacatr.* Essa he boa ! Pois não me ha de importar saber ao que vim ?

*Thef.* Aos Soldados como tu , não se dizem materias tão profundas , pois a sua obrigação he só pelejar.

*Sacatr.* E se eu morrer na guerra não he bem que saiba o mal de que morro ? Ora Senhor , diga-me já , que Velocino he esse ? Diga-me já , senão olhe que lho ha de urar hum sacatrapo do bucho.

*Thef.* Homem , sabe que nesta Ilha de Colchos ha hum célebre jardim , no qual habita hum carneiro , cuja pelle he de ouro , e esta todos os annos se tosquia , e sempre lhe nasce outra pelle de ouro ; a isto he que chamão Velocino.

*Sacatr.* Senhor Theseo , carneiro com pelle de ouro ! Isso deve ser pelle do diabo. Para isso he necessario vir com tantas armas ? Ora queira Deos não venhamos nós buscar lá , e vamos tosquitados.

*Thef.* Não vês que este carneiro he o maior thesouro deste Reino , e para conquistallo , se não for por industria ha de ser á força de armas ?

*Sacatr.* E de que tamanho será esse carneiro ?

*Thef.* He como os outros.

*Sacatr.*

*Sacatr.* Pois se o dito carneiro he como os outros, não bastava hum barco para o levar, e he necessario huma armada? E visto isso ajanhando-se o carneiro está acabada a empresa?

*Thef.* Ahi he que está a difficuldade toda, porque hum feróz dragão he quem o guarda, e defende, para que o não furttem.

*Sacatr.* Quanto dão cada dia a esse dragão por guardar esse carneiro?

*Thef.* Ora já não posso aturar as tuas perguntas.

*Vai-se.*

*Sacatr.* Pois ainda me faltavão duas cousas que perguntar; andar, será outro dia.

*Vai se.*

## S C E N A II.

*Sala Real com hum Throno, aonde estarão El Rei de Colchos, Medéa, e Creusa assentados, e em pé a hum lado Telemon, e Arpia, e do outro Archeiros.*

*Rei.* **C**Om susto, e admiração espero por este Embaixador.

*Med.* Eu o espero sem susto, e com muito alvoroço.

*Telem.* Senhor, o Embaixador sómente espera que Vossa magestade o mande entrar.

*Rei.* Pois dize-lhe que entre. Tu, Medéa, vê se podes investigar o intento deste Estrangeiro, pois vejo o meu coração inquieto com alguma confusão.

*Vai-*

*Vai-se Telemon , e torna a sabir com The-  
seo , Jason , e Sacatrapo.*

**Jason.** Inclyto Etas , Rei de Colchos , permitte-me a fortuna de beijar teus pés. *Ajoelha.*

**Rei.** Levantai-vos , nobre Estrangeiro , e fallai a minha filha Medéa com quem reparto o meu Reino.

**Jason.** Se as Deidades se não offendem dos sacrificios , permittí , Senhora , que chegue a vítima de meu rendimento a accender-se nas aras do vosso respeito , dando-me a beijar a animada assucena dessa mão. Não vi mais peregrina formosura ! *á parte. Ajoelha.*

**Med.** Assim não estais bem , levantai-vos. Que galhardo mancebo ! *á parte.*

**Rei.** Dizei-me quem sois , para que melhor fahba estimar com o vosso nome a pessoa.

**Jason.** Senhor , eu sou Jason , Sobrinho d'ElRei de Thessalia.

*Levanta-se ElRei do Throno , e Medéa , e o  
Rei abraça a Jason.*

**Rei.** Senhor , perdoai , se he que merece perdão huma ignorancia ; porque a saber quem creis , vos tratára como a Sobrinho de hum tão grande Monarcha , como he ElRei de Thessalia , e assim os meus braços serão o Throno onde melhor descanseis.

**Jason.** A minha maior fortuna foi o vir aos pés de Vossa Magestade , que estimo mais esta dita , que o ser Sobrinho d'ElRei de Thessalia , que por não ter filhos me toca aquelle Reino ; como primogenito de hum irmão d'ElRei. *Med.*

*Med.* Vós, Senhor, sois digno de serdes Monarca de todo o Mundo. Não posso apartar os olhos delle. *á parte.*

*Sacatr.* Este Rei Etas já tem bastante idade, he o *Ætas*, *atatis*; e Jason como se está espimnicando todo diante de Medéa, e mais elle, que he tuna nos ossos. *á parte.*

*Rei.* Esta, Senhor, he minha Sobrinha Creusa, a quem podeis fallar.

*Jason.* Senhora, á vista de tanto Sol era força me cegassem os raios. Ainda excede a Medéa na formosura! *á parte.*

*Creus.* Sendo elles raios nascidos de vossa esfera, por força hão de luzir, e cegar.

*Rei.* Inclyto Jason, mereça a minha attenção saber o motivo da vossa viagem; pois sendo vós hum Principe, algum grande motivo vos deve impellir a tanto excessão.

*Jason.* Como não ignorais, Senhor, as guerras que ha entre os Reis de Creta, e Corintho, por ganhar fama, e exercitar-me nas armas fahi com esta armada para soccorrer a ElRei de Corintho, tanto pela obrigação de parentesco, como porque a fortuna se lhe vai mostrando adversa, e assim he necessario suspender o impulso da sua roda com o pezo das minhas armas; pois ajudar aos que persegue a fortuna, sempre foi brazão dos Reis de Thesfalia, e huma grande tempestade me precisou a arribar a este porto; mas agora vejo que ha tempestades que são bonanças.

*Sacatr.* Arre lá, como mente tão afoito, e nas bochechas de hum Rei! *á p.* *Rei,*

*Rei.* Só de hum generoso peito podem fahir tão heroicas acções. Trazeis bons Soldados?

*Jason.* Trago a flor de toda Theffalia.

*Sacatr.* E nem por isso tivemos maté de rosas.

*Rei.* Que dizeis?

*Sacatr.* Digo que meu Amo trouxe a flor de Theffalia, porque embarcou pela Primavera.

*Jason.* Não repareis, Senhor, que este criado he gracioso, e o trago para meu divertimento, e por gastar bom humor.

*Sacatr.* Não ha dúvida que gasto bom humor, pois tenho sempre delle duas fontes ao torno.

*Arpia.* Ai, Senhora, que he galante o tal criado! Se eu não estivera aqui já me tivera escangalhado com rizo.

*Jason.* Como dizia, trago bons Soldados, e por Almirante ao valente Theseo, cujo valor tem occupado todas as trombetas da fama. Theseo beija a mão a ElRei.

*Thes.* Por obediencia, e por affecto, diligente procuro tão grande ventura. *Ajoelha.*

*Rei.* Levantai-vos, esforçado Capitão, que certamente, primeiro que os olhos, vos conhecêrão os ouvidos, escutando a fama de vosso valor.

*Sacatr.* Agora figo-me eu por meu legitimo turno. Senhor, Vossa Reinadura me dê a beijar a sua mão, ou quando não o seu pé, que tudo he o mesmo.

*Rei.* Aqui a tens.

*Sacatr.* Dá cá sete. Ah Senhor, antes eu lhe beijára o anel-do que a mão.

*Rei.*

*Rei.* Ah! o tens para o beijares á tua vontade.

*Sacatr.* Ai, Senhor, eu não o dizia por tanto, mas só o accito por ser prenda sua. Famosa pedra! Ah Senhor, este diamante he fino, ou falso?

*Jason.* Retira-te bruto, basta já de despropósitos.

*Rei.* Jason, vem honrar me este Palacio em quanto se concerta a tua armana. Ainda o meu coração não socega. á parte.

*Med.* Não me peza de que Jason fique em Palacio, porque.....mas não sei o que digo. á parte.

*Creus.* Se eu tivera a fortuna, que Jason fosse.....mas isto he delirio. á parte.

*Arpia.* Pouco hei de poder se não pilhar o anel ao criado. á parte.

*Sacatr.* Huma vez que temos estalagem de Palacio, já não quero ser Sacatrapo, senão varreta, para catregar bem o bacamarte do bandulho. á parte. Vai-se.

*Rei.* Anda, Senhor, não te detenhas.

A R I A 4.

*Rei.* Vem Jason esclarecido,  
Vem, que vens a descansar.

*Jason.* Quem se vê de amor ferido  
Que mal póde descansar.

*Med.e Creus.* Só quem vive sem Cupido  
He que póde descansar.

*Tod.* Mas quem tem o meu cuidado  
Que mal póde socegar.

*Rei.* Entra.

*Jason.* Eu vou; ó bello encanto,  
Quem

Quem de ti se não apártára !  
*Creus.* Eu me abraço.  
*Med.* Eu vivo ardendo.  
*Med.e Creus.* Que a Jason já estou querendo.  
*Tod.* Pois me dás enieio tanto  
 Eu prometto triunfar. *Vão-se.*

## S C E N A III.

*Camera com hum bofete, e sabe Sacatrapo.*

*Sacatr.* **E**U ando perdido por este Palacio ,  
 entrando , e sahindo , sem saber por  
 onde entro , nem por donde saio , só com  
 a cosinha não acerto ; quero esperar aqui até  
 que venha alguém. Ora nós já temos annel  
 de diamantes , já poderemos coçar o nosso  
 olho afoitamente ; porque isto de ter hum ho-  
 mem annel logo faz deitar as mãos de fóra ,  
 fazer palminhas ás crianças , jogar o çape na  
 barba , tudo com a mão esquerda , que nós  
 que temos annel logo nos fazemos canhotos.  
 Huma vez me lembra , que hum amigo meu  
 tanto me quiz meter hum annel que tinha pe-  
 los olhos , que me meteo o annel , o dedo ,  
 e o braço até o cotovelo pelo olho dentro ,  
 até sahir-me pelo outro olho ; mas com tu-  
 do sempre andarei com o olho sobre elle ,  
 pois segundo ouvi dizer , sei que nesta terra  
 ha muita feiticeira.

*Sabe Arpia.*

*Arpia.* Quem está aqui ?

*Sacatr.*

*Sacatr.* Parece-me que sou eu.

*Arpia.* Vossa Mercê, Senhor Soldado, com que atrevimento entrou aqui no quarto da Senhora Infante Medéa?

*Sacatr.* Eu, Senhora, entrei aqui sem atrevimento.

*Arpia.* Pois não sabe que no quarto das Princesas se não entra?

*Sacatr.* Eu não tenho sciencia infusa para saber tudo.

*Arpia.* Pois para onde hia?

*Sacatr.* A fallar a verdade, eu hia para a cozinha, e quando me não precatei me achei aqui.

*Arpia.* Pois sabe que mais? Que está condemnado a cortarem-lhe os dedos dos pés, que he a pena que se dá a quem entra aqui, sem que para isso lhe valha o ser criado de Jason, que a elle mesmo se ha de fazer o mesmo se aqui entrar.

*Sacatr.* E a mim que se me dá que me cortem os dedos dos pés? Poupão-me o trabalho de cortar as unhas.

*Arpia.* Vossê cuida que eu zombo, vá-se descalçando já, já, depressa, que eu chamo o algoz; ó lá de dentro?

*Sacatr.* O' Senhora enxota cadellas de Palacio, por vida sua que não chame o algoz, e se isto se remedêia com dar-lhe este anel, que he o que tenho, ahí o tem, e deixe-me em paz, pois vão-se embora os anneis, e fiquem os dedos.

*Arpia.* Pois saiba que por compaixão lho tomo ; que eu não sou amiga de fazer sangue.

*Sacatr.* Ora Vossa Mercê viva muitos annos , ainda em cima de me levar o anel.

*Arpia.* Olhe , meu filho , não se desconsolle , que Deos lhe dará outro anel , trate primeiro da sua saude , que diamantes são pedras ; e para que lhe não succeda outra , eu tirarei hum palha-porte para poder entrar por onde quizer. Ouve , faça hum memorial , e dê-mo.

*Sacatr.* Tomára eu fazer hum total esquecimento do anel , que cada vez que me lembra morro de saudades por elle.

*Dentr.* *Arpia ? Arpia ?*

*Arpia.* Ai , que ahi vem Medéa , esconde-te ahi debaixo do bofete , para que te não veja aqui.

*Sacatr.* Ainda mais essa ! Mas diga-me , Senhora , quem he essa *Arpia* por quem chamou *Medéa* ?

*Arpia.* Sou eu.

*Sacatr.* Vossa Mercê he *Arpia* mesmo por seu gosto , ou isso he alcunha ?

*Arpia.* Pois que tem o nome de *Arpia* ? Não he bonito ?

*Sacatr.* Eu bem fei que o nome de *Arpia* he hoje da moda , pois humas são *Arpias* na cara , e outras nas unhas , como v. gr. o meu anel nas unhas desta *Arpia*.

*Arpia.* Anda , esconde-te , que *Medéa* chamou.

*Esconde-se Sacatrapo debaixo do bofete , e sa-  
be Medea.*

*Med.* Arpia , eu venho louca de amor por Ja-  
son , pois apenas o vi logo me arrebatou to-  
dos os sentidos , de sorte que enlouqueço.

*Arpia.* Não he necessario chegar a tanto extre-  
mo , pois com os encantos de tuas magicas  
pódes fazer com que te queira.

*Sacatr.* Não he nada ; a menina he feiticeira !

*Med.* Para que Jason me queira não hei de usar  
de máquinas , nem magicas , que isso era  
violentar-lhe a vontade , que sem ella não pó-  
de haver perfeito amor.

*Arpia.* Pois então como ha de ser ?

*Med.* Explicar-lho , seja como for.

*Arpia.* E se elle te desdenhar ?

*Med.* Então perder as esperanças , morrerei lo-  
go , e comigo o meu amor.

*Arpia.* O melhor he disfarçar isso.

*Med.* Como o hei de disfarçar , sendo huma  
setta , que sempre me está penetrando o co-  
ração ?

*Sacatr.* Pois beba agoa de mangericão , que lo-  
go se ha de achar boa.

*Med.* Atreves-te tu a saber se me tem incli-  
nação ?

*Arpia.* Eu tenho boas mãos para esses unguen-  
tos , deixe-o por minha conta ; mas eu cuido  
que ahi vem elle.

*Med.* Pois eu escondo-me aqui , que quero ob-  
servar a minha morte , ou a minha vida. *Es-  
conde-se.*

*Sabe Jason.*

*Jason.* Senhora, estimára que fizesseis presente á Infante Medéa, que Jason vem render-se aos seus pés, e beijar as suas mãos.

*Arpia.* Sei que ha de estimar tão grande fortuna.

*Sacatr.* Jason aqui! Sem dúvida irá sem dedos nos pes, *sicut & nos* manqueja de hum olho.

*Arpia.* Ora, Senhor, nós as velhas sempre fomos curiosas de saber; não me dirá, que lhe tem parecido esta terra?

*Jason.* Por certo, que he huma grande Corte, e bastava ser Oriente de tantos Soes, quantos nella resplandecem.

*Arpia.* Não ha dúvida que o da Senhora Medéa excede a todos os Astros.

*Sacatr.* Que fora se elle vira o Sol da India!

*Jason.* Quem póde duvidar que minha Senhora Medéa he a Fenix da formosura?

*Arpia.* Certamente que estava aqui hum bom casamento, porque ella he a herdeira deste Reino, e vós, Senhor, tambem o sois do vosso, e tudo se podia ajuntar; e que lindos filhos terião!

*Jason.* Se eu me não achára indigno dessa honra, talvez que a procurára; mas não quero incorrer na censura de Faetonte.

*Sabe Medea.*

*Med.* Jason, quem sente he força que se queixe, que para amar basta ter alma. Já pódes entender, que quando huma mulher da minha estera se chega a explicar, grande he o seu amor; pois quando o incendio he excessivo, não

não se pôde conter nos limites do edificio ,  
que logo não saia pelas janellas.

*Sacatr.* Ah bom arrocho !

*Jason.* Bellíssima Medéa , se fora certa tanta  
ventura , pudera-me julgar o mais feliz homem  
do Mundo.

*Med.* Se nisto está a tua felicidade , feliz te pó-  
des chamar , e para melhor me explicar , re-  
tira-te , Arpia , e avisa-me quando vem alguém.

*Arpia.* Eu vou , Senhora. Amor os ajude.

*Vai se.*

*Med.* Se promettes corresponder-me com o mes-  
mo amor , seguro-te , que te podes chamar  
feliz ; pois verás que por teu respeito faço mu-  
dar os montes de seu lugar , seccar-se o mar ,  
confundir todos os quatro elementos , fazendo  
que tudo te obedeça , e até te farei Senhor  
do célebre Velocino , para cuja conquista em  
vão se tem fatigado tanto militar concurso ;  
porque forças humanas o não podem conquif-  
tar , pois o defende hum horrivel Dragão en-  
cantado , sendo este Velocino o thesouro mais  
rico que ha no Mundo.

*Sacatr.* Huma vez que lhe falla nos Velocinos ,  
ahi o tem manso como hum borrego.

*Jason.* Tudo isso para mim não vale tanto co-  
mo a felicidade de ser teu esposo , porque em  
ti se contém a maior riqueza.

*Med.* Promettes , Jason ?

*Jason.* Prometto , Medéa.

*Med.* Vê lá o que dizes.

*Jason.* Por todos os Deoses do Firmamento ,  
e

e por todas as Deidades do Cocito te juro sempre ser-te firme, e amante.

*Canta Medéa a seguinte Aria, e*

R E C I T A D O.

Pois vê lá o que dizes, não me enganes,  
Nem meu ardor, sacrilego, profanes,  
Que quem te sabe dar riquezas tantas,  
A morte dará, se a fé quebrantas.

A R I A.

Felice serás,	A ser inconstante;
Jáson, se constante	Sahir desse abyfmo
Te mostras amante	As furias, as iras,
A tanto querer,	As chammas, os raios,
A tanto adorar.	Até que em desfmaios
Por isso verás,	Te veja espirar. <i>Vai-f.</i>
Se acaso conspiras	

*Sacatr.* Pegue-lhe lá com hum trapo quente.

*Jáson.* Eu estou confuso!

*Sacatr.* Pois faça o fizo.

*Jáson.* Medéa ao mesmo tempo que se mostra extremosa, me ameaça com tantas iras! Bem aviado estou eu se me descuidar em adoralla; mas como pôde o meu amor deixar de ter descuidos, se em Creusa tenho todo o meu cuidado? Bem sei que Medéa he huma Estrela, mas se vejo que Creusa he hum Sol, antes hei de seguir os raios deste, que os resplandores daquella; quem me mandou a mim prometter ser seu esposo? Oh Deoses, que tiz eu!

*Sacatr.* Fez huma asneira.

*Jáson.* Mas ai, que alguem me ouvio! Se seria  
Me-

Medêa? Quero ver se aqui está alguém, seria illusão do entendimento; porém se Medêa me promette dar o Velocino, unico objecto da minha empreza, seria ignorancia perder esta occasião; mas muito maior covardia será violentar a inclinação que tenho a Creusa pela ambição de ganhar o Velocino; que farei neste caso?

*Sacatr.* Comer a isca, e cagar no anzol.

*Jason.* Isto já he mais que illusão, a voz sabio da parte daquelle bofete; quem está ahi? FALLE, senão o matarei.

*Sacatr.* Como bateo no mato caçou-me. *Sabe.*

*Jason.* Que fazias ahi, Sacatrapo?

*Sacatr.* Se me pergunta pela verdade, eu não o fei.

*Jason.* Sem dúvida estavas ahi para furtares alguma cousa.

*Sacatr.* Antes estou aqui, porque me furtarão certa cousa.

*Jason.* Que te furtarão?

*Sacatr.* Foi o caso: Que apenas puz os pés nesta casa, eis senão quando marro de narizes com Arpia, essa negregada, e farruscada velha, e tanto que me lombrigou o anel que me deu ElRei, me disse que tinha incorrido en pena dedal, isto he, que se me havião cortar os dedos dos pés, excepto os joanetes, só por haver entrado no quarto das Princesas; eu como amo aos meus dedos dos pés, como se nascessem da barriga de minh mii, pelos não ver separados daquella bo<sup>a</sup> união

união que tivemos sempre , rapei-lhe a boca com o anel , e ella lambeo-lhe os dedos , e lambeo-me o anel ; e vendo que vinha Medéa , mandou-me meter debaixo daquelle bofete , aonde estive até agora chorando , e carpindo o meu anel ; e como ainda o tenho diante dos meus olhos , são os meus dous aneis de agoa.

*Jason.* Visto isso , ouviste tudo quanto passei com Medéa ?

*Sacatr.* Provera a Deos que o não ouvisse.

*Jason.* Pois que te parece o que succede ?

*Sacatr.* Eu não sei de razões de estado , mas o que digo he que a Senhora Medéa he humma fina feiticeira , e a tal Arpia humma refinada bruxa , e confesso , que quando Medéa cantando diz : as furias , as iras , as chammas , os raios , que se me arrepirão os cabellos.

*Jason.* Eu bem sei que Medéa he magica , e como tal me pertende dar o Velocino de ouro , que he hum carneiro com pelle do mesmo ouro.

*Sacatr.* Não tem que me explicar , que eu em materia de Velocinos já posso lêr de cadreira.

*Jason.* Porém eu vivo tão namorado de Creusa , que não se me dera de perder o que me offerece Medéa , só por alcançar o thesuro de Creusa.

*Sacatr.* Senhor , em duas palavras : amar a Medéa por cerimonia , até lhe gadanhar o Velocino , e ir conquistando em todo o caso o Velocino de Creusa.

*Jason.*

*Jason.* Isso está bem; mas se Medéa me ameaça, se eu for inconstante ao seu amor, como ha de ser?

*Sacatrap.* Também ha contra-feitiços, sendo que eu não creio muito em bruxas.

*Jason.* Tu, Sacatrapo, se tiveres occasião, has de explorar o peito de Creusa, e se a vires inclinada ao meu amor, dize-lhe o quanto lhe quero, porém com muito segredo, que Medéa o não presume, pois a todos nos importa isso; e levando nós o Velocino havemos ter muito ouro.

*Sacatr.* Eu de todo esse carneiro não quero mais do que o rabo, porque tendo eu esse, escaparei de ficar com o meu na ratoeira; e vós, Senhor, ao que entendo, ficareis com as orelhas.

*Sabe Theseo.*

*Thes.* Senhor, he necessario cuidar no fim para que viemos; pois os Soldados aventureiros estão já desesperados por ganhar fama na empreza do Velocino, e os de menos qualidades, pela ambição do despojo.

*Jason.* Theseo, não cuides que me descuido, e sabe que já o temos concluido.

*Thes.* De que sorte?

*Jason.* Anda, que o saberás depressa, e darás o teu conselho.

*Sabe Creusa.*

*Creus.* Daqui se vai Jason; que quereria no quarto de Medéa? Já me defengano, que tenho amor, pois tenho zelos. E também o criado aqui

aqui está! Que maior indício! Ai, infeliz Jason, se a Medéa entregas o teu peito!

*Sacatr.* Senhora Creusa, eu não sou Antipoda, para que esconda de mim o bello Sol de seu rosto.

*Creus.* Que fazias ahí, Sacatrapo, tu, e teu Amo?

*Sacatr.* Ambos estávamos aqui perdidos, eu no labyrintho de Palacio, e meu Amo perdido no labyrintho de amor.

*Creus.* Bem sei que Medéa he o attractivo que o atrebeta.

*Sacatr.* Meu Amo se gasta ás punhadas, porém, Senhora, não he Medéa a causa de seu enleio, porque mais Medéas ha na terra.

*Creus.* Para que o negas? Pois já isso he notorio, e aqui não ha quem possa merecer as atenções de Jason, senão Medéa?

*Sacatr.* Porque? Vossa Magnificencia não era muito capaz para isso? Ora o caso está galante!

*Creus.* Eu não sou Princeza.

*Sacatr.* Desta massa se fazem; aqui estou eu, que com o favor dos Altros espero ser o Grão Turco.

*Creus.* Fica-te embora, já que estás galanteando.

*Sacatr.* Senhora minha, aqui debaixo de segredo natural, (que legitimo nunca o houve) digo-lhe a Vossa Serenidade, que Jason adora ternissimamente a Vossa Magnificencia, e sei eu que deseja ser seu esposo, e não se declara com medo de Medéa; porque diz que

o ha de trasfegar se elle lhe for inconstante, que a mulher he hum demonio em carne; pois ainda quando acaricia tem tão má carinha, que mais arranha do que affaga.

*Creus.* Dizes isto devéras?

*Sacatr.* Com veras, reveras, e tataraveras.

*Canta Creusa a seguinte Aria, e*

R E C I T A D O.

Oh mal haja Medéa, e seus encantos,  
 Pois esfria de amor incendios tantos,  
 De Jafon usurpado o aivedrio  
 Com rigor tão ímpio,  
 Que com falsas tyrannas indecencias  
 Dos Astros quer mudar as influencias.

A R I A.

Que intente adorar-me  
 Jafon, e não possa,  
 Querendo roubar-me  
 Medéa o meu bem!

Que injusto tormento!

Que féro rigor,  
 De hum mal tão violento,  
 Que allívio não tem!

*Vai-se.*

*Sacatr.* Ah Senhora, espere, dê-me a resposta; e foi-se sem dizer aqui estou eu! Que diabo terá este Jafon, que todos o querem? O maldito parece que tem mandinga! Só eu não acho na verdade quem me queira! Pois por certo que não he o diabo tão feio como o pintão; porque eu, graças a Deos, sou mui bem estreado, bem tirado das canellas, sou beíçudo, e tenho unhas machas, sou no andar miudo,

do, e finalmente o meu todo se compõe de muitas partes, e com tudo não ha huma alma perdida, que se namore de mim; mas isto será porque eu me não namoro nunca dellas, mas eu prometto daqui em diante namorar a troxe moxe, que alguma cahirá no laço.

*Canta Sacatrapo a seguinte*

A R I A.

He o amor, que huma alma engole,  
 Sabão molle;  
 Pois com elle quem se esfrega,  
 Cabra céga,  
 Escorrega,  
 Cahe aqui, cahe acolá.  
 Assim huma alma namorada,  
 Esfregada,  
 Enfaboada,  
 Que tropeços não fará!

#### S C E N A IV.

*Descobre-se huma Sala, e sabem ElRei, e Telemon.*

Rei. **T** Elemon, não posso deixar de fazer reparo nesta vinda de Jason tão intempestiva; pois segundo me disserão, nenhuma tempestade teve para arribar a este porto, antes cuido que elle veio muito de proposito com algum pernicioso intento; e como tu sabes que este Velocino he o objecto de toda a Grecia, talvez intentará Jason, dissimulan-

do

do o veneno com alguma industria ; roubar-me o meu grande thesouro do Velocino , e assim manda-lhe dobrar as guardas , e ter a Soldadesca prompta para qualquer invasão.

*Telem.* Senhor , que te affusta , e sobressalta ? Para que he dobrar as armas , e guardas , se o Velocino bem guardado está com o Dragão que o defende ?

*Rei.* Com tudo como o Dragão he encantado , pôde haver arte que o desencante , e assim faz o que te digo , que a prevenção he filha da prudencia.

*Sabe Medéa.*

*Med.* He incomparavel a alegria que tenho de me ver amada de Jason ; porém aqui está El-Rei meu pai ?

*Rei.* Medéa , a bom tempo viesste.

*Med.* Pois que ordena Vossa Magestade de humma obediente filha ?

*Rei.* Has de saber que me tem causado grande susto a vinda de Jason ; pois suspeito que o seu fim será roubar-me o Velocino , e assim , já que na sciencia magica és tão peregrina , quizera que penetrasses o seu designio , e sabido elle , buscar o remedio ao seu atrevimento , e á minha desconfiança.

*Med.* Não lhe dê isso cuidado a Vossa Magestade , pois prometto brevissimamente sabello , ainda que pessoalmente desça ao tenebroso Reino de Plutão , e assim descante Vossa Magestade , e não se afflija , nem sobressalte , que ainda quando o Velocino não estivesse bem

guar-

guardado com o Dragão horrivel, se necessario fora, virião em defenza do Velocino todos os Dragões, e serpentes da Libia, e todas as feras, e monstros do Averno, para que se segure o Velocino, e o teu receio.

*Rei.* Dá-me os braços, Medéa, pois de ti espero todo o meu socgo. *Vai-se.*

*Telem.* Guarde Jupiter a Vossa Alteza. *Vai-se.*

*Med.* Quiz desvanecer-lhe o pensamento, porque ao menos não sinta o mal, antes de o padecer; pois Jason ha de ser senhor do Velocino, ainda que rompa os vinculos da natureza, e os da arte.

*Sabe Sacatrapo correndo atraz de Arpia.*

*Sacatr.* O' velha bruxa, larga o meu annel.

*Arpia.* A'que d'ElRei, que me mata! Quem me acode?

*Med.* Tende mão; que desaforo he este na minha presença?

*Arpia.* Senhora, que ha de ser? Este maldito homem, que me quer matar.

*Med.* Se não foras criado de Jason, aqui te sepultaria vivo pelo atrevimento.

*Sacatr.* E ha lei, que mande que aos criados de Jason se furtem os anneis?

*Med.* Pois quem te furtou o annel?

*Sacatr.* Essa Senhora Arpia, que com subtil arpiadura me furtiou o annel que me deu El-Rei, como Vossa Infanteza bem vio.

*Med.* He aquillo assim, Arpia?

*Arpia.* Ai, Senhora, foi huma pessa que lhe fiz, só pelo ver desesperar.

*Sacrat.*

*Sacatr.* Senhora , o anel he que era peſſa de Rei , mas o que me fez foi latrocínio formal.

*Med.* Pois Arpia , eſcuſe de fazer eſſas peſſas , e dê logo o anel a ſeu dono.

*Arpia.* Pois eu para que o quero ? Tome lá. Calte , que tu mo pagarás , toma. *á parte.*

*Sacatr.* Mostra cá , que já lhe tinha perdido a poſſe , e a eſperança tudo junto.

*Sabe Jaſon.*

*Jaſon.* Belliſſima Medéa , como todo o meu allívio conſiſte em ver-te , não eſtranhes os eſceſſos do meu amor.

*Med.* Se tu me adoras não vendas por fineza o que he obrigação de quem ama. Ai , Jaſon , ſe ſerão verdadeiros os teus extremos !

*Jaſon.* Medéa , em hum peito nobre não cabem affectos fingidos , antes cuido que os fingimentos eſtão da tua parte.

*Med.* Muito me eſcandalizas. Dizes iſſo devéras ?

*Jaſon.* Quasi eſtava para dizer que ſim.

*Med.* Que motivo tens para iſſo ?

*Jaſon.* Bem ſabes que tenho goſto de ver o Velocino de ouro , ſó para admirar eſte prodigio da natureza , e com tudo não tenho merecido eſſe favor , podendo-me tu fazello , e quem ama verdadeiramente , procura ſempre dar goſto ao ſeu amante.

*Med.* Se eſſa he a queixa que tens de mim , verás como depreſſa te ſatisfaço ; toma eſſe anel.

*Sacatr.* Que anel , Senhora ?

*Jaſon.* Calte nescio.

*Arpia.*

*Arpia.* Calte animal.

*Sacatr.* Cuidava que lhe dava o meu anel ; pois entendo que ninguem tem anel senão eu. Guarde-o bem , veja que esta *Arpia* he inclinada a anneis , quando não ficará sem dedos.

*Med.* Toma pois , *Jafon* , este anel , que com elle farás tudo quanto quizeres por especial virtude desse *chrysolito* ; vai com elle ao jardim encantado , feliz habitação do *Velocino* , e supposto esteja cercado de muralhas de bronze , e dentro o defenda hum *Dragão* , tudo vencerás com a virtude deste anel ; e ainda que sem tu o teres na tua mão , podia eu pela minha fazer tudo , quero , para que vejas o quanto te amo , que a ti te entrego o depósito de minha sciencia magica ; porque he proprio de quem extremosamente ama entregar com a vontade o entendimento.

*Jafon.* Pois de que sorte ha de ser isto ?

*Med.* Desta sorte.

*Desce huma nuvem , e nellu vão arrebatados  
Jafon , e Medéa.*

*Sacatr.* A Deos , *Jafon* , para secula seculorum.

*Arpia.* Que te parece isto ? Não he galante ?

*Sacatr.* He mui boa galantaria , mas eu lhe não acho graça : Ora diga-me , *Senhora Arpia* , e *Medéa* sabe fazer destas habilidades ?

*Arpia.* Como ninguem ; porém tal *Mestra* teve ella.

*Sacatr.* Apostemos que foi *Vossa Mercê* a *Senhora Mestra* ?

*Arpia.* Eu fui a *Mestra* de *Medéa* , que a en-  
fi-

finhei desde criança á arte magica, a que vós sês os nescios chamáo feitiçaria, e o demo da rapariga tomou tão bem as lições, que hoje me pôde dar seis, e ás, e a mão.

*Sacatr.* Tão entabolada está ella no jogo da coufa?

*Arpia.* Como lho hei de dizer? Faz coufas nunca vistas, e algumas com galantaria, que he para ver, e admirar.

*Sacatr.* A Vossa Mercê ainda lhe lembra alguma coufa do tempo que era Mestre?

*Arpia.* Qual, filho, os annos tudo consomem, pois no meu tempo andava eu nas palmas.

*Sacatr.* Melhor fora que o Carrasco lhe andasse nas costas; mas certamente que a Vossa Mercê ainda lhe ha de lembrar alguma galantaria?

*Arpia.* Qual, isto esquece muito se se não traz sempre entre as mãos.

*Sacatr.* Por isso me ha de lembrar o anel, que o trago entre os dedos.

*Arpia.* Pois cuidavas que aquillo do anel era verdade? Foi huma pessa que te quiz fazer.

*Sacatr.* Pois porque era pessa, por isso eu tambem por pessa o disse a Medéa; mas não disfarçemos, faça alguma magicasinha pequenina, coufa galante.

*Arpia.* Ora por te fazer a vontade ahi vai huma primorosa: Per ante de berliques, berloques, que com esta bofetada te salte sóra a cabeça do corpo.

*Dá-lhe hum a bofetada , e salta a cabeça de Sacatrapo , que andar pelo r dando de quando em quando algumas cabeçadas em Arpia.*

*Sacatr.* Ai , minha cabeça , que a tenho por estes res !

*Arpia.* He para ver se has de fazer queixa a Meda , que te furttei o anel.

*Sacatr.* Põe no corpo a cabeça , bruxa , senão olha que te dou hum a cabeçada.

*Canta Arpia a seguinte Aria , e*

R E C I T A D O .

Não to hei de fazer por mais que o peças :

Pois quero que padeas

Por dous annos sequer este tormento ,

Castigando teu louco pensamento.

A R I A .

Oh quanto já me alegra

Ver esse movimento ,

Que he bem , que leve o vento

Cabeça , que he tão vê.

Se em ti , por nescio , e tollo ,

Cabeça não havia ,

Não julgues tyrannia

Tirar-se o que não ha.

*Sacatr.* Ora encaixa-me a cabeça , que eu te dou o anel , sem que tu mo furttes.

*Arpia.* Agora sim , eu ta encaixo.

*Põe-lhe a cabeça , e foge.*

*Sacatr.* Espera , que mo has de pagar , por vida de Sacatrapo. *Vai-se.*

## S C E N A V.

*Jardim, aonde estará o Velocino, que he hum Carneiro de ouro, e ao som do Coro, e instrumentos, sabirá Jason pela Sala de fora a cavallo no Pégaso, que trará azas, e depois entrará no Jardim, aonde também estará hum Dragão lançando fogo, e com elle brigará Jason.*

## C O R O.

Se amor he hum encanto,  
 Que inflamma  
 Na chamma  
 Tyrannico ardor,  
 De ver não me espanto  
 A hum peito  
 Desfeito  
 A encantos de amor.

*Jason.* **H** Orroroso Dragão, espantoso abor-  
 to do Abyfmo, a pezar das som-  
 bras, e do furor que conspiras, hei de do-  
 mar a tua furia, cegando-te primeiro com as  
 luzes do chryfolito deste annel, e ao depois  
 tirando-te a vida com o penetrante desta es-  
 pada, sepultando-te finalmente nas entranhas  
 da terra.

*Mata ao Dragão, que com irros se meterá por  
 hum buraco do Tablado, donde sabiráõ cham-  
 mas de fogo, e a este tempo se desapea do ca-  
 vallo, que voando tomará diverso caminho,  
 e ao mesmo tempo descerá Medéa em huma*

*nuvem, que vindo fechada se abrirá, e della sahirá Medéa.*

*Jason.* Inclya, e famosa Medéa, agora conheço o teu amor.

*Med.* Se pelas obras exteriores conheces o meu amor, que fora se víras o interno de meu coração. Ah! tens, Jason, o Velocino que tanto desejas.

*Jason.* Que admiravel prodigio da natureza! Já achei o que buscava.

*Med.* Que te parece este Jardim?

*Jason.* Ocupa toda a admiração: Quem me dera que Sacatrapo visse isto!

*Med.* Se isso desejas aqui te vem já; Sacatrapo? Sacatrapo?

*Vem voando hum Dragão pelo ár, e lança pela boca a Sacatrapo no Tablado.*

*Sacatr.* Senhora, Senhora: mas aonde estou eu!

*Jason.* Que he isso, Sacatrapo, tu aqui?

*Sacatr.* Ah Senhora Medéa, eu escuto estas gracinhas, que isso toca ao Senhor Jason, que para me eu divertir lá tenho a minha Arpia, que toca a degollar muito bem.

*Jason.* Quiz que tambem tu te achasses na empreza do Velocino de ouro.

*Sacatr.* Não basta intentar a empreza, he necessario tambem fazer a preza; mas diga-me, qual he o Velocino?

*Med.* He aquelle; não o vês?

*Sacatr.* Ai, como he galante! Tó, tó, Velocino, vem cá, passa aqui, tó, tó.

*Jason.* Homem, elle não he cão, he carneiro.

*Sacatr.*

*Sacatr.* Elle será carneiro, mas a mim me parece cão pelo gozo que tenho de o ver.

*Jason.* E he certo, Medéa, que he de ouro a pelle deste carneiro?

*Med.* De ouro he, e tirando-se-lhe huma pelle lhe nasce outra tambem de ouro.

*Sacatr.* Meu Amo está, que não cabe na pelle, o ponto está, Senhora Medéa, que o tal carneiro em se apanhando daqui fóra não mude a pelle.

*Med.* Nisso pôdes estar descansado.

*Sacatr.* E eu que tenho com isso? A meu Amo he que Vossa Infanteza ha de passar essa carta de seguro, porque quando muito elle comerá o carneiro, e a mim me dará os pés, que he o mesmo que dar-me dous couces depois de tanto trabalho.

*Jason.* Não lhe puxes pela lingua, senão nunca se callará.

*Med.* Pois se he fallador trate de o não ser daqui em diante; porque se disler a alguém o que aqui passamos o matei certamente.

*Sacatr.* A'que d'ElRei, Senhores, eu pedi a alguém, que quera saber de jardins, nem de Velocino, nem de badallo? De sorte, que estava eu começando a jantar, eis senão quando de improviso me vejo engolir de huma Serpente, que era o Golia dos Gigantes Dragões, e como lhe não fiz bom cosimento vomitou-me neste jardim, e então digo eu agora, para que me forão chamar, se sabião que eu era linguarudo?

*Jason.*

*Jason.* Ora calte por vida tua. E certamente, Senhora, que cada vez me vejo mais obrigado ás vossas finezas.

*Med.* Não he muito, Jason, que eu applauda a tua entrada neste jardim, quando até as arvores, e troncos inanimados te sabem festejar; e para que o vejas, attende: Plantas, arvores, e flores, sabi das entranhas da terra, e vinde applaudir a Jason.

*Sabem por quatro escotilhas quatro arvores.*

*Jason.* Effeitos são da tua sabedoria, eu estou pasmado!

*Sacatr.* E eu com o queixo cahido!

*Med.* Ainda não pára aqui o teu applauso; arvores, transformai-vos em Ninfas, e applaudi a Jason, cantando, e repetindo as minhas vozes.

*Sacatr.* A mulher he capaz de fazer huma fallada!  
*Canta Medéa, e repetem os éccos.*

*Med.* Dizei o incendio voraz, voraz.  
Que em meu peito abraza amor, amor.  
Quando por Jason se inflamma flamma.  
N'um puro, e suave ardor. ardor.

*Jason, e Med.* O' Ninfas, dizei-lhe,  
Que já no meu peito  
Em ancias desteito

*Toi.* Voraz amor inflamma ardor.

*Canta Jason, e repetem os éccos.*

*Jason.* Dizei, que em dita feliz feliz.  
Vive em mim constante ardor, ardor.  
Pois já Medéa me inspira pira.  
Mil sacrificios de amor. amor.

*Jason, e Med.*

*Jafon, e Med.* O' Ninfas, dizei-lhe,  
Que já no meu peito  
Em ancias desfeito

*Tod.* Feliz incendio inspira amor.

*Sacatr.* Ora eu sem ver Narciso verei se acho  
algun êccô que me responda ; ora lá vai,  
Senhora Medéa.

*Med.* Dize, que ellas te responderão.

*Canta Sacatrão o seguinte.*

Dizei se do Velocino

Hei de ter sequer hum pello.

*Zurrão dentro.*

*Sacatr.* Oh ! Zurrário ? Andar, se não tive êc-  
cos achei burro, isto agora he que he magi-  
ca, pois que as Ninfas se tornárão em burro.  
Ah Senhora Medéa, he isto jardim, ou es-  
trebaria ?

*Med.* Para ti todo o lugar he estrebaria.

*Sacatr.* Isto he pôr as cousas no feu lugar ; mas  
já que Vossa Infanteza quiz fingir este jardim,  
não fez mal em fabricallo no lugar da estre-  
baria, que entendo em minha consciencia que  
as estatuas são os burros do Senhor feu pai.

*Med.* Jafon, ainda passa a mais o meu amor,  
pois verás que por ti faço com que essas Nim-  
fas, em que falta o animado, em teu applau-  
so te formem huma contradança, e assim os  
passaros, as agoas, e o Zefiro a entoem, e  
as Ninfas bailem.

*Torão huma contradança, e descem as Ninfas  
dos seus lugares, e danção.*

*Jafon.* Que dizes agora a isto, Sacatrão ?

*Sacatr.*

*Sacatr.* Deixe-me, Senhor, que me estou embasbacando; pois vejo que quem faz bailar troncos também fará bailar as tripecinhas.

*Jason.* Não gostas de contradança?

*Sacatr.* Não, Senhor, porque fui sempre contra a dança.

*Jason.* Medéa, não sei com que te hei de gratificar tantas finezas, quantas por mim tens feito. Sacatrapo, não deixes ficar o Velocino.

*á parte.*

*Med.* Adorado Jason, se já conheces o meu amor, peço-te que não sejas ingrato a tantos extremos.

*Jason.* De que sorte queres que te segure a minha constancia?

*Med.* Com a mesma constancia com que meu peito te adora.

*Jason.* Assim o prometto.

*Med.* Ditosa já me posso chamar com tal ventura.

*Jason.* E eu feliz. Ai, Creusa, quando verdadeiramente sem sustos descansarei em teus braços, pois só tu me roubaste os meus feridos! Sacatrapo, leva o Velocino, não o deixes.

*á parte.*

*Sacatr.* Assim era eu asno.

*Med.* Vaines, Jason.

*Jason.* Medéa, vamos.

*Med.* Mas esperai; que terei, que tão sobrefaltado tenho o coração?

*á parte.*

*Jason.* Que te suspende, Medéa?

*Med.* Ai, Jason, dize-me: estarei certa na tua promessa?

*Jason.*

*Jason.* Vive descansada, Medéa, que não faltarei á minha palavra.

*Sacatr.* Não haja desconfiança de parte a parte; que eu fico por fiador, e principal pagador, e assim dissei, Ninfas, e publicai de Jason, e Medéa a bella attenção, dizendo todos.

## C O R O.

Se amor he hum encanto,

Que inflamma

Na chamma

Tyrannico ardor;

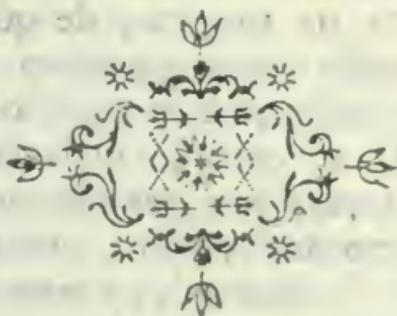
De ver não me espanto

A hum peito

Desfeito

A encantos de amor.

*Fim da primeira Parte.*





## P A R T E II.

### S C E N A I.

*Camera. Sabem Jason, e Theseo.*

*Thes.* **A** Inda não creio, Jason, que sem derramar sangue conquistámos o Velocino.

*Jason.* Confesso-vos, Theseo, que quando nisto imagino parece-me que estou sonhando.

*Thes.* E segundo, Senhor, me contaſte, entendido que debalde viriamos a esta conquista com armas, se não forão as magicas de Medéa, que tanto te ama.

*Jason.* A's vezes pôde mais Cupido que Marte, pois mais poderoso foi sempre o amor, que o odio; e certamente Theseo, que com ter a certeza na magica, de que havia triunfar do Dragão que guardava o Velocino, com tudo a vista, e o aspecto d'elle poderia causar temor ao coração mais destemido.

*Thes.* E agora para que nos dilatamos mais nesta terra? Vamo-nos embora antes que se saiba o roubo do Velocino, e nos custe sustentar com a espada o que ganhámos sem ella.

*Jason.* Assim he, Theseo, mas as cousas não se fazem como se dizem. Bem sabes as finezas que Medéa tem obrado por mim, e que com o pretexto de ser eu seu esposo, he  
que

que me facultou a entrada no jardim , e assim parece vileza , e ingratição o deixalla ; além d'isso , como sabes que he magica , poderá vingarse em nós , que huma mulher escandalizada , e poderosa he muito para temer. Assim pertendo encobrir , que por Creusa he que me detenho.

*á parte.*

*Thef.* Segue o teu parecer , que algum dia te pezará não seguir o meu conselho. *Vai se.*

*Jason.* Se eu estou louco de amor como hei de ter entendimento para acertar? Pois quando o amor vive no peito he força que desfaleça o juizo.

*Sabe Sacatrapo.*

*Sacatr.* Eilo lá fica no porão enxuto , e bem acondicionado.

*Jason.* O que ?

*Sacatr.* O Velocino , a quem estive acompanhando até agora , que lhe confesso não posso apartar-me d'elle , e entendo que o tal carneiro tambem he feiticeiro.

*Jason.* Não te quizera ver tão seu amigo , que és capaz de tirar-lhe alguma gadelha em achando occasião.

*Sacatr.* Senhor , sempre ouvi dizer que era bom tomar a occasião pelos cabellos ; mas eu se a achar a tomei pelas unhas , que he mais seguro.

*Jason.* Pois já que és tão occasionado não tornarás a brincar com elle.

*Sacatr.* Já o remedio he tarde , pois já cá dizimei o que quer que he. *á parte.* E sabe ;

Se-

Senhor ; que mais ? Aposto que o não sabe.

*Jason.* Dize.

*Sacatr.* Que o tal carneiro sabe latim.

*Jason.* Deixa-me com disparates.

*Sacatr.* Ainda ella he peor , basta que lho diga eu , que o tal Velocino he hum Calepino enquadernado em carneira , e senão veja ; perguntei-lhe eu ( por acaso ) de *ego mei mibi* o accusativo de singular ? Eis senão quando me responde logo *mê*. Eu quando tal ouvi dizer disse comigo : Tambem se a ti te não falla o diabo nas tripas , mal por mim.

*Jason.* Seja o que quizeres , vamos ao caso.

*Sacatr.* Vamos ao Occaso , e vamos ao Oriente.

*Jason.* Pudeste fallar a Creusa , e significar-lhe o quanto lhe quero ?

*Sacatr.* Deixando circuitos , e episodios ; apenas tu , Senhor , te apartaste de mim , quando logo Creusa veio nas tuas ancas , e eu tanto que a vi só por só comigo , confesso que tive medo , e quiz chamar áque d'ElRei.

*Jason.* De que tiveste medo ?

*Sacatr.* Senhor , assim como as fêas fazem fugir , tambem as formosas affombrão ; e como não ha Sol sem sombra , ella foi o Sol , e eu o affombrado dos seus raios ; pois cada olho era hum caga-lume , cada face hum carbunculo que andava nas mãos do Anatomico da belleza , cada cabello era hum raio , cada pestana hum cometa , e hum corisco cada nariz.

*Jason.* Tantos narizes tem ella ?

*Sacatr.*

*Sacatr.* Sim ; Senhor , e tão bellos como os seus narizes.

*Jason.* Vamos adiante.

*Sacatr.* Isso he o que queria ? Pois ouça mais ; fui eu , e como logo nos olhos a vi com geito para me ouvir , que fiz ? Fui de mansinho abrindo a boca pé por pé , e lhe escarrei na bochecha o recado que me deu , tim tim por tim tim.

*Jason.* E quando lhe fallaste em mim alterou-se ?

*Sacatr.* Não sei , porque lhe não tomei o pulso ; mas se pelos olhos se conhece quem tem lombrigas , ella tanto que lhe fallei em Jason foi tanta a lombriga que destilou pelos olhos , que assentei logo que a Senhora Creusa estava mordida da bicha de Cupido.

*Jason.* Vamos á conclusão da historia.

*Sacatr.* Senhor , em conclusão argumentei-lhe rijamente sobre o ponto , e vendo-se convencida começou a querer fugir do argumento ; mas eu que na ponte dos asnos sou hum linco , que fiz ? Mudei-lhe o argumento , e logo a colhi no laço.

*Jason.* Acaba , antes que acabe contigo.

*Sacatr.* Pois demos por acabado , que eu não posso acabar comigo o ser Laconico.

*Jason.* Pois em que ficou ?

*Sacatr.* Ficou em pé sobre os çapatos.

*Jason.* Tu estás zombando ?

*Sacatr.* Zombaria fóra ; ella lhe não pezou de ouvir o recado , ainda que lho dei bem pe-

zado , e começando a fazer biquinhos , como quem queria chorar , destemperou em cantar huma Aria , e virou-me as costas ; eu ainda assim fui atrás della , e perguntando-lhe pela resposta , virando-me o rosto para mim mui fizuda , e mui grave , fez-me huma careta , e çafou-se , e ficou çafada.

*Jason.* De toda esta arenga venho a concluir que achaste Creusa inclinada ao meu amor.

*Sacatr.* A's vezes quando se abaixava , não há dúvida que se mostrava inclinada ; porém , Senhor , com que estamos ? Eu acho de mim para mim , que ella se ha de resolver a querer , e só lhe digo que teve bom gosto.

*Jason.* Pois não he mais formosa que Medéa ?

*Sacatr.* Isso não he questão , porque se Medéa encanta , tambem Creusa enfeitiça.

*Jason.* O' Sacatrapo , se eu alcanço os favores de Creusa não tenho mais que desejar.

*Sacatr.* Pois Senhor , entendamo nos , falla de véras , ou está zombando ? Eu cuidei até agora que isso de Creusa era chacara.

*Jason.* Não he senão realidade , pois a amo com todas as veras.

*Sacatr.* Ui , Senhor , quando eu cuidava que conquistado o carneiro terias jazigo , vejo agora que depois de alcançado ainda te metes pela terra dentro. Deixa a Creusa , Senhor , e pois temos o carneiro nas garras , embarquem-nos antes que o mar se encrespe em carneiros.

*Jason.* Por isso mesmo , porque tenho seguro o

Velocino, por isso quero tambem a Creusa, e assim vai outra vez, e dize-lhe, que se se resolve a vir comigo para Thessalia, que será minha esposa, e subirá comigo ao Solio da Magestade, que por direito se me deve.

*Sacatr.* Ai, Senhor, que muito temo os encantos de Medéa.

*Jason.* Não vês que ella me deu o anel, depósito da sua sciencia, e com elle não temo magicas?

*Sacatr.* Eu, Senhor, não se me dá que se torne em carvão a pelle de ouro, que eu sempre hei de forrar a minha pelle.

*Jason.* Sacatrapo, mãos á obra, e se me trazes boas novas terás boas alviçaras. *Vai se.*

*Sabe El Rei.*

*Rei.* Vós não sois criado de Jason?

*Sacatr.* Criado de Vossa Reinadura.

*Rei.* Aonde está, que lhe quero fallar?

*Sacatr.* Está tomando o fresco na trapeira.

*Rei.* Oh, agora te conheço. Tu não és Sacatrapo, aquelle a quem dei o anel?

*Sacatr.* Sim, Senhor; mas foi tal a minha desgraça, que a Senhora Arpia, fallando mal, deu em se afeiçãoar do anel, e tanto andou até que mo lambeo.

*Rei.* Ora não te agastes, que não te faltarão anneis.

*Sacatr.* E só sinto o não tello por ser prenda de Vossa Reinadura.

*Rei.* Só este me poderá dizer o que eu pertendo. *á parte.* Dize-me, de que serves a Jason,  
ou

ou que prendas são as tuas para que elle te estime tanto ?

*Sacatr.* Senhor , depois que perdi o anel já não tenho prendas.

*Rei.* Dize-me se és Militar , porque talvez te deixe ficar em meu Reino ; pois Jason , que te estima tanto , por alguma cousa he.

*Sacatr.* Eu servi , Senhor , na campanha desde a idade de cinco annos. Tive todos os postos , porque eu tive posto de pé , posto de joelhos , posto de bruços , posto de costas posto de gatinhas , e se a necessidade era grande tive posto de cocaras ; porque , Senhor , has de saber que eu depois de roto fui Soldado , dahi passei a cabo de foyella , e quando nada em dous dias me vi feito Coronel de hum regimento de gallico.

*Rei.* Só reparo que teu Amo com tantos serviços te não fez Governador de alguma Praça.

*Sacatr.* Isso não era necessario , porque a mim me não faltão Praças.

*Rei.* Ora meu Sacatrapo , hoje na tua boca consiste a tua fortuna , pois se me dizes o que te quero perguntar , te darei huma renda com que possas passar alegremente.

*Sacatr.* Senhor , fortuna de boca , e premio de rendas são cousas de pouca duração.

*Rei.* Promettes-me dizer o que pertendo saber ? Olha que has de ser bem premiado.

*Sacatr.* Diga , Senhor , que hum interessleiro a tudo está offerecido.

*Rei.* Para que falles com mais clareza , he bem ,

bem , que te allumie o brilhante deste anel.

*Sacatr.* Isso he ceremonia , para nós não he necessario. Não o saberá Arpia. *á parte.*

*Rei.* Dize-me pois ; que veio Jason buscar a este porto , pois sei de certo que não teve tormenta ?

*Sacatr.* Verdade he que os Pilotos estão discordes nessa materia ; porque huns assentão que foi tormenta , outros dizem que fora calma-ria , com que nisso ha opiniões.

*Rei.* Dar-se-he caso que viesse Jason roubar-me o Velocino ?

*Sacatr.* O Velocino , não Senhor , mas hum carneiro de ouro sei eu , que já o tem nas unhas.

*Rei.* Que dizes ?

*Sacatr.* Bem ; se Vossa Reinadura se ha de en- fadar , então não fallo falla.

*Rei.* E como póde elle tirar esse carneiro , es- tando tão bem guardado ?

*Sacatr.* Senhor , do contado come o lobo ; di- zem que foi por arte magica.

*Rei.* Aposto eu que andou por ahi minha filha Medéa ?

*Sacatr.* Não Senhor , Medéa não , quem fez as mexidas dizem que foi huma filha de Vossa Reinadura.

*Rei.* Essa mesma he Medéa.

*Sacatr.* Eu , Senhor , como não me meto com as vidas alheias , não me importa quem foi , nem quem não foi.

*Rei.* Basta , não quero saber mais. Ha homem

mais infeliz ! Que viesse hum pirata traidor a roubar-me a joia mais singular de todo o Mundo , e que minha propria filha fosse a medianeira do meu estrago ! Não sei como me não mato por minhas mãos.

*Sacatr.* E faria muito bem , que o caso he para isso.

*Rei.* Não sei como não perco a paciencia vendo roubado o meu Velocino !

*Canta o Rei a seguinte*

A R I A .

Qual leoa embravecida ,  
 Que se vê destituida  
 Do filhinho tenro , e caro ,  
 Que com furias , e bramidos  
 Fere a terra , e rompe o ár.  
 Assim eu sem Velocino ,  
 Ando louco , estou sem tino ,  
 Pois que hum vil pirata avato ,  
 Deste bem me fez privar.

*Sacatr.* Ah Senhor , aonde hei de assentar a minha renda ?

*Rei.* Calte , perfido traidor , em ti , como parcial desse barbaro , e fermentido Jason vingarei a minha cólera.

*Corre atrás de Sacatrapo.*

*Sacatr.* A'que d'ElRei contra elle mesmo. *Vai-se.*

## S C E N A II.

*Antecamera. Sabem Medéa, e Arpia.*

*Arpia.* **Q**ue tens, Senhora, que andas tão melancolica estes dias? Se já te vês amada de Jason, que mais desejas?

*Med.* Não digas amada, burlada fim.

*Arpia.* Isso será desconfiança, porque o amor isso tem, que em quanto menino he confiado, e desconfiado quando velho; e por isso não faltou quem dissesse que o amor morava na correaria.

*Med.* Pois dize-me, Arpia, não he para desconfiar ver que Jason depois de tantas finezas que por elle tenho obrado, depois que lhe entreguei o Velocino, pondo-me em notavel perigo se meu pai o foubere; em fim, depois que o fiz senhor absoluto de meu alvedrio, o vejo tão tibio, e tão pouco solícito, que se passão muitos dias sem ver-me? Vê tu se tenho razão, e motivo bastante para desconfiar.

*Arpia.* Senhora, quem a mandou pagar adiantado? Chore-o agora na cama, que he lugar quente.

*Med.* Tomára eu saber qual he a causa do seu desvio.

*Arpia.* Dar-se-ha caso, que tenha outro emprego?

*Med.* E qual havia ser a atrevida, que sabendo que Jason me adorava, havia querer oppôr-se ao meu amor?

*Arpia.* Isso não se levá por opposição.

*Med.* Pois quem presumes tu que ferá?

*Arpia.* Senhora , eu nunca tive presumpções , e muito menos agora , que sou velha.

*Sabe Creusa.*

*Creus.* Medéa , toda a Corte tem estranhado o teu retiro , e tristeza ; se se pôde remediar dize-mo , que o mal communicado he menos sentido.

*Med.* Ai , que minhas tristezas , Creusa , nascem de causas tão occultas , que ninguem as pôde penetrar.

*Creus.* Não são tão occultas , que se não saiba que he por causa de Jason.

*Med.* Ai , Prima , como tu o sabes já to não posso negar. Confesso-te que amo a Jason , e como elle sabe o meu extremo , despreza as minhas finezas.

*Creus.* Alviçaras , coração , que já pôdes respirar com socego. *á parte.*

*Med.* Vê tu como poderei estar vendo-me desprezada depois de querida?

*Creus.* Despreza-o tu tambem , e verás como elle te busca ; porque o repudio he o incentivo maior para avivar a chamma do amor , e fazze isto , e verás que te não engano.

*Med.* Estou para tomar o teu conselho , mas temo que Jason escandalizado me deixe por huma vez.

*Creus.* Se elle te deixa amando-o , que importa que te deixe aborrecendo-o.

*Med.* Não me falles em deixar a Jason , que he impossivel. *Arpia.*

*Arpia.* Senhora Creusa, he bem que a Senhora Medéa lhe succeda tudo isto, porque sempre lhe préguei que se não fiasse de Estrangeiros, e mais de Jason, que sempre tive azár com este homem, pois basta ser Soldado para ser vandoleiro.

*Med.* Não digas mal de Jason, que em fim sempre lhe quero, e lhe tenho muito amor.

*Arpia.* Ainda se não póde defenganar, que em quanto morrer por elle não ha de ter vida alegre? Minha Senhora, perdoe-me dizer-lhe isto, nenhuma mulher entrega todo o seu peito ao amor, e a razão he esta.

*Canta Arpia a seguinte Aria, e*

R E C I T A D O.

Em materias de amor, Medéa bella,  
He neccsario haver muita cautela,  
Que amor assim zombando entra brincando,  
Porém depois chorando  
Faz hum peito biquinhos,  
Que em suspiros acabão taes brinquinhos.

A R I A.

A Cupido, que he menino,  
Dá-se o leite, e não o peito,  
E se acaso com effeito  
Quer o peito, ponha azebre,  
Para amor se desmamar.

Mas se acaso amor he fogo,  
Não o atice no suspiro,  
Porque a chamma em facil gyro  
Mais se atêa no affoprar.

*Vai-se.*

*Sabe Jason sem ver as duas.*

*Jason.* Não quero só fiar de Sacratapo o recado de Creusa, quero ver se acho occasião de me explicar com ella mesma, ainda que experimente as suas iras. Mas que vejo! Alli está o meu bem, e o meu mal.

*Med.* Jason, entendo, como ha tanto que me não vês, que já me não conheces, e cuido que tu és o desconhecido.

*Jason.* Quem se vio em maior labyrintho!

*Creus.* Jason como me vê aqui não sabe o que responda. *á parte.*

*Med.* Se por não achares desculpa emmudeces, razão tens; mas não sei que razão póde haver para ser ingrato?

*Jason.* Medéa, aonde não ha culpa, não póde haver desculpa. Que terrivel lance! *á parte.*

*Med.* Pois não he culpa o ser ingrato a tantos extremos? Dize-me, porque me não vês?

*Jason.* Quem vê com os olhos do amor, por força não ha de ver, porque o amor he cego.

*Creus.* Logo tu não vês a Medéa, porque lhe tens amor?

*Jason.* Não sei o que responda. . . . Digo que o ver no amor he improprio.

*Med.* Entendo que te não explicas com pejo de Creusa; pois sabe que Creusa tudo sabe, e tem estranhado muito a tua ingratidão.

*Jason.* Ainda esta he peor! *á parte.*

*Creus.* Explica-te, Jason, não te acovardes, que eu sou de segredo.

*Jason.* Pois talvez que por Creusa me não expli-

plique ; queira amor , que me entenda. á parte.

*Creus.* Pois se he por amor de mim eu me ausento.

*Jason.* Não me entendo. á parte.

*Med.* Pois eu não quero que se vá Creusa , que não quero que meu pai me ache só contigo , e diante della quero que confesses a tua ingratição para que te corras. Dize , tens achado em meu amor alguma variedade ?

*Jason.* Não.

*Med.* Não juraste de me querer sempre ?

*Jason.* Sempre jurei.

*Creus.* Pois tu costumás faltar ao que promettes ?

*Jason.* Oh que desesperação !

*Canta Jason a seguinte Aria , e*

R E C I T A D O .

Quem , ( oh Deoses ! ) se vio em tanto enleio ,  
Pois tremulo receio  
Em mal tão violento ,  
Explicar meu interno sentimento.

A R I A .

Roto lenho , que impellido  
De infeliz vaga procella ,  
Quasi a pique submergido ,  
Vendo ao longe a praia bella ,  
Sem que a ella  
Possa naufrago aportar.

Eu assim na dor violenta ,  
Sinto huma aspera tormenta ,  
Sem que possa minha idéa  
Por Medéa

Livemente publicar.

*Rei.* Jason , como os teus Soldados abusão da franqueza da minha hospedagem , commettendo latrocínios , e fazendo disturbios , peço-te que lhe mandes tirar as armas , pois entre amigos são escufadas , porque assim se evitarão tantos escandalos. Verei se logro o meu intento. *á parte.*

*Jason.* Sinto que os meus Soldados , Senhor , sejam insolentes , mas eu prometto castigallos. Oh , que a bom tempo veio ElRei ! *á parte.*

*Rei.* Pois adverte que se não tirão as armas , que eu lhas mandarei tirar.

*Jason.* Tudo o bom se fará. Aqui he preciso dissimular. *á parte. Vai-se.*

*Rei.* Creusa , vai para dentro.

*Creus.* Já te obedeço. *Vai-se.*

*Med.* Em negra hora veio meu pai , pois queria apurar a falsidade de Jason. *á parte.*

*Rei.* Quero mostrar-lhe que ignoro o que me contou Sacatrapo. *á parte.* Medéa , como tu ficaste de saber o intento com que Jason veio a esta terra , e até agora não me tens dado resposta , eu a venho procurar.

*Med.* Se os Oraculos do Averno já me tivessem respondido sobre os intentos de Jason , já to tivera revelado ; porém como os Oraculos emmudecem , he certo que a nossa pergunta não merece resposta por ser sem fundamento , pois segundo collijo , cuido que nem Jason sabe que no Mundo ha Velocino.

*Rei.* Ah inhumana filha , que agora conheço

o teu fingimento ! á parte. Visto isso posso estar seguro que Jason não vem buscar o Velocino ?

*Med.* Bem póde perder já esse receio.

*Rei.* Ainda affirm o meu cuidado só terá allívio , fazendo que se vá daqui Jason , que com effeito logo dou ordem a isso.

*Med.* Isso he aggravar a quem te não offende.

*Rei.* Está conhecido o damno , e já que a ti te parece impolitica o expulsar a Jason , promettes tu ficar por fiadora de que elle me não há de roubar o Velocino ?

*Med.* Prometto.

*Rei.* E se elle o roubar a que pena te sujeitas ?

*Med.* A que me mates.

*Rei.* Pois olha que hei de executar a penna sem que te valha o ferer quem és.

*Sabe Telemon.*

*Telem.* Senhor , já os Soldados estão promptos , e tudo preparado , vê o que ordenas.

*Rei.* Vem comigo , que eu te avisarei o que has de fazer. Medéa , lembra-te da fiança. *Vai-se.*

*Med.* Não tenhas desconfiança. Eu cuido que já meu pai saberá alguma cousa ; mas quem lho havia de dizer ! O peor he que eu sou a fiadora do Velocino. Mas que importa que perca a vida , se eu morro na ingratição de Jason ? Porém agora que o Sol totalmente se sepultou no tumulo crystallino do Oceano , e já a Lua começa a sahir , hirei consultar nos seus argentados raios a causa da mudança de Jason. Mas aqui vem gente.

*Sabe Sacatrapo.*

*Sacatr.* Agora me disse meu Amo , que aqui ficava Creusa , que não perdesse tempo para dar-lhe o recado ; mas isto he noite fechada , e eu não atino com o caminho ; mas chiton , que aqui está alguem , e o vulto he feminino pelo ruge ruge das saias , e pelo ringe ringe dos çapatos ; se será Creusa ?

*Vão andando hum para o outro , e topão-se.*

*Med.* Quero averiguar quem he.

*Sacatr.* Quem he da parte de Jason ? Diga se he gente , ou se he mulher ?

*Med.* Este he Sacatrapo. Que quererá aqui ? Isto he novidade a estas horas ! *á parte.*

*Sacatr.* A mim me mellem se esta não he Creusa ; he Creusa ?

*Med.* Quero fingir ; sou Creusa , mas tambem quero saber quem he que me busca ?

*Sacatr.* Não o disse eu ? O meu faro de noite he hum farol.

*Med.* Diga quem he , senão vou-me.

*Sacatr.* He Sacatrapo em pessoa , que te vem trazer hum recado de Jason.

*Med.* Está descoberto o enigma ; Sacatrapo , deixa-me , que tenho eu com Jason ?

*Sacatr.* Se não tem , poderá ter ; olhe o que lhe quero dizer por vida sua.

*Med.* Não tenho que ouvir.

*Sacatr.* Eu lhe darci que ouvir ; ora escute hum nadinha.

*Med.* Ora dize depressa.

*Sacatr.* Mande trazer huma bugia accêza pelo  
ra-

rabo , porquê ás escuras não atino com a boca para fallar.

*Med.* Dize , senão vou-me.

*Sacatr.* Está feito , fallarei pelos narizes. O caso he , Senhora Creusa , que depois que lhe fallei aquelle dia da parte de meu Amo , lá lhe disse o que Vossa Magnificencia me respondeo.

*Med.* Todavia isto já he muito antigo ! á parte.

*Sacatr.* E assim aqui me envia outra vez por seu Embaixador extraordinario com amplos poderes de ajustar comtigo o seu casamento ; pois em summa diz Jason , que por ti morre de amor desde que te vio ; e assim se tu quizeres casar , que he o mesmo que seres sua esposa , ou sua mulher , que te levará comigo para Theffalia , onde serás Rainha , e andarás em coche a quatro ; pois para isso já toda a armada está sobre o ferro esperando occasião para nos çafarmos á chucha callada.

*Med.* Ah traidor Jason ! E dize-me : Então ha de deixar a Medéa ?

*Sacatr.* Porque , elle a pario ?

*Med.* Ainda assim parece ingratição.

*Sacatr.* Qual ingratição , Senhora , não me quer crer ? Elle nunca teve amor a Medéa.

*Med.* Pois quem o obrigava a fazer tantos extremos por ella ?

*Sacatr.* Nunca ouvio dizer , que quem ama a Beltrão , ama o seu cão ; pois meu Amo amava a Medéa por amor do Velocino , e como este já o tem na mão acabou-se o amor.

*Med.*

*Med.* Já me vai faltando a paciencia ; porém para a perder de todo apuremo-la mais. Com que tanto aborrece a Medéa ?

*Sacatr.* Ai , Senhora , quem não ha de aborrecer huma feiticeira ! Eu pelo menos a desejo pôr em hum barril de polvora , ou na boca de huma pessa ; e pôr-lhe o fogo para que não houvesse fumo de tal demonio.

*Med.* Calte , não te ouça ella.

*Sacatr.* Qual ouvir , a estas horas está ella buscando alguma tripa de lobo para os seus ingredientes ; porém , Senhora , tudo quanto disse se recopila nos quatro elementos do amor , que são os seguintes.

*Canta Sacatrapo a seguinte*

A R P I A .

Pagar ao correio , Deixar a Medéa ,  
Amar a Jason , Segredo , e chiton.

*Sabe Arpia com huma véla.*

*Arpia.* Muito alegres noites. Ai , cá está Sacatrapo !

*Sacatr.* Ai , que he Medéa com quem estive fallando ! Estou perdido !

*Med.* Agora Sacatrapo , para que vejas o meu primor , quero premiar o teu trabalho , e que leves a resposta a Jason.

*Sacatr.* Olhe , deixe-me ir embora , que he o melhor premio que me póde dar.

*Arpia.* Espera , tollo , accita o que te dão , não fejas descortez.

*Sacatr.* Eu te dou o que ella me ha de dar.  
Ah Senhora , deixe-me ir alli fóra , que eu já venho.

*Med.*

*Med.* Espera. Basta que Jason ama a Creusa?

*Sacatr.* Quem podia dizer tal? Isso he quiméra.

*Med.* E basta que tu és o seu terceiro?

*Sacatr.* O' lá, isso agora he mais comprido!

*Med.* Ora dirás a teu Amo que Creusa lhe manda dizer que esteja certo que lhe ha de pagar a sua fineza.

*Sacatr.* Sim, Senhora. A Deos, Senhora.

*Med.* Espera, que te não has de ir sem levares as alviçaras.

*Arpia.* Senhora, que he isto que te succede com Sacatrapo?

*Med.* Que ha de ser? He o que traz os recados a Creusa; por isso Jason me desdenha, porque nella emprega o seu amor.

*Arpia.* E tu fiando della o teu peito?

*Med.* Oh Arpia, quando em tal imagino não fei como não desespero! Porém em quanto nelles não posso executar o meu furor, em ti vil, infame, insolente Sacatrapo, hei de vingar a minha ira, sepultando-te nas entranhas da terra, até chegares ao coração do Abyfmo.

*Vai Medéa sepultando pouco a pouco a Sacatrapo por humã escotilha do Tablado.*

*Sacatr.* Senhora Medéa, não me enterre, espere pelos gatos pingados, que eu lhe descobrirei muita cousa; antes que me mate deixe-me dispôr deste anel que me deu agora seu pai.

*Med.* Não tenho mais que saber, vai a ser pasto dos Dragões.

*Sacatr.* Ai de mim! *Desapparece.*

*Arpia.* Ai, Senhora, que culpa tem o Criado?

*Med.*

*Med.* Espera , e verás : Sacatrapo ? Sacatrapo ?

*Torna a subir Sacatrapo com cara de burro.*

*Sacatr.* Aonde estou eu ?

*Arpia.* Ai , que linda cara que tens !

*Sacatr.* Parecerei defenterrado.

*Arpia.* Sabes o que vejo ? Que te enterraste com cara de gente , e resuscitaste com cara de burro.

*Sacatr.* Cara de burro ? He verdade ? Cá estão as orelhas. Ah Senhora Medéa , não achou outra cara menos cara para me pôr , senão cara de burro ? Pois por certo que eu não tenho cara de asno.

*Med.* He para não levares recados a Creusa.

*Sacatr.* Senhora , tire-me sequer as orelhas , que eu sem ellas bem posso ser burro , que assim ha muita gente.

*Arpia.* Ora Senhora , se os meus serviços valem alguma cousa , peço-lhe que tire a cara de burro a Sacatrapo , que assim como assim , ficando com a que tinha , fica com a que tem. E o anel o que brilha ! *á parte.*

*Sacatr.* Ah Senhora Medéa , desemburre-me por vida sua.

*Med.* Pois vai buscar a tua cabeça aonde a perdeste.

*Desce Sacatrapo , e torna a subir com cara de gente.*

*Sacatr.* Queira Deos , que estando a minha cabeça em terra não venha grollada.

*Med.* Arpia , não estou em mim até me não vingar de Jafon. *Vai-se.*

*Arpia.* Ora parabem lhe seja , Senhor Sacatrapo , o ver-se restituído á sua antiga fôrma.

*Sa-*

*Sacatr.* Pois com ver-me com miollo de burro , com tudo estava em meu perfeito juizo.

*Arpia.* Olha , Sacatrapo , para fugires de femelbantes desgraças , bom era saber o que está para te succeder , e te livrares , assim , mostra cá a mão , que te quero dizer a buenedicha , pois bem sabes que nesta sciencia ninguem me excede.

*Sacatr.* Isso não me parece fóra de conta ; eis-ahi a mão direita , que a esquerda está occupada com o anel , e dize tudo quanto cabe na arte.

*Arpia.* Ah , o que tens de embaraços na vida !  
Vês esta linha Mathematica ?

*Sacatr.* Aonde está ?

*Arpia.* Esta que corre direita.

*Sacatr.* Pois que tem ?

*Arpia.* Diz que ainda has de ter muito dinheiro , que te ha de vir por huma herança de hum teu avô.

*Sacatr.* Isso he mentira , que eu já não tenho avô ; salvo se for meu avô torto.

*Arpia.* Vês esloutra linha atravessada ? Pois não he nada. Diz , que has de vir a ter daqui a mui poucos annos hum posto muito honrado na tua terra , que te has de ver em grandes alturas.

*Sacatr.* Oh minha Arpia , veja que posto ha de ser ?

*Arpia.* He hum tal posto , que a todos has de pôr o pé no pescoço.

*Sacatr.* Pois o que he ?

*Arpia.* Carrasco mór.

*Sacatr.*

*Sacatr.* Pois então seguro tenho o pôr-te o pé no peicoço.

*Arpia.* Ai, mofoino homem, que cá te encontrei com huma desgraça!

*Sacatr.* Huma só?

*Arpia.* Não vês esta figura de unha na palma da mão?

*Sacatr.* Tu pintas as figuras como queres.

*Arpia.* Não he cousa de cuidado; diz, que has de morrer enforcado por ladrão.

*Sacatr.* Talvez que escape para Carrasco para te enforcar a ti; e dize, achas lá o anel que me furiarão, e a cabeça de burro?

*Arpia.* Não, que isso forão peffas. Ora mostra cá a mão esquerda.

*Sacatr.* Qual? A do anel? Ahi não pôde haver d'úvida na ventura, pois já tem o anel.

*Arpia.* Pois eu to facarei de outra forte. *á part.* Deixemos isso; sabe que se tu me pagares te darei huma empreza melhor que a do Velocino de ouro.

*Sacatr.* Se isso fora cousa boa não estivera guardada para mim, e já meu Amo a tivera na algibeira.

*Arpia.* Não, que isto he hum segredo, que só eu o fei, e he huma tal cousa, que ficarás rico para sempre.

*Sacatr.* Pois olha, eis-aqui este anel que me deu ElRei esta tarde, e val muito bem trezentos e vinte reis; he hum diamante bruto engastado em ouro buçal, e se me dileres isso to darei.

*Arpia.*

*Arpia.* Pois sabe , que na quinta de Creusa , debaixo da terra está huma estribaria , na qual está hum burro , que caga dinheiro.

*Sacatr.* Eu já ouvi fallar nisso do burro caga dinheiro , que minha mãe o contava , quando eu era pequeno ; porém eu sempre tive isto por historia.

*Arpia.* Não te digo eu , que todos tem noticia desse burro ? Pois sei , que ninguem o vio , e cuidão , que he fabula , o qual está encantado , assim como o Velocino.

*Sacatr.* Se tambem tiver algum Dragão , que o defenda , já renuncio a empreza.

*Arpia.* Não tem Dragão , e só tem por guarda huma formiga.

*Sacatr.* Se he huma formiga , não tenho medo ; porque eu me vestirei de armas brancas com espada , e rodella , e logo a matarei.

*Arpia.* Levarás duas pistollas tambem.

*Sacatr.* Só reparo , que sendo esta empreza do burro caga dinheiro tão facil , não te tenhas tu aproveitado desse dinheiro , para comprares mais de dous centos de anneis , e não andares olhando para as mãos , e dedos dos Sacatrapos.

*Arpia.* Essa he a desgraça , e a minha ventura , ou desventura , que a choro com lagrimas de sangue ; porque has de saber , que o Magico , que encantou esse burro , prohibio , que as mulheres o podessem desencantar pela fragilidade do sexo.

*Sacatr.* E que antipatia tem o sexo das mulheres com o cesso do burro ?

*Topi. I.*

*S*

*Arpia.*

*Arpia.* Isso saberá o Magico.

*Sacatr.* Olha tu, que mais depressa me parece, que isso será alguma burra; porque essas são as que cagão dinheiro?

*Arpia.* He hum burro tão macho, como tu és.

*Sacatr.* Pois, *Arpia*, tu me seguras ser isso verdade?

*Arpia.* Não o duvides, que eu tenho visto muitas vezes; e quando me vou chegando para elle, desapparece, e foge o burro de mim, porque sou mulher.

*Sacatr.* Em fugir de ti não parece elle ser burro: quasi que estou inclinado a darte o annel.

*Arpia.* Bem o podes dar afoitamente, que ainda te faço favor; e para que te descubra todo este enigma, quando fores á empreza, te hei de dar hum capello meu, que foi de minha avó, o qual quem o põem, ninguem o vê, e póde ir por onde quizer, e entrar em toda a parte, sem ser visto; e assim hirás com elle á conquista do burro caga dinheiro, e o poderás trazer a paz, e a salvo, sem de ninguem seres visto, nem cheirado.

*Sacatr.* Eu não duvido, que de ninguem seja visto, pela viciosa virtude desse capello; mas que o que caga o burro seja dinheiro, e não seja cheirado, não póde ser.

*Arpia.* Calte, que es hum cendeiro.

*Sacatr.* *Arpiissima* Senhora, dê me attenção: se eu hei de ser invisivel, porque hei de levar o capello, está muito bem; mas o burro, que não tem capello, por força ha de ser visto.

*Arpia.*

*Arpia.* Não, tollo, que o burro de sua natureza he invisível. Tu só o has de vêr, porque és o seu desencantador.

*Sacatr.* Pois huma vês, que he isso, ahi está o anel, e venha o capello.

*Arpia.* Anda. Muito tollo he este Sacatrapo! Já temos dous anneis. *á parte.*

*Sacatr.* Oh burro do meu coração, se tu cagas dinheiro, não serás burro, serás o verdadeiro pai do Velocino. Desta vês fico de melhor partido do que Jason. *Vai-se.*

### S C E N A III.

*Jardim, e hum monte movediço. Sabe Creusa.*

*Creus.* **S**uspensa me tem este amor de Jason; e estes enleios de Medéa, e não sei, aonde ha de parar isto! Bem sei que Jason me quer; mas por amor de Medéa se não atreve a explicar. Oh desgraçado amor, que vives opprimido a violencias do encanto de huma tyranna!

*Sabem Jason, e Theseo.*

*Jason.* Tu, Theseo, fica esperando á porta desta quinta de Creusa, que eu a quero levar furtada hoje, e logo nos hiremos embarcar, para o que tem prompta a escolta dos Soldados, que te disse, que quando não seja por bem, á força de armas hei de lograr o meu intento, e zombarei dos intentos, e encantos de Medéa.

*Thef.* Vã descançado, e fia do meu valor, que hei de desempenhar a empreza. *Vai-se.*

*Creus.* Ahi sinto gente: quem será?

*Jason.* Ahi esta Creusa: ditosa occasião!

*Creus.* He Jason: Guido, Jason, que vens errado, porque aqui não mora Medea.

*Jason.* Se aqui não mora Medea, namora Jason, bellissima Creusa. Peregrino atractivo de meu coração, não procuro significar-te nesta occasião o fino de meu amor, que para o abonar de extremo, bastante fiador tenho eu nos meus suspiros, os quaes mudamente exhalados já terãõ chegado a teus ouvidos; e para que vejas, que tambem com obras te sei querer, venho dizer-te, que has de embarcar comigo esta tarde para Thessalia, aonde com a fortuna de ser teu esposo, lograrás a ventura de seres Rainha.

*Creus.* De vagar, Jason; tanta cousa junta faz suspender o discurso. Como queres que me fie de ti, sem eu saber, se o teu amor he verdadeiro?

*Jason.* De que sorte queres que to mostre?

*Sabe Medea, e retira-se a hum lado.*

*Med.* Venho ao longe seguindo a Jason: Mas que vejo! Elle cá está com Creusa! Oh não fei como não morro com zelos! Porém quero observar o seu intento.

*Creus.* As mesmas finezas, que agora me dizes, algum dia ás disseste a Medea, e com tudo a deixaste.

*Jason.* Ainda que quiz a Medea, não foi obriga-

gado do amor; mas sim porque ella me prometteo dar o Velocino, que foi o que me trouxe a esta terra.

*Med.* Ah traidor Jason!

*Creus.* Não sei, Jason, se te creia.

*Jason.* Parece, que offendes ao mesmo amor, se não dás credito aos meus extremos.

*Canta Jason o seguinte*

R E C I T A D O.

Não duvides, amor, desta constancia,

Pois com firme jaſtancia

Te adoro de tal sorte,

Que sem temer a morte

Dessa Medea barbara homicida,

Não duvido entregar-te a propria vida.

A R I A A D U O.

*Jason.* Meu bem, de que sorte

Me has de pagar,

Meu inclito ardor?

*Creus.* Amando até morte,

Pois sempre has de achar

Firmezas no amor.

*Jason.* Vê lá não me enganes.

*Creus.* Vê lá não profanes.

*Amb.* Meu inclito ardor.

*Creus.* Pois promettes ser constante,

Esta mão, Jason, me dá.

*Jason.* Nunca ás leis de hum fino amante

Meu affecto faltará.

*Creus.* Que farei, se te mudares?

*Jason.* Que farei, se me saltares?

*Amb.* Em raio me abraze a furia do amor.

*Depois de cantarem , hirão a abraçar-se , e subirá hum monte , que encobrirá a Creusa , isto depois que Medéa differ o seguinte :*

*Med.* Espera , ingrato , que eu te apartarei do bem , que procuras. Montanhas vingai as injurias de Medéa. *Vai se.*

*Jason.* Que he o que vejo ! Aonde estás , Creusa ? Quem de mim te desvia ? Mas quem havia de ser senão Medéa ?

*Canta Jason o seguinte*

R E C I T A D O.

Pois , tyranna inimiga , infiel Medéa  
A pezar dos encantos dessa idéa ,  
Hei de ver a Creusa , penetrando ,  
Rompendo altivo , intrepido rasgando  
Desse monte as entranhas , dize : onde  
Minha Creusa bella em ti se esconde ?

*Abre-se o monte , e delle sabe Medéa , e cantão ambos a seguinte*

A R I A A D U O.

*Med.* Traidor , ingrato amante ,  
Mudavel , inconstante ,  
Suspende o teu desvio.

*Jason.* Oh deixa-me , não queiras  
Tirar-me a liberdade ,  
Que he livre o alvedrio.

*Med.* Pois sabe , que ha vingança ,  
Que opprima huma mudança.

*Jason.* Não teme os teus rigores ,  
Quem busca em seus ardores  
Mais bello resplendor.

*Med.* Pois , barbaro , perjuro

Verás o meu rigor.

*Med.* Tu com zelos me atormentas.

*Jason.* Tu com magicas me violentas.

*Med.* Calte, ingrato.

*Jason.* Cessa, impia.

*Med.* Porque em odio.

*Jason.* Em tyrannia.

*Amb.* Se converta o meu amor. *Quer ir-se Med.*

*Jason.* Espera, Medéa. Estou confuso!

*Med.* Deixa-me, ingrato, e perfido traidor.

*Jason.* Não te vás, porque o meu amor...

*Med.* Não quero ouvirte.

*Jason.* Sempre firme, e sempre constante...

*Med.* Não tenho já que escutar as tuas falsidades; mas sim vingar as minhas injúrias, mudando o theastro das tuas delicias em campanha de Marte, e dize a Creusa, que te defenda. *Vai se.*

#### S C E N A IV.

*Muda-se de repente a Mutuação de jardim, e fica de montes; toção tambores, e fica*  
*Jason.*

*Dentr.* **A** Rma, arma, guerra, guerra.

*Dentr. Rei.* Morra Jason, arma, guerra.

*Jason.* Quem se vio em mais perigoso trance! Estou perdido, e confuzo, sem saber aonde estou, e cercado de inimigos, e já me confidero sem liberdade, e sem Creusa! O Medéa, quem nunca te conhecera!

*Sabe Theseo , e Soldados.*

*Thes.* Jason , que descuido he este ? Como te detens aqui , vindo ElRey contra ti com hum poderoso exercito ?

*Jason.* Oh que a bom tempo vieste , amigo Theseo ; pois confuso , e turbado , me considerava de todo perdido.

*Thes.* Aonde está Creusa , para nos embarcarmos ?

*Jason.* Não sei della.

*Thes.* Pois que foi isto ?

*Jason.* Não sei mais , que ouvir dizer . . .

*Dentr.* Arma , arma , guerra , guerra.

*Thes.* Já nos não podemos retirar sem batalha , pois os inimigos nos cercão.

*Jason.* Pois animo , Soldados ; como valorosos defendamos a honra , e a vida.

*Ao som de huma marcha sabe o exercito de El-Rei , e sabe este , e Telemon , e se põe huns , e outros em fórma de peleja.*

*Rei.* Morra Jason , toca a investir.

*Telem.* Toca a investir , e morrão estes traidores.

*Investirão os dous exercitos , e o de Jason se vai retirando , e o do Rei sempre seguindo-o , e vão-se.*

*Jason.* Retiremo-nos pouco a pouco , que a fortuna se nos mostra adversa.

*Rei.* A'vante , Soldados , que elles se retirão.  
*Vão-se.*

*Sabe Sacatrapo com capello , espada , e rodella , e haverá hum cavallo em pé a hum lado.*

*Sacatr.* Esta empreza do burro caga dinheiro não he tão facil como a pintou Arpia ; pois penetrar-

trando á quinta de Creusa , tudo quanto encon-  
tro são horrores , tudo o que ouço são tam-  
bores , e quanto vejo tudo são corpos mor-  
tos : que será isto ? Mas eu cuido que a feroz  
formiga , que guarda o burro , despedaçou es-  
tes cadaveres ; mas eu como sou invisível , pe-  
lo privilegio deste capello , bem posso triunfar  
gloriosamente , não só desta formiga , mas de  
quantas ha nos celeiros , e confeitarias ; po-  
rém alli está o burro , se me não engano. O  
certo he que Arpia fallou verdade , mas eu  
cuido que he hum cavallo ginecê , e Arpia  
disse que havia ser burro em carne , e em os-  
so ; porém tanto monta ser burro , como ca-  
vallo , pois tudo tem quatro pés ; o ponto es-  
tá em que cague bem dinheiro. Agora , valo-  
roso Sacatrapo , he tempo de mostrar ao Mun-  
do o brio de teus avoengos ; não tenhas me-  
do de investir á furibunda formiga , exercen-  
do valente o teu valeroso espirito. Animosa-  
mente me hirei chegando ao burro , e desa-  
fiando a formiga.

*Canta Sacatrapo a seguinte.*

A R I A.

Formiga feroz	Não fujas veloz
Investe , e verás ,	Da ira voraz ,
Que te hei de imprimir	Mas se fugires
Na cara hum gilvás.	Favor me farás.
<i>Ao querer chegar para o cavallo , sabem dous</i>	
<i>Soldados.</i>	

1. Sold. Prisioneiro , prisioneiro.

Sacatr. Com quem fallará este Soldado ? Deve de  
estar doudo , pois está falando só.

2.

2. *Sold.* Dê-se á prizáo.

*Sacatr.* Uy! Parece que falláo comigo : não devem saber , que eu sou invisível.

*Sold.* Levemo-lo , ainda que seja de rastos.

*Sacatr.* Tenha mão , Senhor Soldado , que vossa mercê me não pôde ver , porque eu sou invisível.

*Sold.* Pois assim mesmo invisível o levaremos.

*Sacatr.* Espere , espere : já que diz , que me vê , como estou eu vestido ?

*Sold.* Estás com hum trapo pela cabeça á maneira de capello.

*Sacatr.* Dar-se-ha caso , que Arpia trocasse o capello de sua avó pelo seu ?

*Sold.* Rende-te já , senão mato-te

*Sacatr.* Senhor , huma vez que não sou invisível , já estou rendido de bruços , pernas , e orelhas.

*Ao levarem Sacatrapo , tocão hum tambor , e tornão a sabir Jason , e Theseo com alguns Soldados , e dizem dentro o seguinte.*

*Dentr.* Victória por ElRei.

*Jason.* Roto , e desbaratado está o nosso exercito! Que faremos , Theseo.

*Thes.* Morrer como valerosos , que maior afronta he cahir nas mãos do vencedor.

*Sacatr.* Não se admire ; Senhor Jason , que também a mim me não valeo o ser invisível , para deixar de ser visto , ainda que muito mal visto destes Senhores.

*Jason.* Sacatrapo , que capello he esse ?

*Sacatr.* Isto he , que estou viuvo , porque me mor-

morreo a esperança do burro caga dinheiro.

*Dentr.* Victória, victória, guerra, arma, guerra.

*Tornão a sabir em tom de marcha El Rei, Telemon, e Soldados.*

*Rei.* Dá-te à prizão, Jason.

*Jason.* Não em quanto tiver alentos o coração

*Rei.* Não vês o teu exercito desbaratado? Como ainda pertendes resistir?

*Jason.* Ainda resisto, pois ainda tenho alentos.

*Sacatr.* Isso me parece bem, Senhor Jason, morra Marta, e morra farta.

*Brigão, e ao mesmo tempo pela Sala de fóra sabirá Medéa em hum carro tirado por Dragões, a qual cantará o que se segue, e ficará tudo ás escuras, e indo retirando-se o exercito de Jason, se correrá a corrediça, que dividirá os dous exercitos, ficando o de El-Rei no Threatro, e isto em quanto passa Medéa, e canta a seguinte*

## A R I A.

*Med.* Suspende o furor

Irado Mavorte,

Não sinta elle a morte,

Pois lhe tenho amor.

Ao suspiro funesto

De tristes lamentos

Soccorrao propicios

Os quatro elementos.

*Vai-se.*

*Rei.* Para onde fugirão os inimigos?

*Telem.* Parece, que a terra os tragou.

*Rei.*

*Rei.* Não reparas, que se tornarão em oppacas  
sombrias as claras luzes do Sol?

*Telem.* Isto he cousa de encanto, ao que parece.

*Rei.* Claro está, que he encanto, e de Medéa.  
Ah tyranna filha!

*Telem.* E que havemos fazer agora?

*Rei.* Mandá tocar a recolher as tropas, pois que  
estão perdidas com a grande escuridade.

*Telem.* Toca a recolher. *Vai-se*

*Torna a ficar claro o Tablado, e se vai Telemo-  
mon, e Soldados, fica ElRei, e sabe  
Creusa.*

*Creus.* Confusa, e perdida venho por estes mon-  
tes, sem saber aonde estou, depois que a ty-  
ranna Medéa me apartou dos braços de Ja-  
son. Ay amor, quando terão fim os teus en-  
cantos?

*Rei.* Creusa, tu aqui nesta campanha?

*Creus.* Não vos admireis, Senhor, que não sei  
aonde estou.

*Rei.* Pois quem te trouxe aqui?

*Creus.* Os encantos de Medéa voísa filha por  
causa de Jason.

*Rei.* Não me digas mais; já sei que essa tyran-  
na, e impia Medéa, vive namorada de Ja-  
son, e com as suas máquinas lhe entregou  
o Velocino.

*Sacatr.* Pois ainda agora o sabe? Mas Jason não  
tem culpa de aceitar o que lhe dão.

*Sabe Medéa.*

*Med.* Aonde se recolheria Jason? Pois cuida-  
do-

dosa da sua vida o ando buscando; que supposto seja ingrato, não posso negar o amor, que lhe tenho.

*Rei.* Também tu Medea, vens a recolher os despojos da batalha?

*Med.* Cuidadosa, Senhor, da vossa vida, venho a buscar-vos.

*Rei.* Ah tementida filha, que com tanta tyrannia contra teu pai fabricas aleivosias! Já sei, tyranna, que adoras a Jason, e que também lhe entregaste o Velocino, ficando tu por sua fiadora sobpena de perderes a vida, e assim. . . .

*Cantão a seguinte.*

A R I A 3.

*Rei.* Em ti pois, cruel Medea:

Vingar quero a minha dor.

*Creus.* Pois, ó Rei, he tempo agora,  
Executa o teu rigor.

*Med.* Pai injusto! Infiel tyranno?  
Que delicto he ter amor?

*Rei.* Meu furor vingar-se trata.

*Creus.* Executa o teu rigor.

*Med.* Que delicto he ter amor?

*Rei.* Desta sorte, Hydra humana,  
Meu estrago hei de vingar.

*Rei.* Sentirá Jason, também

O meu barbaro furor.

*Creus.* Mal teu golpe a lei reparte;

Pois Jason que culpa tem?

*Med.* Tendo a culpa de adorar-te,

Tenha a pena de traidor.

*Tod.*

*Tod.* Sinta o golpe , e chore a pena.

Quem me quer tyrannizar.

*No fim da primeira parte da Aria , na segunda repetição , hirá o Rei para matar a Medéa , e subirá do chão huma torre , sobre a qual se porá Medéa.*

*Med.* Vê agora de que sorte has de vingar com iras o teu estrago.

*Rei.* Que he o que vejo ! Eu te prometto , infiel Medéa , que me saiba vingar de ti , a pezar dos teus encantos.

*Med.* Aleivosa Creusa , algum dia eu me vingarei de ti.

*Creus.* Tarde , ou nunca poderás.

## S C E N A V.

*Sala. Sabe Sacatr. arrastando huma arca.*

*Sacatr.* **M**uito peza a caixa de Arpia ! Ella parece que tem dentro bem miollo , que tanto custa a empurralla ! Mas como he caixa da velha , já vejo que senão ha de mover com tanta facilidade. Sem duvida esta Arpia logrou-me , dizendo , que me dava hum burro caga dinheiro , e hum capello , que me faria invisivel ; mas tudo foi ás avessas , porque o burro foi o invisivel , e eu o visivel para poderem prender-me. Não ha maior desaforo ! Que huma bruxa me mamasse os meus anneis , e eu ficasse chupando no dedo ! Pois não ha de ser assim , que eu lhe hei de

de arrombar a sua caixa , e sacar-lhe os aneis , e tudo o mais , que achar nella ; para o que , o melhor remedio será arrombar-lhe a fechadura. Algum dia era eu bom official de gazúas. Ora lá vão os tampos dentro com mil diabos.

*Ao abrir da caixa , sahirão algumas cobras , que investirão a Sacatr.*

*Sacatr.* Mas que vejo ! Ay quem me acode ! Oh miseravel Sacatrapo , que aqui viste dar a tua ossada ? A que delRei , não ha quem me acuda ? Não ha quem ponha cobro nestas cobras ? Ay que me matão !

*Sabe Arpia.*

*Arpia.* Que tens , Sacatrapo ?

*Sacatr.* Que hei de ter ? Não vês estas espadas colobrinas , que me estão atravessando

*Arpia.* Ay Sacatrapo , não tenhas medo , que são humas cobrinhas muito galantes , que costumão brincar com os taralhões de dous pés.

*Sacatr.* Seja o que for , tira me as cobras , Arpia , e basta que fiques tu , que es huma fanquixuga.

*Arpia.* Ora eu as tito ; ó lé , minhas meninas , ide para dentro.

*Vão as cobras para dentro da caixa.*

*Sacatr.* Vê bem , se se forão todas ?

*Arpia.* Já se forão , não sejas medroso.

*Sacatr.* Agora , como se forão as cobras , já não sou medroso.

*Arpia.* Porém tomára saber , com que licença vies-

vieste penetrar os profundos arcahos dos escaninhos desta arca?

*Sacatr.* Não estejamos com arcas encouradas: eu vinha buscar os meus anneis, já que me enganaste com o burro caga dinheiro, que tudo foi huma borra, e o teu capello mascaborra, que em consciencia mos debes restituir.

*Arpia.* Uy, que dizes Sacatrapo? Isto não pôde ser, mais que me prégues: basta que não achaste o burro?

*Sacatr.* Não só o não achei, mas eu fui o achado, porque não fui invisível.

*Arpia.* He que devias pôr o capello ás aveffas; que se o pozeras ás direitas, nem cégos te verião?

*Sacatr.* Supponho, que toda a virtude desse capello he ás aveffas: o que eu sei he, que fui visto, que me levárão prisioneiro, e que escapei com a barafunda da briga, e assim te peço á boamente, que me restituas o meu anel, bruxa, feiticeira, e encantadora.

*Arpia.* Oh maroto, marujo, mariola, se me falar mais em anneis hei de chamar as cobras; ó minhas meninas, vinde, e fahi a castigar este magano.

*Sacatr.* Espera, Arpia; tem mão, que tudo te perdo-o.

*Arpia.* Pois ajuda-me a pôr a caixa em seu lugar, que eu não posso só, que tenho a espinhella cahida.

*Sacatr.* Pois eu pouco poderei, que também sou

fou potroso , e adevinho quando ha de cho-  
ver.

*Arpia.* Só não adevinhaste , que havião chover  
cobras sobre ti ?

*Sacatr.* Como o achaque he antigo , o repotto-  
rio he velho , e já não governa ; e menos na  
conjunctura presente , que estava o Sol no signo  
de Escorpião , com influxos do Cancro desta  
cara.

*Arpia.* Anda , empurra a caixa , e de vagar não  
se quebrem os meus tarécos.

*Sacatr.* Olha , pelo menos tens hum movel bem  
movediço : não te desfaças delle , porque pos-  
to a juro cobrarás bons redditos.

*Arpia.* Anda , levanta : ai minha espinhella !

*Sacatr.* Segura bem : ai minha geba ! *Vão-se:*  
*Sabe Creusa.*

*Creus.* Confusa , afflicta , e quasi sem alma ve-  
nho , sem saber de Jason , depois que de  
meus braços mo levou a tyranna Medéa : e  
depois da batalha , que teve com ElRei , não  
fei se morreria nella , e isso será o mais cer-  
to ; pois vejo , que não apparece. Ai querido  
Jason , se a tua morte he certa , a minha se-  
rá infallivel ! Que como a ambos nos anima  
huma alma , por força nos ha de separar hu-  
ma morte.

*Canta Creusa a seguinte Aria , e*

R E G I T A D O .

Sórte minha cruel , fado inhumano ,

Até quando , tyranno ,

Cessará o rigor de tuas iras ,

*Tom. I.*

T

Pois

Pois que vejo conspiras  
 A huma alma em triste abyfmo  
 O fulto , a dor , a magoa , o parocifmo ?

A R I A.

Se a Parca enfurecida  
 Te usurpa a doce vida ,  
 Te hirá buscar esta alma ,  
 Só para te animar.

Vem pois , amor querido ,  
 Que o terno meu gemido  
 Ao teu cadaver frio  
 Alentos póde dar.

*Sabe Jason.*

*Jason.* Minha Creusa , rompendo impossiveis ,  
 atropellando difficuldades , cuberto com o man-  
 to da noite , venho buscar-te , para que te em-  
 barques comigo , pois tudo está prompto , e  
 só por ti se espera ; assim não te dilates , an-  
 tes que nos perfintão.

*Creus.* Meu amor , não sei encarêcer-te a alegria ,  
 que tenho de ver-te ; pois te julgava morto na  
 batalha , vendo que não apparecias.

*Jason.* Hum peito armado de amor póde resis-  
 tir aos golpes de Marte.

*Creus.* Como entrafte aqui , sem temeres as iras  
 de ElRei ?

*Jason.* Se por amor de ti morrêra , que melhor  
 fortuna quizera ? Porém não teme perigos hum  
 coração amante.

*Creus.* Maitas finezas te devo.

*Jason.* Folgo que o conheças: vamos , meu bem.

*Creus.* Vamos Jason.

*Vão-se*

SCE-

## S C E N A VI.

*Montes , e mar. Sabe Theseo.*

*Thes.* **O**S Soldados estão embarcados , e só Jason ainda não veio ! Sem duvida me dá cuidado a sua tardança.

*Sabe Jason , trazendo a Creusa pela mão , e Sacatrapo com huma mala ás costas.*

*Jason.* Amada Creusa , já que a noite , e o silencio nos favorecem , embarquemo-nos depressa , antes que as guardas nos sintão.

*Creus.* Com o susto , e sobressalto , te não sei responder , querido Jason.

*Thes.* Vem , Jason , que já me tinhas com cuidado.

*Jason.* Theseo , não pôde ser menos.

*Sacatr.* Ora , Senhores , todos facarão o seu precioso , só a minha miseria facou nesta mala Sacatrapos.

*Jason.* Anda Creusa. *Vai-se.*

*Creus.* Vamos , Jason : fica-te embora , Colchos. *Vai-se.*

*Sacatr.* A Deos Ilha de Colchos , ou Cocles , ou Ilha dos Tortos , que me parece , que me viste em jejum ; pois tantas desgraças em ti padeci. Fica-te com Satanás , Medéa. Os diabos te levem , Arpia , a ti , e ao teu capello , que ainda levo atravessado na garganta o burro caga dinheiro ; e finalmente a Deos , meus queridos anneis , que herpes dem nos dedos de quem os trouxer.

*Corre-se a corrediça de montes , e apparece o mar , e nelle huma não com algumas figuras dentro , e Sabe Medéa.*

*Med.* Nem Jason, nem Creusa encontro. Mas que vejo ! A não de Jason largando as vélas ao vento, já quasi desapparece ! Ah fementido, ah traidor ingrato Jason ! Desta fórte pagas as minhas finezas ? Se buscas amor constante, deixa a Creusa ; e levá-me a mim. E pois os ventos te enfurdecem as minhas vozes, Sereyas canoras, sahi desse mar, e suspendei com affagos a meu ingrato amante, acompanhando os suspiros de huma infeliz.

*Apparecerão as Sereyas sobre as ondas do mar.*

*Canta Medéa a seguinte.*

A R I A.

Jason ingrato, attende,  
Para, para,  
Suspende o teu retiro ;  
E se te leva o vento,  
O vento te trará de meus suspiros.

*Med. e Ser.* Farei por detello,  
Na rapida fuga.

Em remora o canto  
Corrente o meu pranto  
E iman o clamor.

*Jason.* Em grande perigo estamos ; pois Medéa para suspenderme, convoca em sua defenfa as Sereyas.

*Thes.* Serás outro Ulysses.

*Sacatr.* Pois, Senhor, as Sereyas não se fizerão só para os Ulysses, que como ellas estão no  
mar,

mar, qualquer pescador as pôde encontrar, e muito melhor sendo por encanto.

*Jason.* Pois usarei da mesma astucia de Ulysses, mandando tocar tambores, e clarins, para confundir os canoros eccos das Sereyas; e quando não, ainda cá levo o anel, que Medéa me deu, para desfazer os encantos.

*Sacatr.* Se eu cá tivera o meu anel, fizera outro tanto.

*Canta Medéa.*

Aonde vás, tyranno?

Espera, espera;

Attende as minhas fragoas,

Pois se aguas te levão.

Meus olhos te trarão com turvas agoas.

*Med. e Ser.* Farei por detello *Clarins, e*

Na rapida fuga *tambores.*

Em remora o canto

Corrente o meu pranto,

E iman o clamor.

*Jason.* Soldados valerosos, não cessem os belllicosos instrumentos.

*Sacatr.* Metamos hum prégo accezo por cada ouvido, que he bom remedio para não ouvir.

*Canta Medéa.*

Não fujas, inhumano,

Ouve, ouve

Estas finas jaçtancias;

E se outro amor te leva

Te trarão deste amor as ternas ancias.

*Med. e Ser.* Fatei por detello *Com trompas,*

Na rapida fuga, *e tambores.*

Em

Em remora o canto  
 Corrente o meu pranto,  
 E iman o clamor.

*Tod.* Boa viagem.

*Cantão só as Sereyas , sem trompas.*

E pois a canora suave harmonia,  
 Não pôde atrahir, nem soube mudar  
 De hum peito traidor a vil tyrannia,

*Com tromp.* Receba-nos Thetis nos braços do  
 mar. *Vão se.*

*Tod.* Boa viagem.

*Sacatr.* Vencemos as Sereyas tambem como gen-  
 te.

*Tod.* Boa viagem.

*Med.* Pois , ingrato , e cruel tyranno , não te  
 has de jaectar de que triunfaste das Sereyas ; e  
 já que com carinhos te não posso mover , ago-  
 ra ferá com rigores : O' Proserpina , ó Deida-  
 des furibundas da Lagoa Stygia , movei os  
 elementos todos , para castigar a hum femên-  
 tido traidor : rayos , sahi dessas nuvens , e  
 abrazaí aquella não.

*Escurece-se o Theatro com trovões , e sabe hum  
 rayo de cima , que hirá para o navio.*

*Med.* Mas não , não , rayos , não abrazeis a  
 Jason , basta que me abraze a mim o rayo de  
 amor.

*Torna o rayo para onde sabio.*

*Med.* Mas para que me canso em fazer finezas  
 por hum ingrato , se isso he augmentar tro-  
 féos ao seu triunfo ! Ondas , ventos , furias ,

e mares , vingai por huma vez as injúrias de Medéa , e as tyrannias de Jafon. *Vai-se.*

*Haverá tempestade , trovões , e relampagos.*

*Tod.* Misericordia ! Alija tudo ao mar.

*Sacatr.* Lá vai a mala cos diabos ! Pois gabolhe eu , que o Tubarão , que a engolir , não leva camisas para dez annos.

*Tod.* Misericordia.

## S C E N A VII.

### *Arvores recortadas.*

*Dentr.* **A** O monte , ao valle , á selva , tó , tó.

*Sabem ElRei , Telemon , e Arpia.*

*Rei.* Suspenda-se o exercicio da caça , até que descanse o coração deste cuidado : Telemon , que novas me dás de Jafon ?

*Telem.* Saberás , Senhor , que Jafon furtivamente esta madrugada se embarcou , e Creusa tambem com elle , e leva o Velocino.

*Arpia.* Tambem Medéa não apparece , Senhor.

*Rei.* Haverá mais pena para hum coração atilicto !

*Dentr. Jafon.* Deoses , piedade !

*Dentr. Med.* Deoses , rigores !

*Rei.* Que vozes tão encontradas são estas , que se elcutão ao mesmo tempo iradas , e piedosas ! Vai , Telemon , examinar o que he.

*Sabem por huma parte Jason, Creusa, Theseo, e Sacatrapo, e por outra Medéa.*

*Jason.* Deoses, piedade!

*Med.* Deoses, rigores!

*Jason.* Mas que vejo! Aonde estou eu?

*Rei.* Mas que vejo! Este he Jason!

*Arpia.* Aquelle he Sacatrapo!

*Creus.* Que he isto, Jason? Estamos outra vez em Colchos?

*Thes.* E nas mãos de ElRei.

*Jason.* Estou confuso! Como pôde ser isto, quando eu cuidei que estava em Thessalia?

*Sacatr.* Não disse eu, que este carneiro nos havia enterrar? E agora, Senhor Jason?

*Med.* Cuidavas ingrato, que havias triunfar de mim!

*Creus.* Ha maior desgraça!

*Jason.* Rei, e Senhor, se hum naufrago peregrino pôde mover a compaixão, peço-te, que te doas da adversidade da minha fortuna: ah! tens o teu Velocino, e tambem a....

*Rei.* Basta, Jason.

*Sacatr.* Se eu levára o burro caga dinheiro, tambem o restituia agora com lingua de palmo.

*Rei.* Jason, para que vejas, que os Reis de Colchos sabem perdoar injurias, assim perdoando as que me tens feito, quero que cases com Creusa, minha sobrinha, e te dou em dote o Velocino.

*Med.* Para isto trouxe outra vez a Jason? *á part.*

*Rei.* E castigando aggravos, já que Medéa, indigna filha, infiel traidora, conspirou contra mim,

mim , entregando a Jason o Velocino , morrerá encerrada em huma torre , pois ella me offendeo mais , do que Jason.

*Med.* Pois não lograrás , o teu intento *á parte.*

*Jason.* Prostrado a teus pés , te rendo as graças de tanto beneficio : Agora sim , amada Creusa , que já te posso chamar minha.

*Creus.* Ainda não creio a minha fortuna.

*Sacatr.* Senhor , já que és tão liberal , peço-te , que me cases com Arpia , e me dês em do-te o burro caga dinheiro.

*Arpia.* Mamou-a , Senhor Sacatrapo. Babáo.

*Rei.* Celebrem-se as vodas de Jason , e Creusa , e vá Medéa para a torre.

*Med.* Pois antes que , ó pai cruel , executes o teu rigoroso intento , e eu veja com meus olhos lograr-se este ingrato Jason com Creusa , desesperada vagarei pela região do ar , já que na terra me falta soccorro.

*Voa Medéa em huma nuvem , e canta o*

C O R O.

Se amor he hum encanto ,

Que inflamma , &c. , *como a pag. 243.*

F I M.

A M F I T R I Ã O,  
 O U  
 J U P I T E R , E A L C M E N A ,  
 O P E R A ,

QUE SE REPRESENTOU NO THEA-  
 tro do Bairro Alto de Lisboa , no  
 mez de Maio de 1736.

A R G U M E N T O .

**J**upiter , marido da Deosa Juno , por go-  
 sar da formosura de Alcmena , mulher de  
 Amfitrião , General dos Thebanos , se trans-  
 forma em Amfitrião por conselho de Mercurio ,  
 Embaixador dos Deoses , tomando este tambem a  
 fórma de Saramago , criado de Amfitrião , para  
 ajudar , que Jupiter consiga o seu intento , por  
 meio dos seus enganos ; o que Jupiter consegue ,  
 introduzindo-se em casa de Alcmena com o nome  
 de Amfitrião , acompanhando o Mercurio , que  
 toma o nome de Saramago , estando Amfitrião  
 ausente de Thebas , contra El Rei dos Theleba-  
 nos , donde vindo victorioso , por ter morto ao  
 mesmo Rei , Jupiter lhe usurpa o triumpho , com  
 que em Thebas o esperavão , ficando juntamente  
 laureado Jupiter dentro do mesmo Senado com  
 a illusão da figura , e nome de Amfitrião , o  
 qual voltando para a Cidade de Thebas , já na  
 sua propria casa , he prezo por Tiresias , Mi-  
 nis-

nistro de Thebas , juntamente com Alcmena , e condemnados á morte por industria , e vingança da Deosa Juno , que se disfarça com o nome de Flérida em casa de Amfitrião ; mas em fim , como innocentes do imposto delicto , são livres de serem sacrificados , por declaração de Júpiter , que sustenta o engano até o fim , e deixa em Alcmena por sua descendencia o esclarecido , fortissimo , e nunca vencido Hercules. O mais se verá no contexto da Obra.

A Scena se representa em Thebas.

## INTERLOCUTORES.

<i>Amfitrião</i> ,	<i>Marido de Alcmena.</i>
<i>Júpiter</i> ,	<i>Marido de Juno.</i>
<i>Mercurio</i> ,	<i>Criado de Júpiter.</i>
<i>Tiresias</i> ,	<i>Ministro de Thebas.</i>
<i>Polidaz</i> ,	<i>Capitão Thebano.</i>
<i>Saramago</i> ,	<i>Criado de Amfitrião , Gracioso.</i>
<i>Alcmena</i> ,	<i>Mulher de Amfitrião .</i>
<i>Juno</i> ,	<i>Mulher de Júpiter.</i>
<i>Iris</i> ,	<i>Criada de Juno.</i>
<i>Cornucopia</i> ,	<i>velha , Criada de Alcmena.</i>

---

 SCENAS DA I. PARTE.

- I. **S** Ala Empyrea de Jupiter.  
 II. Camera.  
 III. Praça com portico.  
 IV. Selva com respaldo de Palacio.  
 V. Sala.  
 VI. Selva com respaldo de Palacio , e depois  
 no meio hum arco triumphal , e deste pa-  
 ra diante vista de casas , e para traz  
 de Selvas até o fim.  
 VII. Sala Senatoria.
- 

## SCENAS DA II. PARTE.

- I. **A** Nte-Sala.  
 II. Camera.  
 III. Sala.  
 IV. Bosque.  
 V. Jardim com fonte.  
 VI. Carcere.  
 VII. Templo de Jupiter.  
 VIII. Sala Empyrea de Jupiter.



# P A R T E I.

## S C E N A I.

*Sala Empyrea de Jupiter, aonde estará este assentado em hum Throno, e Mercurio mais abaixo, e depois se tirarão do Throno, e Jupiter trará na mão huma estatua de Cupido, que se dividirá a seu tempo.*

## C O R O.

O Numen supremo  
Do Olympo sagrado,  
Suspira abrasado  
De hum cego furor.

Que pasmo! Que assombro!  
Que voe tão alto  
A setta do amor!

*Jupit.* **C**Esse a canora harmonia, que fórma o alterno movimento dos celestes globos; que he razão emmudeção as consonancias, quando a maior Deidade se lamenta: não moduleis os supremos attributos de minha divindade; cantai, ou para melhor dizer, chorai em dissonantes melodias o irremediavel de minha magoa, a violencia de meu tormento, e o inoffrivel de minha dor.

*Merç.*

*Merc.* Jupiter Soberano , a quem não admira ver , que a maior deidade , que admirão as esféras , enlute com suspiros as diafanas luzes do Firmamento ! Se em teu poder existem os raios , porque não castigas a causa sacrilega de teus pezares :

*Jupit.* Ai Mercurio , que este raio , que ignominiosamente adorna a minha omnipotente dextra , he o que agora se fulmina contra o meu peito ! Não he esta aquella trifulca chamma , que devorou a soberba dos Anceados , e Thifeos ; he sim a fragoa de todos os raios , a furia de todas as furias , e o estrago de todos os estragos ; e para melhor dizer , he o simulacro de Cupido , cuja voadora setta , penetrando as eminencias do monte Olimpo , sacrilegamente atrevida , chegou a penetrar a immunidade de meu peito ; e assim , como offendido , e lastimado , já que nesse Rapaz tyranno , neste Monstro , nesse Cupido , não posso vingar o mal , que padeço , quero ao menos na sua estatua debuxar as linhas da minha vingança.

*Merc.* Explica-me , Senhor , a causa de tanto excesso , que supposto sejas o mais sabio de todos os Deoses , tambem não duvidas , que sou Mercurio inventor das subtilezas , e estratagemas ; e assim já que o teu entendimento se acha preocupado de hum frenetico delirio , com maior razão poderei eu acertar na cura de teus males.

*Jupit.* Pois attende Mercurio.

*Canta Jupiter a seguinte Aria, e*

## R E C I T A D O.

Eu vi a Alcmena, ai Alcmena ingrata!  
 Aquella, cujo affombro peregrino  
 Foi remora attractiva, que attraíndo  
 A isenção de toda esta divindade,  
 Por ella em vivas chammas  
 Extremoso suspiro,  
 Querendo amante em languidos deliquios  
 Sacrificar-me todo nos altares  
 Desta melhor, mais bella Citherea;  
 E por mais, que publico em triste pranto  
 Tanto amor, tanto incendio, extremo ranto;  
 Nem por isso Cupido compassivo  
 Alivio facilita ao meu tormento,  
 Antes, porém, mais barbaro, e tyranno,  
 Por vingar-se talvez de meus poderes,  
 Difficulta o remedio ás minhas ancias;  
 E pois, cruel amor, falsa Deidade,  
 O suspiro, que exhalo, não te abranda,  
 O impulso feroz de meus rigores  
 Saberá castigar-te, lacerando  
 Teu simulacro,  
 Que em átomos partido, *Despedaça*  
 Dos ventos serás rápido despojo. *a estatu.*  
 Sinta pois (ai de mim!) a minha ira,  
 Quem contra o Deos Tonante assim conspira.

## A R I A.

De amor todo abrazado  
 Me sinto quasi louco,  
 E afflicto pouco a pouco,

Me vai faltando a vida ,  
Me vai matando a dor.

Ah querida ingrata Alcmena ;  
Quanto fusto , e quanta pena ,  
Me provoca o teu rigor !

*Merc.* Ora Senhor , se Alcmena he a causa ;  
porque suspiras , e só desejas conseguir a de-  
licia de sua formosura , verás como alcanças ,  
o que procuras.

*Jupit.* De que sorte ?

*Merc.* Eu te digo , dá-me atenção : Bem sa-  
bes , Senhor , que Amfitrião marido de Alc-  
mena se acha occupado na guerra dos Thele-  
banos contra ElRei Teréla , e parecia-me , que  
tomando tu a fôrma de Amfitrião , fingindo  
teres já chegado da guerra , podias fielmente ,  
sem experimentares os rigores , e desdems de  
Alcmena , conseguir della , o que desejas ;  
porque vendo ella em ti copiada a imagem ,  
e figura de seu esposo Amfitrião , como a tal  
te facilitaria o mesmo , que agora como a  
Jupiter te nega.

*Jupit.* Só tu , Mercurio , com as tuas subtilezas  
podias dar em tão subtil idéa , pois com ella  
já posso chamar-me venturoso ; e para princi-  
piar a fello , já me vou disfarçar na fôrma de  
Amfitrião , e depôr a magestade de meus raios :  
oh quem dissera , que para eu alcançar a for-  
mosura de Alcmena , deixe os resplandores do  
Olympo !

*Merc.* Para que se logre melhor a empreza , eu  
tambem irei contigo disfarçado na figura do  
cria-

criado de Amfitrião , chamado Saramago ;  
ajudar-te a lograr o teu intento.

*Jupit.* Não deixo de agradecer-te , Mercurio ,  
que por amor do meu amor tomes a figura de  
hum laçao fqualido , e fordido.

*Merc.* Senhor , o officio de Corretor nunca es-  
teve mal a Mercurio ; quanto mais , que para  
servir-te , desejo transformar-me ainda na mais  
vil creatura.

*Jupit.* Pois não dilatemos a empreza ; vamos ,  
Mercurio , e seja esta noite o dia de minha  
ventura.

*Merc.* Vamos , Jupiter , a levar hum passa-tem-  
po na terra.

*Jupit.* Já não se me dá , que repita festivo o  
celeste Coro ; pois que já posso cantar o meus  
triuñfo.

*Canta o Coro como no principio.*

O Numen supremo

Do Olympo sagrado , &c.

## S C E N A II.

*Sabem Alcmena , e Cornucopia.*

*Cornuc.* **S**Enhora Alcmena , eu não cuidei ,  
que vossa mercê era tão extremosa ,  
nem que tomasse as penas tanto a peito.

*Alcmen.* Se tu , Cornucopia , souberas sentir au-  
sencias , ainda acharias diminuto o meu senti-  
mento , pois apenas lograva nos braços de Am-  
fitrião as delicias do mais venturoso hymenêo,

*Tom. I.*

U

quan-

quando Marte mo levou dos olhos para a guerra dos Thelebanos ; mas ai , Amfitrião querido , que se foste para a guerra , em outra maior me deixaste ; pois no combate das memorias , e nos repetidos golpes das faudades , me vejo quasi sem alentos.

*Cornuc.* Ai , Senhora , basta de guerrear ; faça por hum pouco treguas com o sentimento , e quando não aparelhe-se , que em dous dias morrerá tifica , e érica.

*Alcmen.* Eu não sou como tu , que na ausencia de teu marido Saramago não tens deitado huma lagrima ao menos ; mas o certo he , que as nescias não sabem sentir.

*Cornuc.* Antes quero ser nescia alegre , que discreta chorona ; e na verdade , que seria grande afneira estar-me eu cá matando , fazendo mil choradeiras , e Saramago nesse tempo talvez que se esteja regalando lá na guerra , comendo com os seus amigos o rico pão de municação ; pois não , minha Senhora , eu não quero morrer , senão quando Deos me matar.

*Alcmen.* Isso não he teres amor a teu marido.

*Cornuc.* Pois eu que hei de fazer ? De duas huma , ou hei de sentir mais , que vossa merce , ou não ; sentir mais he impossivel ? sentir menos não he brio meu ; e assim entre o mais , e entre o menos , me deixo ficar assim nem mais , nem menos.

*Alcmen.* Olha , nescia , quando para sentir esta ausencia , não fosse bastante o mal da faudade ,  
bas-

bastava imaginar, em que na guerra estão em contínuo perigo, onde he mais certa a morte, do que a vida.

*Cornuc.* Ai, Senhora, dessa me não eu; segura estou de que o meu Saramago haja de morrer na guerra.

*Alcmen.* E que certeza podes ter disso?

*Cornuc.* Porque eu sempre ouvi dizer, que as ballas trazião sobrescrito; e eu sei muito bem, que o meu Saramago nunca se cartou com ballas.

*Alcmen.* Ora vaite daqui, que estás mui louca.

*Cornuc.* Digo-te isto, só para ver se alivias a tua saudade.

*Alcmen.* Este mal se não cura com palavras: deixa-me, *Cornucopia*, que a minha pena só acha alivio no pranto.

*Cornuc.* Ora a culpa tenho eu, em dizer-lhe, que não chore: chore, chore, até rebentar, que eu vou-me meter na cama, que estou pingando com somno. *Vai-se.*

*Alcmen.* Querido *Amfitrião*, já que a tyranna ausencia me impossibilita o ver-te, quero reproduzir-te nas lagrimas, que choro; que como estas são filhas do amor, talvez que nelas te encontre.

*Canta Alcmena o seguinte*

M I N U E T E.

Tyranna ausencia,	Se ausente vivo
Que me roubaste,	Já sem alento,
E me levaste	Cesse o tormento
Da alma o melhor.	De teu rigor.

Ai de quem sente . . . Porém já vejo ;  
 De hum bem ausente Que em meu delirio  
 A ingrata dor ! Para o martyrio  
 Se eras minha alma Só viva estou.  
 (Ai prenda bella ! ) Ai de quem sente  
 Como sem ella De hum bem ausente  
 Com alma estou ! A ingrata dor !

*Sabe Cornucopia.*

*Cornuc.* Alviçaras , Senhora , alviçaras.

*Alcmen.* Que he isto , Cornucopia ?

*Cornuc.* Que ha de ser , Senhora ? Ai , Senhora , alviçaras.

*Alcmen.* Alviçaras , de que ?

*Cornuc.* Sabe que mais ?

*Alcmen.* O que ?

*Cornuc.* Pois saiba que .... Ai , Senhora , alviçaras , que ahi vem meu marido Saramago.

*Alcmen.* Ha maior loucura ? Essas alviçaras pede-as a ti mesma.

*Cornuc.* Não , Senhora , que com elle vem o Senhor Amfitrião.

*Alcmen.* Que dizes ? Isso não pôde ser.

*Sabe Jupiter com a fórma de Amfitrião , e Mercurio com a de Saramago.*

*Jupit.* Sim pôde ser , querida Alcmena , que os impossiveis só se fizerão para os que verdadeiramente amão. Dá me os teus braços , que o ver-me descansar nelles foi sempre o meu desejo. Ainda não creio o bem , que possuiuo ! *á part.*

*Alcmen.* Amado Amfitrião , querido esposo , permite-me , que por hum pouco não creia

a fortuna , que alcanço ; que a considerar ser certa tanta felicidade , morrerá de alegria.

*Merc.* Muito bem se finge Jupiter , e melhor se engana Alcmena. á parte.

*Alcmen.* He possível , que te vejo , Amfirião ?

*Jupit.* Mais impossível me parece a mim , Alcmena ; pois sempre me pareceo impossível , que me visse em teus braços.

*Alcmen.* Bem sei , que trazias muito arriscada a vida entre os inimigos na guerra.

*Jupit.* Maior inimigo encontrava eu na guerra do amor , cujas settas , mais do que as lanças dos inimigos , me ferião o coração.

*Alcmen.* Não sei se acredite essa lisonja ?

*Jupit.* Lisonja chamas , ao que he realidade ? Pouco conceito fazes do meu amor.

*Alcmen.* Sempre ouvi dizer , que dos quatro remedios contra o amor , hum delles era a distancia , e como te achavas ausente , bem poderia ser , que se perdesse no caminho , por distante.

*Jupit.* Pois , Alcmena , por Jupiter Soberano te juro , que nem a distancia que ha do Ceo á terra , seria bastante para fazer-me esquecer de ti ; e se te parece incrivel a minha fineza naquella distancia , affirmo-te , que sempre intensivo o meu amor ardeo em tão activos incendios , que do peito , aonde se accendêrão , quizerão passar , abrazando a mesma estêra do fogo , ou ao Ceo das chammas , que he o mesmo Empyreo.

*Merc.* Bem o póde crer , Senhora Alcmena , e  
mul-

muito mais ainda ; pois lhe affirmo , que o Senhor Amfitrião ainda não diz ametade do que he.

*Alcmen.* Só reparo , Amfitrião , que antes da tua ausencia , nunca te ouvi expressões tão finas ; e quando cuidei , que a guerra te fizesse menos terno , acho , que te fez mais amante ; e assim me parece , que mais vens da escola de Cupido , que da palestra de Marte.

*Jupit.* Não sabes , que o amor nasceo entre o estrepito das armas , sendo o artifice destas o progenitor de Cupido ? Pois como póde o amor estranhar as armas , e asperezas de Marte , se com ellas te embalava Cupido no berço , para crescer o amor nos corações ? E se te parece , que antes da minha ausencia era menos amante , seria , porque como o bem depois de perdido , he que se estima , por isso , quando ausente te perdi , he que soube perder-me por ti , e achar hum verdadeiro amor , com que te idolatrasse , e quando tudo isto te pareça quimera , suppoem , Alcmena , que não sou aquelle Amfitrião passado , mas sim outro Amfitrião mais amante.

*Merc.* Eu nunca vi a Jupiter tão derretido. *á part.*

*Cornuc.* Ai , Senhora , não apure mais ao Senhor Amfitrião , creia o que lhe diz ; que elle não he homem de duas caras.

*Merc.* Mal o sabes tu.

*Cornuc.* E assim permitta-me licença de abraçar a meu amo , que estou chorando pelas barbas abaixo com gosto de o ver : Ai meu Senhor ,  
ben-

benza-o Deos ; bons olhos o veção ; como vem bem disposto , claro , rozado , e resplandecente ! Tome , tome duas figas , que lhe não quero dar quebranto.

*Jupit.* Nunca esperei menos do teu amor.

*Cornuc.* Saramago , nós logo fallaremos á nossa vontade.

*Merc.* Por isso estou já rebentando.

*Alcmen.* Saramago , tu não me fallas ? Chegate cá.

*Merc.* Senhora Alcmena , sempre a boca falla tarde , quando madruga o desejo ; pois desejo que vossa merce tenha cumprido o seu desejo na vista do seu Amfitrião tão desejado.

*Alcmen.* Sempre te agradeço o cuidado , com que fiel acompanhaste a teu amo.

*Merc.* Meu amo , Senhora , he tão amante , que todo se transforma em carinhos , para aahir os corações.

*Alcmen.* Dize-me , Amfitrião , vens victorioso de nossos contrarios ?

*Jupit.* Claro está , formosa Alcmena , que me considero já victorioso do maior inimigo : cheguei a Theleba , accommetteo me ElRei Tereía com hum poderoso exercito ; investirão os nossos aos Thelebanos , ainda que poucos , com tão marcial furor , que em menos de duas horas desbaratámos os contrarios ; e para que fosse completo o triumpho , perdeu ElRei a victoria com a vida , ganhando nós o despojo com o laurel : enriquecêrão-se os Soldados com o saque ; no qual reservei esta joia ,

joia, que no elmo trazia ElRei Teréla , cujo primoroso artificio só he mercedor de empregar-se em teu peito. Aceita-a , pois , que não será a primeira vez , que se coroe Venus com os despojos de Marte. *Dá a joia.*

*Alcmen.* Tanto pela obra ; como pela materia , he digna de estimação.

*Cornuc.* Ai , Senhora , que galante sucruiler ! E como brilha ! Parece-me hum cagalume.

*Alcmen.* Não dirás perilampo , que he mais proprio ?

*Cornuc* Tanto faz perilampo , como cagalume ; que tudo he o mesmo , mas ainda assim aquelle diamante verde he bem brilhante !

*Jupit.* Alcmena , vamos a descansar , que venho fatigado da jornada , e tenho de madrugada de voltar para o Arraial , aonde me esperão os Capitães , para darmos entrada publica , como triunfantes ; e como o meu amor impaciente não soffre dilações , quiz vir furtivamente esta noite aliviar á minha saudade.

*Alcmen.* Já me admirava , Amfitrião , que fosse completa a minha alegria : Vamos , Amfitrião. *Vai-se.*

*Jupit.* Vamos , Alcmena. Cruel amor , já triunfei de teus rigores. Mercurio , vigia não venha alguém. *Vai-se.*

*Merc.* Vai descansado , que eu rondarei o bairro.

*Cornuc.* Agora sim , meu bello marido , meu querido Saramago , he tempo de nos racharmos com abraços : vem cá , filagrana animada ;  
vem

vem cá , meu brinquinho de junco , que te quero meter todo no meu coração.

*Merc.* Não seria melhor , que em lugar desses carinhos me desses tu de cear , que venho estalando com fome , e palavras não fazem sopas ?

*Cornuc.* Também nosso amo traria bastante fome , e com tudo esteve dizendo a nossa ama tanta cousa galantina , que faria derreter humma pedra.

*Merc.* Com que he o mesmo nossos amos , do que nós ? Elles casadinhos de hum anno , e nós ha hum seculo ? Elles Senhores , e rapazes , e nós velhos , e moços ? Ellés dous jasmains , e nós dous lagartos ? E finalmente elles com amor , e nós , ou pelo menos eu , sem nenhum ?

*Cornuc.* Pois tu me não tens amor ?

*Merc.* De tanto amor , que te tenho , me faz , que te não tenha nenhum ; pois todo o extremo degenéra em vicio.

*Cornuc.* Eu não sei , que seja vicio o querer bem com extremo.

*Merc.* Olha : o querer pouco he asneira ; o querer muito he parvoice ; e como no amor não ha meio , ignoro o meio de te ter amor.

*Cornuc.* Ora o certo he , que peor he fazer festa a vilões ruins : por estas , que se tu fouberas a mulher , que tens , que outra cousa fora : talvez , que se eu fôra alguma destas bonecrinhas enfeitadas , que me quizeras mais ;

porém a culpa tenho eu , em não aceitar o que me davão nas tuas costas.

*Merc.* Irra ! Quem he o que se atrevia a dar nas minhas costas ?

*Cornuc.* Não digo isso ; o que digo he , que tive a culpa de não aceitar , o que me davão por de traz de ti.

*Merc.* Pois ainda estás em tempo de aceitar o que eu dou por de traz.

*Cornuc.* Não me entendes ? Digo , que não faltou , quem na tua ausencia me acenasse , não só com lenços , mas tambem com moedas.

*Merc.* Tanto mal fizeste em não aceitares as moedas ao minimo aceno , que com ellas te fizeram.

*Cornuc.* Não que isso não estava bem á tua pessoa , e muito menos á tua honra.

*Merc.* Pois o receber moedas he alguma deshonorra ?

*Cornuc.* Ai , appello eu ! Deos me livre ! Vosse está doudo ?

*Merc.* Coitadinha , não te faças tão arisca ; ora dize-me : tu queres persuadir-me , que achaste quem te namorasse com essa cara ?

*Cornuc.* Só tu poderas dizer isso da minha cara , na minha cara ; pois olha , outros a beberião mais aguada.

*Merc.* Mais aguada sim ; porém mais untada , não.

*Cornuc.* Graças a Deos , he cousa , que nunca puz na minha cara : olhe , veja bem , cá não ha disso.

*Merc.*

*Merc.* Pois melhor fora, que te untasses.

*Cornuc.* Pois porque?

*Merc.* Porque ao menos com o solimão mata-  
rias essa cara, que tão matadora he.

*Cornuc.* Mais matador és tu, que estás a froxo  
no jogo do desdem.

*Merc.* Valha-te o diabo, que nunca perdeste a  
manha de presumida! Não vês ao espelho es-  
sa cara de desmamar meninos?

*Cornuc.* Quando tu me namoraste para casar,  
não viste que eu era fea?

*Merc.* Cegou-me o diabo, porém não o amor.

*Cornuc.* Ora vai-te, que já não posso aturar os  
teus desaforos; e agradece ser isto fóra de ho-  
ras, quando não, eu te arrancára essa lingua;  
porém nós nos encontraremos. *Vai-se.*

*Merc.* Muito me deve Jupiter, pois por sua  
causa aturo os despropósitos desta velha. *Vai-se.*

### S C E N A III.

*Praça com portico. Sabe Saramago, e can-  
ta a seguinte*

#### A R I A.

**V**enho da guerra, e vou para casa,  
Venho da guerra, e vou para a guerra.

Se ha guerra na guerra,

Ha guerra na casa,

A casa da guerra

He a guerra da casa;

Venho da guerra, e vou para a guerra,

Venho da guerra, e vou para casa.

*Re-*

*Repres.* E quando nada estamos defronte da nossa casa, que mal cuidei, que a tornasse a ver! Ah Senhores, grande cousa he o buraco da nossa casa, mais que seja esburacada, que mais val a casa com buracos, do que o corpo com os das ballas; e pois ellas já passarão, sem eu ficar passado, vamos ao caso: Parece-me, que já estou vendo chegar eu á porta, e petiscar no ferrolho, chegar á janella a minha Cornucopia, e apenas me vê, lançar-se logo da janella abaixo, e levalla o diabo de meio a meio; e alli se abraça comigo, e eu com ella, e assim todos juntos acharmos a Senhora Alcmena, e logo perguntar-me: que novas me dás do meu Amfitrião? E eu apressado lhe respondo: elle fica com saude com huma perna quebrada; e para livrar-te de sustos, aqui me envia, que por esta via te diga, que elle rebenta aqui até pela manhã, e que no entanto te vás divertindo com esta joia, que foi delRei Teréla, a qual te manda por mim, que sou muito fiel; e não ha duvida, que Alcmena, vendo a joia, e ouvindo a noticia, me mete á força na algibeira vinte dobrões; e se isto ha de ser assim, não te dilates, Saramago, se agora és Saramago verde na esperanza do premio, logo serás Saramago maduro na posse do fruto: Ora vamos andando para casa, que já a Aurora em gargalhadas de luzes começa a rir-se com as collegas do Sol.

*Ao ir se , sabe da porta hum cão , que ladrará  
todas as vezes , que se vir este sinal \* Ladra.*

\* Mão , mão , que he isto ? Ronda ? Que escapasse eu da barafunda da batalha , e que só de malsins não possa livrar-me ! \* Pergunta quem sou ? Sou Saramago , que vou para casa de minha ama , a Senhora Alcmena : \* Que armas trago ? Eu não tenho armas , que sou mecanico : \* Donde venho ? E a elle que lhe importa ? \*\*\* Tenha mão , a que delRei ! Esperem vossês , que eu cuidei que era gente , e he hum cão ! Ora vejão o que faz o medo ! He cão , não ha duvida ! Ai que he a cadella de minha mulher , que dormio fóra esta noite rondando algum osso ! Olhem a festa , que me faz ! Pois eu tambem hei de corresponder-lhe , que agora huma cadella não ha de fer mais cortez do que eu.

*Canta Saramago , ladrando sempre o cão , a  
seguinte*

A R I A .

Coitadinha da cadella ,

Que faz ella ?

Como pulla ! Como falta !

Não te esfalfes , anda cá ,

Passa aqui , cadella tó.

Mas ai , ai , que me mordeu !

Passa fóra ,

Toma perro , grunhe agora , *Grunhe o cão.*

Porque saibas quem eu sou.

*Ao ir entrar Saramago , sabe Mercurio na forma de Saramago.*

*Merc.* Este he o criado de Amfitrião ; quero estorvar-lhe , que não entre : quem vem lá ?

*Saram.* Quem lá vai ? Mas que lhe importa a elle , que eu entre pela minha porta ?

*Merc.* Porque esta porta he minha , e por ella não ha de entrar ninguem , se não differ quem he ; e assim , ou diga quem he , ou va-se embora ; e quando não hirá aos impurrões .

*Saram.* Está galante impurração , perguntar-me o Senhor o que quero eu na minha casa !

*Merc.* Qual casa ?

*Saram.* Esta de alto abaixo , que he minha , pela merce , que me faz meu amo , o Senhor Amfitrião .

*Merc.* Qual Amfitrião ? Este que agora veio da guerra ?

*Saram.* Pois eu não sei , que haja outro no Mundo .

*Merc.* Pois elle he teu amo ?

*Saram.* Esse mesmo em carne viva .

*Merc.* Homem , entendo que estás sonhando .

*Saram.* Não ha duvida que eu sempre sonho em fazer a vontade a meu amo o Senhor Amfitrião .

*Merc.* Homem insensato , sabes o que dizes ? Não vês , que esse Amfitrião he meu amo ?

*Saram.* Ora sou criado de vossa merce : como póde ser teu amo , se elle não tem outro criado , senão eu ; e senão diz-me : como te chamas tu ?

*Merc.*

*Merc.* Chamo-me Saramago.

*Saram.* Saramago? Peior he essa! E eu então que sou, visito isto?

*Merc.* Quem tu quizeres ser.

*Saram.* Pois eu quero ser Saramago, ainda que não queira.

*Merc.* Pois, magano, levarás dous murros, pelo atrevimento de tomares o meu nome.

*Saram.* Tenha mão, Senhor, veja que o *do*, *das*, se não dá pelos *nominativos*.

*Merc.* Pois dize-me na verdade quem és, se não vou desandando outro murro.

*Saram.* Que quer vossa merce, que eu diga? Se digo, que sou Saramago, diz que minto; se digo, que o não sou, também minto, e assim não quero, que me diga: *inter ambo- bus errasti*.

*Merc.* Visito isso, ainda tens para ti, que és Saramago?

*Saram.* Eu bem o não quizera ser, só por dar gosto a vossa merce.

*Merc.* Ora dize, não tenhas medo.

*Saram.* Ditei, se fizer treguas na guerra do murro secco.

*Merc.* Eu te prometto, dize, quem és?

*Saram.* Conhece vossa merce Amfitrião?

*Merc.* Pois não hei de conhecer a meu amo?

*Saram.* Conheceo vossa merce em casa de Amfitrião hum criado esgalgado, cara de piolho-ladto, corpo de parasuso, pernas de disciplina, com hum pé de cantiga, e outro pé de vento?

*Merc.*

*Merc.* Não estou lembrado.

*Saram.* Era hum criado , muito mal criado , chamado Saramago.

*Merc.* O' patife , insolente , assim me trata com tao vis vocabulos ?

*Saram.* Não , Senhor , que esse era eu.

*Merc.* Aqui não ha eu , senão eu , já tenho alcançado quem és : ó lá , prendão este ladrão , que vem disfarçado roubar a casa de Amfitrião.

*Saram.* De vagar , que cuidarão que he verdade : o ladrão he vossa merce , que me furtou o meu nome.

*Merc.* Ainda replicas ? Levarás nos narizes.

*Saram.* Ora , Senhor , tenho entendido , que não sou nada nesta vida.

*Merc.* E eu que tenho com isso ?

*Saram.* Pois , Senhor , já que me não bastou ser hum Saramago nascido das ervas , para deixar de ser envejado o meu nome , peço-te , que ao menos me deixes ser a tua sombra , que com isso me contento.

*Merc.* Não quero , que a mim nada me affombra.

*Saram.* Pois , Senhor , tão mal affombrado sou eu , que nem tua sombra mereço ser ?

*Merc.* Quem he tão ladrão , que furta o meu nome , tambem furtará a minha sombra.

*Saram.* Isso he bom para o diabo das covas de Salamanca.

*Merc.* Não gracejemos ; diga , em que ficamos !

*Saram*. Em que ficamos? Eu fico com os muros, e vossa merce com o meu nome.

*Merc*. Pois vá-se embora, antes que faça chover sobre elle hum diluvio de pancadas.

*Saram*. Pois a Deos, Senhor Saramago.

*Merc*. A Deos, Senhor coufa nenhuma.

#### S C E N A IV.

*Bosque com respaldo de Palacio. Sabem Amfitrião, e Polidaz.*

*Amf*. **N**A verdade, Polidaz, que não ha peor mal, que o da ausencia, pois ao mesmo tempo, que accrescenta a saudade, tambem accrescenta o tempo; porque havendo só tres mezes, que me ausentei de Thebas; de cujas muralhas estamos á vista, parece-me, que ha tres seculos, que della me ausentei.

*Polid*. Amfitrião, não he porque o relógio do tempo se atraze; talvez será porque o mostrador de Cupido se adiante; e não he muito, que vivendo ausente da Senhora Alcmena, tua esposa, os minutos te pareçam eternidades; e agora que vitorioso da ausencia, e dos inimigos, te vanglorias, entrarás em Thebas duas vezes triunfante.

*Amf*. Ai, Alcmena, quem já se víra em teus braços!

*Sabe Tiresias.*

*Tires*. Inviſto Amfitrião, sempre triunfante veni-

cedor dos inimigos da Patria , em nome desta República de Thebas venho esperar-vos ao caminho para adiantar os parabens , a quem tão heroicamente tem adiantado o progresso da guerra ; e assim para premio das vossas acções , e desempenho do nosso agradecimento, vos temos preparado hum notavel triumpho , donde coroado do vencedor louro , se accumulem os vivas ao vosso nome.

*Amf.* Generoso Tiresias , agradecendo a Thebas a honra , que me faz , e a vós a cortez benevolencia ; a ella hirei prostrar-me , como obediente filho da Patria ; e a vós já vos offereço os braços , como symbolo do amor , e da benevolencia.

*Tiresf.* Polidaz amigo , quanto me alegro de ver-te !

*Polid.* Tudo merece a nossa amisade.

*Tiresf.* Permite-me , Amfitrião , que vá noticiar á Senhora Alcmena a tua vinda.

*Amf.* Não he necessario tanto excessso ; pois já a esse fim mandei o meu criado Saramago.

*Tiresf.* Pois esperai aqui pelo triumpho , em quanto com os mais Senadores vos vamos esperar ao Senado. *Vai-se.*

*Amf.* Não posso desprezar tantas mercês.

*Sabe Saramago.*

*Saram.* Estou bem aviado ! Não sou cousa nenhuma nesta vida ! Tenho de tornar a nascer para ser alguma cousa.

*Amf.* Já mais has de perder o costume de tardar , e murmurar ! Aonde estiveis até agora ?

*SA-*

*Saram.* Quem? Eu?

*Amf.* Pois com quem fallo eu, senão contigo?

*Saram.* Pois supponha, que não falla comigo, porque eu não sou eu.

*Amf.* Começa tu agora com disparates ao mesmo tempo que quero me dês noticia de Alcmena.

*Saram.* Como poderei eu dar noticia da Senhora Alcmena, se eu não sei noticias de mim proprio?

*Polid.* O moço he galante pessa.

*Amf.* Saramago, que diabo tens, que estás fóra de ti?

*Saram.* Sim, Senhor, estou fóra de mim, porque outrem está dentro em mim.

*Amf.* Explica-te, Saramago.

*Saram.* Já não sou Saramago; não me quer entender?

*Amf.* Pois que és?

*Saram.* Sou cousa nenhuma: Vê? Vê-me vossa merce aqui? Pois supponha que me não vê.

*Amf.* Explica-te por huma vez, senão te matarei.

*Polid.* Homem, falla, não desesperes a teu amo.

*Saram.* Por obedecer, ainda que sou nada, fallarei hum nónada. Eis-que partido eu para a nossa casa, com o recado de vossa merce para a Senhora Alcmena, a primeira cousa, que encontrei, foi a nossa cadella, que com o rabo começou a explicar a sua alegria;

donde inferi , que ha creaturas , que tem a lingua no rabo.

*Amf.* Vamos adiante.

*Saram.* Atrás ha de ser , que ficamos no rabo ; e o como este seja ruim de esfollar , agora o verá: foi-me a cadella guiando , porque eu hia cego com o escuro da noite ; achei a nossa porta aberta , e ao querer entrar por ella , mo impedio hum vulto mui avultado.

*Amf.* E viste quem era ?

*Saram.* Sim , Senhor.

*Amf.* Conheceste-o ?

*Saram.* Sim , Senhor , conheci muito bem.

*Amf.* Pois quem era ?

*Saram.* Era eu mesmo.

*Amf.* Pois tu estavas fóra , e dentro ao mesmo tempo ?

*Saram.* Ahi he que está o enigma.

*Polid.* Enigma parece na verdade !

*Amf.* Pois que te succedeo com esse vulto ?

*Saram.* Que me não quiz deixar entrar ; houve luta de parte a parte , e por fim de contas alombou-me os ossos muito bem com hum rebém.

*Amf.* Quem feria o atrevido , que te fez tal cousa ?

*Saram.* A tal cousa fiz eu , que de medo me estava escorrendo.

*Amf.* Dize a verdade , se conheceste quem foi ?

*Saram.* Oxalá que o não conhecêra.

*Amf.* Pois quem foi , o que te deo ?

*Saram.* Fui eu mesmo.

*Amf.*

*Amf.* Ha tal loucura! Pois tu déste em ti mesmo?

*Saram.* Sim, Senhor; e não dá qualquer sorte, senão a cair, a derrubar.

*Amf.* Pois não entraste a fallar a *Alcmena*?

*Saram.* Como havia entrar, se mo impedirão?

*Amf.* Quem te podia impedir, velhaco, embustreiro?

*Saram.* He necessario que lho diga muitas vezes? Não lhe disse já, que fora eu, aquelle eu; aquelle eu, que já lá estava primeiro do que eu; aquelle eu, que me disse, que eu não era eu; aquelle eu em fim, que deu muito murro neste eu: *Hæu mihi!*

*Amf.* Polidaz, este criado está louco.

*Polid.* Eu assim o entendo.

*Saram.* Porém, Senhor, só huma differença achei neste eu, e eu; e he, que o eu, que lá estava, era mais valente do que eu, que aqui estou.

*Amf.* Resta-me que tambem perdesse a joia, que mandei déstes a *Alcmena*.

*Saram.* Não, Senhor, ainda cá vem a joia; e se ella se tornasse em duas, como eu, que máo fora?

*Amf.* Isto he alguma cousa! Não sei o que diga, e nem o que me adevinha o coração! Vamos, *Saramago*, a casa, que quero averiguar, que he isto, que dizes, *Polidaz*, esperai aqui, que já venho.

*Polid.* Não tardeis, que pôde vir o triumpho, que foi preparar *Tircias*.

*Saram.* Oh queira Jupiter , que tu tambem lá  
aches outro Amfitrião , assim como eu outro  
Saramago , para que te não rias de mim ! *Vai-se.*

*Polid.* Debaixo daquelle tronco hirei esperar a  
Amfitrião. *Vai-se.*

*Desce Juno em huma nuvem , e nella virá pin-  
tado não só o arco Iris , mas em figura a  
Ninfa Iris. Canta-se o seguinte*

## C O R O.

O Iris da paz	O arco do amor.
He o Iris da guerra ;	Mas contra o teu arco,
Pois hoje se encerra	Amor , se prepara
No arco do Ceo	Meu impio furor.

*Repres. Juno.* De que me val ser eu a Deosa Ju-  
no , e esposa de Jupiter , se este mesmo es-  
poso , se este mesmo Jupiter com seus de-  
sordenados intentos procura eclypsar as luzes  
de minha soberania , tomando a fôrma de  
Amfitrião , para lograr os favores de Alcme-  
na ? E assim para vingar-me de ambos , dis-  
farçada nesta humana fôrma , estorvarei a mi-  
nha injuria , e o meu ciume. Oh que faci-  
lego he o tormento dos zelos ; pois nem as  
mesmas deidades se isentão de seu furor !

*Iris.* Soberana Juno , parece improprio da tua  
divindade esse sentimento ; e pois , ainda que  
disfarçada , sempre sou a Ninfa Iris , symbo-  
lo da Concordia , agora , mais que nunca ,  
verás os effeitos de minha virtude , serenando  
com os meus influxos o diluvio de tuas  
penas.

*Juno.* Por seres a Ninfa Iris , por isso quiz ,  
que

que me acompanhasses , que para a guerra do amor era necessario trazer comigo a paz ; e assim como fiel subdita saberás ajudar-me neste empenho do meu ciuime ; e pois o amor he tão cego , como odio , tu que vives isenta destas paixões , poderás , sendo Argos da minha affronta , observar as falsidades de hum esposo , que me offende.

*Iris* . Já com a esperança podes respirar menos sentida ; não te desanimes , que supposto tenhamos contra nós todo o poder de *Jupiter* , amor nos dará industria para vencello ; que o amor sempre triunfou de todos os Deoses.

*Juno* . Verá *Jupiter* os damnos , que preparo , desvanecido o seu poder , e victoriosa a máquina de minha vingança.

*Canta Juno a seguinte.*

A R I A .

A hum esposo fementido  
Se castiga o seu intento ,  
E verá no meu tormento  
Seu tormento ; pois prometto  
Em seu damno me vingar.

Saiba pois o como offende  
Minha propria divindade ,  
Que dos zelos a impiedade  
Até os Ceos ha de chegar.

*Vai-se.*

SCE-

## S C E N A V.

*Sala. Sabem Júpiter , Alcmena , Mercurio , e Cornucopia : Júpiter na fôrma de Amfitrião , e Mercurio na de Saramago.*

*Alcmen.* **A**Mfitrião , se tão depressa havias tornar , para que viste ? Melhor me fora não experimentar a breve alegria de te ver , se logo havia sentir o mal de perder-te.

*Jupit.* Já' te disse , querida Alcmena , que me he preciso achar-me esta manhã no Arrayal , para publicamente entrar triunfante nesta Cidade ; com que não he justo , que por hum breve retiro mostres hum tal sentimento. Ai , Alcmena , se tu me differas estas finezas , não como a Amfitrião , senão como a Júpiter ! *á part.*

*Alcmen.* Vivo tão resentida do mal da ausencia , que qualquer retiro , que faças , me sobrefalta o coração.

*Merc.* Senhor , veja que já he tarde , e que nos podem achar menos lá no campo.

*Cornuc.* Calte aticador da candêa da esquivança ; tão tarde he isto ?

*Merc.* Não vês , que já os gallos cantarão ?

*Cornuc.* Tambem se tu foras mais amante , outro gallo me cantára.

*Jupit.* Deixa-me ir , Alcmena ; que são horas.

*Alcmen.* Se esperas , que eu te deixe ir , nunca irás. Vai-tê , mas não te despeças ; pois

cada instante , que te não acho , cuido , que te perco.

*Jupit.* Não sei com que poderei pagar-te tanta fineza , e amor!

*Alcmen.* Este amor nasce da minha obrigação.

*Jupit.* Pois quizera , que esta fineza nascêra mais do teu amor , que da tua obrigação.

*Alcmen.* A obrigação de amar ao esposo supêra a toda a obrigação.

*Jupit.* Pois mais te devêra , que me quizeras mais como a amante , que como a esposo.

*Alcmen.* Não sei fazer essa differença , pois não posso amar-te como a esposo , sem que te ame como a amante.

*Cornuc.* Ai , Senhora , que diz muito bem o Senhor Amfitrião , pois entre esposo , e amante ha muita differença.

*Alcmen.* Tomára fabella , que ainda a não encontrei.

*Cornuc.* Pergunte-o , Senhora , a meu marido Saramago , que tanto se despedio de amante para comigo , que apenas o encontro hum marido espurio: marido sem ser amante he o mesmo que corpo sem alma ; que importa , que o matrimonio ligue o corpo , se o amor não une as almas ? Aquelles carinhos , aquelles afagos , aquelles melindres , aquelle vir o Senhor Amfitrião fóra de horas , só para apagar a chamma da saudade no mar de seu pranto , que he senão amor ? Pelo contrario , estes despegos , estas sequidões , estes focinhos ,  
que

que me faz este meu bom marido , que he  
senão ser marido sem amor ?

*Jupit.* Cornucopia fallou como sábia.

*Cornuc.* São os olhos de vossa merce.

*Merc.* A velha todavia não he tola: vamo-nos,  
Senhor, que já totalmente amanheceo.

*Alcmen.* Ai , Amfitrião , que agora mais que  
nunca se póde dar á madrugada o epiteto de  
faudosa. *Chora.*

*Jupit.* Não chores , meu bem ; não queiras ,  
que hoje amanheça o dia com duas auroras.

*Cantão Jupiter , e Alcmena a seguinte*

A R I A A D U O .

*Jupit.* Alcmena , enxuga o pranto ,  
Reprime o teu suspiro.

*Alcmen.* Oh quanto , amor , oh quanto  
Me afflige o teu retiro !

*Jupit.* Não chores , não suspires.

*Alcmen.* Não , meu bem , não te retires.

*Amb.* Senão verás que acabo  
A impulsos do penar.

*Jupit.* Cesse o liquido lamento ,  
Cesse tanto suspirar.

*Alcmen.* Vendo a causa do tormento  
Mal me posso consolar.

*Amb.* Oh que afflicto suspirar ! *Vai-se Jupit.*

*Merc.* Cornucopia , vale , vel valete.

*Cornuc.* Que me dizes com isso ?

*Merc.* Que assim se vai , quem se despede em  
Latim. *Vai-se.*

*Cornuc.* Vai-te c'os diabos , nunca tu cá tornes.

*Sa-*

*Sabem Juno*, e *Iris*.

*Juno*. Aquella sem duvida he *Alcmena*; entre pois a minha industria a vingar os meus zelos.

*Iris*. E he boa occasião para o teu intento.

*Cornuc*. Senhora, que mulheres são aquellas, que entráão, sem pedir licença? *Entra Juno*.

*Juno*. Não estranhes, Senhora, que sem licença, eu, e esta criada minha, entremos aqui, quando a justiça da minha causa rompe a immunidade do maior sagrado. *Chora*, e ajoelha.

*Alcmen*. Levantai-vos, Senhora; mereça eu saber a causa do vosso sentimento, para ver se encontrais em mim o remedio de vossas penas.

*Juno*. Para que melhor conheças o que padeço, quero informar-te de quem sou: Junto ás emnencias do monte *Olympto*; em hum lugar aprasivel, aonde em perpétuos verdores habita a Primavera, nasci; que provéra a *Jupiter* não nascêra, para que não fosse objecto da inconstancia da fortuna. *Chora*.

*Cornuc*. Até aqui, Senhora, parece que tem razão; mas eu não sei o que ella diz.

*Iris*. Até aqui vai bem. *á parte*.

*Juno*. Meus pais, que erão os mais illustres daquelle povo, vendo que eu era o unico ramo, que florescia na sua descendencia, tratarão de dar-me estado decente á minha pessoa; para o que hum dia me fallarão desta sorte: *Felisarda*, (que este he o nome desta infeliz....)

*Cor-*

*Cornuc.* Felisarda se chama? Ai, Senhora, que galante nome, para se pôr a huma cachorrinha!

*Alcmen.* Prosegui, Felisarda, que com attenção vos escuto.

*Juno.* Dixerão-me, pois, que escolhesse eu esposo igual ás minhas prendas; porque sendo a escolha minha, a nenhum tempo me poderia queixar. Havia no mesmo monte Olympo hum mancebo galhardo, poderoso, e muito juvenil.

*Diz Amfitrião dentro o seguinte, e bate.*

*Amf.* Abrão lá.

*Alcmen.* Parece que batêrão; vai ver, Cornucopia, quem he.

*Vai Cornucopia dentro, e torna a sabir com Amfitrião, e Saramago.*

*Cornuc.* Ai, que he o Senhor Amfitrião, que já veio!

*Amf.* Alcmena, minha bella esposa, dá-me os teus braços, em quanto mudamente o coração com suspiros explica o alvoroço de sua alegrar

*Alcmen.* Que he isso, Amfitrião? Tão depressa vieste?

*Amf.* Estranho muito o modo, com que me recibes; parece-te, que vim depressa, depois de tão larga ausencia? Oh que evidente indicio do pouco que me amas!

*Alcmen.* Não te entendo: tu podes formar queixas contra o meu amor? Não viste esta madrugada em derretidos chrystaes naufragarem os meus

meus olhos ? Tu mesmo , admirado do meu extremo , não julgaste por excessiva a minha fineza ? Pois como agora me criminas de pouco amante ?

*Amf.* Que he o que dizes , *Alcmena* ?

*Saram.* Mão ! Já isto me vai cheirando a raposinhos.

*Alcmen.* Digo , *Amfitrião* , que quando esta noite tive a fortuna de ver-te , que foi incomparavel o alvoroço de meu coração , como tu bem viste.

*Amf.* Como pôde isso ser , se eu ainda agora chego da campanha , e logo torno para ella , para triunfar ?

*Alcmen.* Isso mesmo me disseste ; e por isso ao romper da manhã te ausentaste , dizendo , que por mitigar a tua faudade , viste escondido a ver-me.

*Amf.* Parece , que *Alcmena* perdeu o juizo.

*Saram.* Ainda bem , quanto folgo !

*Cornuc.* Isto me parece cousa de encanto !

*Juno.* Sem duvida este he *Jupiter* , que vem disfarçado em *Amfitrião* : pois não logrará o seu intento. à parte.

*Iris.* Se tão bem se sabe disfarçar , difficullosa he a nossa empreza. à parte.

*Amf.* *Alcmena* , entendo , que estás galanteando.

*Alcmen.* Estas não são materias para galantear.

*Amf.* Ora pois , fallemos serio , *Alcmena*.

*Alcmen.* *Amfitrião* basta de brinco.

*Amf.* Com que queres capacitar-me , que estive contigo esta madrugada ?

*Alcmen.* Com que queres negar-me , que estiveste comigo esta noite , antes de amanhecer ?

*Amf.* Que dizes a isto , Saramago ?

*Saram.* Não te disse eu que havia cá outro Saramago ? Pois por força havia de haver outro Amfitrião .

*Alcmen.* Que dizes a isto , Cornucopia ?

*Cornuc.* Senhora , isso não he cousa que se diga .

*Amf.* Alcmena , vê bem o que dizes .

*Alcmen.* Digo , que todos de casa pódem ser testemunhas da minha verdade . Dize , Cornucopia , tu não viste á Amfitrião cá esta noite ?

*Cornuc.* Ai , Senhora , vossa merce crê , que o Senhor Amfitrião falla de véras ? Não vê , que está galanteando ? Sempre vossa merce foi amigo dessas gracinhas ? Ora não seja maligno .

*Amf.* O' Cornucopia , eu não zombo .

*Alcmen.* Se não crês a Cornucopia , pergunta-o a Saramago , que contigo tambem veio .

*Saram.* Eu , Senhora ? Appello eu ! Arre , que testemunho !

*Cornuc.* Tu não estiveste aqui ? Não ceaste comigo esta noite ?

*Saram.* Eu sou tão pouco cioso , que nunca ciei em minha vida .

*Juno.* Não sei o que diga a isto ! Quasi estou para crer , que o Amfitrião , que primeiro veio , seria Jupiter : Oh que notavel enleio ! á parte .

*Amf.*

*Amf.* Quero apurar os meus zelos. *á parte.* Ora já que affirmas, que eu cá estive, dize-me, o que fiz?

*Alcmen.* Tão depressa te esqueceste?

*Amf.* Tudo podia ser, elevado no gosto de ver-te.

*Alcmen.* Pois eu o digo, ainda que o saibas: chegaste hontem ás dez horas da noite, e depois que em reciprocos carinhos nos abraçamos....

*Amf.* Espera: pois tu me abraçaste! Oh que tormento! *á parte.*

*Alcmen.* Pois não te havia de abraçar, depois de tão larga ausencia?

*Amf.* Eu te perdoára nessa occasião os braços; e que fiz depois?

*Alcmen.* Contaste-me, o como venceste a El-Rei Teréla, ficando desbaratado, e morto; e por final me trouxeste esta joia, que era do elmo do mesmo Rei.

*Amf.* Que dizes? A joia tu a tens?

*Alcmen.* Vê-la aqui no meu peito, que a estimo, como cousa tua.

*Amf.* Não ha duvida, que he a propria, que eu mandei por Saramago: O' Saramago, onde está a joia, que eu te mandei dêsles a Alcmena?

*Saram.* Cá a tenho na algibeira metida na caixinha, da mesma sorte que vossa merce me entregou.

*Amf.* Mostra-a cá, que esta, que tem Alcmena, toda se parece com ella.

*Saram.* Valha-te o diabo joia ! Aonde estás ; que não appareces ? Hui , agora esta he galante !  
*Faz que a busca.*

*Amf.* Que he isso ? Não a achas ?

*Saram.* Espere , Senhor ; assim se acha huma joia ?

*Amf.* Aonde a mereste , que tanto te custa dar com ella ?

*Saram.* Atei-a na fralda da camiza , e agora.....

*Amf.* E agora que ?

*Saram.* *Bolaverunt.*

*Amf.* Que dizes ?

*Saram.* Que não acho a joia ; tenho dito.

*Alcmen.* Como ha de achalla , se tu ma déste ; Amfitrião ?

*Saram.* Essa he a verdade : De sorte , que vossa merce deo a joia á Senhora Alcmena , e então quer que eu lhe dê conta della ? He mui boa consciencia essa !

*Amf.* O' velhaco , tu tambem me queres desesperar ? Tu não vieste com a joia , para a dares a Alcmena ?

*Saram.* Sim , Senhor ; mas parece-me que ao depois vossa merce ma pedio , para a dar á Senhora Alcmena , minha Senhora.

*Amf.* Cala-te , embusteiro , que tudo isso são traças tuas ; tu mo pagarás.

*Juno.* Pelo que agora vejo , entendo que este he o verdedeiro Amfitrião. *á parte.*

*Iris.* Senhora , em boa estamos metidas ! *á parte.*

*Amf.* Dize , Alcmena , que mais passei contigo depois da joia ? Dize.

*Alcmen.* Depois fomos ceiar , e dahi a descansar.

*Amf.* E com effeito fomos a descansar ? Isso he delirio , Alcmena ?

*Alcmen.* Tu perdeste a memoria , Amfitrião ?  
Tão depressa te esqueceste , do que ha tão pouco tempo passámos ?

*Amf.* Ai de mim , infeliz ! Que he o que ouço !

*Alcmen.* Que te suspende ?

*Amf.* Suspende-me saber , o que não queria saber. *á parte.*

*Alcmen.* De que te entristeces ? Fiz algum delicto em te venerar como a esposo ?

*Amf.* Cala-te , traidora , inimiga , que não fui eu aquelle , que no venturoso thalamo descansou contigo.

*Juno.* Sem duvida foi Jupiter : Ai de mim , que já vim tarde ! *á parte.*

*Cornuc.* Eis-aqui como succederá as desgraças !

*Saram.* Eis-aqui como se mata huma mulher a sangue frio !

*Alcmen.* Meu amor , meu esposo , meu Amfitrião , não posso capacitar-me , senão que estás galanteando.

*Amf.* Minha inimiga , minha tyranna , minha desleal , não posso crer , senão que isso , que dizes , foi algum sonho , que tiveste.

*Alcmen.* Esta joia tambem a possibi por sonhos ?

*Amf.* Esse he o maior indicio da minha afronta.

*Alcmen.* Essa he a maior defeza da minha innocencia.

*Juno.* Esta he a maior evidencia do meu ciu-  
me. á parte.

*Iris.* Esta he a maior certeza da nossa confu-  
são. á parte.

*Cornuc.* Esta he a maior testemunha de que es-  
teve cá.

*Saram.* E esse he o maior testemunho , que se  
levantou.

*Alcmen.* Vem , Amfitrião , a meus braços ; não  
creias os delirios da fantasia.

*Cantão Amfitrião , Alcmena , e Juno a seguinte*

A R I A A 3.

*Amf.* Desengana-me , tyranna ,  
Quando não a minha pena ,  
Falsa Alcmena ,  
Te condemna  
A morrer , e suspirar.

*Alcmen.* Desengana-te , tyranno ,  
Louco esposo , fiel amante ,  
Que eu constante  
Triunfante  
Teu engano hei de mostrar.

*Juno.* Quem cuidára , que acharia  
Na vingança , que hoje trato ,  
O retrato  
De hum ingrato ,  
Que me faz assim penar !

*Amf.* Teme , ingrata , a ira ardente.

*Alcmen.* Nada teme huma innocente.

*Juno.* Tudo teme huma infeliz.

*Amf. e Jun.* Que eu com zelos ,

*Alcmen.* Que eu sem culpa ,

*Tod.*

*Tod.* O meu brio hei de ostentar.

*Amf.* Mas se he certa a minha offensa  
Sem detença  
Terei modo de a vingar.

*Alcmen.* De ameaço tão injusto  
Não me affusto,  
Pois o Ceo me ha de livrar.

*Juno.* Eu que tenho o defengano  
No meu damno,  
Muito tenho que penar.

*Amf. e Jun.* Que dos zelos a violencia,  
*Alcmen.* Que a innocencia

*Tod.* Ha de sempre triumphar. *Vão-se.*

*Cornuc.* Saramago, que loucura he esta do Senhor Amfitrião?

*Saram.* Quando vires as barbas de teu visinho a arder, bota as tuas de remolho.

*Cornuc.* E a que proposito dizes isso?

*Saram.* Antes que te responda, quero primeiro fazer-te a devida contumelia, depois de tão grande ausencia: mostra cá, Cornucopia, esses retrocidos amplexos com esses fétidos osculos.

*Cornuc.* Ainda tens atrevimento, patife, insolente, de me fallares? Já te queres chegar para mim?

*Saram.* Quando deixei eu de querer-te, e adorar-te, querida Cornucopia?

*Cornuc.* Não te lembra, que me disseste, que eu era feia, e horrenda?

*Saram.* Eu podia dizer tal, quando essa tua cara, sendo o alcastruz do affecto, he o repu-

xo das almas , que esgotando a fineza do peito , banha o coração de finezas , para regar a chicoria da correspondencia ?

*Cornuc.* Vossê não se lembra hontem á noite os desprezos , que me fez ?

*Saram.* Ai , ai , ai , *chibarritum me fecit !* com que eu tambem estive cá hontem á noite ?

*Cornuc.* O' lé , tu parece , que vens conluiado com teu amo , para nos fazeres desesperar ?

*Saram.* Pois achas em tua consciencia , que eu estive cá hontem á noite contigo ?

*Cornuc.* Tu cuidas , que eu sou tão nescia como a Senhora Alcmena , que se lhe metterão em cabeça os delirios do Senhor Amfitrião ?

*Saram.* Certo he , que ati nada se te metc em cabeça ; á mim mais depressa , que sou o desgraçado marido.

*Cornuc.* Ora anda , vai cozer a vinhaça.

*Saram.* Ora dize-me ! tambem tiveste cá o teu Saramago , como a Senhora Alcmena o seu Amfitrião ?

*Cornuc.* Pois porque ? Tão casada não sou eu , como ella ?

*Saram.* Visto isso , largaste as vélas ao vento do amor ?

*Cornuc.* Deixa despropositos , e vamos dar ordem a almoçar.

*Saram.* Deixa-me , inimiga , traidora , falsa , fementida , insolente , que não fui eu o com quem te emsaramagaste.

*Cornuc.* Que dizes , Saramago ?

*Saram.* Digo , embusteira , que se não fora por se

se acabar isto em tragedia, que aqui te espi-  
charia na ponta desta espada, pelas pontas  
que me puzeste.

*Cornuc.* Porque me havias matar? Porque estive  
com meu marido?

*Saram.* Qual marido?

*Cornuc.* Tu mesmo.

*Saram.* O' mulher, eu ainda que seja homem  
de muitas partes, não posso estar em duas ao  
mesmo tempo.

*Cornuc.* Pois quem foi o que esteve aqui? Sal-  
vo seria o diabo por ti.

*Saram.* Por ti, falsa, petulante; como queres,  
que sendo eu simples por natureza, me ache  
agora composto por artificio?

*Cornuc.* Dizes isso de todo o teu coração?

*Saram.* Por ora ainda não; pois primeiro te  
quero fazer alguns interrogatorios, como fez  
meu amo á Senhora Alcmena. Dize-me: que  
fizeste com esse eu, quando aqui chegou?

*Cornuc.* Abracci-o muito bem primeiro.

*Saram.* Vamos ao mais, que isso he bacatella,  
bacatella.

*Cornuc.* Depois lhe disse mil finezas.

*Saram.* *Ad aliud*, que isso nem vai, nem vem.

*Cornuc.* Depois lhe dei de cear muito bem, e  
de beber muito melhor.

*Saram.* Calla essa boca, atrevida, que já não  
quero saber mais; basta que esse atrevido in-  
tolente comeo, e bebeo o que estava guarda-  
do para mim?

*Cornuc.* Pois tu não havias comer, vindo cansado?

*Saram.* A que del Rei , que não fui eu , o que comi , que ainda estou em jejum : ai , que tenho o credito perdido !

*Cornuc.* Que diabo fallas aqui em credito perdido ? Sabes com quem fallas ? A mim , que tenho a honra na ponta do meu nariz ?

*Saram.* O teu nariz sempre foi mui honrado ; porém não te alfoes , que te póde cahir a honra.

*Cornuc.* O' cão , como me póde a mim cahir a honra , se eu sou o exemplo das honradas ?

*Saram.* He verdade , Cornucopia , que me não lembrava ; façamos as pazes : anda cá.

*Cornuc.* Agora tambem eu não quero.

*Sabe Mercurio ao bastidor.*

*Merc.* Huma vez , que me vejo com a figura de Saramago , quero revestir-me do seu genio , para o fazer mais tonto do que he ; e fazendo , que desconheça a sua propria mulher , tambem com isto o detenho , em quanto labora o nosso engano. *Vai-se.*

*Saram.* Já que não queres , que façamos as pazes , façamos as guerras ; e já a minha furia vai tocando a degollar.

*Cornuc.* Que he o que intentas ?

*Volta com outra cara.*

*Saram.* Arrancar-te o coração falso , que tens no peito ; mas que vejo ! Com quem fallo eu ? Ou esta não he Cornucopia , ou estou sonhando !

*Cornuc.* Pois que he o que dizes.

*Saram.* Nada minha Senhora , nada ; não he com

com vossa mercê; cuidei que fallava com minha mulher.

*Cornuc.* Pois eu não sou tua mulher, Saramago?

*Volta com a sua cara.*

*Saram.* Hui, ainda mais esta! Também és bruxa, que te mudas em varias fórmãs? A que del Rei, que aqui deve de andar o diabo.

*Cornuc.* Saramago, perdeste o juizo?

*Saram.* Perdi o que não tenho, e tenho o que perdi; pois ainda que tenho o credito perdido *quoad te*, o não perdi *quoad me*, para enfiaboar nas alcumas da minha cólera as nodoas da tua liviandade.

*Cornuc.* Que he o que dizes, atrevido?

*Volta com outra cara.*

*Saram.* Coufa nenhuma, minha Senhora; fallava com os meus botões. Assopra! *á parte.*

*Cornuc.* Pois que liviandades são as minhas?

*Saram.* Não fallemos em liviandades, que isso agora he mais pezado. Não vi ainda mulher com duas caras tão mal encarada! *á parte.*

*Cornuc.* Supponho, que já te passou a cólera, e que estás arrependido.

*Saram.* Quem se não ha de arrepender, vendo, que me sabe tão cara a minha desconfiança?

*Cornuc.* Não crês a minha innocencia? *Volta.*

*Saram.* Não se póde crer a gente de duas caras: com que vossê, Senhora Cornucopia, he humma por diante, outra por dotraz?

*Cornuc.* Eu sempre sou a mesma. Ora vem cá, meu querido Saramago dos meus olhos, façamos as pazes.

*Saram.* Sim eu faço ; mas ha de ser partindo-te primeiro esse infernal corpo com esta espada.  
*Foge Cornucopia.* Mas ai de mim , que fechou a porta ! porem pela outra hirei ver se a encontro , para vingar a minha furia. Mas que vejo ! Outro encontro melhor tenho no Sol desta menina , que todo me faz derreter.

*Sabe Iris.*

*Iris.* A confusão , que Jupiter tem feito nesta casa , nos faz vacilar na incerteza de qual he o que veio primeiro , se elle , se Amfitrião ! Porém o tempo o descobrirá.

*Saram.* Não deixei de reparar , quando entrei , na carinha desta moçacha ; e pois Cornucopia anda banzeira no mar da sua inconstancia , transportarei o meu amor na barquinha desta belleza , até que ferene a tempestade dos meus zelos.

*Iris.* E este he o criado de casa ; quero agora meter-me de gorra com elle , a ver se me descobre qual he o verdadeiro Amfitrião , para então conhecer , qual he o falso , ou Jupiter , que tudo he o mesmo.

*Saram.* Para hum Soldado , que vem da Campanha , huma rapariga destas he hum cavallo na guerra ; eu me resolvo a marchar com todo o exercito de bichancros namoratorios : Cé , ó minha Senhora ?

*Iris.* Quero desdenhallo , para que querendo-me mais , se facilite a dizer-me o que pertendo.

*á parte.*

*Saram.* Vossa mercê ouve ?

*Iris.*

*Iris*. Eu não sou furda.

*Saram*. Nem eu mudo; e por não mudar de intento, quero me diga, de que genero he o seu caracter, para ver se a sua pessoa se pôde adjectivar com o substantivo de minha qualidade.

*Iris*. Sou huma criada de vossa mercê, e de Felisarda, que aqui nos achamos por hospedas nesta casa.

*Saram*. Com que vossa merce era teuda, e mantueda nesta sua casa, e de mais a mais he criada da mesma servil natureza deste seu servo? Não sabe quanto me regalla isso.

*Iris*. Pois por que?

*Saram*. *Propter unumquodque tale, & illud magis.*

*Iris*. Não te entendo.

*Saram*. Eu cá me entendo; e poderemos saber, como se chama, em ordem a dizer-te depois: Suspende os rigores, cruel, fulana, tyranna, sicrana?

*Iris*. Quem tanto pergunta, he bom para Inqueredor.

*Saram*. Isto he tirar huma devassa de quem me matou.

*Iris*. Pois quem te matou?

*Saram*. Tanto que te vi, forão os teus olhos huma morte subita do meu coração; mas antes que te diga o mais, dize-me o menos, que he o teu nome?

*Iris*. Ai! Chamo-me Corriola; que mais quer?

*Saram*. Nem tanto queria. Corriola! Mão agouro venha pelo diabo.

*Iris*.

*Iris.* Que te suspende ? Pasmou-te o meu nome ?

*Saram.* A fallar verdade , cahio-me o coração aos pés , em saber , que te chamavas Corriola ; pois a penas no jogo do amor começava a fer taful da fineza , quando logo perco o cabedal da esperança nessa Corriola.

*Iris.* Bom remedio , não fallar comigo , nem tomar o meu nome na boca.

*Saram.* A bom tempo , depois de me ver cheio de amor até os olhos.

*Iris.* Pois desnamore-se vossa merce.

*Saram.* Porque ? Isso está nas mãos das creaturas ? E se queres , que te não ame , desfaze essa belleza , engilha esse rosto , frange essa testa , arregalla esses olhos , entorta essa boca , e faze-te geba.

*Iris.* Não me posso mudar em o que Deos me não fez.

*Saram.* Ah sim ? Pois eu tambem não posso deixar de querer esse rosto , que dá de rosto á neve ; essa testa , que testa me investe ; esses olhos , que me derão olhado ; essa boca , que embúca delicias ; esse corpo , que em corpo passeia na rua formosa.

*Iris.* Que se segue dahi ?

*Saram.* Que te amo , que te adoro , e que te quero.

*Iris.* Queres mais alguma cousa ?

*Saram.* Mais quizera.

*Iris.* O que ?

*Saram.* Que me correspondesses tambem.

*Iris.* Isso agora hé desaforo ? Não teme a Deos hum

hum homem calado , querer inquietar huma mulher solteira ? Vá se , antes que o defengane de outro modo.

*Saram*. Pois ainda ha no Mundo outro modo de defenganar mais claro , do que esse ?

*Iris*. Pois ouça , senão o sabe.

*Canta Iris a seguinte*

A R I A.

Vai-te logo rebolindo ,  
Tu me dizes isso a mim !  
Tu a mim , a mim , a mim ,  
Porco , sujo , bribantão ?

Eu te juro , *Saramago* ,  
Que ferás em teu estrago  
O mais perfido asneirão.

*Vai-se.*

*Saram*. Ora estou bem aviado ! Fujo de hum Tigre , e vou marrar com huma Serpente ! Cornucopia com duas caras , ambas são aborrecidas , e nenhuma cara ; e esta tendo huma só , faz mil focinhos ! Mas que remedio , senão ir pouco a pouco careando com carinhos aquella carinha ?

## S C E N A VI.

*Selva com respaldo de Palacio. Sabem Jupiter , e Mercurio.*

*Merc.* **O** Ra , *Jupiter* , tudo te succedeo como querias.

*Jupit.* *Mercurio* , sendo a idéa tua , por força o successo havia de ser igual.

*Merc.*

*Merc.* E agora que determinas ?

*Jupit.* Hir continuando no mesmo engano ; que a formosura de Alcmena não merece hum só sacrificio , nem o meu amor se contenta com qualquer triunfo.

*Merc.* Não vês , que já chegou Amfitrião da guerra , e pôde Alcmena sentir a causa deste enleio ?

*Jupit.* Para ahí reservo o meu poder.

*Merc.* E se Juno vier a fabello , como has de escapar do rigor da sua condição ?

*Jupit.* Mais pôde Jupiter , que Juno ; e eu farei , com que ella padeça o mesmo engano ; pois ella não pôde , senão o que eu quero , que ella possa.

*Sabe Polidaz.*

*Polid.* Anda , Amfitrião , que já tardavas , e já te espera o triunfo no Arraial.

*Jupit.* Mercurio , não he só Alcmena , a que se engana comigo.

*Merc.* Pois agora não ha mais remedio , que aceites o triunfo , que era para Amfitrião.

*Polid.* Anda , Senhor , não nos dilatemos.

*Jupit.* Vamos , Polidaz , a triunfar. Mas que maior triunfo , que vencer os deuses de Alcmena !

*á part. Vão-se.*

*Sabe Amfitrião.*

*Amf.* Não he possível encontrar a Polidaz , que aqui ficou de esperar por mim : na verdade que tardei muito , e por essa causa se resolveria o triunfo para outro dia ; e não me peza , de que assim seja , pois quero primeiro

triun-

triunfar dos meus zelos , para que completamente me possa chamar victorioso. Ai , *Alcmena* , que de sustos me tens causado ! *Vai-se*.

## S C E N A VII.

*Sala Senatoria. Sabe Jupiter em hum carro triumphal acompanhado de muitos Soldados com alabardas , bandeiras arrastadas , e Polidaz a cavallo ; e atrás do dito carro birão alguns cativos maniatados ; e no espaço em que vão andando , ao som , e repetição de tambores , e clarins , dirão repetidas vezes : Viva Amfitrião ; e já apeado Jupiter do carro , entrará com Mercurio , e Polidaz , e a mais comitiva de Soldados na dita Sala Senatoria , e nella estarão sentados Tiresius com outro Senador.*

*Merc.* **N**ão só triumphou Jupiter de *Alcmena* ; mas até do mesmo triumpho de *Amfitrião* fica sendo triumphador. *á parte.*

*Tires.* Vem , esforçado *Amfitrião* , gloria de *Thebas* , e assombro do Mundo ; vem , que serás novo simulacro do Templo de *Marte* , já que hoje lhe tributas tantos bellicos despojos , na celebre victoria , que de nossos inimigos alcançaste.

*Jupit.* Nada tendes que me agradecer , illustre Senado , pois o servir a Patria he mais obrigação , do que fineza. Perdoa , *Amfitrião* , usurpat-te o laurel ; que o amor , e a

ocasião são dous inimigos muito poderosos. á parte.

*Hoverá dentro ruido , dizendo todos o seguinte.*

*Matron.* Pára , pára , deixa entrar.

*Tiresf.* O' lá , que ruido he esse ?

*Polid.* São as Matronas de Thebas , que vem festejar ao triunfador Amfitrião com o seu costumado applauso.

*Tiresf.* Dizei , que entrem ; que não he razão as privemos da sua antiga posse , e a nós do gosto de vermos o seu festivo rendimento.

*Sabem quatro Ninfas , humas dellas com humas coroa de flores , que porá na cabeça de Jupiter.*

*Matron.* Esforçado Amfitrião , eu em nome das Matronas de Thebas te offereço esta grinalda , symbolizando nas suas flores os teus triunfos , e a nossa alegria ; pois a beneficio do teu valor vivemos seguros nas delicias de Thebas.

*Jupit.* As flores dessa grinalda , ó illustres Matronas , na minha estimação todas serão perpétuas.

*Merc.* E para Amfitrião martyrios ; pois Jupiter lhe usurpa todas as honras. á parte.

*Dançaõ as Ninfas , e depois diz Tiresias.*

*Tiresf.* E para que felizmente se coroe Amfitrião , e se complete este triunfo , repeti comigo todos os vivas de Amfitrião ; sendo eu o primeiro , que principie seu bem merecido louvor.

*Canta Tiresias o seguinte*

R E C I T A D O .

Repita , pois , o popular tumulto

Ao som das trompas bellicas de Marte

De Amfitrião valente o nobre applauso ,  
Em quanto a Caballina inunda , e rega  
Virentes lauros no bicornio monte ,  
Ou em quanto fecunda a terra cria  
Nova gramma immortal para a coroa.

ARIA EM FÓRMA DE CORO.

*Tires.* A fama canora

Em jubilo alterno

Repita festiva ,

Dizendo , que viva ,

*Tod.* Viva , viva Amfitrião ,

Novo Marte singular.

*Tires.* E a rama sagrada

Na fronte animada

Adorne sublime ,

Felice coroe ,

Pois que sabe triunfar

Sempre altivo , e vencedor.

*Tod.* Viva , viva , Amfitrião ,

Novo Marte singular.

*Fim da primeira parte.*



## P A R T E II.

### S C E N A I.

*Sala. Sabem Juno, e Iris.*

*Juno.* **J**A' que disfarçada me vejo introduzida em casa de Alcmena, comece o veneno de meus zelos a inficionar a causa do meu ciúme : chore a innocencia de Alcmena o delicto de Jupiter ; porque tão disfarçado vive na fôrma de Amfitrião , que nem toda a minha Deidade sabe distinguir qual he o verdadeiro : ó Jupiter , para que me dêste a gloria de ser tua esposa , se me não livras deste inferno de zelos ?

*Iris.* Senhora , de vagar se vai ao longe.

*Juno.* Eu quizera , que fosse depressa , e não de vagar , que o meu ciúme não soffre dilações.

*Iris.* Eu tenho dado em boa traça , para averiguar qual he o verdadeiro Amfitrião , ou verdadeiro Jupiter.

*Juno.* E qual he ?

*Iris.* O criado de casa , tanto que me vio , entrou a pertender-me , e eu quero facilitar-lhe o seu amor , só por ver se me descobre algum vestigio , por onde possamos conhecer a Jupiter.

*Juno.* Approvo a tua idéa ; vai continualla , e não te dilates hum instante.

*Iris.* Vou a obedecer-te.

*Sabe Tiresias.*

*Tires.* Venho buscar a Amfitrião , para dar-lhe os parabens do seu triumpho. Mas que vejo !

Que novo affombro me suspende os sentidos !

*Juno.* Já que Tiresias na minha formosura tanto se suspende , elle será o meio da minha vingança. *á parte.*

*Tires.* Ainda não sei determinar-me , se he mulher , ou Deidade !

*Juno.* De que vos admirais ? Que remora vos suspende os passos ?

*Tires.* Senhora , assim como não cabem na esfera dos olhos as luzes de tanto Sol , assim da mesma sorte ignorão os periodos mais rhetoricos significar a causa da minha suspensão.

*Juno.* Se tanto sabeis sentir o affecto dessa suspensão , porque não explicais a causa della ?

*Tires.* Que mais causa pôde haver , que admirar em vós huma formosura tal , que mais parece divina do que humana !

*Juno.* Basta que tão formosa vos tenho parecido ?

*Tires.* E tanto , que já o meu coração vai sentindo a causa da vossa belleza.

*Juno.* Bem vai para o meu intento. *á parte.* Dizei-me , que he o que sente o vosso coração ?

*Tires.* Sente o não sentir mais , pois quizera com a vida pagar o delicto de vos adorar.

*Juno.* Pois o adorar he delicto ?

*Tires.* Dizem que amor he huma Deidade tão

inhumana ; que até dos mesmos sacrificios se offende.

*Juno.* Por não ter a nota de inhumana , não quero offender-me de vossos sacrificios.

*Tires.* Pois , Senhora , se elles vos não offendem , accitaios.

*Juno.* He necessario primeiro averiguar se são verdadeiros.

*Tires.* Se a vossa formosura não he fabulosa , como pôde ser o meu sacrificio fingido ?

*Juno.* Porque parece quasi impossivel , que no mesmo instante , em que me vistes , logo me quizeis , e com tanto extremo , como publicais ; e porque a nenhum tempo se diga que he sofisticado o vosso rendimento , deveis mostrar-me , como pôde ser instantaneo o vosso amor.

*Tires.* Nenhuma duvida pôde haver , que ao mesmo tempo , que vos visses , vos adorasse. Ver-vos , e amar-vos tudo foi ao mesmo tempo , sem que houvesse tempo entre o amar-vos , e o ver-vos. Para a formosura triunfar , não he necessario tempo , sobráo instantes. O tempo arruina os edificios , e a formosura sem tempo erige as aras para o seu culto , pois a todo o tempo sabe vencer ; por isso se pinta o amor com azas , pela ligeireza , com que fere os corações ; por isso se pinta cego , porque cegou , depois que vio a formosura. Como , para ser amor , não necessita de vista , vendou os olhos , para não ver mais ; pois bastava huma só inspecção , para cegar de amor.

amor. Em fim , Senhora , se o amor crescê-  
ra com o tempo , não fora menino , fora gi-  
gante.

*Juno*. Basta , já sei que pôde ser verdadeiro o  
vosso amor.

*Tires*. E pois o abonais de verdadeiro , fazei  
com que seja venturoso.

*Juno*. E que dereis vós para conseguir essa ven-  
tura ?

*Tires*. Dera-vos o que já vos tenho dado.

*Juno*. Ignoro o que me déstes.

*Tires*. Dei-vos a alma ; já não tenho mais que  
dar-vos.

*Juno*. Eu a aceito. Como não ignorais , que o  
amor he guerra dos corações ; para nella triun-  
fades , haveis primeiro capitular comigo algu-  
mas proposições.

*Tires*. Dizei , Senhora , que já toda a minha  
vontade tenho transferida aos imperios do vos-  
so preceito.

*Juno*. Pois attendei-me : Eu sou *Flerida* , infe-  
liz Princeza de *Teleba* , que disfarçada vivo  
aqui com o nome de *Felisarda*. Já sabeis co-  
mo *Amfitrião* matou a meu pai *ElRei Teré-  
la*. ( Verei se com este engano logro o meu  
intento. *á parte*.) Morto assim meu pai , pa-  
ra vingar-me deste barbaro homicida , vim á  
sua propria casa , para que assim mais facil-  
mente pudesse executar a minha vingança ,  
que procuro ; e quando cuidei , que só *Am-  
fitrião* era o que me offendia , acho que tam-  
bem *Alcmena* necessita de castigo , pois não

ha instante , em que não desperte as frias cinzas do cadaver de meu pai com afrontas ; de forte , que se Amfitrião lhe tyrannizou a vida, Alcmena tambem se arma homicida de sua memoria : hum o offendeo de presente , e Alcmena lhe infama a posteridade ; e vos confesso , que de tal forte me tenho enfurecido , que só para vingar-me destas injurias dera , ó Tiresias , o sangue das veias.

*Tires.* Pois vede que quereis que faça neste caso ?

*Juno.* Quero que busqueis modo de castigar a Alcmena , pois sei que sois o supremo Ministro desta Republica ; advertindo , que á minha conta fica o vingar-me de Amfitrião. Já sabeis , que sou Princeza hereditaria de Teleba ; já sabeis , que admitto o vosso amor. Esposa, e Reino tereis , se vingais minhas injurias.

*Tires.* Não pela cubiça de reinar , mas pela fortuna de ser vosso esposo , me exporei a todo o risco ; protestando castigar a causa da vossa offensa.

*Juno.* Pois , Tiresias , não te acobardes.

*Tires.* Não se acobarda hum amor valente : porém ignoro o motivo , porque haja de castigar a Alcmena , cujo louvavel procedimento vive isento do rigor das leis.

*Juno.* O tempo nos dará occasião para a vingança. Adverte , que tens poder , e que tens amor ; e vê agora , quem poderá isentar-se de hum poderoso amor ?

*Vai-se.*

*Tires.* Oh Deoses soberanos ; e que de cousas em

em hum instante tenho passado ! Vi , e amei ;  
 rendime a huma formosura celestial , e pro-  
 metti castigar a huma innocente ! Mas quem  
 se póde livrar do labyrintho de amor , pois o  
 mesmo fio , que se inventou para o acerto ,  
 he o maior embaraço para a confusão ? Po-  
 rém se *Alcmena* pelas virtudes merece premio,  
 como posso eu prometter lhe castigos ? Mas se  
 hei de conseguir a delicia de *Florida* , e a in-  
 vestidura de *Rei* , em que reparo !

*Canta Tiresias a seguinte*

A R I A.

He tal a esperança	Se em duvida o gosto.
N'hum peito amoroso ,	Suspende o gemido ,
Que o bem duvidoso	Hum bem possuido
Alentos lhe dá.	Que gloria será ! <i>Vai-se.</i>

## S C E N A II.

*Sala. Sabe Saramago.*

*Saram.* **B**Atido de zelos , e combatido de amor  
 se considera este pobre *Saramago* na  
 presente conjunctura. Cornucopia com dous *Sa-*  
*ramagos* , e *Corriola* sem nenhum ! Pois não  
 ha de ser assim. Porém ella cá vem ; quero  
 fingir-me mais amante , fazendo que a não  
 vejo. Ai *Corriola* desta alma , compadec-te  
 de hum pobre *Saramago* , a quem a ardente  
 canicula de teus repudios secca , e murcha a  
 verde medúlla de sua esperança : ai , que me  
 abraço ! Agua para tanto fogo !

*Sa-*

*Iris.* Que he isso , Senhor Saramago ? Agua vai com tanto fogo !

*Saram.* Ai ! Deixa-me , Corriola , que tu es a causa deste mal , que padeço.

*Sabe Cornucopia ao bastidor.*

*Cornuc.* Ai ! Que he aquillo , que vejo ? Saramago , e a nossa hospeda cochichando só , por só ! Ouçamos , o que será.

*Saram.* Corriola , isto não he hum homem , que vio outro ; sou eu mesmo , que te amo até não mais.

*Iris.* Todos assim dizem , quando querem entender.

*Saram.* Se todos assim dizem , que farei eu , que tenho em mim o amor de todos ?

*Iris.* Olha , ainda que eu queira amar-te , por Cornucopia o não faço.

*Saram.* Que se me dá a mim de Cornucopia ? Não mo merece ella tanto.

*Sabe Cornucopia.*

*Cornuc.* Agora isso he defaforo ! O' minha menina , *occulum tuorum*. Faça-me favor de não inquietar os homens casados , que estão em suas casas. Ora o certo he , que *a casa trae el hombre , com que llore*.

*Iris.* Eu não mereço isso a vossa merce , porque sou muito sua veneradora.

*Cornuc.* Vá , vá servir a sua ama , e deixe-me o meu marido.

*Iris.* Temo , que esta velha seja o estorvo da minha pertençaõ.

*à parte. Vai-se.*

*Cor-*

*Cornuc.* E vossê, Senhor Saramago, também como gente namora com essa cara?

*Saram.* E vossê, Senhora Cornucopia, também como gente quer ser zelosa com duas caras?

*Cornuc.* Pois cuidava, que eu não havia de ver o que vossê faz?

*Saram.* Que? Tu tens razão para ter zelos de mim, se eu não sou teu marido Saramago, senão aquelle, que cá esteve, a quem deste de comer, e de beber?

*Cornuc.* Não sejas tonto; não queiras com esse desaforo encobrir a tua pouca vergonha.

*Saram.* Com que vossê quer estar comendo Saramago a dous carrilhos, e Corriola que fique em jejum!

*Cornuc.* Se não viera alli a Senhora Alcmena, eu te respondêra melhor.

*Sabe Alcmena.*

*Alcmen.* Que intentasse Amfitrião persuadir-me, que elle não era o proprio, que comigo esteve! Sem duvida, que a saber de certo, que fallava de veras, perdêra os meus sentidos, e também a paciencia.

*Cornuc.* Senhora, isso senão mete em cabeça de mulher: quem duvida, que o Senhor Amfitrião vinha amassado com este magano de meu marido, para nos fazerem doudas?

*Alcmen.* Também tu me queres fazer desesperar?

*Saram.* Os desesperados somos nós; porque viemos sem ser esperados.

*Cornuc.* Calate, embusteiro.

*Alcmen.* Ai, cala-te, perro.

*Saram.* A isto he que se chama sobre affronta ,  
aperreação.

*Sabem Jupiter , e Mercurio ao bastidor , aquelle  
na fórma de Amfitrião , e este na de Saramago.*

*Merc.* Jupiter , adverte que Amfitrião já veio ,  
e agora he necessario maior indutiria , para  
fingir , e desfazer o que fez Amfitrião.

*Jupit.* Se sabes , Mercurio , que sou Jupiter ,  
para que me encomendas isso ? Vai te para es-  
foutra falla , e impede que não entre Amfi-  
trião.

*Merc.* Eu te obedeço. *Vai-se.*

*Jupit.* Querida Alcmena , parece-me , que tu  
estás mal comigo.

*Alcmen.* Ingrato esposo , eruel Amfitrião , para  
que me dás agora o nome de querida , e  
tão enfurecido te ausentaste de mim , querendo  
affirmar , que não eras tu , o que tinhas  
estado comigo ? Que termos são agora estes  
tão differentes ?

*Jupit.* Foi preciso ao meu amor , dizer-te que  
não era eu.

*Alcmen.* Pois para que fim ?

*Jupit.* Só para que te irritasses comigo , para  
que ao depois poderemos entre nós fazer as  
pazes ; porque o amor he como a Fenix , que  
para renascer mais bello , he preciso que de  
quando em quando se abraze nas charrimas de  
hum arufo.

*Cornuc.* Não o disse eu , Senhora ? Voila merce  
não quer acabar de entender que eu tenho  
meus laivos de feiticeira ? Meu Senhor Am-  
fi-

fitrião , eu sempre dizia que vossa merce estava zombando. *Para Amf.*

*Alcmen.* Daquella forte não se costuma zombar.

*Cornuc.* Tinha bem que ver , que era zombaria. Vossa merce não vio que o Senhor Amfitrião estava piscando os olhos ?

*Jupit.* Vês , *Alcmena* , como *Cornucopia* logo penetrou a minha idéa ? Pois diz-me : quem havia de ser , senão eu ?

*Saram.* Agora isso he mais comprido ? Com que vossa merce , Senhor , diz que esteve cá primeiro , do que aquelle , que cá esteve ?

*Jupit.* Calate louco , que eu fui o mesmo que estive cá.

*Saram.* E quem foi o que trouxe á Senhora *Alcmena* a joia , que eu tinha na algibeira.

*Jupit.* Fui eu , que ta tirei , sem tu sentires.

*Saram.* Pois para que me fez sentir tantos murros , quantos me deo pela joia ?

*Jupit.* Se eu queria fingir , tudo isso havia eu de fazer.

*Saram.* Tudo isso está muito bem : mas diga-me , quem era aquelloutro eu , que cá esteve primeiro do que eu viesse ?

*Cornuc.* Eis-aqui , Senhor , a teima que tem tomado este magano de meu marido , dizendo que tambem elle cá não esteve ; e não ha quem lhe tire isso da cabeça !

*Saram.* Ai , filha , que da cabeça ninguem pôde tirar-me , o que nella se me metteo.

*Cornuc.* Ainda teima ?

*Saram.* Ainda teimo , e reteimo ; juro , e reju-ro ;

ro ; digo , e redigo , que eu , antes de cá vir , já cá estava ; e quando eu cuidei , que era singular , me achei posto no plural ; de forte ; que sendo eu muito apenas hum , agora para mais penas me vejo partido em dous.

*Jupit.* Cala-te , que não sabes o que dizes ; anda , vai-te , e dize a Polidaz , que me venha fallar , que importa.

*Saram.* Eu vou ; mas queira Jupiter que tu te defenganes. *Vai-sc.*

*Jupit.* Ora , Alcmena , basta de enfados ; anda já a meus braços.

*Alcmen.* Não te canfes , que não quero esposo , que com astucias fingidas vem averiguar a minha honestidade.

*Jupit.* Estou perdido ! Alcmena , te enganas , que isso não foi para experimentar-te.

*Alcmen.* Não queiras agora remediar com tão frivolas desculpas o teu delicto , e a tua grande imprudencia.

*Cornuc.* A verdade he , Senhor , que vossa merce escandalizou muito a Senhora minha ama ; arrenego eu de quem tão bem sabe fingir ! Em fim , lá se avenhão , que eu aqui não sou pèga , nem gavião. *Vai-se.*

*Sabe Juno ao bastidor.*

*Juno.* Se será este Jupiter , que segunda vez repete a sua fineza , e a minha offensa ? Mas se elle , como Deidade , sabe enganar os meus olhos , eu , que tambem logro a mesma prerogativa , usarei do mesmo engano. Alcmena , os Deoses te guardem.

*Sabe.  
Alc-*

*Alcmen.* Vem, Felisarda, embora, a ser testemunha, de que Amfitrião diz ser zombaria, quanto afirmou esta manhã não ser o proprio.

*Juno.* Jupiter he sem duvida, que virá a desfazer, o que fez Amfitrião. *á parte.*

*Alcmen.* Que te parece, Felisarda, aquelles enfados, e esta confissão?

*Juno.* Isso póde ser? Já se desdiz, do que com tantas veras afirmou? Certamente, que se fora comigo, nunca mais eu o tornaria a ver; pois deo a entender não menos, que violavas a sua fé.

*Alcmen.* Isso he o que mais me escandaliza, Felisarda.

*Jupit.* Não he justo, Senhora Felisarda, que tambem vos ponhais da parte da minha desgraça.

*Juno.* Ah traidor! *á parte.*

*Jupit.* E assim vos peço, Senhora, que intercedais com Alcmena, para que me perdoe; que só a fim de alcançar o perdão, quero já confesser-me culpado.

*Juno.* Ainda isso me faltava! Pedir-me, que dê armas contra mim! *á parte.*

*Jupit.* Só vós podereis acabar com Alcmena, que acabe o rigor para comigo.

*Juno.* Não sejais importuno, que o vosso delicto nenhum perdão merece; pois eu não sendo Alcmena, a quem offendestes, de sorte me tendes escandalizada, que a ser possível vos desterrára daqui, para não seres mais visto.

*Alcmen.* Bem hajas, Felisarda, que sentes as minhas offensas, como propriamente tuas.

*Canta Jupiter a seguinte Aria , e*

R E C I T A D O .

Já que em tanto tormento não alcanço

Alivio , neste apocrifo delicto

A quem recorrerei , misero amante ?

A quem recorrerei ? A quem , Alcmena ,

Senão ao puro archivo de meu peito ,

Onde os extremos meus , e os meus suspiros

Finalmente exhalados

Poderão commover as duras penhas ,

E os asperos rochedos !

Que talvez nessa barbara aspereza ,

Ache menos rigor , menos dureza.

A R I A .

Pois , tyranna , não te abrandas

De meu peito a amarga pena ,

Dize , ingrata , esquiva Alcmena ,

Que farei por te abrandar ?

A teu idolo adorado

Meu affecto já prostrado

Toda a victima de huma alma

Sacrifica em teu altar.

*Alcmen.* Basta , Amfitrião , que já compadecida  
te perdoe ; pois sei , que todos os teus erros  
nascem de amor.

*Jupit.* Folgo que os conheças ; vamos , Alc-  
mena. *Vão-se.*

*Juno.* Espera : aonde vás , traidor esposo ? Mas  
ai de mim , que só vim a ser testemunha de  
meus zelos ! Oh quem se podéra declarar ago-  
ra ! Mas se me declaro , temo que Jupiter  
irado intente outros absurdos maiores ; pois  
vin-

vingarme-hei dissimulando a dor , para publicar o estrago. *Vai-se.*

S C E N A III.

*Ante-Sala. Sabe Mercurio.*

*Merc.* **N**ÃO sei já quando Jupiter ha de pôr fim a estes amores de Alcmena , pois lembra-me , que nunca taes extremos fez por Europa , Danae , e Leda ! Sem duvida esta lhe cahio mais em graça ?

*Sabe Amfitrião.*

*Amf.* Querer-me persuadir Alcmena , que estive com ella , antes de eu cá chegar , ou he grande malicia , ou grande simplicidade ; e se não he nada disto , não sei o que possa ser !

*Merc.* Aonde vai vossa merce ? Quem busca nesta casa ?

*Amf.* Saramago , não me conheces ? Estás louco ?

*Merc.* Pois eu estou obrigado a conhecer todo o genero humano ?

*Amf.* Não conheces a teu amo ? Que despropósito he esse ?

*Merc.* Eu não conheço por meu amo senão ao Senhor Amfitrião.

*Amf.* Pois quem sou eu ?

*Merc.* Eu sei quem he , nem quem devia ser ? Que me importa a mim isso ?

*Amf.* Ha criado mais desafortado no Mundo ? Guarda-te dahi , deixa-me entrar.

*Merc.*

*Merc.* Que quer dizer entrar ? Assim se entra na casa alheia ?

*Amf.* Homem, tu não sabes quem eu sou ?

*Merc.* Pois quem he vossa merce ? Diga como se chama ?

*Amf.* O' atrevido, tu zombas ?

*Merc.* Oh, chama-se atrevido ? Pois fique-se embora com o seu atrevimento, que não ha licença para cá entrar. *Vai-se.*

*Amf.* Espera, insolente; mas elle fechou a porta : quem se vio em maior confusão, pois até o meu proprio criado me desconhece !

*Sabem Saramago, e Polidaz.*

*Amf.* Esperem, que elle torna a voltar : anda cá, velhaco, que eu te ensinarei, como has de fallar com teu amo. *Dá-lhe.*

*Saram.* A que del Rei, Senhor, porque me dá vossa merce ?

*Amf.* Ainda me perguntas, porque te dou ? Toma, velhaco. *Dá-lhe.*

*Saram.* Isso he hum toma com dous te darei : Senhor Polidaz, acuda-me, senão hoje se acaba aqui a semente dos Saramagos.

*Polid.* Tende mão, Amfitrião.

*Saram.* Não lhe diga, que tenha mão ; que isso tem elle a desancar.

*Polid.* Porque causa castigais a Saramago ?

*Amf.* Polidaz, perdoai-me, que cego da paixão não reparei, que estaveis aqui.

*Polid.* Pois que vos fez Saramago ?

*Amf.* Eu não me arrevo a dizello ; quero que elle mesmo vo-lo diga.

*Polid.* Saramago, que fizeste a teu amo?

*Saram.* Meu amo, que lhe fiz eu?

*Polid.* Ati he que eu to pergunto; dize.

*Saram.* Senhor Polidralho, eu não me lembro, que lhe fizesse cousa alguma.

*Amf.* Isto me desespera: já te não lembra? Pois leva para que te lembres. *Dá-lhe.*

*Saram.* A dar-lhe, a dar-lhe, outra vez; ora balsa, senão olhe que hei de resistir á justiça.

*Polid.* Ora saibamos já, que caso he este?

*Amf.* Que ha de ser, Polidaz? Chegar agora aqui, e este magano impedit-me a entrada da porta, e dar-me com ella nos narizes, depois de me responder varias liberdades.

*Saram.* E quando foi isso?

*Amf.* Agora, agora neste instante; já te esquece?

*Polid.* Esperai, que isso não póde ser, porque Saramago veio comigo de minha casa, aonde me foi chamar da vossa parte.

*Amf.* Eu por ventura mandei chamar a Polidaz?

*Saram.* Ui, Senhor, vossa merce não se lembra, quando estava com a Senhora Alcmena, não haverá elle hum quarto de hora? E por final que estava ella muito agastada com vossa merce, porque vossa merce negou, que vossa merce estivera com ella; e tanto assim, que vossa merce prostrado, e rendido, lhe pedio mil perdões.

*Amf.* Callate, Saramago, que não quero ainda fazer patente a minha afronta, sem averigual-la primeiro. (Assim evitarei, que este criado

a patentee aqui. *á part.* ) Polidaz , ide-vos , que por ora vos não posso fallar ; eu vos avisarei , quando ha de ser.

*Saram.* Escute , escute , e por final que vossa merce estava com a Senhora....

*Amf.* Calte , calte , Saramago , que importa affim. Polidaz , ide-vos , que em outra hora será.

*Polid.* Deos vos guarde. Amfitrião parece que tem alguma grande pena , pois que tão afflicto está ; se he o que eu cuido , razão tem.

*á part. Vai-se.*

*Amf.* Com que effe , que lá estava , mandou por ti chamar a Polidaz ?

*Saram.* Não lho disse já huma vez ?

*Amf.* E parecia-se comigo ?

*Saram.* Pois vossa merce não se ha de parecer comigo ?

*Amf.* Saramago , affirmo-te que não fui eu o que lá estive.

*Saram.* Como não , Senhor , se eu o vi com estes olhos ramelosos ?

*Amf.* Estarás allucinado.

*Saram.* Senhor Amfitrião , o que lhe digo he , que trate de se despicar , já que se acha tão bem armado.

*Amf.* Por certo que me não faltão brios , e armas.

*Saram.* Sim , Senhor , brios , armas , e armações , não nos faltão.

*Amf.* Porém , em que me detenho , que não you já castigar a causa de minha offensa ?

*Saram.* Não póde ser , que a porta está trancada.

*Amf.*

*Amf.* Arrombarei a porta , ainda que seja de bronze ; ajuda-me , *Saramago*.

*Saram.* Metamos a porta dentro , e vá pela porta fóra este magano : vamos , Senhor , a investir estes inimigos da nossa honra. Leve vossa mercê a ponta direita do exercito , como mais valente , que eu levarei a esquerda : toque , pois , a investir o clarim do despique :  
*strepere cornua cantu.*

*Amf.* Lá vai a porta dentro.

*Saram.* Lá vai o couce da porta com hum couce de *Saramago*.

*Fazem estrôndo , e sabe Jupiter.*

*Jupit.* Quem he o atrevido , que ousa a fazer tão grande estrôndo na minha casa ? Mas que vejo ! Este he *Amfitrião* ! *á parte.*

*Amf.* Que he o que estou vendo ! Outro eu aqui !

*Jupit.* Toda a minha divindade parece , que titubea irresoluta no que ha de fazer. *á parte.*

*Amf.* He caso fóra da ordem natural , estar eu vendo outro *Amfitrião* tão semelhante a mim !

*Saram.* Ficarão pasmadinhos , olhando hum para o outro ; e com razão , que o caso he para pasmar.

*Jupit.* Que te admira ? Que te suspende ? Se estás acaso arrependido dessa desatenção , que em minha casa fizeste , eu te perdoo , pois sem duvida erraste a porta.

*Amf.* Barbaro , insolente , não he pasmo esta suspensão , he sim admirar o teu insulto , e excogitar hum novo castigo a tanta temeridade.

*Saram.* Esperem , Senhores Amfitriões ; antes que se matem hum ao outro , deixem-me chamar quem os aparte : O' lá de dentro , venhão a apatar o fangue , que se matão dous novilhos.

*Sabe Alcmena.*

*Alcmen.* Que alboroto he este , Amfitrião ?

*Amf.* Com quem fallas , tyranna , e fementida traidora ?

*Alcmen.* Meu esposo , meu bem , que te fiz eu !

*Jupit.* Que he isso , Alcmena ? Tu tens outro esposo senão eu ?

*Alcmen.* Agora reparo ; que he o que vejo !

*Amf.* Que vês , tyranna ?

*Jupit.* Que vês , aleivosa ?

*Alcmen.* Suspendedei a ira , que sem razão me criminalis ; pois confusa entre tanto enleio , não sei distinguir , qual de vós he o verdadeiro Amfitrião ; e assim para que não chegue a offender a quem por obrigação devo amar , vos rogo me digais , qual de vós he o meu esposo ?

*Jupit. e Amf.* Sou eu.

*Alcmen.* Ambos , como pôde ser ?

*Jupit. e Amf.* Não , Alcmena , sou eu só.

*Alcmen.* Se ambos affirmais que o sois , venho a entender , que nenhum de vós he meu esposo.

*Saram.* Essa he a verdade , Senhora Alcmena , que nunca se vio hum galinha para dous galos.

*Sabem Juno, e Iris.*

*Juno.* Alcmena, venho a concluir a minha historia.... Mas ai de mim! Que vejo! Jupiter, e Amfitrião são estes; porém tão parecidos, que os não sei distinguir. *á parte.*

*Alcmen.* Felisarda, com justa causa te admira, se bem que huma só admiração não basta para este tão extraordinario caso.

*Iris.* A' vista desta confusão bem podemos desmaiar na nossa empreza.

*Amf.* Quem se vio em maior labyrintho!

*Juno.* Quem se vio em maior consternação!

*Sabe Cornucopia.*

*Cornuc.* Estará aqui o Senhor Amfitrião?

*Jupit. e Amf.* Que quereis?

*Cornuc.* Ui! Que he isto? A que del Rei; isto he feitiçaria!

*Saram.* Calate tola; eis-aqui como me acho eu *verbis illis.*

*Cornuc.* Que he isto, Senhora, que vejo? Dous Amfitriões não menos?

*Saram.* Has de dizer dous maridos não mais?

*Jupit.* Alcmena, vamos para dentro, que eu prometto castigar esse fingido traidor.

*Amf.* O que eu hei de dizer, dizes tu? Tu he que és o fingido, e traidor.

*Jupit.* Está bem; anda Alcmena.

*Amf.* Alcmena, anda comigo, que o teu esposo sou eu.

*Saram.* Parece-me isto o jogo do arreburinho.

*á parte:*

*Jupit. e Amf.* Vamos, Alcmena.

Cada hum pelo seu braço ao lado puxando por Alcmena.

Alcmen. Justos Deoses, quem se vio em maior confusão!

Jupit. Ainda recusas ir comigo?

Amf. Ainda resistes a acompanhar-me?

Alcmen. Eu não posso ser de dous ao mesmo tempo.

Saram. Partilla em dous pedaços, e cada hum leve o seu taçaiho.

Amf. Alcmena ha de vir comigo a pezar de toda a resistencia.

Jupit. Tu te atreves a resistir-me? Vem, Alcmena.

Alcmen. Felizarda, que farei neste caso?

Juno. Eu to digo. Já que estes Senhores ambos dizem que são teus esposos, o que não pôde ser, senão hum só; neste caso, por não fazer equivocca a eleição, a ambos desprezará, até ver qual delles he o verdadeiro Amfitrião.

Cornuc. Deu no trinco a Senhora Felifarda.

Amf. Pois, Alcmena, que determinas?

Alcmen. Eu não hei de seguir a nenhum, porque nenhum se offenda.

Amf. Logo tu, tyranna, crês que eu não sou o verdadeiro Amfitrião?

Jupit. Logo tu, inimiga, te persuades, que o verdadeiro Amfitrião não sou eu?

Alcmen. Porque ambos dizeis, que sois verdadeiros, por isso algum de vós ha de ser fingido.

*Jupit. e Amf.* O fingido he este. *Aponta hum para o outro.*

*Jano.* Alcmena, faze o que te digo, e deixa elles loucos.

*Amf.* Esperai, que logo mostrarei qual he o verdadeiro Amfitrião.

*Alcmen.* De que sorte?

*Amf.* Marando a este traidor.

*Saram.* Isso he que com a morte tudo se acaba.

*Jupit.* Se me pertendes matar, não seja aqui dentro de casa; vamos para fóra, e lá verás como castigo a tua insolencia.

*Amf.* A minha cólera não espera por dilatações; aqui mesmo ha de ser o teu castigo, para que se banhe o rosto de Alcmena com os salpicos do teu sangue.

*Saram.* Tomára ella mais essa untura na cara.

*Jupit.* Já te entendo: queres brigar dentro de casa, para que te acudão as mulheres? Pois não ha de ser assim.

*Cantão Jupiter, Amfitrião, Alcmena, e Saramago, e ao mesmo tempo, puxando pelas espadas, briga Amfitrião com Jupiter, e Alcmena cantando procura juntamente apartallos.*

A R I A 4.

*Jupit.* Traidor fementido,  
Teu justo castigo  
Não busques na casa.  
No campo o verás.

*Amf.* Traidor inimigo,  
No campo, e na casa

Teu

Teu justo castigo  
Cobarde acharás.

*Saram.* Armou-se a pendencia ?

Pois eu neste canto  
Me quero agachar.

*Alcmen.* Esposo, suspende

Teu ímpio furor.

*Para Amf.*

*Amf.* Aparta, inhumana.

*Jupit.* Que dizes, tyrauna ?

*Alcmen.* Esposo, suspende

Teu ímpio furor.

*Para Jupit.*

*Saram.* O demo da tolla

Só sabe dizer :

Esposo, suspende } *Em falsete.*  
Teu ímpio furor. }

*Amf. e Jupit.* Traidor fementido,

*Amf.* Na casa,

*Jupit.* No campo,

*Amf. e Jupit.* Teu justo castigo

Cobarde acharás.

*Amf.* Vem a ver o teu estrago

*Jupit.* Vem a ver o meu impulso.

*Saram.* Eu por mim já estou sem pulso.

*Alcmen.* Contra mim voltou a ira ;

Porque quem afflicta expira

Já não teme de acabar.

*Desmaia Alcmena nos braços de Juno.*

*Cornuc.* Ai, que se desmaiou a Senhora Alcmena ! Eis-aqui o que vossas mercês fizerão com os seus desaios.

*Jupit.* Desmaiou-se Alcmena !

*Amf.* Alcmena com desmaio !

*Cornuc.* Sim, Senhores, e com hum desmaio bem grande.

*Saram.* Não se assustem, que não he cousa de cuidado; he hum desmaio accidental.

*Jupit.* Felizarda, em quanto vou buscar-lhe o remedio, tem cuidado na saude de Alcmena.

*Vai-se.*

*Amf.* Até essa piedade me offende: espera, traidor, aleivoso, que ainda que fique Alcmena nos ultimos parocismos da vida, hei de seguir-te; pois primeiro está a minha vingança.

*Vai-se.*

*Saram.* Senhora Felizarda, não consinta, que a Senhora Alcmena torne a si do desmaio, que eu lhe vou buscar hum remedio, para tornar a si.

*Cornuc.* Que remedio he, Samarago?

*Saram.* He agua de flor de sabugo, que meu amo agora destilou pelo lambique da tétta.

*Vai-se.*

*Juno.* Que haja eu de ser compassiva por força com quem me offende! Oh que ventura seria a minha, se tu, Alcmena, desse letargo nunca tornasses!

*á parte.*

*Iris.* Se te cahio nas mãos, quem te offende, vingá-te agora.

*Juno.* Ha de ser mais patente a minha vingança.

*Cornuc.* Cihem que está bem metida no desmaio! Ah Senhora? Qual! Eu cuido, que ella está morta.

*Juno.* Não fora essa a minha ventura.

*á parte.*

*Cor-*

*Cornuc.* O' minha Senhora? O' minha menina?

*Alcmen.* Ai de mim infeliz!

*Cornuc.* Alviçaras, que já tornou a si.

*Juno.* Ai de mim infeliz também; pois quando tu tornas de hum desmaio, eu entro em outro!  
á parte.

*Alcmen.* Felizarda, Cornucopia, que he isto? Aonde estou eu?

*Cornuc.* Estás neste Mundo, podendo estar no outro.

*Alcmen.* Em que parou o desafio desses dous Amfitriões?

*Juno.* Forão-se, vendo-te desfaiada.

*Alcmen.* E sabes se hirião a proseguir o desafio.

*Juno.* Ainda te dá cuidado a vida de dous alevosos?

*Alcmen.* Não vês que sempre hum delles ha de ser verdadeiro, e por isso sempre interesse na vida de hum delles?

*Cornuc.* Deixemos isso, Senhora, que eu confio em Jupiter, que elle ha de aclarar este enigma; e agora que estamos sós, era razão que a Senhora Felizarda acabasse a historia da sua peregrinação, que estou reben-tando para ver-lhe o fim.

*Alcmen.* Será em outra occasião, que por ora não quero saber mais de penas, que á vista desta historia da minha vida nenhuma outra póde competir.

*Cornuc.* Ai, Senhora, deixe-a contar, que já lhe faltava pouco; e por final que ficou a his-

historia onde dizia: hum mancebo muito juvenil.

*Alcmen.* Não faltará tempo para isso. O' Deuses, quando terão fim os meus males? *Vai-se.*

*Juno.* Vai-te, tyranna, occasião de minhas penas, que eu te juro, que os teus males não terão fim, por mais que o queirão os Deuses. *Vai-se.*

*Íris.* Se Jupiter a defende, serão baldados os teus intentos. *Vai-se.*

*Cornuc.* Pois tinha tal vontade de saber o fim da historia desta mulher, que se eu estava prenhe, não deixava de mover; que a meu ver ha de ser galante historia; porque a tal mulher he muito perliquitera, e muito entremetida; de sorte, que não havendo hum dia, que está nesta casa, já nos quer governar, e com tudo se quer meter.

*Sabe Mercurio.*

*Merc.* Venho com cuidado, se se encontraria Jupiter com Amfitrião, que seria hum encontro mui desgraçado; porém peor encontro he o meu com esta velha; tomara-me ir sem que ella me veja. *á parte.*

*Cornuc.* Aonde vás, Samarago! De quem foges? De quem te escondes?

*Merc.* Pescou-me, não tem remedio.

*Sabe Saramago ao bastidor.*

*Saram.* Agora me ordena hum de meus amos, que venha saber se Alcmena tornou do desmaio; porém máoxas que eu torne com a reposta: Mas esperem vossès, que lá vejo qu-

tro Saramago nascido na minha horta : mas eu lhe arrancarei as raizes.

*Cornuc.* Dize-me : porque fugias de mim ? Que mal te tenho eu feito ? Assim pagas o meu amor ?

*Saram.* Ai , que a mulher faz venda do seu amor , pois quer que lho paguem.

*Merc.* Não sejas desconfiada ; que se eu te não quizer , quem te ha de querer com esta cara ?

*Cornuc.* Ui ! De veras ? Com que esta cara já tem bichos ?

*Merc.* Pelo que ella me fede , cuido , que já tem bichos , e varejas.

*Saram.* Tambem a mim já isto me vai cheirando muito mal.

*Cornuc.* Tomára que me dislelles , porque razão foges de mim , ao mesmo tempo que eu por ti morto !

*Saram.* Calte , que tu morrerás de verdade.

*Merc.* Cornucopia , já não te posso aturar os teus despropósitos ; que tẽ faço eu mulher ?

*Cornuc.* Pois não he defamor o ver que entre tantos despojos da campanha , não achaste para trazer-me alguma joia prima com irmã daquella , que o Senhor Amfitrião trouxe ?

*Merc.* Não te desconsoles , que alguma cousa trago para ti da campanha.

*Cornuc.* Que me trazes da guerra ?

*Merc.* Trago-te hum balla.

*Cornuc.* Só isso me podias tu trazer.

*Merc.* Não cuides que isto de balla he cousa de pe lla.

*Saram.*

*Saram.* Traga-lhe huma joia de pedras cornolinas.

*Cornuc.* Só te digo, que não dá quem tem, senão quem quer bem.

*Mer.* Quem não tem, não pôde dar; e quem quer bem, dá abraços; e assim se queres hum, toma-o depressa.

*Cornuc.* Aceito, por não ser descortez.

*Saram.* Agora isso he mais comprido. *Sabe.*

Guarde os seus abraços, que para isso estou eu.

*Cornuc.* Que diabo he isto! Outro Saramago?

*Saram.* Sim, Senhora; outro Saramago; mas eu não sou outro, senão es'outro, que ahí está nês'outra tua ilharga.

*Merc.* Vossê he tollo? Diz-me que sou outro? Não sabes que outro he burro?

*Saram.* Não me volte os sentidos da oração, o que digo he, ser cousa escandalosa dar vossa mercê abraços em minha mulher.

*Merc.* Qual mulher?

*Saram.* Esta, que aqui está; não a enxerga?

*Merc.* Enxerga he parenta da albarda; albarda he cousa de burro; e veio-me a chamar outra vez burro.

*Saram.* Senhor meu, enxerga he cousa de palha, e eu entendo, que vossa mercê quer empalhar este negocio a minha mulher.

*Merc.* Pois isto he mulher?

*Saram.* Diz ella que sim: O' mulher, defengana a este Senhor; dize, tu não hes mulher?

*Cornuc.* Para servir a vossas mercês.

*Mer.*

*Merc.* Pois eu até aqui cuidei que era homem.

*Saram.* He boa casta de homem, huma mulher desta casta.

*Cornuc.* Senhores , eu desde que nasci até o presente sempre fui mulher ; e daqui para diante não sei o que virei a ser ; que quem está neste Mundo , não póde dizer desta agua não beberci ; e pois já sabeis , que eu sou mulher , tomára que me dissesseis , qual de vós he o meu homem ?

*Merc.* O' infame , duvidas que eu seja o teu marido ?

*Cornuc.* Na verdade , que aquelle tanto se parece contigo , que eu não sei qual he o verdadeiro.

*Saram.* Eu devia nascer com o mesmo fadario de Amfirrião.

*Merc.* Agora me lembra : tu não és aquelle , que esta madrugada ficaste comigo de ser coufa nenhuma ? Pois como agora te fazes Saramago ?

*Saram.* Eu , ainda que me faço Saramago , não me contrafaço.

*Merc.* Não queres acabar de crer que és hum ninguem ?

*Saram.* Se eu sou ninguem , logo sou alguma coufa ?

*Mer.* Alguma coufa és , porém és huma coufa postixa , e fingida.

*Saram.* Ora , Senhor , diga-me por vida sua , pois vossa mercê he Saramago ?

*Merc.* Não te convence esta fôrma , e esta figura ?

*Saram.* E a vossa mercê não o convence tanto  
bem esta figura , este bunecro ?

*Cornuc.* O calo he que são bem semelhantes.

*Merc.* Logo somos dous verdadeiros Saramagos ?

*Saram.* Dous Saramagos , isso sim ; porém dous  
Saramagos verdadeiros , isso não.

*Merc.* Se tu dizes , que sou Saramago , como  
negas , que sou verdadeiro ?

*Saram.* Porque bem podes ser Saramago ; porém  
Saramago mentiroso.

*Merc.* A natureza , que me fez estas feições , e  
todo este todo , havia mentir ?

*Saram.* Tambem a natureza póde mentir ; pois  
não falta quem minta por natureza : *Verbi  
causa* : viste no arco da velha aquellas co-  
res , com que a natureza o veste de mil co-  
res ? Pois sabe , que não são cores , senão hu-  
ma apparencia enganosa , e hum equivoca-  
ção dos olhos : eis-ahi sem mais , nem mais  
a tua figura ; pois ainda que te ostentes Sa-  
ramago verde , ou Saramago azul , para corar  
o arco desta velha ; com tudo nem és verde  
nem azul , nem Saramago , senão hum en-  
gano dos olhos , e hum lograsão da fantasia.

*Merc.* Se eu tenho as propriedades do arco da  
velha : logo esta velha he minha de proprie-  
dade ?

*Cornuc.* Senhores meus , se isto he feitiçaria ,  
eu renuncio o pato , ainda que seja com ar-  
roz ; o que lhe digo he , que concluaó lá  
comfigo qual he o meu marido.

*Merc.* Mulher , deixa-me , que eu desenganarei

a este louco : ouves tu , manda vir hum espelho.

*Saram.* Para que he o espelho.

*Merc.* Para que te vejas , e cotejes nelle a tua cara com a minha , para que te defenganes , que sou Saramago.

*Cornuc.* Assim he : Saramago , vai buscar o espelho só para que este Senhor não fique com a sua.

*Saram.* Que importa não fique ao depois com a sua , se em quanto eu vou buscar o espelho , elle fica com a minha , ficando comigo ?

*Merc.* Cornucopia por ora não he minha , nem he tua : vai buscar o espelho , que eu espero.

*Saram.* Pois espera , que eu vou , e venho. *Vai-se.*

*Cornuc.* Homem , que he isto ? Tu te tornaste em dous ?

*Merc.* Tu , leviana , he que queres ser do genero commum de dous.

*Cornuc.* Eu não sou commua , tu bem o sabes.

*Merc.* Se és commua para dous , ou se és privada para elle , eu não o sei ; porém , que queres , que diga , vendo entrar hum homem nesta casa , e dizer , que tu és sua mulher ?

*Cornuc.* Não te admires disso , porque á Senhora Alcmena lhe succedeo o mesmo com outro Amfitrião , que aqui anda como duende ; e ainda agora estiverão para se matar hum ao outro , como tu bem viste.

*Merc.*

*Merc.* Em grande aperto se veria *Jupiter*. á p.  
*Cornuc.* E assim sem razão me accusas, quando vês que estou sem culpa.

*Merc.* Pois eu te prometto, que esse velhaco pague o engano, que fabrica:

*Sabe Saramago com o espelho.*

*Saram.* Este ha de ser o juiz da nossa causa.

*Merc.* Pois adverte, que tens bom juiz; porque hum juiz, para ser bom, ha de ser como hum espelho, aço por dentro, e chrystal por fóra. Aço por dentro, para resistir aos golpes das paixões humanas, e cristal por fóra, para resplandecer com virtudes; e hum Juiz desta sórte he o espelho, em que a República se revê.

*Saram.* Quanto ao Juiz estamos nós bem, salvo as molduras; que para os lados de hum Juiz, cousa que se molda, não lhe vem de molde.

*Merc.* Bastão já tantas alneiras; anda, vê-te ao espelho.

*Saram.* Agora me lembra; eu ao espelho não quero ver-me.

*Cornuc.* Qual he a razão?

*Saram.* Porque não quero, como *Narciso*, namorarme de mim mesmo.

*Merc.* Seguro estás, que te não succederá outro tanto.

*Saram.* Porque o diz vossa merce? Porque sou feio? Pois saiba que muita gente se namora de cousas feias.

*Merc.* Anda, vê-te ao espelho.

*Saram.* Ora vamos a isso : eu vou tremendo , não me pareça eu com elle. A Ninfa Syringa seja em minha ajuda.

*Canta Saramago , vendo-se ao espelho , a seguinte*

A R I A.

He verdade ! Eu sou aquelle ;

E tambem aquelle he eu !

Esta boca he como a delle ,

O nariz he como o seu !

Ora estou defenganado ,

Que eu , e elle , e elle , e eu

Não se póde distinguir.

*Cornuc.* Pois que dizes ? He , ou não he ?

*Saram.* Leve o diabo o espelho , pois tão mentiroso he. *Atira com elle , e quebra-o.*

*Cornuc.* Ai que me quebrou o consultor da minha belleza ! Que ha de ser deste desgraçado rosto sem o seu espelho ?

*Saram.* Anda , aproveita os pedaços , que ainda terás vidros para rapar essa cara.

*Merc.* Pois que vai ? Te pareces comigo , ou não ?

*Saram.* Eu não me pareço contigo ; tu he que te pareces comigo.

*Merc.* Seja o que for , o ponto he , que sejamos parecidos.

*Cornuc.* Basta , que o dissesse o meu espelho , que he mui verdadeiro : mas ai meu espelho !

*Merc.* E agora , que resolves ?

*Saram.* Em ser apostêma em té arrebentar.

*Merc.* Já que és apostêma , sabe que nenhuma materia tens , para affirmares , que Cornucopia he tua mulher.

*Saram.* Que maior razão pôde haver, para que ella seja mais tua, do que minha, se ambos somos Saramagos, como disse o juiz do nosso espelho?

*Merc.* Porque eu sou Saramago verde, e tu fingido.

*Saram.* Não vês esta cara, e esta figura? Certo que a natureza não pôde mentir.

*Merc.* Respondo com aquillo do arco da velha.

*Saram.* Pois partamos o arco, que ambos triunfaremos.

*Merc.* Não Senhor; *aut Caesar, aut nihil.*

*Cornuc.* Nem eu consinto, que se parta o meu arco; tomára eu maior donaire.

*Saram.* Pois se quer, partamos o nome de Cornucopia.

*Merc.* Na solfa do amor, não ha partitura.

*Cornuc.* Nem o meu nome se pôde partir, que he muito duro.

*Saram.* A'gora não, sabes de que modo?

*Merc.* Dize.

*Saram.* Partida Cornucopia, tu ficarás com a copia de seus carinhos, e eu com o resto do seu nome.

*Merc.* Isso he o mesmo, que ficares tu com a copia, e eu com o original.

*Cornuc.* Senhores, concluamos: de duas huma, ou ser de hum só, ou não ser huma de dous.

*Merc.* Dizes bem; anda comigo, Cornucopia, que eu sou teu marido.

*Saram.* Anda comigo, que teu marido sou eu

*Cornuc.* Eu aqui estou ; quem mais força tiver, esse me levará.

*Merc.* Tu não ouves ? Anda comigo.

*Saram.* Anda comigo ; tu és surda ?

*Cornuc.* Tenhão mão , que eu para péla sou muito pouco enfeitada.

*Merc.* Tu , maroto , queres experimentar a minha furia ?

*Cornuc.* Senhores , não se matem por cousas poucas.

*Merc.* Isto não se leva senão desta sorte. *Brigão.*

*Saram.* Ai de mim , que este homem quer que eu seja duas vezes paciente !

*Cornuc.* Tem mão , Saramago.

*Merc.* Não quero ter mão , só por ter pé de dar muito couce neste magano.

*Saram.* Pois eu ainda tenho mãos , para ter mão neste pé.

*Cornuc.* Isto não se aparta , senão com hum desmaio , como fez Alcmena. *á parte.* Acudão , Senhores , que me desmaio ? *Desmaia-se.*

*Saram.* Ai , que se desmaiou Cornucopia tambem como Alcmena ! Ah Senhor , façamos treguas , para enterrar este defunto.

*Merc.* O desmaio de Cornucopia te deu vida.

*Saram.* Por tua culpa se desmaiou esta flor , ou para melhor dizer derramáráo-se as flores desta Cornucopia.

*Merc.* Isso não pôde ser desmaio , será algum estupôr.

*Saram.* Porque ? Cornucopia não he muito capaz de se desmaiar ?

*Merc.*

*Merc.* Os desmaios são para as filis, e não para as dragoas.

*Saram.* Pois entendamos, que he hum desmaio *ad stuporem*; e assim levemos a *Cornucopia* para dentro, para ver se torna em si.

*Merc.* Leva-a tu só, já que dizes que és seu marido.

*Saram.* De sorte que vossê ha de levar as propinas de marido, e eu hei de aturar os encargos do matrimonio?

*Merc.* Faça o que lhe digo, e tenho dito. Ora tu verás o que te succede. *á part. Vai se.*

*Saram.* Visto isso fcrei duas vezes paciente; mas eu não me atrevo só a carregar com esta balêa. Irra, como peza! Agora vejo que isto nem he accidente, nem desmaio; he pezadello: Ora vamos arrastando este fardo, que quem atura a carga, he bem que leve a buxa. Oh quanto me peza o teu desmaio! *Vai se.*

*Haverá muita gritaria, e Cornucopia se transforma em hum Anão.*

#### S C E N A IV.

*Bosque. Sabe Juno.*

*Juno.* **V** Erdes alamos desta Selva, symbolo da inconstancia de hum esposo, que sendo Deidade por natureza, parece que tem por natureza o ser inconstante: incultas flores, que neste campo sem artificio produzio a Primavera retrato do instantaneo bem, que pos-

fuos ; pois a gloria , que devêra lograr eterna , hum esposo faz , com que seja momentanea : despenhado arroio , que em precipicios de neve sois imagem de meu pranto , que podendo eu emprestar rizo á mesma Aurora , hum esposo tyranno a tantos suspiros , e lagrimas me provoca ; e assim já que o furor dos zelos me incita , basilisco ferei entre elles ramos , aspide entre estas flores , crocodilo entre estas aguas ; pois basilisco , aspide , e crocodilo tudo são zelos. He possivel , que me veja eu sem Jupiter , e Alcmena com elle ! Alcmena logrando os seus carinhos , e eu sentindo os seus repudios ! Oh não sei como não abraço a esfêra do fogo , com o fogo dos meus zelos !

*Sabe Jupiter na forma de Amf.*

*Jupit.* Viste acaso por aqui Alcmena ?

*Juno.* Se buscas a Alcmena , Amfitrião , te direi onde ella está ?

*Jupit.* Esta cuida que sou Amfitrião. *á part.* Verdade he , Felisarda , que busco a Alcmena , para allivio da chamma , em que me abraço.

*Juno.* Pois ella agora ficou no jardim , vai sem dilacão a vingar-te ; que seria deslustre da tua pessoa , sabendo vencer a tantos inimigos na campanha , não saber castigar a huma mulher , que o teu credito desdoura.

*Jupit.* Muito te devo , Felisarda , pois com tanta efficacia me persuades purifique a minha honra , vendo tambem o quam pouco te deve Alcmena , pois tanto sollicitas a sua morte. Ah traidora !

*á parte.*  
*Ju-*

*Juno.* Nada me deves nisso , pois esta efficacia nasce do desejo , que tenho de te não ver infamado , quando sei és digno de mais heroica fama ; e em quanto a dizes que pouco me deve Alcmena , tambem importa pouco , que se arranque do Mundo hum infame padrão , que defauthoriza a honestidade , que deve conservar huma mulher de bem.

*Jupit.* Pois tu verás de que fórte eu me vingo. Não vi mais tyranna mulher ! *á part. Vai-se.*  
*Em quanto Juno , voltada para hum lado , diz o que se segue , sabirá Amfitrião , e se porá no mesmo lugar , onde Jupiter estava , com espada na mão.*

*Juno.* Quando se perca o conselho , ao menos defafogo a minha dor ; mas que he isso Amfitrião ? Se já desembainhaste a espada , para que dilatas o castigo de huma traidora ?

*Amf.* Hoje verá o mundo correr do peito de Alcmena , e daquelle fementido traidor , dous rios de sangue , para nelles purificar as manchas da minha honra.

*Juno.* Não te esperava menos do teu brio ; e pois Alcmena está no Jardim , faze com que as suas flores todas sejam purpureas , regando-as com o sangue dessa , que te offende.

*Amf.* O meu brio não necessita de estímulos , para a vingança , bastante causa são os meus zelos , sufficiente incentivo he a minha afronta : verás , Felisarda , embainhar nos peitos desses dous traidores esta espada , para que paguem com a vida os seus delictos. *Vai-se.*

*Juno.* Ai infeliz , que não sabes , que o traidor-  
que te offende , vive isento da tua furia , pe-  
la immortalidade que goza !

*Sabe Saramago ao bastidor.*

*Saram.* Hei de apurar a panella do amor , ainda  
que chegue a comer salgado. Verei agora en-  
tre estas ramas escondido , em que pára isto  
de Cornucopia , para vingar a minha afronta ;  
pois quero que saiba o Mundo , que eu não  
sou Cornelio Tacito.

*Sabe Tiresias.*

*Tires.* Flerida , que delicto commettêrão os meus  
olhos , para que os castigues com a privação  
de tua formosura ?

*Saram.* Ui , Felisarda chama-se Flerida ! Boni-  
to ! Ora isto ha de ser galante ! *Audiamus.*

*Juno.* Tiresias , tu contas os instantes que me  
não vez , mas não numéras as dilações , que  
fazes em cumprir o que prometteste sobre a  
vingança de Alcmena.

*Tires.* Como he possível , que em tão poucas ho-  
ras pudesse executar o teu preceito ? Estes tron-  
cos não nascêrão sem tempo , nem estas plan-  
tas se produzirão em hum instante ; primeiro  
se ha de semear a zizania , para se colher o  
fructo da vingança.

*Saram.* Zizania temos ? Alguma cousa querem  
estes furtar a Alcmena.

*Juno.* Se Alcmena fora complice de algum de-  
licto , que fineza me fazias tu em castigalla ?

*Tires.* Tambem poderia eu dissimular o seu de-  
licto.

*Juno*. Cala-te, traidor, falso; já te arrependes do que me tens promettido? Se te não move o feres Rei de Tebea, bastava a confissão que fizeste do teu amor: vai-te, que em corações tibios se não pôde conservar amor constante.

*Tires*. Meu bem, suspende os rigores, porque eu...

*Juno*. Já sei que como também amas a Alcmena, por isso compassivo recusas o castigalla.

*Tires*. O' Flerida, para que vejas frustrada a tua presumpção, dize, de que sorte te queres ver vingada de Alcmena?

*Saram*. Agora, Saramago, oreiha de palmo.

*Juno*. Agora que Alcmena se acha no jardim, era boa occasião de a matares, e nunca poderás ser complice na sua morte; pois sem duvida se ha de attribuir o deliêto a Amfirião, como offendido das leviandades de Alcmena.

*Saram*. Não he cousa de cuidado, he só hum pão por hum olho.

*Tires*. Que leviandades são as de Alcmena? Peço-te que mas refiras?

*Juno*. Que? Tens zelos?

*Tires*. Se cuidas que o pergunto por isso, já o não quero saber; só sim executar os teus preceitos.

*Juno*. Pois sabe que o meu amor será o menor premio dessa fineza.

*Tires*. Ai, Flerida, se o teu amor he a menor fineza, qual será a maior do teu amor?

*Juno*. Anda, vai, não te dilates.

Tiresf. Pois , Florida , eu vou ; adverte que por ti farei muitos impossiveis. *Vai-se.*

Juno. Bom he prevenir o golpe com dous tiros ; pois no caso que se erre o golpe de Amfitrião , se acerte o de Tiresias ; que he justo haver para duplicadas offensas duplicadas vinganças.

*Sabe Saramago.*

Saram. Vou depressa avisar a Alcmena disto , que agora ouvi ; que ao menos acho que me dará hum bom premio.

Juno. Ai de mim , que este criado me esteve ouvindo ! Porém eu te suspenderei os passos , para que não noticias a Alcmena o que ouviste. *á parte,*

Saram. Tomára ter azas nos pés , para hir *ad bolandum.*

Juno. Converto-te em tronco , para que não possas passar dahi. *Vai-se*

*Converte-se Saramago em arvore.*

Saram. Que diabo he isto ? Que terei eu nos pés , que não posso andar ? Que remota terreste me suspende o impulso dos joanetes ? Quem me agarrá nos pés ? A que delRei ladrões : mas que vejo ! Eu estou convertido em arvore , de que não ha duvida ! As pernas , e coxas , são troncos , e o mais esgalhos , e folhas ! Quem me fez este beneficio , suppoz que eu era algum cepo : andar , aqui farei penitencia dos meus peccados ; e já que me acho convertido , será para mim esta arvore de penitencia.

*Sabe Cornucopia com hum pão na mão.*

*Cornuc.* Que diabo terá este Saramago, que tanto tarda em vir ajudar-me a varejar a azeitona? Saramago? Saramago?

*Saram.* Que me queres, Cornucopia?

*Dentr. Merc.* Cornucopia, já vou.

*Cornuc.* Chamo por hum, e me respondem dous! Estou bem aviada, se se encontrão outra vez os dous Saramagos! Anda depressa, Saramago.

*Saram.* Tem paciencia, que não posso ir, nem depressa, nem de vagar.

*Cornuc.* Aonde estará este maldito, que me responde?

*Sabe Mercurio com hum pão na mão.*

*Merc.* Que pressa tens? Não te respondi, que já vinha?

*Cornuc.* Sabes porque? Quando te chamei, me respondeo aquelouiro Saramago fingido, e temo que aqui venha a dar comnosco.

*Saram.* Ah perra, que venho a dar contigo em occasião que te não posso dar.

*Merc.* Que importa, que elle venha? Se vier, levará com este varapão.

*Saram.* Irra! Veirão lá de que escapei!

*Cornuc.* Varejemos depressa a azeitona, que depois iremos a descansar.

*Saram.* Que hei de eu estar ouvindo isto aqui a pé quedo, sem poder fugir daqui! He tormento nunca visto!

*Merc.* Por qual oliveira começaremos?

*Cornuc.* Por esta, que está bem carregada.

*Saram.* Basta que eu passei de Saramago a oliveira , e que por meus peccados hei de ser varejado ! Mas a mim que se me dá ; pois se sou tronco , hei de ser insensível.

*Dão os dous na arvore.*

*Saram.* Ai , que me derreão ! Ai que não sou insensível !

*Cornuc.* Dá-lhe com bem força , para cahir muita azeitona.

*Saram.* Ainda pôde ser com mais força ? Ai que me derreão !

*Merc.* Dá-lhe des'outra banda , que eu lhe darei de cá.

*Saram.* Ai , Senhores , que morro ao cahir da folha , como tífico !

*Merc.* Não ouves humas vozes , como de quem se lamenta ?

*Cornuc.* He verdade , vamos ver quem he ; anda , Saramago. *Vão-se.*

*Saram.* Vão se cos diabos , que me puzerão a ver jurar testemunhas : a isto he que eu chamo dar hum bom varejo ; pelo menos já me posso desvanecer que sou hum moço bem tacudido.

*Sabe Jupiter com hum punhal na mão.*

*Jupit.* Depois que Amfitrião zeloso se apartou de Alcmena , a não pude ver mais. Ai , querida Alcmena , quem podéra lograr as tuas delicias sem rebuços , e transformações ; pois ao mesmo tempo que logro os teus favores , me escandalisa a tua isenção ! E para que o saiba o Ceo , e a terra , o esculperei nos troncos ;

cos; para que em hum, e outro globo, viva immortal a minha fineza; seja pois este tronco, por ser o primeiro que encontro, o mais venturoso, que conserve em si esculpido o nome de *Alcmena*.

*Saram.* Que diabo quererá fazer *Amfitrião*, que se vem chegando para mim com huma faca de mato? Resta-me que queira cortar-me algum esgalho.

*Jupit.* Arvore feliz, conservarás em teu tronco o nome de *Alcmena*, a pezar das injúrias do tempo.

*Saram.* Este fim, que busca o tronco, e não he como os outros, que andaráo pela rama.

*Jupit.* Desta sorte quero escrever o nome de *Alcmena* neste tronco para eterno padrão da minha fineza.

*Escreve Jupiter em Saramago; isto he, no tronco da mesma arvore, em que está transformado, a seguinte*

D E C I M A.

Desse tronco na dureza  
 Teu nome, *Alcmena*, estampado  
 Eternize o meu cuidado  
 Por troféo della belleza:  
 Vivirás arvore illesa  
 Do tempo ao fero rigor  
 Sempre em perenne verdor,  
 Porque cresção em vivas chamas  
 Nas flores de tuas ramas  
 Os frutos do meu amor.

*Saram.* Ai que me rasga as coxas , e as pernas !  
Lá vai a veia arteria cos diabos.

*Jupit.* Mas que vejo ! O tronco destila sangue ?  
He caso nunca visto !

*Saram.* He para que vejão os Senhores Poetas,  
que o escrever huma Decima custa gottas de  
sangue.

*Jupit.* Não sei a que attribua isto !

*Saram.* Ah Senhor Amfitrião , tome-me o san-  
gue , que me estou vasando como hum cesto  
roto ; olhe que lho peço com lagrimas de san-  
gue destiladas das fontes das minhas pernas.

*Jupit.* Este he Saramago , que está convertido  
em arvore : quem transformaria este misera-  
vel ? Mas quem havia ser senão Mercurio , pa-  
ra lhe fazer alguma peça ? Pois eu o restitui-  
rei á sua antiga fórma , sem que elle saiba  
que lhe faço este beneficio , porque não sus-  
peite em mim alguma divindade.

*Saram.* Senhor , acuda-me ; olhe que sou Sara-  
mago , que estou prezo aqui neste tronco.

*Jupit.* Torna-te , homem , á tua antiga fór-  
ma. *Vai-se.*

*Desfiz-se a arvore , e fica Saramago como de  
antes.*

*Saram.* Ora graças a Jupiter , que depois de tan-  
ta tormenta fiquei desarvorado. Porém que fiz  
eu , pobre de mim , para me ver sacudido ,  
varejado , e arranhado , sem que me baste ser  
oliveira para ter comigo a paz ? Ora pacien-  
cia , vamos para dentro a imaginar de que  
enxerto nasceria esta arvore. A curat-me não  
hi-

hirei ; porque já vou muito bem sangrado ,  
e carregado de pancadas.

*Sabe Iris.*

*Iris.* Espera ; aonde vás com tanta pressa ?

*Saram.* Agora he que tu vens ao atar das feridas ?

*Iris.* Que te succedeo ?

*Saram.* Nada. Apodreceu-me o corpo de forte ,  
que já tem varejas.

*Iris.* Pois conta-me o que foi.

*Saram.* Tenho pejo de lhe dizer a minha fraqueza por vida minha. *á part.*

*Iris.* Como não queres fallar , fica-te embora.

*Saram.* Espera , que eu to digo. Como o meu amor já por ahí anda corrupto , apodreci de muito maduro , de sórte que ando cahindo aos pedaços ; pois nas tuas vozes me ficão as orelhas , nos teus ouvidos a lingua , na tua cara os olhos , nos teus pés o coração ; e só no teu desdem estou pelos cabellos , por te não vir a pello a minha fineza.

*Iris.* Não sei se te creia.

*Saram.* Eu era de parecer que sim ; e para que me creias o que digo em prosa , o mesmo te direi em verso ; porque graças a Cupido , tanto fei amar em prosa , como em verso ; e assim escuta , Corriola , este

### S O N E T O .

Jogou o amor comigo o toque emboque ,  
Mas no taco não teve hum só despique ,  
Nos centos lhe tangi hum tal repique ,  
Que os ouvidos tapou ao som do toque.

Na batalha de amor lhe dei hum choque ,  
 No triunfo da fineza puz-lhe hum pique ,  
 Venus arrenegada , que eu embique ,  
 Deo-me por certa Dama hum bom remoque.

Estendeo-se na banca , corião hum leque ,  
 No burro se ficou , como hum basbaque ,  
 E as tabulas furou do calambeque ;

Mas deo co' as de copas hum ral traque  
 Que á chalupa arrombando-se-lhe o beque ,  
 Na corriola quiz que eu desse o baque.

*Iris.* A' vista d'esse extremo não quero ser desagrada-  
 gradecida ; porém para que eu acabe de ver o  
 teu amor , me has de declarar huma cousa ,  
 que te quero perguntar.

*Saram.* Não sabes que o amor he a chave mes-  
 tra de todos os peitos ? Dize o que queres ,  
 que eu. . .

*Apparece Mercurio ao bastidor.* Mas espera :  
 Valha-te o diabo , maldito fingido Saramago ,  
 que sempre me persegues ! E porque com a  
 tua falsa apparencia não desfaças o bom prin-  
 cipio de meu amor , quero retirar-me , até que  
 te vás. *á part.*

*Merc.* Saramago tanto que me vio , mudou  
 de côr ; parece que não gosta de ver-me. *á p.*

*Iris.* Quero , pois , que me digas.

*Saram.* Espera , que para responder-te com mais  
 focego , vou alli fóra tirar-me de hum cui-  
 dado , e já venho.

*Iris.* Vai depressa.

*Saram.* Não tardarei hum instante. *Vai-se.*

*Iris.* Verei se descubro o enigma destes dous Am-  
 fi-

fitriões , para que Juno tenha allivio na sua pena.

*Sabe Mercurio na fôrma de Saramago.*

*Merc.* Faço particular gosto em lograr a este tonto Saramago. *á part.*

*Iris.* Bem disseste , que não tardarias hum instante , e depressa vieste.

*Merc.* Para obedecer-te tenho azas nos pés , como Mercurio.

*Iris.* Já vou crendo , que és verdadeiro amante ; e para acabar de o conhecer , quero que me digas , se sabes , qual destes he o verdadeiro Amfitrião , que tu o has de saber melhor que ninguem ?

*Merc.* Agora encravarei mais a Amfitrião. *á p.*  
Promettes tu não dizer nada do que eu te disser ? Olha que isto he materia de grande pezo.

*Iris.* Fia de mim , que ninguem o saberá.

*Merc.* Como tu já sabes que hum dos Amfitriões não he verdadeiro , a este fingido só eu o conheço , e só de mim se fia , e só mostrando-to com o dedo , o poderás conhecer.

*Sabe Saramago ao bastidor.*

*Saram.* Ainda lá está o maldito , e Corriola cuida que sou eu ; ora esperemos que se vá.

*Iris.* E quem he esse tal fingido ?

*Merc.* O que te posso dizer he , que he homem nobre , e de grande esféra.

*Iris.* Ora vem mostrar-mo , meu Saramago do meu coração.

*Saram.* Oh quem podéra responder-te ! *á part.*

*Merc.* Vamos , e verás. *Vai se.*

*Iris.*

*Iris.* E que boa nova levarei a Juno ! *Vai-se.*

*Saram.* Espera , Corriola , que não sou eu o que te leva : ah cão de mim , que fui tão basbaque , que te deixei exposta á inclemencia desse tyranno , que se aproveita do meu suor ; mas ainda que eu fue o farrapo , ella não ha de ser sua : Peguem nesse magano : ah que delRei , ladrões.

### S C E N A V.

*Jardim , onde haverá huma fonte , e ao pé desta hum assento , e sabe Alcmena.*

*Alcmen.* **A** Onde achará allivio huma desgraçada , pois em qualquer lugar encontro hum cadafalso ; cada tronco se me representa huma morte ; cada planta hum verdugo , e cada flor hum martyrio ? Esta funesta fantasia vive tão occupada de tristes idéas , que sem saber quem me offende , em tudo o que vejo acho huma vingança ; em tudo o que encontro se me erige hum supplicio : ai Amfitrião , quem te podéra mostrar a minha innocencia , para que achasse allivio este afflicto coração , que tímido até as sombras o assombrão , e sobrefaltão !

*Canta Alcmena a seguinte*

A R I A .

A tímida corça ,  
Que pávida teme  
Da rama , que treme  
No bosque agitada  
Do vento veloz.

Assim eu afflicta ;  
Sem causa assustada ,  
Me sinto ultrajada  
De hum mal tão atroz.  
*De.*

*Depois que Alcmena canta, assenta-se ao pé da fonte, e sabe Jupiter com espada na mão.*

*Jupit.* Já não ha tronco, aonde não se veja esculpido o nome de Alcmena, e não he justo, que elles só tenham essa gloria; mereça tambem o marmore daquella fonte conservar em sua dureza o feliz nome de Alcmena, que nelle vivirá mais perpétua a sua memoria, e o meu amor: Mas que vejo! Aquella he Alcmena, que na mesma fonte reclinada entregou as potencias ao imperio de Morlêo. Dorme, Alcmena, que se tu amaras, como eu, nunca dormíras, nem dormindo descansaras.

*Sahem Amfitrião por hum lado, e Tiresias por outro, com espadas nas mãos, e Jupiter se retirará para junto de Alcmena.*

*Tires.* Bem dizem que o amor he hum inferno, pois de hum abyssino me conduz a outro abyssino, porque hoje ha de morrer Alcmena innocente pelo delicto de amor.

*Amf.* Oh que impiedade! Que hajão de affrontar ao esposo as leviandades da esposa! Pois morra Alcmena, já que assim o quer o Mundo, e os meus zelos.

*Jupit.* Quanto mais a vejo, mais me affombra a sua belleza; pois hydropicos os meus olhos não se fartão de ver, por mais que vejam tão rara formosura.

*Tires.* Aquella he Alcmena, que está dormindo. Ai infeliz belleza, que desse somno passarás a outro mais profundo!

*Amf.* Mas que vejo! Alli está Alcmena junto

daquella fonte: ai desgraçada formosura, que nem todas essas aguas apagarão as chaminas do meu ciúme!

*Alcmena sonhando.*

*Alcmen.* Esposo Amfitrião, não manches tão generosa espada no sangue de huma innocente.

*Jupit.* Alcmena está fallando em sonhos, e parece está afflicta com alguma funesta fantasia; quero acordalla.

*Amf. e Tires.* Morre, infeliz Alcmena.

*Ambos fazem acção de a matar.*

*Jupit.* Alcmena, acorda. Porém que vejo!

*Alcmen.* Amfitrião . . . . . suspende . . . . . pois . . . .  
Mas ai de mim, que vejo! Todos tres com espadas vindes a matarme? Que he isto, Senhores?

*Tires.* Frustrou-se o meu intento. *á p.* Mas que vejo! Dous Amfitriões ao mesmo tempo?

*Amf.* Que he isto, traidor? Tambem vinhas matar a Alcmena, para com esta acção mostrares ao Mundo, que és o verdadeiro Amfitrião no brio, com que vingas o teu ciúme?

*Jupit.* E tu, fementido, com o mesmo dissimulo, que de mim imaginas, vens a ser complice de huma morte, querendo com hum delicto salvar outro delicto?

*Alcmen.* Senhores, que suspensão he esta? Que delicto commetti eu para tanta vingança? E se commetti algum, como todos quereis ser parte no meu castigo?

*Tires.* Eu, Alcmena, não vim a offender-te; mas sim a eitorvar a tua desgraça conjurada

con-

contra ti, por aviso, que della tive, e como supremo Ministro desta Republica me era licita esta acção.

*Jupit.* Nem eu, Alcmena, vinha a matar-te, que bem sei a tua innocencia; mas sim a este traidor, que me disserão estava neste jardim, para offender-te.

*Amf.* Pois confesso, que não só vinha matar a Alcmena, mas tambem a este tyranno usurpador da minha honra; pois com simulada forma, e fantastica apparencia me roubou com a honra a esposa, fingindo ser o verdadeiro Amfitrião; e assim por mais que mo impidas, hei de executar a minha vingança, matando a ambos.

*Brigão os dous.*

*Tires.* Assim se atropella o meu respeito? Suspendei as armas.

*Alcmen.* Ai de mim! Não ha quem estorve esta desgraça?

*Amf.* Hoje serás victima de minhas iras.

*Jupit.* E tu sacrificio de minha vingança.

*Alcmen.* Não ha quem acuda? O' lá? O' lá?

*Sabem Mercurio na forma de Saramago, Polidaz, Juno, Cornucopia, Iris, e hum Soldado, e birão fallando o que se segue.*

*Jupit.* Ai de mim, que senão logrou o meu intento!

*Merc.* Sempre disse, que isto havia succeder.

*Iris.* Agora se saberá este cnigma.

*Cornuc.* Ai, Senhora, fujamos depressa, antes que nos matem.

*Polid.* Suspendei os impulsos; mas como he isto!

to ! Dous Amfitriões ! Quem vio caso mais extraordinario ! Tiresias , que successo tão estranho he este ?

*Tires.* Polidaz , tambem eu estou na mesma dúvida , e com a mesma admiração ; porém com averiguar este caso , saberemos o que he isto.

*Alcmen.* Tiresias , he justa essa averiguação , para que se saiba a minha innocencia ; e assim principiarei eu a dizer : Bem sabeis , que sou casada com Amfitrião.

*Jupit.* Não te canfes , que eu o direi em duas palavras : Tiresias , vim da guerra dos Telebános : triunfei , como sabeis ; e quando cuidei lograr nos braços de Alcmena os fructos da paz , veio este fementido introduzir-se tambem em casa , tomando a minha fôrma por alguma arte magica , sem duvida , para fazer os disturbios , que tendes visto.

*Amf.* Tudo isso he engano , Tiresias ; pois o verdadeiro Amfitrião sou eu ; e como a verdade não necessita de prova , a mesma verdade seja a que me defenda.

*Tires.* Esperai : vamos por partes : Alcmena , qual destes he o teu esposo ?

*Alcmen.* Elles são tão parecidos , que confesso os não sei distinguir.

*Tires.* Cornucopia , qual destes he o teu amo ?

*Cornuc.* Eu , Senhor , sou pouco Fillosa , para fazer distincções ; mas se me pergunta pela verdade , digo , que ambos são meus amos ; porque eu sou muito cortez.

*Tires.* Diga o criado agora.

*Iris* . Agora , *Saramago* , he boa occasião de mostrares qual he o fingido .

*Merc* . Quem duvida , que este he o verdadeiro *Amfitrião* , *Para Jupiter* , e aquelle o fingido ? *Apona para Amf.*

*Jupit* . Bom foi ter aqui *Mercurio* da minha parte . *á part.*

*Amf* . Que dizes , *Saramago* ? Não sabes , que sou teu amo *Amfitrião* ? Não me conheces ? Dize , velhaco ?

*Merc* . Senhor , não tem que se cansar , que eu hei de dizer a verdade , mas que seja contra mim : *Senhores* , saberão vossas merces , que es'outro *Amfitrião* , que ahi está , quando viemos da guerra , me disse , que elle por lograr os agrados da *Senhora Alcmena* , de quem vivia cheio de amor até os olhos , fora ter com hum *Nigromantico* , e que este lhe untára o rosto com certo oleo *serpentorium* , para se parecer com o *Senhor Amfitrião* ; e para melhor fazer o seu papel , me pedio , que eu o apoiasse , dizendo , que elle era o verdadeiro *Amfitrião* , para o que tambem me untou as mãos com huma bolsa cheia de dinheiro , e eu como sou amigo destas bagatellas , o introduzi com a *Senhora Alcmena* de pés , e cabeça ; e assim , pois confesso a verdade , peço que me perdoem este delicto .

*Juno* . Vejáõ a traça por onde *Jupiter* se quiz introduzir ! *á part.*

*Iris* . Se não he *Saramago* , nada se sabe . *á part.*  
*Amf.*

*Amf.* Que he o que dizes , embusteiro ? Estás fóra de ti ?

*Tiresf.* Basta , basta ; já está descoberto o enigma.

*Amf.* Tiresias , adverti que este criado mente , porque eu . . .

*Tiresf.* Não tens , que dizer mais.

*Alcmen.* E pois a minha innocencia se patentêa , peço-vos , Tiresias , que castigueis a insolencia desse traidor.

*Amf.* Como , tyrauna , se o verdadeiro Amfitrião sou eu ?

*Jupit.* Quereis ver a verdade mais claramente provada ? Esperai ; dizei-me : Quando vistes da guerra entrastes no Senado com pompa triumphal ?

*Amf.* Confesso , que não ; porque quando vim de casa , não achei a Polidaz , que tinha ficado esperando por mim.

*Polid.* Isso he falsíssimo , pois Amfitrião veio de casa , e achou-me no mesmo lugar , aonde fiquei esperando por elle , e ambos fomos ao triumpho.

*Tiresf.* Eu sou testemunha , que laurcei a Amfitrião no Senado.

*Jupit.* Pois se elle confessa , que não foi ao triumpho , e vós outros tambem vistes , que entrei triumphante no Senado , aonde me laureastes , claro está , que o verdadeiro Amfitrião sou eu , e este o fingido.

*Amf.* Oh Jupiter soberano ! Quem se vio em maior labyrintho ?

*Merc.* Chama por Jupiter, que elle muito bem te acudirá. *á part.*

*Cornuc.* Ah Senhores, se se não castiga este desaforo, daqui á manhã nos havemos ver inçadas de Amfitriões, como de porfovejós.

*Sabe Saramago.*

*Saram.* Venho avisar a Alcmena do que ouvi escondido entre as ramas; porém cá está muita gente. *á parte.*

*Merc.* Saramago ahí vem; pois vou-me, que assim me convem. *Vai-se.*

*Alcmen.* Tiresias, que suspensão he esta? Porque não castigais a este traidor, a este fingido?

*Tiresf.* Agora o verás: Tu, Polidaz, leva a esse fingido Amfitrião para o carcere, de donde será levado para o supplicio; pois legalmente se acha provada a sua culpa.

*Amf.* Que he o que dizes, Tiresias? Como castigas ao innocente, e deixas ir livre ao culpado?

*Saram.* Ai que parece que vai o diabo em casa do Alfacinha!

*Tiresf.* Não tendes que replicar; levem-no.

*Amf.* Tende mão, porque eu não sou quem cuidais.

*Tiresf.* Isto sei eu muito bem.

*Juno.* Sem duvida Amfitrião he o que vai prezo, e Jupiter he o que fica livre; pois não ha de ser assim: Tiresias, adverte, que tambem Alcmena merece castigo, pois ella diversas occasiões tratou a ambos como a esposos,

e assim he certo que offendeo a seu marido verdadeiro ; que segundo as leis tambem deve morrer.

*Alcmen.* Que he isso , Felisarda ? Tu és contra mim ? Assim pagas a hospedagem , que te dei ?

*Tiresf.* Bem entendo a Flerida. *á part.*

*Saram.* Vejão se lha pregou de maço , e mona. *á parte.*

*Tiresf.* Tem razão Felisarda no que diz : vem , Alcmena , comigo , para seres sacrificio no templo de Jupiter.

*Alcmen.* Tiresias , que dizes ? Eu hei de pagar o engano alheio ?

*Tiresf.* Se o teu delicto está provado , não ha mais remedio que morrer.

*Alcmen.* Como o animo distingue os malefcios , não me teço morrer ; pois no meu animo sempre tive por esposo aquelle , que me parecia com tanta realidade verdadeiro.

*Tiresf.* Dos animos , e affectos interiores , só os Deoses supremos são os Juizes , que nós os Ministros da terra sentenciamos pelo que vemos exteriormente ; e pois não nega , que admitteste a dous Amfitriões , sempre violaste a pureza do thalamo ; e assim anda omigo.

*Juno.* Bem haja Tiresias , que assim me vinggo. *á parte.*

*Jupit.* Deste delicto só perrence ao esposo a sua accusação ; e não a accusando eu porque estou certo , que com malicia não violou o thalamo : logo não podeis castigall, quando eu a não accuso.

*Tiresf.* Não só he o esposo o offendido , mas tambem a República , a quem incumbe castigar os delictos , para emenda de outros , e conservação da virtude , na qual consiste toda a justiça.

*Alcmen.* Esposo , defende a minha innocencia , pois tu bem sabes.....

*Jupit.* Alcmena , contra hum empenhado nada val ; e pois *Tiresfias* assim o quer , não recuses ir ao sacrificio de *Jupiter*. Vai sem susto , que *Jupiter* te defenderá. *Vai-se.*

*Amf.* Já , tyranna , hirei a morrer mais consolado , vendo que tu tambem não ficas sem castigo.

*Alcmen.* Por ti , fementido traidor , vou a morrer sem culpa.

*Amf.* Por ti sem delicto vou a penar , cruel *Alcmena*.

*Cornuc.* Eu estou capaz de me dar hum accidente de verdade. *á parte.*

*Saram.* Eu estou com o coração táte táte , vendo isto no que pára. *á parte.*

*Polid.* Vamos , vamos. *Para Amf.*

*Tiresf.* Alcmena , vem.

*Alcmen.* Justos Deoses , porque não vos compadeceis de mim , que sou huma innocente ?

*Amf.* Deoses justos , ou injustos , porque consentis tão barbara injustiça ?

*Tiresf. e Polid.* Anda , vamos. *Cada hum para o seu.*

*Amf.* Oh *Jupiter* , compadece-te de minha innocencia.

*Tires.* E vós , Soldados , levai tambem Saramago para a enxovia , bem carregado de ferros , pois foi quem introduzio o fingido Amfitrião em casa de Alomena. *Vai-se.*

*Saram.* Espere , Senhor Tiricia ; que he o que diz ?

*Soldad.* Ande , ande , Senhor Saramago.

*Saram.* Vossa merce me não ha de ensinar a andar ; que quando vossa merce nasceo , já eu engatinhava.

*Soldad.* Vamos para a cadêa , que assim o manda o Senhor General.

*Saram.* Não se canse , que eu não vou , sem saber primeiro o porque vou prezo.

*Iris.* Não vi sentença mais bem dada. *á parte.*

*Soldad.* Venha , que lá lho dirão muito bem dito.

*Saram.* Cornucopia , tu não sabes porque me prendem ?

*Cornuc.* Por culpa da tua lingua : quem te mandou ser fallador ?

*Saram.* Nunca eu tive a lingua mais preza do que agora , que vou prezo pela soltura da lingua , como dizes.

*Soldad.* Vamos depressa , que já lá vão os outros.

*Saram.* Pois , Senhor , hei de ir prezo assim sem mais nem mais ?

*Cornuc.* Anda , vai-te , que agora pagarás os fingimentos que tens feito , e talvez que tambem por isso vás prezo.

*Saram.* Não , se eu por isso vou prezo , logo me

me soltarão; porque eu sou o verdadeiro Saramago, se não me engano.

*Soldad.* Ande já cos diabos.

*Saram.* Sim, Senhor, eu vou com os diabos, pois vou com vossa merce; mas antes que vá, deixe-me dar hum abraço a minha mulher.

*Cornuc.* Vai-te dahi, que eu não sou tua mulher, fingido, embusteiro; e não sabes quanto folgo, e quanto me alegro de verme vingada de ti. *Vai-se.*

*Saram.* Vai-te, mofina: Oh minha Corriola, se te mereço alguma cousa, peço-te, que rogues a estes Senhores, que me não levem prezo assim a sangue frio, ou que me digão o porque vou prezo, que eu não o fei.

*Soldad.* Vossê não ovio dizer que hia prezo por introduzir o fingido Amfitrião em casa de Alcmena? Pois Tiresias bem claro fallou.

*Iris.* Ah! Huma vez que he por isso, eu pedirei.

*Saram.* Ora pede, pede, ainda que finjas duas lagrimas.

*Iris.* Senhor Soldado, assim Deos o faça Cabo de esquadra, lhe peço com lagrimas de sangue nascidas do meu coração.

*Soldad.* Diga, Senhora, o que quer?

*Saram.* Isso, isso, Corriola pede nesse tom, que abrandarás huma pedra.

*Iris.* Peço, Senhor Soldado, que a este pobre Saramago o levem muito bem prezo, e atracado; para que não fuja.

*Soldad.* Isso farei eu por te dar gosto.

*Saram.* Ah Senhor Soldado , olhe que ella ò que pede he , que me solte.

*Soldad.* Vossa merce não diz , que o leve prezo ?

*Iris.* Sim , Senhor ; ainda que vá a arrastões.

*Saram.* O' Corriola , isso te merece o meu amor ?

*Iris.* Sim , patife , alcoviteiro , para castigo da tua insolencia.

*Saram.* A que del Rei , Senhores , que fiz eu ?

A todos tomo por testemunha , como eu nesta historia não fui alcoviteiro de ninguem.

*Iris.* Levem-no depressa.

*Saram.* Ah cruel , falsa , inimiga , fraudulenta , assim pagas o extremo com que te adoro ?

*Iris.* Vai , vai.

*Saram.* Se he tua vontade que eu vá , eu irei ; mas não quero que vás mal comigo ; anda cá , Corriola , que ainda que tu me desdenhas , eu não posso deixar de te querer , para o que te rogo me dês hum abraço ; olha que to peço com o choro canoro de minha voz.

*Cantão Saramago , e Iris a seguinte*

A K I A .

*Saram.* A Deos minha Corriola ,  
Dá-me agora hum só abraço ,  
Que eu vou para o cagarrão.

*Iris.* Vai-te embora , Saramago ,  
Que hum abraço , e hum baração  
Na moxinga te darão ,

*Saram.* Tu te alegras ?

*Iris.* Porque não ?

*Saram.* Tu não chores !

*Iris.* Para que ?

Deixa dar-me bem rizadas.

*Saram.* Tu a rit, eu a chorar.

*Amb.* Se Deos ainda me der vida  
Infiel, falso, homicida;  
Outro abraço te hei de dar. *Vão-se.*

## S C E N A VI.

*Carcere, onde estarão tres prezos, e sabe  
Saramago com correntes, e dizem dentro  
o seguinte.*

*Dentr.* **L** A' vai mais esse hospede, agazalhem-no bem.

*Saram.* Quanto hoje, graças a Deos, não dormiremos na rua; mas ai de mim Saramago! Aonde estou eu? Oh quem me dissera, que escapando de huma oliveira, viesse a parar em hum limoeiro!

1. *Prezo.* Senhor camarada estamos obrigados a agazalhallo bem.

2. *Prezo.* Ande para cá fô amigo.

*Saram.* Como hei de andar, se a minha desgraça tem lançado ferro no mar de meu corpo? Ah Senhores meus, veção se me podem tirar estes ferros, que tão aferrados estão; e por mais que os sacudo de mim, cada vez estão mais ferrenhos comigo.

1. *Prezo.* Tambem isso não he pelo que eu fiz: porque te prendêrão?

*Saram.* Por nada.

1. *Prezo.* Por nada? Já se vê que he por ladrão.

2. *Pre-*

2. *Prezo.* Fóra ladrão.

*Saram.* Não me ladrem, que me não háo de morder nesta materia.

1. *Prezo.* Isso não nos importa; o que queremos he, que nos pague a patente.

*Saram.* Bem patente estou eu nesta prisão.

1. *Prezo.* Andar, logo a pagará, ainda que não queira; vamos primeiro cá baixo para lhe fazerem o assento.

*Saram.* Escuso que me fação o assento, que isso tenho eu feito ha muito tempo.

1. *Prezo.* Quem te fez o assento, se ainda agora entraste?

*Saram.* Desde que nasci, tenho o assento feito.

1. *Prezo.* Para que mentes? Aonde te fizerão o assento?

*Saram.* Aqui, vossas merces não o vem?

*Aponta para traz.*

2. *Prezo.* He bem desaforado o magano.

1. *Prezo.* Já que esse he o assento, nós lho faremos mais bem feito com quatro batecûs.

2. *Prezo.* Isso he; suba á polé, e de lá nos pagará a patente tambem, olhe para ella bem.

*Saram.* Irra! Agora isso he mais comprido: Senhores meus, por vida minha, que eu não nego o patente, que o patente he cousa que se não póde elconder.

1. *Prezo.* He para que tambem não falle com tanta liberdade.

*Saram.* Que liberdades póde fallar quem a não tem?

1. *Pre-*

1. *Prezo.* Ande para alli , magano , para que  
faiba fallar bem aos prezos veteranos.

2. *Prezo.* O lá de cima , deita a corda , atemo-  
lo bem : issa acima. *Atão-no, e sobem-no.*

*Saram.* A que dei Rei , Senhores , &c..... Ora  
nunca cuidei que me visse nestas alturas !

*Ambos os Prezoz.* Venha abaixo. *Largão-no.*

*Dentro.* Lá vai outro prezo.

*Sabe Amfitrião.*

*Saram.* Ainda bem , quanto folgo !

1. *Prezo.* Aqui não temos que fazer , que este  
parece fer homem nobre.

2. *Prezo.* Pois vamos para os nossos camaro-  
tes. *Vão-se.*

*Saram.* Este agora me pagará a patente. Meus  
peccados , que he o Senhor Amfitrião !

*Canta Amfitrião a seguinte Aria , e*

R E C I T A D O.

Sórte tyranna , estrella rigorosa ,  
Que maligna influís com luz oppaca.  
Rigor tão fero contra hum innocente ;  
Que delicto fiz eu , para que finta  
O pezo desta asperrima cadêa  
Nos horrores de hum carcere penoso ,  
Em cuja triste lobrega morada  
Habita a confusão , e o susto-mora !  
Mas se acafo , tyranna , estrella impia ,  
He culpa o não ter culpa , eu culpa tenho ;  
Mas se a culpa , que tenho , não he culpa ,  
Para que me usurpais com impiedade  
O credito , a esposa , e a liberdade ?

ARIA.

## A R I A.

Oh que tormento barbaro  
 Dentro no peito sinto !  
 A esposa me desdenha ,  
 A Patria me despenha ;  
 E até o Ceo parece ,  
 Que não se compadece  
 De hum misero penar.

Mis ó Deoses , se sois Deoses ,  
 Como assim tyrannamente  
 A este misero innocente  
 Chegais hoje a castigar ?

*Saram.* Tambem vossa mercê cá está ? Ora con-  
 sole-se comigo ; que *solatium est miseris so-*  
*cios habere Saramagos.*

*Amf.* Ainda aqui me appareces , infame inimi-  
 go ? E pois que por tua culpa me vejo nesta  
 prizão , aqui ficarás sepultado , sendo despojo  
 da minha colera. *Dá-lhe.*

*Saram.* Senhor , suspenda o impulso desse pul-  
 so ; não bata tão furioso ; deixe ao menos ,  
 que por hum pouco tenha suas intercadencias ;  
 não basta o estar eu carregado de ferros , mas  
 tambem de pancadas ?

*Amf.* Tu , traidor , me puzeste neste estado.

*Saram.* Senhor , explique-se , que eu estou tão  
 innocente , como quando nasci da barriga de  
 minha mãe.

*Amf.* Velhaco , sempre eu disse , que tu eras o  
 que maquinavas este enredo : tu foste o que  
 deste a joia , que eu mandava para Alcmena ,  
 e o que introduziste em casa outro Amfitrião  
 fin-

fingido , como tu mesmo confessaste ; e não bastava tudo isto , mas ainda hires dizer a *Tiresias* , que eu era o *Amfitrião* fingido , por cujo motivo aqui estou prezo : que dizes agora ? He isto bem feito ?

*Saram*. Antes que lhe responda , diga-me vossa merce ; isto aqui he cadeia , ou casa dos doudos ?

*Amf*. Porque perguntas isso ?

*Saram*. Porque entendo em minha consciencia , que mettêrão a vossa merce aqui por doudo confirmado.

*Amf*. Se tu me fazes doudo , porque o não heide estar ?

*Saram*. Os diabos me levem , se eu fallei com *Tiresias* em materia tão peçonhenta , Senhor *Amfitrião*.

*Amf*. Queres agora negar-me o que eu presenciiei ? E por final disseste , que eu tinha untado o rosto com o oleo de hum Magico para me parecer com *Amfitrião* , e que te dera huma bolsa de moedas , para tu me introduzires na propria casa de *Alcmena*.

*Saram*. Quem compra , e mente , na bolsa o sente : eu duas vezes o tenho sentido ; huma na bolsa , porque a não tenho ; outra no corpo , porque tem sido hum armazem de pancadas : e agora o vejo já huma logea de ferros , como vossa merce bem vê ; como se eu todo fora pé de burro , para que todo me cubra huma grande ferradura.

*Amf*. Não me desespere mais : dize-me só com

que motivo , ou para que fim me levantaste este grande testemunho ?

*Saram.* Senhor , hum testemunho não he cousa tão leve que eu o podesse levantar ; veja vossa merce não disseste isso o outro Saramago ?

*Amf.* Como pôde ser isso , se nesse mesmo instante , que o disseste , logo te prendêrão , sem que alli viesse , nem estivesse outro Saramago senão tu ?

*Saram.* Pois a mim porque me prendêrão ? Digamo vossa merce , que eu ainda não o sei ?

*Amf.* Por dizeres , que me deste entrada em casa de Alcmena ; e assim viste a ter a mesma pena daquelle , que se fingio Amfitrião , que dizem era eu ; porque tanto pecca o ladrão , como o consentidor.

*Saram.* Eu estou para perder o juizo ! Basta que por isso estou prezo ?

*Amf.* O prezo he o menos ; o peor he que o caso he de morte para ambos.

*Saram.* Oh desgraçado Saramago ! Quanto melhor te fora seres sempre oliveira verde , que em fim estavas só em hum páo , que não agora vir a morrer em tres ? He possivel que sem culpa nos mettão aqui , e nos queirão matar a ferro frio ?

*Grita.*

*Amf.* Cala-te , não grites.

*Saram.* Deixe-me gritar , Senhor ; não vê que estou doudo ?

*Amf.* Já que os fados assim o querem , levemos isto com paciencia.

*Sa-*

*Saram.* Aonde está a paciência , para nos ajudar a levar isto ?

*Amf.* Espera , *Saramago* ; não sentes bolir na porta ?

*Saram.* Sim , Senhor ; ai de mim , que he o Carrasco ! Fugamos , Senhor ; fugamos.

*Amf.* Vês que já abrirão a porta ?

*Saram.* Pois abramos a sepultura.

*Sabe Juno com hum véo pelo rosto.*

*Amf.* Quem será esta mulher , *Saramago* ?

*Saram.* Quem será ? Tem bem que ver , he a mulher do Carrasco , que vem fazer as vezes do marido.

*Juno.* *Amfitrião* , vinde para fóra comigo , e mais esse criado.

*Saram.* Não o disse eu ? Estamos bem aviados !

*Amf.* Senhora , antes que vos obedeça , desejava saber , para que fim nos quereis levar daqui ?

*Saram.* Tem bem que saber ; he para nos torcer o pescoço.

*Juno.* Compadecida da vossa innocencia , vos venho livrar desta prizão ; para o que tenho comprado os guardas , e tudo está prompto ; pois não he razão , que sendo vós o verdadeiro *Amfitrião* , padeçais sendo innocente , ficando sem castigo o outro fingido.

*Amf.* Senhora , para huma obrigação tão grande , qualquer rendimento he diminuto ; e assim para que algum dia vos pague tanto beneficio , estimára saber a quem devo a vida , e a liberdade.

*Juno.* Algum dia o sabereis.

*Saram.* E ainda que o não saiba , não importa :  
Saíamos nós daqui , ainda que seja por arte do  
demonio , ou pela arte de berliques , berlo-  
ques.

*Juno.* Vamos.

*Saram.* Senhora , e quem nos ha de tirar estas  
cadeias , com quem não estamos muito cor-  
rentes ?

*Juno.* Andai , que para tudo ha remedio.

*Ans.* Ingrata Thebas , estes forão os premios ,  
que só de ti recebi !

*Juno.* Ingrato Jupiter , assim se sabe vingar a  
Deosa Juno de ti.

*Saram.* Ingrata Cornucopia , agora eu bem me  
tirei de ti. *Vão-se.*

## S C E N A VII.

*Templo de Jupiter , e hirão sabindo todas as  
Figuras conforme vão fallando.*

*Tires.* **A** Nda , infelice Alcmena , a pagar com  
a vida o delicto de tua fragilidade nas  
aras do supremo Jupiter. Ai amor cego , que  
cego me arrasta a tua grande cegueira ! *á part.*

*Alcmen.* Que he o que ouço ! He possivel , que  
ainda tenho vida , havendo de perdella sem  
culpa , sem offensa , e sem delicto ?

*Cornuc.* Ai , minha Senhora Alcmena , quem  
differa ao Senhor seu pai que para isto a  
criava !

*Polid.* Horror me causa tão funesto espectáculo!

*Jupit.* Mercurio, he tempo de desfazer o enigma, pois isto chegou ao ultimo ponto.

*Merc.* Digo, *Jupiter*, que isso havias ter feito ha mais tempo, e escusaria *Alcmena* de passar este susto.

*Juno.* *Tiresias*, acabemos com isto, para que acabe a minha vingança, e comece a ter posse a tua esperança. *á part.*

*Alcmen.* Ah cruel *Felisarda*, não te bastou conduzir-me ao supplicio, mas ainda vens gloriar-te de ver o meu estrago, e a minha morte?

*Juno.* Não quero responder. *á parte.*

*Iris.* Já estás vingada.

*Alcmen.* E tu, cruel, se não podes remediar a minha pena, para que vens ser testemunha da minha magoa? *Para Jupit.*

*Jupit.* Porque me não posso apartar de ti, até que a morte te separe de mim.

*Tiresf.* *Alcmena*, como o Juiz he sómente hum mero executor da lei, por isso não estranhes.

*Com ruido sabiráõ Amfitrião, e Saramago.*

*Amf.* Que omisão he esta? Ainda está esta tyranna inimiga por castigar? Se por ventura falta quem execute a sentença, aqui estou eu, que vingarei a injúria da lei, e a minha injúria.

*Saram.* Isso he fazer de huma via dous mandados.

*Tiresf.* Que he isto? Como te atreves em ludibri-  
brio

brio da justiça , apparecer aqui , estando duas vezes criminoso , huma por impostor , e falsario , e outra por fugir da prizão ?

*Amf.* Porque quiz testemunhar o estrago desta traidora , para suavisar com este desafogo a tyrannia , com que me quereis tirar a vida ; e se eu por hum delicto imaginario hei de padecer ; que importa que me constitua réo da fuga do carcere ?

*Saram.* Essa he a verdade ; prezo por mil , prezo por mil e quinhentos.

*Polid.* Tambem o criado aqui está ? Com que atrevimento fugiste ?

*Saram.* Porque mais val huma hora solto , que toda a vida prezo.

*Cornuc.* Ainda escapou o maldito ?

*Alcmen.* Para ser mais penosa a minha morte , ainda faltava ver a causa de minha infelicidade.

*Merc.* Senhor , que determinas ?

*Jupit.* Logo verás , Mercurio.

*Juno.* Tiresias , em que nos dilatamos ?

*Tires.* Certamente me horrorisa castigar huma innocente. Alcmena , he chegada a occasião de que sejas victima humana nas aras de Jupiter.

*Alcmen.* Tiresias , adverti , que os Deoses não permitem , nem as leis ordenão , que sem culpa morra huma innocente ; e pois entre os homens não acho piedade , recorrerei á esfera soberana dos Deoses , com suspiros nascidos de hum peito casto , e inculpavel. Oh Ju-  
pi-

pitier soberano , como consentís , que morra Alcmena sem culpa?

*Jupit.* Tende mão , Tiresias ; suspendei o golpe.

*Tires.* Tu não podes mandar sobre a lei.

*Jupit.* Nem a lei manda , que morra huma innocente ; porque aquelle que julgais ser o fingido Amfitrião , he o verdadeiro esposo de Alcmena.

*Tires.* Logo tu és o fingido , e como tal morrerás , por incorreres no mesmo delicto , e sempre Alcmena fica com a mesma pena.

*Amf.* Já que se conheceo a verdade , castigue-se esse traidor , e esta aleivosa tambem.

*Jupit.* Quanto a mim , ninguem me póde castigar.

*Tires.* Pois quem sois vós , para vos isentares do rigor da lei?

*Jupit.* Eu vos respondo.

*Muda-se de repente a perspectiva do templo , e apparece a Sala Empyrea , como no principio , e esconde-se Jupiter , e Mercurio fingidos , apparecendo os do principio , e canta Jupiter o seguinte.*

R E C I T A D O .

Sabei , que Jove sou omnipotente ,  
 Que abrazado de amor da bella Alcmena  
 Vendo ser impossivel o alcançalla ,  
 Tomei de Amfitrião a fôrma humana ,  
 Com a qual disfarçado entre vós outros ,  
 Este dia passei ; e pois Alcmena ,  
 Como humana não pode  
 Resistir a hum divino impulso ardente ,

Ficará perdoada , sem que tenha  
 Offensa n'isso Amfitrião valente ;  
 Pois desse passatempo , que aqui tive ,  
 Hercules nascerá , a cujo esforço  
 Rendido cederá todo o Universo ,  
 Pagando nesta fórma

Este engano de amor , esta violencia ,  
 Em dar-lhe tão divina descendencia.

*Tod.* Que assombro ! Que admiração !

*Amf.* Oh mil vezes feliz eu , que tive a fortuna  
 de que o mesmo Jupiter quizesse divinizar  
 o meu venturoso thalamo !

*Alcmen.* Passei de hum instante do maior mal ao  
 maior bem : Esposo Amfitrião , dá-me os  
 parabens de tanta felicidade.

*Amf.* Sejão reciprocos , querida Alcmena ; que  
 quando as tuas offensas para mim são glorias ,  
 que fará quando me não offendes ?

*Saram.* Eu sempre ouvi dizer , que o Senhor Ju-  
 piter era hum fero tonante.

*Juno.* Já agora descansará o meu coração.

*Cornuc.* Ai que assim estou contente !

*Tires.* Flerida , bem vês que por mim não  
 esteve o não executar o teu preceito ; e assim  
 he tempo de cumprires a tua palavra.

*Juno.* Attendei-me primeiro : Alcmena porque  
 não fique sem fim a minha historia , saberás ,  
 que aquelle mancebo muito galhardo , e juve-  
 nil , morador no monte Olympo , he Jupiter ,  
 que alli vês , e eu a Deosa Juno , sua espo-  
 sa , que zelosa vim a tua casa , para o apar-  
 tar de teus braços , e pois já o consegui , hi-  
 rei

rei para os de meu esposo ; com que , Tiresias , sendo eu quem sou , mal poderia cumprir a palavra , que vos dei , que foi só a fim de me vingar de Alcmena.

*Tires.* Dou-me por satisfeito , em saber cumprir vossos desejos.

*Jupit.* Só Juno podia conspirar tão cruelmente contra Alcmena.

*Saram.* Sem dúvida a Senhora Juno foi a que me converteo em oliveira , e o Senhor Jupiter o que me desconverteo.

*Merc.* E para que se saiba tudo , eu sou Mercurio , que para acompanhar a Jupiter , tomei a fôrma de Saramago , que já lha restitui fielmente , como bem vistes.

*Iris.* Pois se Jupiter , para lograr os favores de Alcmena , se valeo das industrias de Mercurio , tambem Juno , para desvanecer os incendios de Jupiter , quiz que eu , que sou a Ninfa Iris , a acompanhasse , para serenar a tempestade dos seus zelos ; e como tenho conseguido este intento , hirei a acompanhar outra vez a Deosa Juno , como fiel subdita dos seus preceitos.

*Saram.* E que cahisse eu na corriolla de namorar a huma Ninfa dos arcos do Rocio celeste ! Ora sou hum grande asno.

*Amf.* Tudo o que vejo são affombros !

*Alcmen.* Tudo pasmos !

*Polid.* Tudo admirações !

*Cornuc.* Ai venturosa de mim , que tive a Mercurio em meus braços !

426 *Amfitrião , ou Jupiter , e Alcmena.*

*Saram.* Dessa forte bem pódes dar duas figas ao gallico.

*Jupit.* E porque Amfitrião fique de todo satisfeito , coroe-se do laurel glorioso , como valente vencedor dos Telebanos , pois eu fui o que por elle triunfei no Senado ; e assim ao generoso braço de Amfitrião dai as devidas acclamações , repetindo todos no mesmo triunfante

C O R O.

O Numen supremo  
Do Olympo sagrado  
Suspira abrasado  
De hum cego furor.

Que pasmo ! Que assombro !  
Que voc tão alta  
A setta do amor ?

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

PRO-

# PROTESTAÇÃO DO COLLECTOR.

**A**S Palavras *Deoses*, *Numen*, *Fado*, *Divindade*, *Omnipotencia*, e *Soberania*, se devem sómente entender no sentido Poetico, e não de nenhuma outra maneira; porque sómente se usa dellas nestas Obras, como necessarias para adorno da composição Dramatica, e expressão dos Episodios Comicos, e não com intenção de offender em cousa alguma aos dogmas da Santa Madre Igreja, a quem, como obediente filho, me sujeito em tudo o que ella determina.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

# I N D I C E

DA OPERAS, QUE CONTÊM  
este primeiro Tomo.

<b>V</b> <i>Ida do grande D. Quixote de la Mancha, e do Gordo Sancho Pança</i> , pag.	12.
<i>Esopaida, ou Vida de Esopo</i> , pag.	110.
<i>Os Encantos de Medéa</i> , pag.	213.
<i>Amfitrião, ou Jupiter, e Alcmena</i> , pag.	298.

THE HISTORY OF THE

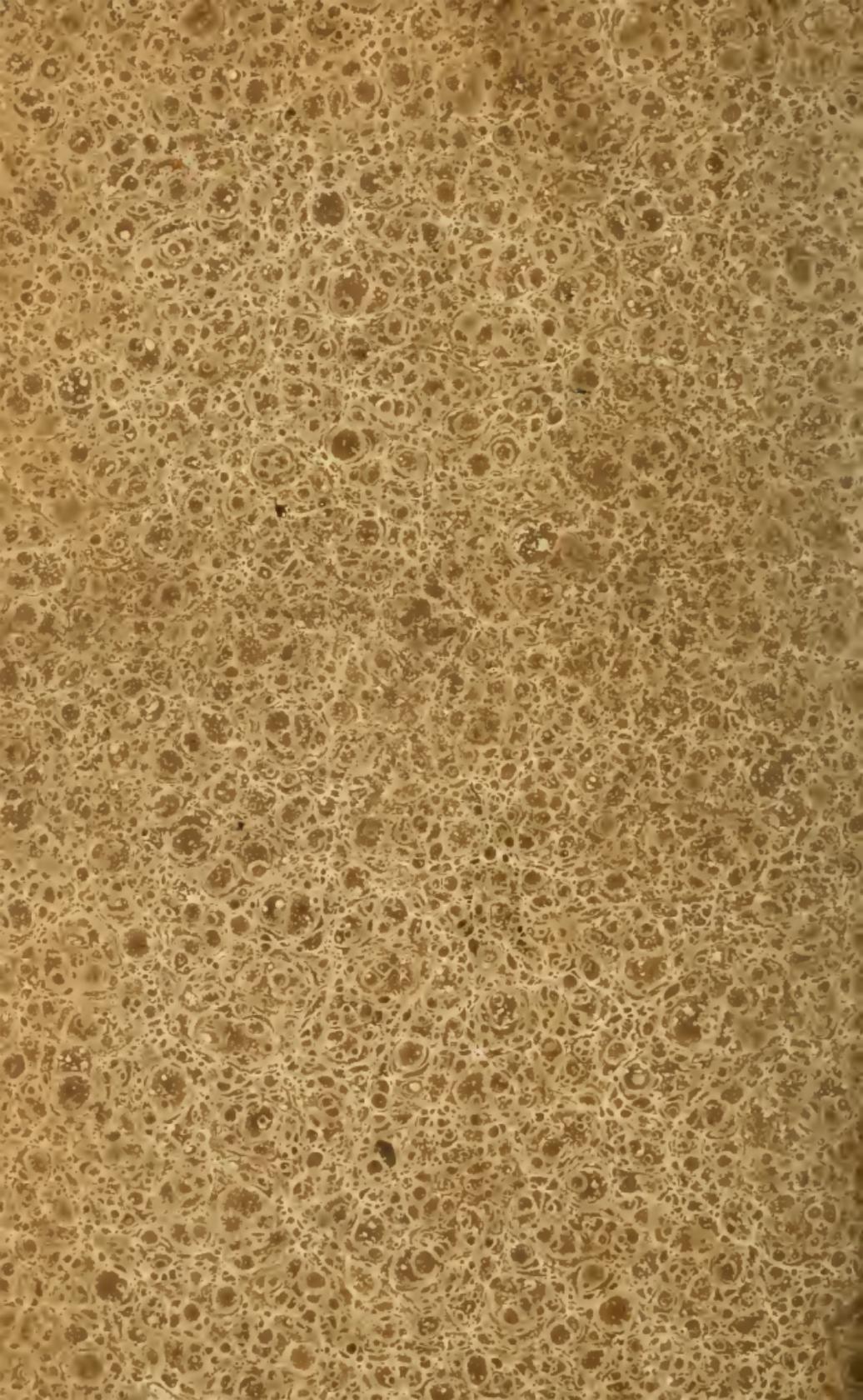
REIGN OF CHARLES THE FIRST

BY JOHN BURNET









403618  
Theatro comico portuguez. Vol.1.

LPor.C  
T3742

**University of Toronto  
Library**

---

**DO NOT  
REMOVE  
THE  
CARD  
FROM  
THIS  
POCKET**

---

Acme Library Card Pocket  
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

